



CARTAS  
DO CÁRCERE  
(Antologia)

~  
Antonio Gramsci



# CARTAS DO CÁRCERE



# CARTAS DO CÁRCERE

## Antologia

Antonio Gramsci

Antonio Gramsci,  
Estaleiro Editora, 2011

Associação Cultural Estaleiro  
estaleiroeditora@gmail.com  
www.estaleiroeditora.org

Tradução e correção:  
Carlos Diegues

Revisão linguística:  
Carlos G. Figueiras

Desenho e paginação:  
Nadina B. S.

Depósito Legal:  
ISBN: 978-84-614-2072-8  
Impresso em: Publidisa



És livre para copiar, distribuir, exhibir e executar a obra,  
sob as seguintes condições:

-  Atribuição. A utilizadora deve dar crédito à autora original,  
da forma especificada pola autora ou licenciante.
-  Partilha nos termos da mesma Licença. Se alterares, transformares  
ou criares outra obra com base nesta, só poderás distribuir a obra  
resultante através de umha licença idêntica a esta.
-  Uso Non-Comercial. Non podes utilizar esta obra para fins  
comerciais.

## ÍNDICE

Nota editorial /9

Prefácio «O contexto histórico das *Cartas do cárcere*» /11

Cartas do cárcere /43



## NOTA EDITORIAL

Notas como esta nom som habituais, se calhar porque as edições, melhor ou pior, acabam por se apresentar a si próprias. Porém, se hoje acreditamos necessário justificar a aparição deste livro, é porque ele nasceu da vontade comum de Estaleiro Editora, que queria reivindicar deste jeito nom só a importância e a vigência crítica do pensamento gramsciano, mas também fazer possível a recepção da sua obra na nossa língua.

A génese deste projeto remonta-se até 2007 quando, decorridos 70 anos da morte de Gramsci, a sua obra ficou livre de direitos. Era o momento de editá-la na Galiza. O nosso intuito na altura era —e continua a ser— bem modesto. Nom tencionávamos mais do que publicar umha escolha das *Cartas do Cárcere*. O texto utilizado havia de ser o compilado pola editora italiana Einaudi, nomeadamente a escolha realizada por Paolo Spriano, na sua 7ª edição, do ano 1977, composta por 156 cartas, à qual se havia de acrescentar um prólogo histórico e mais algumas notas de rodapé que seriam responsabilidade do tradutor.

Desde o ano 2007 fôrom aparecendo alguns textos gramscianos no espaço editorial galego, facto que nom podemos deixar de celebrar. Para nós, editar as *Cartas do cárcere* é também umha boa oportunidade para reflexionarmos sobre um período histórico, o de Entreguerras, no qual coincidírom ideologias, conflitos e protagonistas presentes nas cartas de Gramsci. O prólogo, em definitivo, fornece a quem ler este livro o pano coletivo que completa a dimensom mais individual caraterística das cartas. Finalmente, sendo esta umha antologia forçosamente breve, é obrigado para nós renunciar a muitas das suas cartas, como é inevitável renunciar, e com pesar, a umha edição galega dos *Cadernos do Cárcere*. Seja como for, nom perdemos a esperança de que mais cedo que tarde poda ver a luz a edição galega da obra completa de Antonio Gramsci.

Estaleiro Editora  
Galiza, maio de 2011

PREFÁCIO

O CONTEXTO HISTÓRICO  
DAS *CARTAS DO CÁRCERE*

—

Ángel M. Varas Carrasco / Carlos Dias Diegues



## **o. Introdução**

As cartas de Gramsci som hoje um pretexto ou um ponto de partida para umha interpretação da história italiana durante o período de Entreguerras. Tal interpretação tenciona explicar o fascismo nom como um «acidente» ou umha «parêntese» histórica, mas, antes polo contrário, como um episódio em conexom com a história italiana anterior, com umha perspectiva de história política e social.

### **1. A imediata pós-guerra**

Em 1919 parecia claro que nom havia de vir de Versailles a soluçom para o problema dos territórios irredentos italianos, ou que nom acordariam ali grandes indenizaçoms económicas que aliviassem as finanças do Estado. Apesar da vitória, Itália era umha potência secundária na Europa e no Mediterrâneo, e a velha classe política italiana estava a demonstrar na mesa das negociaçoms a sua limitada visom política, traduzida tanto na sua negativa a abrir a participaçom política às massas, quanto na mesma incapacidade para criar um contexto de estabilidade económica em volta de valores e prioridades incontestáveis.

A vitória foi, portanto, um golpe amargo para Itália; depois do armistício chegava a crise económica, com um aumento da dívida estatal em 500% e umha inflaçom de 300%, para além dos efeitos económicos devastadores, consequência das perdas humanas, com mais de 300.000 italianos caídos em combate. Perante este panorama desolador, o Estado era incapaz de satisfazer as expetativas geradas ao calor do debate sobre a intervençom, de aí a sensaçom de vitória *mutilata*. A guerra nom só nom solucionava os problemas da Itália; antes polo contrário, criava novos problemas, como a destruiçom de infraestruturas ou a desestabilizaçom da economia, problemas que faziam ainda mais difícil a manuteçom do poder por parte da oligarquia italiana e que forçarám logo a seguir a passagem para umha política de massas.

No fim da Primeira Guerra Mundial [IGM], Itália possuía um setor agrícola que dava emprego a 55% da populaçom<sup>1</sup>. A descolagem industrial ainda bem nom se iniciara em 1914 e os anos de guerra traduziram-se numha forte tendência para a concentraçom financeira e industrial. Já desde antes da Guerra, o setor siderúrgico lucrara-se do protecionismo estatal e das ajudas diretas para a produçom. De resto, nem a guerra nem o armistício pugeram em questom a aposta decidida do Estado na indústria do Norte e o desleixo consciente do Mezzogiorno, que continuava a ser umha colónia económica do Norte. No sul da Itália, as elites latifundiárias, longe de pôr em andamento o desenvolvimento de umha indústria de seu, preferiam derivar os capitais para a redivida indústria nortenha.

1 Pierre Milza: *De Versailles a Berlin. 1919-1945*, Masson, 4ª edição (p. 180), Paris, 1980.

Nas primeiras eleições depois da guerra a soma dos votos obtidos polo PPI e PSI —partidos «antisistema»— superou a soma dos votos dos partidos tradicionais, incapazes de travarem o crescente descontentamento popular. As urnas desenhavam um sistema político italiano dividido em três grandes grupos de poder: de umha parte, o Partido Popular Italiano (PPI), dirigido polo padre Luigi Sturzo, que incluía tendências católicas de direita, mas também de esquerda. De outra parte, estava o Partido socialista, de Turati e Treves e, finalmente, o Bloco Constitucional, que formara todos os governos liberais anteriores. Esta divisom em três grupos irreconciliáveis fazia ainda mais difícil reconduzir a situação e recuperar o país da grave situação, nom apenas económica, mas também moral. Giolitti, figura dominante na política italiana no período pré-bélico, era o paradigma das carências da classe política *post-risorgimentale*. Certamente, o político piemontês tinha dado mostras da sua vontade de integrar a esquerda moderada no sistema, em troca de pequenas concessions como, por exemplo, a implantação do sufrágio universal (masculino) em 1912. No entanto, a aposta da burguesia na incorporação das massas à política chegou demasiado tarde e nunca véu acompanhada de reformas no campo económico ou no educativo; assim, embora a chamada à tropa de 1915 comportasse a concessom de maiores direitos políticos para as classes subalternas, os acontecimentos posteriores à IGM demonstrariam que a burguesia tinha pouca disposição para ceder o protagonismo político e para abrir o leque da participação política. O reformismo de um Giolitti revelava a incapacidade de umha classe política fundamentalmente oportunista e egoísta, que via a intervenção na guerra como umha maneira fácil de solucionar os problemas de política interna. Nom admira, enfim, que os partidários da intervenção estivessem no bloco liberal, en-

quanto a esquerda (facto em que a Itália difere da França ou da Alemanha) era fundamentalmente nom intervencionista, em coerência com os ditados da II Internacional.

Desde 1918 até a chegada do fascismo em 1922, o Estado liberal defendera-se do seu inimigo mais perigoso, o movimento obreiro. Assustada pola vaga de greves e ocupaçom de terras, a burguesia irá de maos dadas com o fascismo, que aproveitará esta crise estrutural para se candidatar progressivamente como a única força com a capacidade para travar o pulo imparável do movimento obreiro, somando os consensos das classes médias.

## 2. A génese do fascismo.

Contra o afirmado polo filósofo idealista Benedetto Croce, que entendia que o fascismo fora um «acidente» na história italiana, Antonio Gramsci explicava o fascismo como umha prosecuçom do estado liberal fundado em 1860. É nessa linha interpretativa que se insere este prólogo.

Nas origens do regime fascista italiano tivérom enorme peso determinados assuntos que constituírom parte essencial da evoluçom política do país<sup>2</sup>: o seu particular processo de unificaçom, que excluiu as capas populares, conforme demonstrou sobejamente Gramsci<sup>3</sup>, a difícil transiçom do liberalismo para a democracia, a tensa relaçom com a Igreja Católica até a assinatura dos Pactos Lateranenses em 1929, aos quais haveria que acrescentar os derivados das consequências da I Guerra Mundial, nomeadamente o irredentismo, ao nom cumprir-se plenamente o estipulado no Tratado secreto de

2 Pierre Milza, *Les Fascismes*. Imprimerie Nationale. París, 1985.

3 A. Gramsci, *Sobre el Fascismo*. Edit. Era. Madrid, 1980.

Londres de 1915 (de aí o papel jogado por Orlando na Conferência de Versailles durante a redação do articulado definitivo).

Com efeito, o Estado italiano enfrentava desde a Unificação umha importante frustração nacional, derivada nom apenas da *questione romana*, mas também e principalmente do problema do irredentismo e da provada incapacidade colonial. Acabada a Primeira Guerra Mundial, Itália verificava que ter estado do lado dos países vencedores nom ajudara em absoluto para solucionar estes problemas que, antes polo contrário, se incrementárom. O fascismo foi, nesse sentido, umha resposta à crise da democracia liberal, em chave autoritária e de incorporação das massas, que serão mobilizadas por meio de um intenso nacionalismo herdeiro do nacionalismo da pré-guerra, nomeadamente do nacionalismo da corrente florentina de Corradini e Papini, para além da influência clara de D'Annunzio e Marinetti. Aliás, o fascismo tem raízes na filosofia de Nietzsche («superhomem»), Bergson (*élan vital*) e em Sorel («violência revolucionária»). Por último, os *fasci di combattimento* relembram (principalmente polo nome) os *fasci* sicilianos de 1893, bem como as bandas garibaldinas, polo seu carácter intrépido e paramilitar. E, antes de mais, o fascismo, filho da crise pós-bélica, é também filho da frustração nacional; com efeito, o nacionalismo fascista assumirá como objetivo fulcral o acabamento do labor de construção nacional, através de um estado totalitario onde Estado e Nação se confundissem de forma definitiva. Nesse crisol de doutrina nacionalista (que se remonta aos tempos de Mazzini) e no mito revolucionário do fascismo, o conceito de «nação proletária» desempenha o papel de fulcro. Mussolini aprenderá dos erros de D'Annunzio, ao compreender a necessidade de um partido forte que utilize o nacionalismo populista para dar

coesom e atenuar os conflitos de classe. A ideologia fascista incorpora muita da simbologia do Império romano e fai de «Roma capitale» umha palavra de ordem com umha funcionalidade semelhante ao da «violência revolucionária». Os objetivos da regeneraçom fascista resumem-se pois em fazer novamente de Roma a capital do mundo, o centro de umha Europa fascista e de um Império neocolonial em África. É este um discurso que atrai e engaiola as massas, especialmente aquelas camadas sociais que temem perder na crise o estatus ganhado com a Unificaçom de Itália, feita à custo do proletariado industrial e do campesinhado.

Todavia, o fascismo é nos inícios um movimento mais de ex-combatentes e as suas ideias nom temem nada de original. Se os *fasci* pudérom consolidar a sua presença no Norte da Itália foi graças à sua vontade de se definir fundamentalmente como um grupo de *arditi* que se opunha violentamente às greves obreiras e às ocupaçoms de terra, por meio das queimas das sés do PSI, dos espancamentos a afiliados socialistas, etc. Desde 1919, o fascismo oferece-se ao Estado para fazer o «trabalho sujo» e por isso mesmo o fascismo encontra no campo e na cidade o apoio decidido das classes acomodadas, assustadas pola vaga revolucionária do *Bienio Rosso* (1919-1920). O apoio maior, contudo, véu da pequena burguesia, aquela que formara a oficialidade na I Guerra Mundial e que agora via com temor como o devir económico do país ameaçava com depauperá-la, reduzindo-a à pobreza das classes subalternas.

Portanto, as classes médias e altas beneficiam da doutrina nacionalista como beneficiam também do fascismo, porquanto ele serve a um estado de classe com umha estrutura burocrática promotora de políticas protecionistas e monetárias favoráveis ao capital transpadano. O fascismo nom será umha ideologia superadora da democracia liberal, mas sim a

sua versom autoritária, que visa o fim da construção nacional através de um Estado italiano mais forte, isto é, totalitário e portanto com maior capacidade para impor políticas económicas àqueles sectores críticos com a repartição dos papéis na sociedade italiana. A burguesia usará o fascismo para saldar contas com as forças que colocavam em risco a construção nacional italiana, o socialismo e a Igreja. O fascismo nom vai romper com as tradiçõs políticas da burguesia; a «política de açom no Mediterrâneo e na África» fascista será umha continuação das metas coloniais de Crispi, com as suas aventuras africanas finisseculares de infausta lembrança. Aliás, a presença de Rocco nos primeiros governos de Mussolini é altamente significativa, porquanto dá fé da continuidade do nacionalismo italiano da pré-guerra no nacionalismo fascista. Será Rocco quem desenhe as primeiras leis fascistas, aquelas que porám em pé o Estado fascista, essas «leis fascistíssimas», que fortalecem o poder executivo e limitam o pluralismo de interesses. Em definitivo, a criação do partido fascista comportou a assunçom do mito nacionalista da romanidade, na medida em que o fascismo tencionava ser a semente de um Estado Novo capaz de pôr fim à decadência nacional italiana.

### 3. Fases do fascismo.

A cronologia da história italiana na etapa de entreguerras<sup>4</sup> deve ser estruturada atendendo para as teorias sugestivas, mesmo se controvertidas, de Renzo De Felice<sup>5</sup>, se bem que em aspectos biográficos de Mussolini é possível utilizar tam-

4 G. Candeloro, *Storia dell'Italia Moderna*. Vol IX. Edit. Feltrinelli. Milano, 1986.

5 Renzo De Felice, *Breve Storia del Fascismo*. Edit. Mondadori. Milano, 2000.

bém o apontado por Pierre Milza<sup>6</sup>, Max Gallo<sup>7</sup>, Emil Ludwig<sup>8</sup> e Richard Bosworth<sup>9</sup>, respetivamente, para além dos seus próprios escritos, publicados na editora Il Mulino em vários volumes<sup>10</sup>.

### 1918-22: etapa de fascização

Em 1919 o sistema político italiano, num contexto de deslegitimação moral, registava a oposição nom só do partido socialista, mas também do Partido Popular Italiano, fundado por Luigi Sturzo. Como vimos, o nacionalismo apresentava a vitória italiana como umha vitória *mutilata* e a escassa relevância internacional da Itália nom facilitava o cumprimento das promessas do Tratado de Londres, numha altura em que o direito de autodeterminação favorecia o nacionalismo iugoslavo e nom o italiano.

Foi esta umha etapa caracterizada pola enorme tensom social gerada pola finalização da guerra<sup>11</sup>. Nela surgiu o que Norling chamou<sup>12</sup> de «fascismo revolucionário» que, posteriormente, tivo a sua continuidade na República de Salò. Mussolini, que procedia de umha família humilde e de tendências esquerdistas, fundou o primeiro *Fascio di Combattimento* em Milám, em 1919, após a sua rutura definitiva com o PSI. Foi no dia 23 de março quando o movimento fijo o

6 Pierre Milza, *Mussolini*. Edit. Fayard. París, 1999.

7 Max Gallo, *L'Italie de Mussolini*. Edit. Marabout. París, 1966.

8 Emil Ludwig, *Conversaciones con Mussolini*. Edit. Zero. Barcelona, 1981.

9 Richard Bosworth, *Mussolini*. Edit. Península. Barcelona, 2003.

10 Benito Mussolini, *Scritti e Discorsi*. Edit. La Fenice. Venezia-Roma, 1983.

11 Angelo Tasca, *El nacimiento del fascismo*. Edit. Ariel. Barcelona, 1981.

12 Erik Norling, *Fascismo Revolucionario*. Nueva República Ediciones. Barcelona, 1999.

seu ato de apresentação na Piazza San Sepolcro (119 presentes), utilizando para isso um local cedido pelos empresários da zona.

Em 1919, o PSI obteve um grande sucesso nas eleições gerais, ficando em segundo lugar o partido democristão de Don Sturzo. A burguesia italiana começava a sentir a necessidade de se agrupar em volta de aqueles setores da sociedade dispostos a enfrentar o pulo do movimento obreiro. Os fascistas conseguem 4.795 votos em Milão, o único lugar onde se candidataram, enquanto os socialistas conseguiram nessa cidade 170.000 e os populares 74.000.

No dia 13 de junho de 1920 caiu o governo Nitti devido à sua impotência no affaire de Fiume. Nitti é sucedido pelo velho Giolitti, que volta por enésima vez à chefia do governo. Para muita gente, Giolitti era a última esperança de salvar a situação de crise institucional. Na prática, a crise aguçava-se: durante 1920 o clima pré-revolucionário pareceu estender-se por toda a Península, principalmente quando em agosto os operários lançaram a sua campanha de ocupação de fábricas. Neste clima pré-revolucionário, os partidos burgueses pactuavam com os fascistas a participação conjunta nas eleições municipais, mas o fascismo seria derrotado novamente nas urnas. No entanto, a vaga de greves e ocupações de fábricas e de terras do Biênio Vermelho não resultou na revolução porque os socialistas estavam divididos: a direção do PSI não estava convencida da legitimidade democrática da tomada direta do poder, se bem que os escrúpulos legalistas eram maiores no PSI do que no bloco liberal e em geral na burguesia industrial. Assim foi como a desunião e a falta de decisão por parte da direção do PSI fizeram possível a neutralização da ameaça revolucionária, apesar de que a CGL contasse em 1920 com 2.000.000 de afiliados.

Os fascistas beneficiam dessa indecisom e da ingenuidade socialista na hora decisiva dos conselhos de fábrica quando a direção do PSI está a aceitar compromissos com o mesmo estado que apoiava e armava as milícias fascistas. A direção do PSI confiou na integridade e na moralidade do Estado liberal, quando na realidade este só buscava umha trégua, um apaziguamento da insurreiçom operária do Biénio Vermelho, que ia a caminho de superar os resultados dos soviets da Alemanha e da Hungria. O PSI nom questionou até o fundo as instituições liberais nem foi capaz de unir as diferentes frentes de oposiçom, artelhando umha frente unitária de trabalhadores urbanos e rurais, que conectasse e desse umha expressom política ao rejeitamento das instituições liberais, que eram precisamente as responsáveis pola opressom económica do campesinhado do Mezzogiorno e do proletariado do Norte. O resultado: só em 1921, há 38 assassinatos registrados de socialistas, por 2 de fascistas, e 212 militantes socialistas presos por 2 fascistas. Nos comícios de 1921, o PSI obtém 122 deputados, sendo a força mais votada por trás do bloco liberal e por diante do PPI, com 107 deputados. O fascistas obtivérom 32 deputados e os comunistas 16 (um deles era Antonio Gramsci).

Nom houve solidariedade entre as classes trabalhadoras e a insurreiçom operarária de 1919-1920 puido ser controlada polos fascistas, a polícia e o exército. As classes médias lançárom-se nos braços do fascismo. 1920 seria pois um ano de refluxo geral da maré revolucionária, como escreve Milza<sup>13</sup>: no mês de setembro, Itália assiste ao fracasso do movimento de ocupaçom das fábricas. Começa a vingança da *Cofindustria*, amparada na violência fascista e na indiferença, quando nom

13 Pierre Milza: *De Versailles a Berlin. 1919-1945*, Masson, 4ª edição (p. 186). Paris, 1980.

a colaboração da polícia e o exército, que desmonta e anula as fortalezas operárias do Norte e do vale do Po. Tal como escreve Gramsci no periódico *L'Ordine Nuovo*, na sua edição de 2 de janeiro de 1921, o fascismo é «a ideologia da pequena burguesia que substitui a autoridade da lei pela violência privada».

1921 é um ano fundamental para a oligarquia financeira, não só porque o movimento das fábricas parece controlado, mas também porque dois dos principais grupos da economia italiana da pré-guerra, a ILVA e Ansaldo, se declaram na falência. Também quebra a *Banca di Sconto*, uma das principais instituições financeiras. Estas entidades culpam o Estado italiano e culpam da sua falência a Bonomi, o presidente do governo, por não ter apoiado estas empresas com fundos públicos. Isto faz com que aumente o ressentimento da alta burguesia financeira, que responsabiliza o Estado pelos seus problemas económicos, como antes o fizera pelas greves operárias, apesar de estas empresas terem sido as maiores beneficiárias do conflito bélico, tendo-se aproveitado, como noutros países, de mão-de-obra disciplinada, mal remunerada e de um grande mercado, isto é, um estado que tudo comprava e tudo pagava com fundos públicos. Este ressentimento da burguesia nutrirá a sua vontade autoritária e a tentação de impor medidas económicas mais favoráveis ao Capital. O medo e o ressentimento dos industriais do Norte e dos proprietários terratenentes do Sul fará, finalmente, com que o pequeno grupo de *arditi* aumente progressivamente a sua presença e a sua rede de apoios.

Aliás, os grandes proprietários latifundiários apoiam o fascismo porque é a maneira mais eficaz de parar o crescente poder municipal dos socialistas e as câmaras agrárias, que pareciam conduzir a um repartido da terra ou, por outras palavras,

a umha reforma agrária. Era este um campo abonado para o fascismo, que abandona rapidamente a vocação inicial de ser um «antipartido» para se converter no Partido Nacional Fascista, cujo fulcro de uniom será a violência anti-esquerdista, apoiada por umha elite terratenente desejosa de impedir mudanças sociais de caráter progressista. Certamente, este oportunismo (responsabilidade, em boa medida, de Benito Mussolini) choca com o radicalismo dos *ras* locais, os chefes locais do partido, aos quais Mussolini concederá autonomia de açom desde que se respeite a autoridade nacional do chefe, isto é, ele próprio.

Os desacertos na estratégia esquerdista fôrom valorizados polo PSI no Congresso de Livorno, onde umha pequena parte do partido se cindiu para fundar o PCI (Bordiga, Togliatti, o próprio Gramsci, quer dizer, os *ordinuovistas*). A partir deste momento, o PCI será a ponta de lança de oposiçom a um bloco constitucional em decadência, mas sobretudo de oposiçom ao fascismo nascente, que chegará ao poder só um ano depois. Para um dos fundadores do PCI, Antonio Gramsci, o fracasso do PSI deveu-se a que o essencial nom devia ser a ocupaçom das fábricas, mas a refunção inteira do Estado italiano desde os seus alicerces. Para fazê-lo teria sido preciso um pacto, um contrato social assente em novos valores ou, por dizê-lo à maneira de Gramsci, um pacto assente numha nova cultura hegemónica. Para Gramsci, era o Partido quem devia encarnar essa hegemonia. Sem ela, era impossível fundar um Estado italiano moderno superador da luita de classes.

O sentido da oportunidade de Mussolini levará a pactar a inclusom dos fascistas numha lista unitária junto aos partidos liberais, como já vimos. Desde os primeiros debates parlamentares, Mussolini joga a carta de líder da renovaçom política e por isso ataca Giolitti, o velho líder liberal. Ao mesmo tempo,

oferece às esquerdas um acordo para diminuir as reticências de umha oligarquia temerosa do esquadrismo. Na verdade, boa parte da velha classe política estava convencida de que seria possível utilizar o fascismo para dar cabo do socialismo; pensava-se que era só questom de tempo «domesticá-lo», fazendo dele um partido convencional. Porém, o fascismo irá-se apoderando das estruturas do Estado, demonstrando às elites que o fascismo era algo mais do que um movimento anti-partidário de ex-combatentes e desempregados.

No dia 1 de julho cai o governo de Giolitti. Ivanoè Bonomi converte-se em novo chefe do governo. No dia 3 de agosto assina-se o Pacto Zaniboni — Acerbo, que significa umha trégua nos enfrentamentos entre fascistas e socialistas. Mussolini interpreta o papel de líder moderador de um partido nacional fascista criado nos primeiros dias de novembro de 1921. O PNF contava com 320.000 filiados, dos quais 40% eram operários e 10% estudantes. De maneira progressiva, o *fascio di combattimento*, depois o PNF, irá convertendo-se num partido interclassista e populista, que funcionará como um mecanismo de integração social. Esse foi o maior sucesso de Mussolini, tal como Gramsci descrevia já em 1921.

Pouco depois de fundar-se o PNF, o fascismo rompe o pacto Zaniboni — Acerbo. O governo liberal nem consegue estabilizar o país nem está disposto a parar a violência fascista. No dia 25 de fevereiro de 1922 cai também o governo Bonomi e El-Rei chama a Luigi Facta. No mês de julho, depois do fracasso da greve de protesto em defesa da legalidade, dirigida pola *Alleanza del lavoro* e rota violentamente polos fascistas, umha vaga esquadrista abate-se sobre todo o país. O governo Facta também nom consegue controlar a violência das esquadras fascistas, cada vez mais toleradas e amparadas polo exército. A Marcha sobre Roma tem lugar em outubro de 1922, contando

com o apoio de todos os sectores dominantes da sociedade italiana (desde o exército até a Igreja ou a Banca, passando pela Monarquia). No dia 31 de outubro, Mussolini apresenta a El-Rei a listagem dos ministros. Este governo é apoiado inclusive pelas forças moderadas e até consegue a aprovação de Giolitti, o velho raposo liberal que pensava que poderia utilizar Mussolini e o seu partido para esmagar a esquerda e desembaraçar-se depois dele.

#### 1922-24: fachada liberal.

Vitor Manuel III e a elite adoravam a imagem de força política que exibia Mussolini, em boa medida porque devolvia a imagem que o próprio regime já não podia oferecer e também porque se pensava preconceituosamente que o mestre abruzzês, assim que fosse controlada a ameaça vermelha, se sentiria coibido nas altas esferas, vendo-se obrigado a respeitar as regras do jogo parlamentar, apesar do seu discurso radical. O certo é que Mussolini fortalece rapidamente o seu poder pessoal e faz-no utilizando as «regras do jogo».

Após a sua chegada ao poder, Benito Mussolini formou um governo no qual se reserva a presidência e três ministérios. Tratou-se de um executivo de coligação com a participação de todos os partidos burgueses. O apoio internacional foi geral (desde o rei da Inglaterra até o Papa ou o próprio Gandhi elogiaram o novo primeiro ministro). Pio XI sacrificou a Sturzo, líder dos demo-cristãos, em benefício do próprio Mussolini.

Ao longo do mês de janeiro de 1923, as camisas pretas transformam-se na «Milícia voluntária para a segurança nacional», com o intuito de salvar a aparência de ordem do PNF. O governo Mussolini derroga o Primeiro de Maio como feriado do Trabalho. Desde o governo, os fascistas elaboraram o texto de modificação da lei eleitoral (reforma Acerbo),

assegurando-se assim o pleno sucesso nas eleições. No dia 6 de abril de 1924 há eleições num clima de violência. A lista fascista (ou «lista nacional») obtém com a denominada *legge truffa* (lei fraude) 64 % dos sufrágios e 374 representantes no Parlamento. O fascismo obtém assim a maioria absoluta. Após a denúncia de tal manipulação, o deputado socialista independente Matteotti é assassinado em maio de 1924, provocando a retirada da oposição (o famoso episódio do «Aventino»). Em finais do mesmo ano, Mussolini assumiu plenas responsabilidades, pondo fim à etapa liberal.

#### 1925-36: Consenso fascista. Institucionalização.

A ditadura que começa em 1925 põe em pé um Estado fascista sem uma ideologia prévia, com princípios improvisados segundo as necessidades políticas de Mussolini. Apela-se ao pragmatismo e ao enquadramento da sociedade de massas em instituições como a família e as corporações, mesmo se afinal estas não foram mais do que instrumentos de dominação que visavam a desarticulação das estruturas políticas das classes subalternas. Assim, com a institucionalização do fascismo, na segunda metade da década de 1920, Mussolini apresenta Itália como um Estado-Partido, culminação do processo de unificação. Finalmente, afirmavam os fascistas, o Estado era a expressão política da Nação italiana. Porém, o sucesso fascista era só aparente, já que não era que a Itália se fizesse fascista, mas sim que o PNF o que se convertia rapidamente em parte da estrutura do Estado. O PNF «domesticava-se», devinha burocracia, o que supunha trair os princípios antiliberais e antimonárquicos do *fascio di combattimento*; no fundo, esse era o preço que era preciso pagar às elites se se queria governar e dirigir o Estado. As elites, de resto, mantiveram o controlo das rédeas da economia. Este equilíbrio entre PNF e Estado

italiano desequilibrará-se só nos anos seguintes, e por causa da evolução internacional e as decisões em política exterior, resultando na revolução cultural fascista e num giro totalitário. Porém, nesta altura o partido fascista aproveita o consenso liberal para consolidar o seu controlo sobre as instituições, ficando adiado o enfrentamento com a oligarquia até 1935.

A feroz repressão de 1925-1926 inaugura, de maneira paradoxal, o período de maior consenso social do fascismo, que durará até 1935. Aproveitando tanto o acontecimento anterior quanto os atentados que tiveram lugar em 1925-26 (Zaniboni, Gibson, Zamboni) Mussolini deu cabo do regime liberal e deu passo à ditadura fascista. Em 1925, o *Dopolavoro* iniciou a planificação do ócio dos italianos. No dia 24 de dezembro desse ano promulga-se uma lei pela qual a figura do chefe do governo deixa de ser responsável perante o Parlamento, concentrando todos os poderes executivos. Doravante, os poderes de Mussolini só poderão ser revogados por El-Rei. A burguesia italiana aceita a supressão dos sindicatos e dos partidos políticos, com o pretexto da manutenção da ordem. Assim é que o fascismo se apodera do Estado: em 1926 põem-se as bases do corporativismo e cria-se a polícia secreta (OVRA), encarregada de perseguir os dissidentes (fundamentalmente comunistas). O fascismo detenta o poder político, mas nunca será um poder absoluto capaz de impor uma visão totalitária, apesar da viragem totalitarista do *Dopolavoro*, do *Littorio* ou mesmo da OVRA. De facto, todo este aparelho político não põe em risco os negócios económicos da burguesia; antes pelo contrário, é a sua condição.

Desde o 31 de janeiro de 1926, o *Duce* podia legislar sem ter em conta o Parlamento. Em julho de 1926 cria-se o Ministério das Corporações e em finais de novembro promulga-se a

«Lei para a Defesa do Estado», que significava a dissolução de todos os partidos com a exceção do fascista, assim como dos sindicatos, criando-se um Tribunal Especial (que condenará Gramsci e o resto da direção do PCI dois anos mais tarde), que reservará o desterro para os presos políticos. Estabeleceu-se também a pena de morte.

De resto, é também a partir de 1926 quando se inicia a despolitização do partido e a sua burocratização. Devido à sua vocação de inclusão, isto é, pela sua vontade totalitária, o projeto fascista provocava a entrada no partido e na sua esfera de muitos elementos conservadores, pouco ou nada interessados numa política social contrária aos interesses oligarcas. O fascismo, que se oferecera como projeto superador das ideologias *risorgimentali* bem como do liberalismo e o socialismo, verá adiada as reformas legislativas que não redundavam no Capital, ou para sermos exatos, no Grande Capital. Só desta maneira obteve o fascismo a anuência de grande parte da população, através de uma política de «mao dura» e principalmente pela cessão da economia à burguesia, preocupando-se só pelo poder mais visível e afinal menos decisório. O melhor exemplo disto foi o que aconteceu com o ideário corporativista, que ficou sendo só conversa, sem se ter concretizado nunca na prática, por muito que em 1928 o fascismo chegasse a prescindir definitivamente do Parlamento, substituindo-o por uma Câmara das Corporações. Na realidade, as corporações não tiveram representação real no setor produtivo e a política estatal foi sempre favorável à burguesia. Em definitivo, não houve uma superação da luta de classes, mas sim uma nova vitória da burguesia. Na prática, o partido subordinou-se ao Estado italiano e as prioridades económicas foram as dos grandes monopólios do setor industrial, isto é, o protecionismo económico no campo da indústria do aço, o apoio à cria-

com de grandes monopólios (que ficavam à margem do controlo estatal) e a disciplina militar para a massa trabalhadora. Em fim das contas, Mussolini preferiu ser chefe do governo do que chefe do Partido (prova do seu aventurismo político); é por isso que, Mussolini foi incapaz de impor a estrutura fascista ao Estado e se encontrou indefenso quando no dia 25 de julho de 1943 foi deposto pelo Grande Conselho Fascista.

Em 1927 foi publicada a *Carta del Lavoro*, base do ordenamento corporativo fascista. Em 1928 o Grande Conselho Fascista ficava englobado no aparelho do Estado e em 1929 o regime recebia o reconhecimento definitivo, após a assinatura dos Pactos Lateranenses com Pío XI, que punham fim à «questione romana». Nasce assim o Estado da Cidade do Vaticano e declara-se obrigatório nas escolas o estudo da religião católica. Assim, mesmo a pesar de a ditadura fascista condenar oficialmente o pluralismo de valores próprio de uma sociedade liberal e dizer combater a «luta de classes», a concordata representava mais uma vez o triunfo histórico da burguesia italiana e a rendição do Estado frente à Igreja Católica, que conseguia o monopólio do ensino e um subsídio estatal milionário. Depois da assinatura da Concordata, no dia 24 de março o regime fascista convocará um plebiscito. Votou 90% do censo, com 8 milhões de sufrágios favoráveis ao fascismo e 136.000 votos contrários. O regime consolidava-se assim, em boa medida, pelos acordos com a Igreja, para além do longo trabalho de repressão e procura do consenso através das grandes políticas públicas.

Portanto, a ditadura fascista consolida uma monarquia autoritária e um governo com uma política económica liberal. Com a chegada à Itália da crise de 1929, aumenta certamente o intervencionismo estatal na economia, mas este serve afinal somente aos interesses das elites, porquanto o Estado

corre ao resgate das grandes empresas em risco de falência. Para o Estado fascista, era umha questom de prestígio nacional e de interesse de Estado, mas este residia sempre nos mesmos setores económicos e sempre nos mesmos territórios, a Norte do reino. De outra parte, a política económica fascista foi um sucesso enquanto houve um contexto internacional à alça, mas virou um fracasso quando se descobriu que as sucessivas «Batalhas» (do Trigo, da Lira) de Mussolini empobreceram mais o país, ao ter debilitado a indústria alimentar e sacrificado o crescimento equilibrado da economia, enriquecendo de passagem a burguesia monopolista, que beneficiou do fortalecimento do Estado e das grandes políticas de Estado.

No dia 7 de novembro de 1931 inicia-se o abonado do Agro Pontino; é o período das grandes obras fascistas. O IMI (Istituto Mobiliare Italiano), fundado em 1931, fornecerá dinheiro às empresas sem fluidez. A autarquia económica recebe um impulso definitivo com a fundação do IRI. Estas novas instituições económicas continuárom a ser geridas nom por fascistas da primeira hora, mas por oligarcas de sempre, que utilizárom o Estado fascista para decretarem medidas económicas que de outra maneira nom poderiam ter imposto, devido ao grande custo social que comportavam. A tensom social que provocava o Estado liberal era afogada nom só pola repressom de um «estado policial» mas também polo entusiasmo nacionalista cultivado polo fascismo. As grandes obras públicas, orgulho do Vinténio fascista, eram só umha máscara para ocultar o aumento das distâncias entre classes. Até a chegada da crise e a autarquia, a oligarquia lucrou-se com a política liberal que significava umha descida continuada dos salários dos operários e umha miséria crescente no rural. O campesinhado foi o principal prejudicado pola política social e económica do fascismo, já que a acumulaçom de capital ne-

cessária para a descolagem económica se fixo à custa dos e das trabalhadoras agrícolas, esmagadas por impostos estatais e a quem se impedia a tradicional saída migratória.

Todavia, o maior interesse de Mussolini nom estava na política interna, mas na política internacional: era aí onde julgava que se decidiam os destinos imperiais da Itália. Assim que assentou o seu poder, Mussolini iniciou umha série de movimentos diplomáticos encaminhados a situar a Itália em pé de igualdade com as potências da Entente (França e Gran Bretaña) e isso só podia conduzir à defesa de umha política imperial e colonialista na África, retomando os trilhos de Crispi. Em 8 de abril de 1932 falava-se por primeira vez na Etiópia no Grande Conselho. Em finais de julho, Mussolini assumia diretamente o ministério dos Negócios Estrangeiros. Afinal, a política exterior será o caminho utilizado por Mussolini para compensar as cessions em matéria económica.

Em 1933, Mussolini inicia a exportação da sua ideologia através do CAUR de Coselschi. Roma tinha de ser novamente a capital de Europa, mas nom de umha Europa cristá ou burguesa, mas umha Europa de movimentos fascistas, especialmente em 1933, quando Hitler chegava à chancelaria. A formação de um governo com ministros nazistas na Alemanha era umha confirmação para Mussolini de que o fascismo ganhava peso na Europa.

Entre os dias 14-15 de junho de 1934 produzia-se o primeiro encontro entre Mussolini e Hitler. Mussolini nom sentia grande apreço por Hitler e, além de mais, entendia que a política pangermanista dos nazis punha em risco o apoio italiano ao cancheler austríaco Dolfuss. No dia 25 de julho de 1934, os nazis austríacos assassinárom o chanceler Dollfuss, mas o golpe de estado fracassou. Na Itália houve umha campanha da imprensa contra a Alemanha e Mussolini decidiu enviar

tropas italianas à fronteira com a Áustria. No entanto, apesar do perigo que significava em política exterior a Alemanha nazista, o ano de 1935 significou umha revolução cultural antiburguesa, traduzida na política internacional numha rutura de equilíbrios e de pactos com a Inglaterra e com a França, apostando na aliança diplomática com a Alemanha hitleriana, que apoiaria sem hesitações a nova política agressiva da Itália, decidida a invadir e conquistar a Etiópia.

O 6 de março de 1936 marcou o início da política filogermana. Esta aproximação italo-germana terá as suas consequências no plano interno, e a defesa do corporativismo cedeu espaço a um capitalismo de estado, imitação do Estado nazista, que pretendia a autarquia; contudo, o isolamento económico italiano nom alterará a continuidade da política económica anterior, porquanto continuará a beneficiar as elites e prejudicando a maior parte da população. Em 1936, Itália embarcará-se numha política agressiva e imperialista, remedo da alemã e eco da teoria da «nação proletária» de princípios de século. A Itália fascista dá um passo mais numha política de gestos de força e rompe vínculos com a Inglaterra e a França. Assim, no dia 24 de outubro de 1936 assina-se o tratado de colaboração italo-germano: nasce o Eixo Roma-Berlim.

### 1936-40: Salto Totalitário.

Conforme De Felice<sup>14</sup>, Mussolini nom teria conseguido assentar o regime fascista, em boa medida como consequência do seu achegamento ao III Reich, motivado mais por questões geo-estratégicas que por afinidade ideológica com o nazismo. Tal salto totalitário foi protagonizado polo próprio Mussolini,

14 Renzo De Felice, *Rojo y Negro*. Edit. Ariel. Barcelona, 1996.

que a partir de 1936 acumula ainda mais poder, e polo secretário do partido fascista, Starace, que converteu o partido numa poderosa máquina burocrática ao serviço da ditadura.

Eis o resumo da política exterior fascista na sua fase totalitária: em 1935, Itália lançava-se à aventura da Etiópia; em 1936, iniciava a sua participação na guerra civil espanhola; em 1937 assinava o Pacto Anti-Komintern com a Alemanha e dous anos mais tarde selava com Hitler a sua aliança estratégica por meio do Pacto de Aço. A partir de 1936, toda a mocidade foi enquadrada no GIL (*Gioventù Italiana del Littorio*, equivalente das Mocidades Hitlerianas). Em 1938 publicou-se o «Manifesto da Raça» e, finalmente, em 1939 o virtual Parlamento foi substituído pola Cámara dos Fascios e Corporações. Em junho de 1940 Itália entrava em guerra contra a França e a Inglaterra ao pé da Alemanha.

#### 1940-3: II Guerra Mundial.

No dia 10 de junho de 1940 a Itália declara a guerra à França e à Inglaterra. Dadas as características da participação italiana na guerra, tal evento significou o fim do regime de Mussolini, devido à sua deslegitimação interna. Assim, em julho de 1943, Mussolini foi destituído polo Grande Conselho Fascista e foi mesmo encarcerado por ordens de El-rei, que via como as quedas de Mussolini e do fascismo comprometiam a continuidade do reino sabauo. Mussolini será libertado polos aviadores alemães (Skorzeny) e encarregado polo próprio Hitler do estabelecimento de um regime títere no Norte da Península.

#### 1943-5: República de Salò.

Em tal biénio Mussolini pretendeu recuperar as essências do fascismo, submetendo os italianos do Norte a umha cruel ditadura. Em novembro de 1943 refundou o seu partido com

o nome de Partido Fascista Republicano. Em janeiro de 1944 teve lugar o processo de Verona por meio do qual o ditador se desfiou dos seus antigos colaboradores (entre eles o seu próprio genro Ciano). Finalmente, o regime foi derrubado graças ao pulo partisanso, sendo afuzilado o seu máximo dirigente no dia 28 de abril de 1945 por Walter Aduisio (coronel Valerio), após receber a ordem de Sandro Pertini<sup>15</sup>.

#### 4. O regime fascista e o PCI

A repressom do regime fascista atingiu com extrema dureza o Partido Comunista da Itália. Apesar da sua condição de deputado, Antonio Gramsci foi detido no dia 8 de novembro de 1926 e encerrado no cárcere de Regina Coeli em regime de isolamento absoluto e rigoroso<sup>16</sup>. No dia 28 de maio de 1928 começava perante o Tribunal Especial o chamado *processone* contra o grupo dirigente do PCI (Terracini, Roveda, Scocci-marro, etc.). Referindo-se a Gramsci, o fiscal Michele Isgrò afirmou: «*Devemos impedir que este cérebro funcione durante vinte anos*»<sup>17</sup>. O dia 4 de junho seguinte foi efetivamente condenado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusom. Porém, e após umha dura pugna legal, obteve a liberdade condicional em 1934 e a liberdade plena em abril de 1937, poucos dias antes de morrer<sup>18</sup>.

15 Giovanni De Luna, *Mussolini*. Edit. Salvat. Barcelona, 1986.

16 Valentino Gerratana, *Cuadernos de la cárcel*. Edic. Era. México, 1981. Pág. 58.

17 Ibid. Pág. 60.

18 Ibid. Pág. 67.

Ante o fenómeno da ditadura fascista, o PCI nom só participou ativamente nas luitas da oposição clandestina<sup>19</sup> e do exílio, mas gerou também um amplo debate intelectual interno, a fim de o analisar em toda a sua complexidade<sup>20</sup>.

No mês de janeiro de 1926 celebrava-se na cidade francesa de Lyon o III Congresso do PCI. Gramsci apresentava o relatório de política geral. A tese número xv examinava o fascismo concluindo, na linha do afirmado pola Internacional Comunista<sup>21</sup>:

O fascismo, como movimento de reação armada que se propom o objetivo de disgregar e desorganizar a classe trabalhadora para a imobilizar, entra no quadro da política tradicional das classes dirigentes italianas, e na luta do capitalismo contra a classe operária.

No entanto, Renzo De Felice encarregou-se de sublinhar o fito que na evolução das interpretações do fenómeno fascista supunha a afirmação de Gramsci, segundo a qual o fascismo nom devia ser tam só considerado um órgão de combate da burguesia mas antes um

movimento social» sendo «necessário examinar as estratificações do fascismo mesmo porque, dado o sistema totalitário que o fascismo tende a instaurar, será no seio mesmo do fascismo que tenderám a ressurgir os conflitos que nom podem manifestar-se por outras vias<sup>22</sup>.

Na linha do anterior, em 1928 Palmiro Togliatti publicou na revista da Internacional Comunista um célebre ensaio sobre o

19 Giorgio Candeloro, op. Cit.

20 Renzo De Felice, *Le interpretazioni del fascismo*. Editori Laterza. Roma, 1995.

21 Jorge Dimitrov, *Escritos sobre el fascismo*. Edit. Akal. Madrid, 1976.

22 Renzo De Felice, op. Cit. Pág.211.

movimento fascista italiano em que aprofundou com agudeza sobre os seus complexos origens sociais e a sua evolução política posterior umha vez constituído em regime político:

O partido fascista tende assim para a perda do caráter de movimento autónomo de certos estratos sociais intermédios que tinha na sua origem, solda-se intimamente, com a sua mesma organização, à estrutura económica e política das classes dirigentes<sup>23</sup>.

Sete anos mais tarde, o mesmo Togliatti impartiu umhas mui sugestivas «lições» sobre o fascismo em Moscovo: nelas propujo umha acertada cronologia do movimento e alertou sobre as interpretações excessivamente esquemáticas do fenómeno que o consideravam umha fatal consequência do desenvolvimento capitalista, para afirmar com determinação:

É um grave erro crer que o fascismo partisse de 1920, ou da Marcha sobre Roma, com um plano pré-estabelecido, fixado com antecedência, num regime de ditadura, como este regime se organizou mais tarde no curso de 10 anos e como nós o vemos hoje. Isto seria um grave erro. Todos os feitos históricos do desenvolvimento do fascismo contradim umha conceção assim. Mas nom só: partindo desta conceção cai-se inevitavelmente na ideologia fascista... A esta conceção errada nós devemos contrapor a verdadeira, a justa conceção da ditadura fascista. A ditadura fascista foi empurrada a assumir as formas atuais por fatores objetivos, por fatores reais: pola situação económica e polos movimentos das massas que por esta situação som determinados<sup>24</sup>.

23 Ibid. Pág. 212.

24 Ibid. Pág. 210

Os três exemplos anteriores, glosados alargadamente por Renzo De Felice, põem de manifesto o acertado do seu veredito, conforme o qual o PCI levou a cabo «*o esforço interpretativo mais articulado e convincente feito neste período polo antifascismo italiano*»<sup>25</sup>.

Neste «esforço interpretativo» do período fascista, como vemos, a análise de um Togliatti ou do próprio Gramsci som fundamentais. De facto, a nossa tentativa de explicação do fascismo bebe em grande medida da sua análise. Por isso, é sempre pertinente falarmos do PCI, reconhecendo a sua centralidade na oposição à ditadura fascista. Para autores como Gramsci, ou como Tasca e Togliatti, o fascismo deve ser entendido como a consequência nom só das especiais condições económicas e morais existentes após a I Guerra Mundial, mas também como mais um chanço, como umha herança da política *risorgimentale* e dos fracassos do processo de unificação italiana. Cumpre nom esquecer que duas terceiras partes da militância fascista nos seus inícios se encontravam na pequena burguesia e nos desempregados do Norte. Ali é onde se iniciara a revolução industrial italiana e ali foi onde a oligarquia piemontesa e lombarda decidiu o sacrificio do Sul, em favor de um desenvolvimento industrial desequilibrado e gerador de desigualdades no interior do Estado.

A estrutura dual da economia italiana justifica a enorme desigualdade entre classes que aumentou polo impacto bélico e a irrupção da sociedade de massas. As elites liberais levárom o país à guerra e gerárom uns problemas que seriam incapazes de resolver. Por isso, em contra do afirmado polo

25 Ibid. Pág. 216.

filósofo idealista Benedetto Croce, que entendia que o fascismo fora um «acidente» na história italiana Antonio Gramsci entendia o fascismo como umha continuação do estado liberal fundado em 1860. Nessa mesma linha interpretativa, achamos que umha figura como Giolitti ilustra as carências da classe política pós-*risorgimentale*. O seu fracasso é o fracasso da democracia de notáveis, que ao ser incapaz de «cooptar» novas camadas sociais, utiliza o fascismo para frear a insurreiçom obreira do Biénio Vermelho. Em 1922, o partido fascista oferecia-se para acabar com a greve e a ocupaçom de fábricas, ligando o seu papel institucional ao de guarda da alta burguesia, ganhando espaços fora das cidades e aproveitando-se da incapacidade da esquerda para tecer alianças com o movimento agrarista.

Desse fracasso das esquerdas, Antonio Gramsci tirará liçons, promovendo umha linha mais combativa e ambiciosa a partir do Congresso de Livorno. Gramsci, como também um Levi ou um Silone, relacionou fascismo e questiom meridional, julgando que nom se podia explicar um fenómeno sem o outro. De facto, o acerto do pensamento gramsciano radica em que explica o fascismo nom como umha forma concreta de ditadura que visava a finalizaçom do processo de Unificaçom italiana mas também, e principalmente, como o reforçamento do Estado burguês, que utilizava o fascismo para bloquear a conquista do poder por umha nova maioria social capaz de colocar em risco o desenho institucional vigorante desde 1860.

Antonio Gramsci foi dos poucos teóricos comunistas (sem dúvida, ajudou para isto a sua origem) em ser consciente da necessidade de que o movimento operário italiano conectasse com a massa, a fim de construírem juntos umha massa social crítica, com capacidade para enfrentar eficazmente a repressom caciquil primeiro e fascista depois. Para Gramsci, o fascis-

mo nom combatia nem combateria o atraso no Mezzogiorno, precisamente porque no subdesenvolvimento colonial do Sul da Itália estava a base do poder económico das classes médias que apoiárom e que se servírom do fascismo. É altamente significativo que a acusação feita contra Gramsci (fomento do ódio de classe) polo Tribunal Especial em 1926 fosse a mesma que utilizara o Estado italiano liberal finissecular contra os mineiros sardos, que tentavam na altura a organização dos primeiros sindicatos. Em definitivo, nem o Estado italiano liberal nem o Estado fascista tentaram resolver a «Questom Meridional»; antes pelo contrário, esta iria-se agravando-a cada vez mais, ao continuar subordinando o desenvolvimento económico do Norte ao subdesenvolvimento do Sul.

### **5 A modo de conclusom.**

Pierra Milza, um dos melhores conhecedores do fascismo, escreveu que o fascismo italiano nom só cumulou de honras a antiga classe dirigente, mas também a reforçou economicamente. Ora bem, o corporativismo fascista serviu paradoxalmente como um mecanismo de ascensom social para as classes médias e mesmo para certa parte do proletariado industrial. O socialismo nom soubo conquistar a pequena burguesia, que porém se deixou seduzir polo fascismo, como umha ideologia triunfadora e renovadora. As grandes perdedoras do período fascista fôrom as classes subalternas, e principalmente o campestinado, na medida em que nom se viu favorecido como o proletariado polo aumento do tecido industrial no Norte e pola legislação social do fascismo<sup>26</sup> (Milza, 194).

26 Pierre Milza: *De Versailles a Berlin. 1919-1945*, Masson, 4ª edição (p. 194), Paris, 1980.

O Partido Socialista aprendeu tarde de mais que nom chegava com controlar o governo municipal sem facer partícipe o campesinhado da necessidade de reformas de fundo. O fascismo assanhou-se nos primeiros anos no rural primeiro e depois nas cidades. Num e noutro lugar o fascismo poderia ter sido esmagado polo próprio partido socialista, talvez, se nom se tivesse enganado sobre a integridade do regime liberal e nom tivesse ficado à espera de que a polícia e o exército fisessem o seu trabalho. Assim como o estado liberal restringia a participação política e impedia que as forças populares mudassem este estado das cousas, a política económica consolidava a opressom das massas trabalhadoras italianas, incapazes de apresentar umha defesa conjunta frente à violência esquadrista. Esta violência deu passo a umha violência estatal apoiada polos quadros do exército e da polícia que reprimirá qualquer protesto organizado, facilitando a chegada de umha ditadura de tipo autoritário onde apesar do discurso radical, na prática houve um compromisso entre o PNF e as elites burguesas.

Assim, se quigermos entender o período 1919-1945, e nomeadamente o Vinténio fascista, é fundamental repararmos nom só no apoio das altas instâncias estatais, mas também do apoio da pequena burguesia, que aderiu ao PNF polo medo a perder privilégios ganhos desde a unificação. Os empregados públicos, os escritores, os jornalistas, os advogados, sentiam que a IGM pugera em risco a sociedade em que prosperaram e culpavam da instabilidade e da crise nom ao Estado que movera à intervençom mas a um movimento operário que nom foi capaz de mobilizar a pequena burguesia a fim de construir umha democracia moderna, nem de tomar o poder para dar as soluçons que os governos da monarquia eram incapazes de encontrar.

Mussolini era o líder autoritário que agradava à oligarquia porque parecia capaz de fazer o trabalho sujo do Estado liberal, isto é, colocar a esquerda em condições de inatividade e inofensividade e devolver a tranquilidade à burguesia, livre para fazer os seus negócios. Portanto, a fortuna do fascismo ligou-se em grande medida à de Benito Mussolini, que conseguiu agrupar o consenso das forças conservadoras, um consenso que Giolitti procurara infrutuosamente durante os primeiros quinze anos do século e mal conseguira. A inteligência de Mussolini consistia em apresentar-se como o líder de uma força política inovadora, nova e dinâmica, com capacidade para acabar com o principal problema do regime a olhos da alta burguesia e a Monarquia. Apesar da retórica antiburguesa típica do fascismo, este conviveu perfeitamente com a burguesia e o capitalismo até o salto totalitário de 1936. A viragem de 1935-36, esporeada pelo exemplo da Alemanha Hitleriana, foi uma volta de parafuso e ao mesmo tempo um ajuste de contas com a alta burguesia, que impedira nos 20 o triunfo de um ideário puramente fascista. Seja como for, o giro totalitário de Mussolini não alterou o panorama geral do fracasso do projeto fascista, que ficou sendo, já desde o compromisso de 1924, um totalitarismo incompleto, que caiu ao ligar a sorte do Estado fascista de uma política imperialista que colocava em risco os negócios da oligarquia exportadora. A economia italiana não estava preparada para seguir a política belicista da Alemanha e, desde a entrada em guerra, o fascismo só podia perder o consenso ganhado na década de 1920. A República de Salò de 1943-1945 representou a derradeira tentativa de realizar a revolução fascista, com a superação do liberalismo e do socialismo predicada desde 1919, mas Mussolini, livre do compromisso com a monarquia, já não era mais do que um títere em mãos alemãs.

# CARTAS DO CÁRCERE



Cárcere de Roma, 20 de novembro de 1926

Minha queridíssima Iulca,  
lembras umha das tuas últimas cartas? (era ao menos a última carta que recebim e lim). Escrevias que nós os dous somos ainda demasiado jovens para podermos aspirar a ver crescer juntos os nossos filhos. É preciso que tu, agora, lembres isto intensamente, que tu penses nisto intensamente cada vez que pensas em mim e que me associes aos nossos filhos. Estou certo de que serás umha mae forte e corajosa, como sempre o foche. Terás de sê-lo ainda mais do que no passado, para que as crianças cresçam bem e sejam completamente dignas de ti. Pensei muito, muito nestes dias. Procurei imaginar como será toda a vossa vida no futuro, porque vou ficar, com certeza, sem notícias vossas durante muito tempo; e voltei pensar no passado, tirando dele razons para ter umha força e umha fé infinitas. Eu som e serei forte; quero-te e quero chegar a ver as nossas criaturinhas.

Minha querida, nom quereria incomodar-te de nengumha maneira; estou um pouco canso, porque durmo pouquíssimo e por isso nom consigo escrever tudo o quanto gostaria e como gostaria. Quero fazer que sintas bem forte todo o meu amor e a minha confiança. Abraça toda a gente da tua casa; abraço-te a ti e mae às crianças com a maior tenrura.

Antonio



Roma, 20 de novembro de 1926

Queridíssima mamae:

Tenho andado a pensar muito em ti nestes dias. Tenho pensado nos novos desgostos que vou causar-te, à tua idade, e depois de todos os sofrimentos que tés passado. É preciso que sejas forte, apesar de todo, como eu som forte, e que me perdoes com toda a tenrura do teu imenso amor e da tua bondade. Saber-te forte e paciente no sofrimento será um motivo para que eu também seja forte: pensa-o, e quando me escrevas ao endereço que che mandarei, tranquiliza-me.

Eu estou tranquilo e sereno. Moralmente estava preparado para tudo. Tentarei superar também fisicamente as dificuldades que podam esperar-me e restar em equilíbrio. Conheces o meu carácter e sabes que há sempre umha ponta de bom humor no seu fundo: isso vai-me ajudar a viver.

Nom che tinha escrito ainda que me nasceu um outro filho: chama-se Giuliano, e escrevem-me que é forte e cresce bem. No entanto, nestas últimas semanas Delio tivo a escarlatina, embora nom fosse grave; contudo, nom conheço neste momento o seu estado de saúde: sei que superou a fase crítica e que se está a repor. Nom deves preocupar-te muito polos teus netinhos: sua mae é mui forte e com o seu trabalho educará-os mui bem.

Queridíssima mae: nom tenho mais forças para continuar. Escrevim outras cartas, pensei em muitas cousas e cansou-me um pouco nom dormir. Tranquiliza toda a gente: di-lhes que nom devem ter vergonha de mim e que devem ser superiores à estreita e mesquinha moralidade do rural. Di para o Carlo que ele, nomeadamente agora, tem o dever de pensar em vós, de ser sério e trabalhador. Grazietta e Teresina devem ser

fortes e manter-se serenas, nomeadamente Teresina, se estiver esperando mais um filho, como me escreveche. Também meu pai deve ser forte. Queridíssimos todos, neste momento tenho umha mágoa no coração, principalmente quando penso que nom fum sempre afetuoso e bom convosco, como deveria ter sido e como merecíades. Querede-me sempre, seja como for, e lembrade-me.

Um beijo para todos. E para ti, querida mae, um abraço e um feixe de beijos.

p.s. — Um abraço para Paolo<sup>1</sup>, e que queira sempre bem e seja sempre bom com a sua querida Teresina.

E um beijo para Edmea e Franco.

Nino



(Carta 3)

Ustica, 9 de dezembro de 1926

Queridíssima Tatiana,  
cheguei a Ustica<sup>2</sup> o 7 e o dia 8 recebim a tua carta do 3. Hei-  
che descrever noutras cartas todas as impressons da minha  
viagem, na medida em que as lembranças e as diferentes emo-  
çons se vaiam ordenando no cérebro e me tenha recuperado

1 Paolo Paulesu, marido de Teresina. Edmea e Franco, nomeados mais adiante, som sobrinhos de G.; a primeira, filha do irmao Gennaro, o segundo, filho da irmá Teresina. Grazietta e Carlo som outros dous irmaos de G. Grazietta é a segunda filha por ordem de nascimento, Carlo o último.

2 Lugar de desterro para presos comuns e políticos. Gramsci deixara o cárcere de Regina Coeli no dia 25 de novembro de 1926.

do cansaço e das insónias. Para além das circunstâncias especiais em que a viagem se tem desenvolvido (como poderás compreender, nom é mui confortável, mesmo para um homem forte, passar horas e horas num comboio-correio e num barco com as algemas nos pulsos e sujeito por umha cadeia que te amarra aos pulsos dos companheiros de viagem); a viagem foi interessantíssima e cheia de diferentes detalhes, dos shakespeareianos até os cómicos: nom sei se serei capaz, por exemplo, de reconstruir umha cena nocturna na passagem por Nápoles, num local imenso, mui rico em exemplares zoológicos fantasmagóricos; acho que só pode igualá-la a cena do coveiro no Hamlet. O trecho mais difícil da viagem foi a travessia de Palermo até Ustica; tentámos quatro vezes a viagem e três vezes tivemos de voltar ao porto de Palermo, pois o barco nom resistia o temporal. Contudo, sabes que engordei durante este mês? Eu próprio estou surpreendido de me sentir tam bem e de ter tanta fome: acho que em quinze dias, depois de ter repousado e dormido suficientemente, estarei completamente livre de qualquer rasto da hemicránia e iniciarei um período totalmente novo da minha existência molecular.

A minha impressom de Ustica é ótima de todos os pontos de vista. A ilha tem oito quilómetros e alberga umha população aproximada de 1.300 habitantes, dos quais 600 som presos comuns, isto é, delinquentes várias vezes reincidentes. A população é mui amável. Ainda nom estamos todos instalados: dormim duas noites num grande quarto comum junto com os outros amigos; hoje encontro-me já num quartinho de hotel e se calhar amanhã ou depois de amanhã irei morar para umha casinha que estão a mobilar para nós: somos tratados por todos com grande correção.

Estamos completamente separados dos presos comuns, cuja vida nom saberia descrever-che em poucas palavras: lem-

bras o conto de Kipling intitulado «A estranha cavalgada», no volume francês *O homem que queria ser rei?* Vêu-me de repente à memória e tam vivamente que me parecia estar a vivê-lo. Por enquanto somos quinze amigos. A nossa vida é bem tranquila: estamos ocupados em explorar a ilha, o qual me permite dar passeios bastante compridos, por volta de nove ou dez quilómetros, com paisagens mui amenas e com vistas maravilhosas da marinha, do abrete e do sol-pôr: cada dous dias vem o barco, que traz notícias, jornais e novos amigos, entre os quais o homem de Ortensia, a quem tivemos o grande prazer de encontrar<sup>3</sup>. Ustica é bem mais jeitosa do que o que mostram os cartons postais que che hei mandar: é umha pequena aldeia de tipo muçulmano, pitoresca e cheia de cor. Nom podes imaginar o contente que estou de vagabundear de um cantinho para o outro da ilha e de respirar o ar do mar, depois deste mês de transferências de um cárcere para o outro, mas especialmente após os dezasseis dias de Regina Coeli, decorridos no isolamento mais absoluto. Penso que me vou converter no campeom ustiquês de lançamento de pedra à distância, porque já vencim a todos os amigos.

Escrevo-che um bocado aos saltos, assim como me vem, porque ainda estou um pouco canso. Queridíssima Tatiana, nom podes imaginar a minha emoçom quando no Regina Coeli vim a tua caligrafia na primeira garrafa de café recebida e lim o nome de Marietta<sup>4</sup>; volvim ser, literalmente, umha

3 Amadeo Bordiga (1889-1970). Foi o primeiro líder do Partido Comunista de Itália, desde 1921 até 1924, quando Gramsci o sucedeu como Secretário Geral. Bordiga, estando na oposiçom do partido, foi detido e enviado a Ustica no fim de 1926, ficando ali até outubro de 1927, quando o transferirom para Ponza, outra ilha para desterrados, até o fim de 1929. Em 1930 foi expulso do P.C.I.

4 Marietta Bucciarelli, amiga de Tatiana Schucht, quem frequëntava regularmente a casa de Gramsci

criança. Olha, neste tempo, sabendo com certeza que as minhas cartas, segundo as disposições carcerárias, iam ser lidas, nasceu-me umha espécie de pudor: nom me atrevo a escrever sobre certos sentimentos e se trato de os atenuar para me adequar à situação, parece-me que me comporto como um sacristám. Por isso vou limitar-me a escrever-che algumas notícias sobre a minha estadia em R.C. [Regina Coeli] com respeito a tudo quanto me pergundes. Recebim o casaco de lá, que me foi extremamente útil, assim como as meias, etc. Teria passado muito frio sem elas, porque saim com o abrigo mais leve e, ao termos saído mui cedo de manhã, quando tentávamos a travessia Palermo-Ustica estava mui frio. Recebim os pratinhos que me vira obrigado a deixar com mágoa em Roma, pois devia meter toda a minha bagagem na bolsa (que me prestou serviços inestimáveis) e estava seguro de que os partiria. Nom recebim a candeia, nem o chocolate nem a bica, que estão proibidos: vim-nos assinalados na lista, mas com a advertência de que nom podiam passar; de maneira que nom tivemos a xícara para o café, ainda que me decidim a fazer um serviço de meia dúzia com cascas de ovo, montadas extraordinariamente sobre um pedestal de miolo de pam. Vejo que estás impressionada polo facto de as comidas serem quase sempre frias: nom te preocupes, porque comim sempre, depois dos primeiros dias, no mínimo, o duplo do que comera no mesom, e nom sentim a menor moléstia; todavia, soubem que todos os amigos sofrêrom moléstias e tivêrom de abusar dos purgantes. Vou-me convencendo de que som mais forte do que nunca pudeche imaginar, porque, a diferença de todos, saim-me bem, com um simples cansaço. Asseguro-te que, com a exceção de umhas pouquíssimas horas de obscuridade, umha noite em que nos tirárom a luz das celas, estivem sempre mui contente; o trasgo que me leva a ver sempre o lado

cômico e caricatural em todas as cousas estivo sempre ativo em mim e conservou-me alegre apesar de tudo. Lim sempre, ou quase, revistas ilustradas e jornais desportivos e estava a refazer umha biblioteca. Aqui estabelecim este programa: 1º estar bom para estar sempre melhor de saúde, 2º estudar a língua alemá e russa com método e continuidade; 3º estudar economia e história. Entre nós havemos fazer ginástica racional, etc., etc. Cumpre que nestes primeiros dias, até acabar de me instalar, che encomende uns trabalhos. Gostaria de ter umha bolsa de viagem, mas que seja segura, com fechadura ou com cadeado: é melhor que qualquer mala ou cofre, ante a possibilidade, que nom excludo, de posteriores movimentos meus polas ilhas ou para terra firme. Depois, precisaria todas essas pequenas cousas, como a gillette com lâminas de recâmbio, a tesourinha para as unhas, a lima, etc., etc., que som sempre necessárias e que nom estão à venda; queria algum tubo de aspirina, por se os refachos me fam sangrar os dentes. Com a roupa, o abrigo e a roupa branca que resta, acho darás feito. Envia-me depressa, se puderes, a gramática alemá e umha gramática russa; o dicionário pequeno de alemám-italiano e italiano-alemám e algum livro (*Max e Moritz*<sup>5</sup> — e a história da literatura italiana de Vossler, se a deres encontrado entre os livros). Envia-me aquele volume grande de artigos e estudos sobre o *risorgimento* italiano que se intitula: *Storia politica del secolo XIX* e um livro intitulado: R. Ciasca, *La formazione del programma dell'unità nazionale*, ou algo parecido. Além disso, vê tu mesma e decide o que a ti che pareça. Por esta vez, escreve tu a Giulia: nom consigo vencer esse sentido do pudor de que che falava há pouco: alegrou-me muito conhecer as boas

5 Conto para crianças escrita por Wilhelm Busch (1865).

notícias sobre Delio e Giulio; espero as fotografias. O endereço usado por ti é corretíssimo, como viche; aqui os correios funcionam de umha maneira simples: som eu a perguntar no balcom pola posta-restante, e em Ustica só há umha oficina postal. A propósito dos telegramas enviados, o de Roma, que anunciava a minha partida, sabia com certeza que iria chegar com muita demora, mas queria dar a conhecer a notícia e nom excluía que pudesse ser útil para umha conversa, caso o receptor tivesse sabido que era possível vir até 11 da noite. De cinco que partírom unicamente Molinelli, que viajou sempre comigo, recebeu a visita da mulher às 11 justas: os outros nada.

Queridíssima Tatiana, se nom che escrevim antes, nom debes crer nem por um instante que te esquecesse nem que nom pensasse em ti; a tua expressom é exata, porque em cada cousa que recebia, via em destaque o sinal das tuas queridas maos; era mais do que um cumprimento, mais do que umha carícia afetuosa: teria gostado de ter o endereço da Marietta; se calhar, escrevia também para a Nilde<sup>6</sup>, o que achas? Lembrará-me? Gostará dos meus cumprimentos? Escrever e receber cartas converteu-se para mim num dos momentos mais intensos da vida.

Queridíssima Tatiana, escrevo-che de umha maneira um pouco confusa. Creio que hoje, 10, o barco nom vai dar chegado, porque durante toda a noite houve um vento fortíssimo que nom me deixou dormir, apesar da suavidade da cama e dos coxins, aos quais já me desabituara; é um vento que penetra por todas as fendas do terraço, pola janela e polas portas, com assobios e sons de trompetes mui pitorescos, mas mui

6 Leonilde Perilli, companheira de estudos de Eugenia Schucht na Academia de Belas Artes de Roma, e amiga dos Schucht. Hospedou a Tatiana na sua casa durante uns anos.

irritantes. Escreve para a Giulia e di-lhe que estou bem de verdade, de todos os pontos de vista, e que a minha permanência aqui, que por outra parte nom creio seja tam comprida como decidiu o decreto, há de tirar do meu corpo todos os velhos achaques: talvez um período de repouso absoluto seja incluso umha necessidade para mim.

Abraço-te com tenrura, queridíssima, porque abraçando-te abraço a todos aqueles a quem eu quero.

Se Nilde aprecia os meus cumprimentos, manda-me o seu endereço.

Antonio



(Carta 4)

Ustica, 19 XII 1926

Queridíssima Tania:

Escrevim-che um postal o 18 para avisar de que tinha recebido a tua registada do 14: previamente, tinha escrito para ti umha comprida carta ao endereço da senhora Passarge, quem cha deveu ter entregado o 11 ou o 12. Resumo os principais acontecimentos de todo este tempo.

Detido o 8 às 10:30, e conduzido imediatamente ao cárcere, partim de Roma de manhã, mui cedo, o 25 de novembro. A permanência em Regina Coeli foi o período mais difícil do arresto: 16 dias de isolamento absoluto na cela, com umha disciplina mui rigorosa. Pudem ter um quarto pagando, mas só nos últimos dias. Decorrim os primeiros três dias numha cela mui luminosa de dia e iluminada de noite; no entanto, a cama estava mui suja; os lençóis estavam usados; formiguejavam nela os insectos mais variados; nom me foi possível ter algo

para ler, nem sequer a «Gazzetta dello Sport», porque ainda nom a reservei: comim a sopa do cárcere, que estava bem boa. Passei depois para umha nova cela, mais obscura de dia e sem iluminação à noite, a diferença da outra, esta tinha sido desinfectada com chama de gasolina e a cama tinha a roupa limpa. Comecei a comprar alguma cousa na cantina do cárcere: as candeias de estearina para a noite, o leite para a manhã, umha sopa com caldo de carne e um pedaço de carne cozida, queijo, vinho, maçás, cigarros, jornais e revistas ilustradas. Passei da cela comum para a de pagamento sem prévio aviso, polo que estivem um dia sem comer, dado que o cárcere passa a comida somente aos ocupantes das celas comuns, enquanto os dos quartos de pagamento devem «buscar-se as favas» (expressom carcerária) por si próprios. Em meu caso, o quarto de pagamento consistiu em que somassem ao xergom de crina um colchom de lá e um coxim ídem e que a cela estivesse mobilada com umha bacia, umha jarra e umha cadeira. Deveria ter também ao meu dispor um talho, um bengaleiro e um pequeno roupeiro, mas a administração está falta de «material de intendência» (outra expressom carcerária): tivem também luz elétrica, mas sem interruptor; de maneira que durante toda a noite me revirava para proteger os olhos da luz. A vida transcorria assim: às 7 da manhã diana e limpeza do quarto; contra as nove, o leite, que com o tempo se converteu em café com leite, quando comecei a receber a comida da cantina. O café chegava polo geral ainda morno; o leite, polo contrário, estava sempre frio, mas eu fazia entom umha abundante sopa. De nove até o meio-dia tocava a hora do passeio: umha hora, de nove até dez, ou de dez até onze, ou de onze até doze; faziam-nos sair separados, com a proibiçom de falarmos e de saudarmos quem quer que fosse, e íamos para um pátio circular dividido em rádios por muros de separaçom altíssimos,

com umha grade que dava para o resto do pátio. Éramos vigiados por umha sentinela erguida sobre um terracinho que dominava os setores radiais e por umha sentinela que passeava diante das grades; o pátio estava encaixado entre muros altíssimos e estava dominado, num dos lados, pola chaminé baixa de um pequeno obradoiro interno; por vezes o ar era fumo; umha vez tivemos de permanecer por volta de meia hora baixo a tormenta. Contra o meio-dia chegava o jantar; frequentemente, a sopa estava ainda morna, mas o resto estava sempre frio. Às 3 havia a visita à cela, para a revisom das barras da grade; a visita repetia-se às dez da noite e às três da manhã. Dormia um bocado entre estas duas últimas visitas: umha vez me acordava a visita das três já nom conseguia adormecer; porém, era obrigado ficar na cama entre 7½ da tarde e o amanhecer. A distracçom proporcionavam-na as diferentes vozes e os fragmentos das conversas que por vezes conseguia ouvir das celas do lado ou de em frente. Nunca incorrim em nengum castigo: Maffi<sup>7</sup>, no entanto, esteve três dias a pam e água numha cela de castigo. Na verdade, nunca sentim mal-estar nengum: embora nunca desse acabado toda a comida, comim sempre com um apetite maior que o do mesom. Tinha apenas umha colher de madeira; nem garfo, nem copo. Umha jarra e umha jarrinha de barro para a água e para o vinho; um prato grande de barro para a sopa e outra como bacia, antes da concessom do quarto de pagamento. A 19 de novembro foi-me comunicada a disposiçom que me condenava a 5 anos de desterro nas colónias, sem mais explicaçom. Nos dias sucessivos chegárom-me rumores de que partiria para Somália. Só na tarde do 24, e indiretamente, soubem que

7 Fabrizio Maffi (1868-1955), médico, militante socialista e mais tarde comunista, deputado.

cumpriria a pena de desterro numha ilha italiana: o destino exato só me foi comunicado de maneira oficial em Palermo; podia ir para Ustica, mas também para Favignana, para Pantelleria ou para Lampedusa; foram excluídas as Tremiti, porque de outro jeito teria viajado de Caserta a Foggia. Partim de Roma na manhã do 25, com o primeiro comboio dos correios para Nápoles, aonde cheguei por volta de umha da tarde; viajei na companhia de Molinelli, Ferrari, Volpi e Picelli, também eles detidos o dia 8. Ferrari, porém, foi apartado em Caserta para as Tremiti: digo «apartado», porque mesmo no vagon permanecíamos juntos e amarrados a umha longa cadeia. De Roma em diante fiquei sempre em companhia, o qual produziu umha notável mudança no estado de ánimo: era possível conversar e rir, embora estivéssemos amarrados à cadeia e com os dous pulsos apertados polas algemas e se tivesse que comer e fumar com tais adornos. Porém, a gente conseguia acender os fósforos, conseguia comer e beber; os pulsos inchárom um pouco, mas tinha-se a noçom do perfeita que é a maquina humana, quando pode adaptar-se a qualquer circunstância, por anti-natural que ela for. No limite das disposiçõs regulamentares, os guardas da escolta tratárom-nos com grande correçom e cortesia. Ficamos em Nápoles duas noites, no cárcere de Il Carmine, sempre juntos, e voltamos sair por mar na tarde do 27, com um mar mui calmo. Em Palermo tivemos um quartinho mui limpo e arejado, com umha vista belíssima do monte Pellegrino; encontrámos outros amigos destinados às ilhas, o deputado maximalista Conca, de Verona e o advogado Angeloni, republicano de Perugia. Acrescentárom-se outros a seguir, entre os quais Maffi, que fora destinado a Pantelleria, e Bordiga, destinado a Ustica. Deveria ter saído de Palermo o dia 2; porém, só conseguimos partir o dia 7; três tentativas de travessia fracassárom polo mar bravo. Esta foi a pior

parte da transferência. Pensa: diana às quatro da manhã, as formalidades para a entrega do dinheiro e das diferentes cousas deixadas em depósito, algemas e cadeia, veículo celular até o porto, baixada à lancha para chegar ao barco, subida da escada para subir a bordo, subida de umha escada para subir à ponte, descida de umha outra escada para ir à seçom de terceira classe; todo isso tendo os pulsos amarrados e estando amarrado com umha cadeia a outros três. Às sete o barco parte, viaja durante umha hora e meia, dançando e mexendo-se como um golfinho, depois volta para trás, porque o capitám admite que é impossível continuar a travessia. Repete-se no sentido contrário a série das escadas, etc., volta-se para o cárcere, somos novamente registados e voltamos para a cela; entretanto, já é meio dia, nom deu para pedir o jantar; até 5 nom se come; na manhã a seguir ainda nom se comerá. Isto tudo por quatro vezes com o intervalo de um dia. A Ustica chegaram já quatro amigos: Conca, o ex deputado de Perugia Sbaraglini, e dous de Aquila. Durante algumas noites dormimos num sala: agora estamos já instalados numha casa ao nosso dispor, para seis: eu, Bordiga, o Conca, os Sbaraglini e os dous de Aquila. A casa compom-se de um quarto no rês-do-chao onde dormem dous: no rês-do-chao está também a cozinha, a sanita, e um quartinho que usamos como sala comum de toilette. No primeiro andar, dormimos quatro em dous quartos, três num quarto bastante grande e um no quartinho do meio; um amplo terraço está por cima do quarto maior e domina a cala. Pagamos 100 liras por mês pola casa, e duas liras por dia pola cama, a roupa branca da cama e os demais objetos domésticos (duas liras por cabeça). Os primeiros dias gastamos muito nas comidas; nom menos de 20 liras por dia. Agora gastamos 10 liras por dia da *mazzetta* polo jantar e a ceia; estamos a organizar umha cantina comum, que nos permitirá, se

calhar, viver com as 10 liras por dia que nos adjudicou o governo; somos já trinta desterrados e ainda há de chegar algum mais.

As nossas obrigas som variadas e complexas; a mais salientável é a de nom sairmos da casa antes do amanhecer e a de voltar para a casa às 8 da tarde; nom podemos ir além de determinados limites que, em linhas gerais estám representados polo perímetro habitado. No entanto, conseguimos licenças que nos permitem passear por todo o território da ilha, com a obriga de voltar dentro dos limites às 5 da tarde. A populaçom em conjunto é de perto de 1.600 habitantes, dos quais 600 som forçados, isto é, delinquentes comuns que já cumprírom outras condenas. A populaçom indígena compom-se de sicilianos, mui amáveis e hospitaleiros; podemos relacionar-nos com a populaçom. Os presos estám submetidos a um regime mui restritivo; a grande maioria, dado o pequeno tamanho da ilha, nom pode ter nengum ocupaçom e tem que viver coas 4 liras diárias que lhes adjudica o governo. Podes imaginar o que acontece: a *mazzetta* (é o termo que se utiliza para indicar a pensom do governo) gasta-se principalmente em vinho; as comidas reduzem-se a um pouco de massa com ervas e a um pouco de pam; a desnutriçom leva ao alcoolismo mais depravado num prazo mui breve. Estes presos som encerrados em celas especiais às cinco da tarde e estám juntos toda a noite (entre cinco da tarde e sete da manhã), fechados desde fora: jogam às cartas, em occasions perdem a *mazzetta* de bastantes dias e desta maneira vêem-se prisioneiros num círculo infernal que dura até o infinito. Deste ponto de vista, é um autêntico pecado que se nos proiba ter contatos com seres reduzidos a umha vida tam excecional: acho poderiam fazer-se observaçoms de tipo psicológico e de folcllore com um caráter único. Todo aquilo quanto de elementar sobrevive no

homem moderno, volta à tona irremediavelmente: estas moléculas pulverizadas agrupam-se novamente conforme princípios que se correspondem com aquilo que de essencial existe ainda nos estratos populares mais profundos. Existem quatro divisões fundamentais: os setentrionais, os centrais, os meridionais (com Sicília) e os sardos. Os sardos vivem absolutamente afastados do resto. Os setentrionais possuem umha certa solidariedade entre eles, mas nengumha organização, polo que parece; orgulham-se porque, mesmo sendo ladrões, carteiristas, caloteiros, nom derramárom nunca sangue. Entre os do Centro, os romanos som os melhor organizados; nem sequer denunciam aos confidentes os das outras regiões, guardando para si a desconfiança. Os meridionais estão mui organizados, se devemos julgar polo que se di, mas entre eles há subdivisões: o Estado napolitano, o Estado pulhês e o Estado siciliano. Para o siciliano, o motivo de orgulho consiste, nom em ter roubado, mas em ter derramado sangue. Todas estas informações obtivem-nas de um preso que se encontrava no cárcere de Palermo cumprindo condena por um crime que cometera durante o período de desterro e que se orgulhava de ter causado conforme um plano previamente estabelecido, umha ferida com umha profundidade de dez centímetros (medida, di ele) ao carcereiro que o mal-tratara: planificara dez centímetros e fôrom dez centímetros, nem um milímetro a mais. Esta era a obra mestra da qual se orgulhava em extremo. Acredita que a referência ao romance de Kipling nom era exagero, ao menos considerando as impressões do primeiro dia. A minha situação financeira durante este tempo foi ótima. Fum detido com 680 liras no bolso; em Roma vim somadas ao meu favor outras 50 liras. Os gastos incrementárom-se de maneira alarmante só depois da saída de Roma. Em Palermo, principalmente, esfolárom-nos de maneira literal: o ho-

teleiro marcou com 30 liras um pacote com umha porçom de macarrons, ½ litro de vinho, ¼ de frango e fruta que serviam para duas comidas. Cheguei a Ustica com 250 liras que me chegárom para os primeiros 10 dias; depois tiveram 100 liras de *mazzetta* (10 liras por dia), as tuas 500 liras e 374 liras pola imunidade parlamentar, para os dias compreendidos entre 1 e 9 de novembro.

Portanto, estivem bem durante bastante tempo, isto é, podo tomar algum café, fumar cigarros e completar o gasto diário para a casa e a comida, que hoje é de 14 liras por dia, mas que diminuirá assim que tenhamos organizada a cantina. É por isso que nom debes preocupar-te por mim: nom quero de nengumha maneira que te sacrifiques pessoalmente por mim: se tiveres a hipótese, oferece a tua ajuda a Giulia, que com certeza necessitará mais cousas do que eu.

Na anterior ocasiom nom che escrevim que, recém chegado a Ustica, encontrei umha carta em que se me assegurava que Giulia ia receber as ajudas, e que nom devia preocupar-me nesse sentido. Recorrerei a ti para ter algumas cousas que de outra maneira nom poderia ter: porém, em geral estou decidido a fazer de maneira que poda viver com a *mazzetta* governamental, já que o considero possível, depois de algum tempo de aclimação. Queria-che dizer outra cousa importantíssima: o amigo Sraffa escreveu-me que abriu para mim umha conta corrente ilimitada numha livraria de Milám<sup>8</sup>, na qual poderei encarregar jornais, revistas e livros; aliás, ofereceu-me todas a ajuda que quiger. Como vês, podo olhar para o porvir com suficiente serenidade. Se tiver a segurança de que Giulia e as crianças nom vam sofrer qualquer privação,

8 A livraria Sperling & Kupfer, da qual G. se serviu sempre nos seguintes anos.

estarei realmente tranquilo: querida Tatiana, este é o único pensamento que me atormenta nos últimos tempos, e nom apenas depois do meu arresto; sentia vir esta tormenta, de maneira imprecisa e instintiva e por isso mais tormentosa. Lembras quando me digeche que umha amiga comum aludia à minha superstiçom? Voltei pensar nisso algumha vez, nom para convencer-me mais umha vez de que tinha razom e de que exagerei, nom por superstiçom, mas sim por falta de decisom e por outros escrúpulos que intelectualmente considero de caráter inferior, nom obstante nom fosse nem seja capaz de me libertar deles. De facto, a análise que fazia era exata, mesmo se me parecia impossível umha demonstraçom objetiva e pormenorizada.

Olha que escrevim com essa abundância que desejavas, escrevendo também sobre cousinhas sem a mais mínima importância. Estás contente? Sabes que te quero muito e que lamento muito lembrar algum pequeno episódio em que por um descuido, de algumha maneira, che figem mal.

Escreve tu a Giulia também em meu nome; nom tenho vontade de mandar-che os desenhos para Delio: teria que explicá-los e isso desagrada-me enormemente. Aguardo as fotografias. Entre os livros que debes enviar-me inclui os seguintes: —Hauser— *Les Grandes puissances, Le prospettive economiche* de Mortara para 1926, os dous Berlitz — alemám e russo. Entre os objetos, gostava de um pouco de sabom, um pouco de água de colónia para a barba, umha escova de dentes com o seu vidro de protecçom, um pouco de dentífrico, umhas poucas aspirinas e umha escova para a roupa.

Queridíssima Tatiana, abraço-te afetosamente.

Antonio



21/XII/1926

Queridíssimo amigo<sup>9</sup>,  
 recebim a tua carta do 13; no entanto, nom recebim ainda os livros que me anunciavas. Agradeço-che mui cordialmente o oferecimento que me figeche; já escrevim à Livraria Sperling e figem umha encomenda bastante aparatosa, com a certeza de nom ser indiscreto, porque conheço toda a tua amabilidade. Somos em Ustica 30 desterrados: iniciámos já toda umha série de cursos, elementares e de cultura geral, para os diferentes grupos de desterrados; começaremos também umha série de palestras. Bordiga dirige a seçom científica, eu a seçom histórico-literária; eis a razom pola qual encomendei determinados livros. Esperemos que desta maneira decorra o tempo sem nos embrutecer e sendo úteis aos outros amigos, representantes de todo o tipo de partidos e de preparaçom cultural. Comigo estão Schiavello e Fiorio<sup>10</sup>, de Milám; dos maximalistas está também o ex deputado Conca de Milám. Dos unitários está o advogado Sbaraglini, de Perusa e um magnífico tipo de camponês de Molinella. Um republicano de Massa e 6 anarquistas de composiçom moral complexa; o resto comunistas, isto é, a grande maioria. Há 3 ou 4 analfabetas ou quase; o resto tem diversa preparaçom, mas com umha média geral mui baixa.

9 Piero Sraffa (1898-1983), professor de economia em Cambridge. Gramsci conheceu-no em Turim na época da universidade e ali se figerom amigos. Sraffa esforçou-se durante os anos do cárcere por ajudar a Gramsci: manteve correspondência com Tatiana Schucht, fijo viagens a Italia e mesmo pudo arranjar várias conversas com Gramsci. Conseguiu interessar pola sua sorte a altas personalidades inglesas.

10 Ernesto Schiavello (n. 1899), organizador sindical de Milám, decorreu sete anos entre cárcere e desterro.

Porém, todos estão contentes por terem uma escola, que frequentam com grande assiduidade e diligência.

A situação financeira ainda é boa: aos desterrados damos 10 liras por dia; a *mazzetta* dos presos comuns em Ustica é de 4 liras por dia, nas outras ilhas por vezes é mesmo menor, se existirem possibilidades de trabalhar. Nós temos o direito a morar em casas particulares; seis pessoas (eu, Bordiga, Conca, Sbaraglini e dois mais) moramos numa casinha pela qual pagamos 90 liras por mês cada um, com todos os serviços incluídos. Contamos organizar uma cantina, a fim de podermos satisfazer as necessidades de comida e casa com as 10 liras diárias da *mazzetta*. A comida, naturalmente, é muito pouco variada: não se encontram ovos, por exemplo, o qual me amola bastante, porque não posso fazer pratos abundantes ao estilo marinho. O regime que devemos seguir consiste em recolher-se em casa às 8 da tarde e não sair dela antes do amanhecer nem ir além dos limites habitados sem uma licença especial.

A ilha é pequena (8 km.) com uma população de 1600 habitantes, dos quais 600, aproximadamente, são presos comuns: existe um único grupo de vivendas. O clima é ótimo e até agora não esteve frio; apesar disso, os correios chegam sem regularidade, porque o barco que faz a travessia quatro vezes por semana não sempre pode com o vento e as ondas. Para chegar a Ustica tivemos que fazer quatro tentativas de travessia; isso cansou-me mais do que toda a viagem de Roma a Palermo. Contudo, permanecemos sempre em ótimas condições de saúde, para grande surpresa dos meus amigos, pois todos têm sofrido mais do que eu: imagina que até engordei levemente. Porém, nestes dias, quer pelo cansaço atrasado, quer pela comida que não se condiz com os meus costumes e a minha constituição, sinto-me muito débil e esgotado. Mas

guardo afazer-me rapidamente e dar cabo, de vez, de todos os males passados.

Escreverei-che amiúde, se quigeres, para me iludir com que me encontro ainda na tua grata companhia. Saudo-te com afeto

Antonio



(Carta 6)

2/1/1927

Queridíssimo<sup>11</sup>,

recebim os livros que me anunciavas na penúltima carta e um primeiro pacote dos que encomendara. Tenho portanto bastante para ler durante algum tempo. Agradeço a tua grande amabilidade, mas nom queria abusar. Porém, tem a certeza de que sinceramente me dirigirei a ti sempre que precisar qualquer cousa. Como podes imaginar, aqui nom há muito para comprar; antes polo contrário, por vezes escasseia o que comprar, mesmo se a compra for necessária.

A vida decorre sem novidade nem surpresas; a única preocupação é a chegada do barco, que nem sempre consegue fazer os quatro trajetos semanais (segunda-feira, quarta-feira, quinta-feira e sábado) com grande pesar para cada um de nós, que aguarda sempre com ansia a correspondência. Somos já uns sessenta, dos quais 36 som amigos de diferentes lugares; predominam relativamente os romanos. Já começamos a escola, dividida em vários cursos: 1º curso (1º e 2º elementar),

<sup>11</sup> Dirige-se a Piero Sraffa.

2º curso (3º elementar), 3º curso (4º – 5º elementar), curso complementar, dous cursos de francês (inferior e superior) e um curso de alemám. Os cursos estabelecem-se em relação ao nível cultural que se tem nas matérias, que podem ser resumidas num certo conjunto de noções delimitadas com exactitude (gramática e matemática); nesse sentido, os alunos dos cursos elementares frequentam as aulas de História e Geografia do curso complementar, por exemplo. Em resumo, procuramos conciliar a necessidade de umha ordem escolástica gradual com o facto de os alunos terem, mesmo se nalguns casos semianalfabetas, umha certa instrução. Os cursos som seguidos com grande diligência e atenção. Graças à escola, que é frequentada também por alguns funcionários e habitantes da ilha, evitamos os perigos da desmoralização, que som mui grandes. Nom poderias imaginar a que condições de embrutecimento físico e moral tenhem chegado os presos comuns. Para poder beber venderiam até a camisa; muitos vendêrom os sapatos e o casaco. Um bom número nom dispom já livremente da *mazzetta* governamental de quatro liras diárias, porque foi empenhada aos usurários. A usura é punida, mas nom creio que seja possível evitá-la, porque os próprios presos comuns, que som as suas vítimas, nom denunciam os usurários senom em casos mui excepcionais. Paga-se um juro de 3 liras por semana por 10 liras de empréstimo. Os juros arrecadam-se com extrema intransigência, já que os usurários se rodeiam de pequenos grupos de colaboradores, que por um copo de vinho destripariam mesmo os seus bisavós. Os presos comuns, salvo raras exceções, mostram muito respeito e deferência por nós. A população da ilha é mui educada. De resto, a nossa chegada causou umha mudança radical no lugar e deixará amplas pegadas. Está-se a planificar a instalação da luz eléctrica, visto que entre os desterrados há técnicos capazes

de levar a termo a iniciativa. O relógio do campanário, que estava parado desde há seis meses, foi posto em funcionamento em dous dias: talvez se retome o projeto de construir o cais para a entrada do barco no porto. As nossas relações com as autoridades som mui corretas.

Queria escrever-che algumas impressões recolhidas durante a viagem, nomeadamente em Palermo e em Nápoles. Em Palermo fiquei oito dias: tentou-se quatro vezes a travessia, e em três ocasiões, após umha hora e tal de navegação com o mar revolto, tivemos de voltar atrás. Foi a parte mais desconfortável de toda a viagem, a que mais me cansou. Tinha de acordar às quatro da manhã, ir até o porto com os ferros nos pulsos; sempre amarrados e ligados com umha cadeia, descer numha lancha, subir e descer bastantes escadas no barco, onde permanecíamos amarrados com umha única algema, sofrer o enjôo, quer pola posição incômoda (estávamos amarrados, embora com umha única cadeia e unidos aos demais por meio metro de cadeia; era, pois, impossível deitar-se) quer porque o pequeníssimo e ligeiro barco abana, mesmo se o mar estiver em calma, para voltar atrás e repetir a manhã seguinte a mesma história. Em Palermo tínhamos um quartinho mui limpo, preparado de propósito para nós (deputados), dado que o cárcere está superlotado e assim se evitava pôr-nos em contato com os detidos da máfia. Durante a viagem fomos sempre tratados com grande correção e até com cortesia.

Muito obrigado por te tomares a moléstia de enviar os ovos. Agora que passárom as festas, encontrarei-nos mui frescos por aqui. Agradecia o leite condensado suíço, se quizeres mandar-mo. Nom saberia que pedir-che, mesmo querendo: aqui falta um pouco de tudo e é difícil conseguir certas cosas; é preciso dar longas voltas. Nom existe um serviço de correios com Palermo. Agradecia-che que me enviasses um pouco de

sabom para o asseio e para fazer a barba, e algum medicamento de uso geral, que sempre se pode necessitar, como a aspirina Bayer (aqui a aspirina é umha visom do céu) e tinctura de iodo e algum comprimido para a enxaqueca. Garanto-che mais umha vez que che escreverei se for necessário: viche quanto me prestárom os livros? De resto, confesso-te que ainda estou um pouco atordoado, e nom acabei ainda de me orientar por completo em tantas cousas. Escreve-me amiúde: a correspondência é o que mais se agradece na minha situaçom. Quando leias algum livro interessante como o de Lewinsohn<sup>12</sup>, envia-mo.

Abraço-te fraternalmente

Antonio

Envia-me um frasquinho de água de Colónia. Fai-me falta un desinfetante para depois de fazer a barba.



(Carta 7)

7/II/1927

Queridíssima Tania:

recebim a tua carta do 4 de janeiro, um pacote que continha objetos de asseio e o bolso de viagem, mais um segundo pacote que continha *panettoni*<sup>13</sup> e que deveu chegar com muito atraso. Na verdade, nom podó aceitar o conselho de... encon-

12 Richard Lewinsohn, *Histoire de l'inflation. Le déplacement de la richesse en Europe (1914-1925)*, Payot, Paris, 1926.

13 O *panettone* é um pastel que se come principalmente no Natal; é um biscoito mole com frutos secos. [N. do T.]

trar caprichos. Infelizmente, nas condições em que estou obrigado a viver, os caprichos venhem sós: é inacreditável como as pessoas obrigadas por forças externas a viverem de maneira excecional e artificial desenvolvem com particular brio todos os lados negativos do seu caráter, principalmente os intelectuais, ou, melhor dito, essa categoria de intelectuais que em italiano colloquial som chamados de *mezze calzette*<sup>14</sup>. Os mais calmos, serenos e medidos som os camponeses; depois venhem os operários, depois os artesãos e para acabar os intelectuais, que sofrem lufadas imprevistas de umha loucura absurda e infantil. Naturalmente, falo dos desterrados políticos, nom dos presos comuns, cuja vida é primitiva e elementar, e cujas paixons alcançam, com rapidez espantosa, o culmen da loucura: num mês verificárom-se entre os presos comuns cinco ou seis crimes de sangue.

Nom seguirei, portanto, o teu conselho de ter caprichos. E porém, tés razom: por vezes comporta-me mal sem querer, ofendendo os meus amigos sem sabê-lo. Isso explica-se, creio, porque sempre vivim em soidade, sem família, e tivem que recorrer a estranhos para as minhas necessidades: é por isso que tivem sempre medo de incomodar e de estorvar. Mas nom havia em mim nengumha falta de reconhecimento do teu afeto e da tua bondade. Recorrerei a ti sempre que for necessário, com o compromisso, pola tua parte, de seres extremamente sincera sobre as tuas possibilidades e de nom te procurares problemas inúteis e perigosos. A tinta que me mandache vai mui bem; para além disso, vam bem todas as demais cousas. Recebim as fotografias: Delio tivo muito sucesso e foi mui louvado. Imagina que descobrim ter umha dose de paciência e de

14 *Medíocres, de meia-tigela.* [N. do T.]

fortaleza que nom achava possuir: só Bordiga pode competir comigo. Somos os únicos em todo este período em nom sentir mal-estares de nengumha classe, enquanto os demais, quem mais quem menos, tivo febres gripais e moléstias intestinais, devido à mudança radical dos alimentos e à água, em que nadam de maneira visível exemplares, magníficos pola sua agilidade, da raça dos tritons. Nom comecei até agora nengum trabalho sério, embora tenha já à minha disposição umha discreta quantidade de livros; comecei no entanto as aulas de História do curso de cultura geral que organizáramos. Por isso nom debes preocupar-te por enviar rapidamente os livros.

Porém, necessito um pouco de dinheiro. Achava ter o suficiente, para três meses no mínimo: tivem de gastar para ajudar a um certo número de desterrados que chegárom sem recursos, e tivem de antecipar dinheiro para as despesas gerais da cantina comunal que vai começar depois de amanhã, día 9. O período das despesas imprevistas já passou: a cantina comunitária permitirá evitarmos as grandes e pequenas despesas a que até agora estávamos obrigados para poder comer. Olha que o digo com sinceridade: fam-me falta umhas 200 liras, e nom tenho mesmo vontade de pedir-lhas a Sraffa, que neste momento se encontra longe da sua casa.

Queridíssima Tania, gostava mesmo de saber-te tranquila e sem nengum ataque de melancolia. Porém, debes escrever-me igualmente, e confessar-te comigo: as tuas cartas som um grande prazer para mim porque me sinto, com cada umha delas, perto de ti. Sabes que recebim um postal de Giulia com a assinatura autógrafa de Delio? Parece inacreditável: o mundo é sempre mais pequeno do que pensamos. Escreverei-che ainda umha longa carta para o correio da segunda-feira, embora exista a probabilidade de o barco nom chegar na segunda-feira. Entrámos no Inverno também em Ustica. Inverno mui

suave, porque se pode ir dar umha volta sem chapéu e sem casaco; contudo, chove amiúde e frequentemente sopram refachos mui fortes que agitam o mar e impedem a navegaçom. Mas fora disso, que dias tam magníficos! Nom podes imaginar as tonalidades que chegam a adquirir o mar e o céu nos dias claros.

Saúda Giacomo e a mulher. Conhecim o amigo de Valentino<sup>15</sup>, que é um ótimo rapaz. Um abraço

Antonio

Envia-me algum número do «*Temps*» e do «*Journal des débats*»: podes encontrá-los na banca dos jornais do Palácio das Finanças.

Os sapatos que me descreves serám bons para a próxima Primavera, acho. Os que calçava no momento da partida, nom obstante estejam remendados (lembras?) resistem milagrosamente.

Manda-me notícias sobre o pequeno limoeiro: cresceu? Qual é a sua altura já? É resistente? Queria escrever-che sobre isto, mas passei por cima, por nom parecer demasiado... infantil.



15 Valentino Schreider (n. 1903), estudante, comunista, filho do social-revolucionário Isaac Schreider; foi detido em abril de 1927, junto a um grupo de comunistas romanos, sendo condenado a cinco anos de cárcere.

15/1/1927

Queridíssima Tania,

a última carta que me enviache tem a data de 4 de janeiro. Deixache-me onze dias sem notícias tuas. Nas condições em que me encontro, é umha cousa que preocupa muito. Acho que é possível acordar as exigências recíprocas, com o compromisso pola tua parte de enviar-me polo menos um postal cada três dias. Eu já comecei a seguir este sistema. Quando nom tenha tema para umha carta —e para mim esse é o caso mais comum—, enviarei-che polo menos um postal, a fim de nom renunciar a nengum serviço postal: a vida decorre aqui monótona, uniforme, sem sobressaltos. Se calhar, devia descrever-che algumha pequena cena da vida da aldeia, se estivesse com suficiente bom humor. Por exemplo, podia descrever-che o arresto de um porco que encontrárom polas correioiras, livre e sem licença, e que foi conduzido para o cárcere conforme manda o regulamento: o facto divertiu-me enormemente, mas tenho a certeza de que nem tu nem Giulia ides acreditar; talvez acredite Delka<sup>16</sup> quando tiver algum ano mais e escuite a história, junto com outras do mesmo tipo (a dos óculos verdes, etc.), igualmente autênticas e dignas de serem acreditadas sem risinhos. Também me divertiu a maneira de arrestar o porco: agarrando-o polas patas traseiras e tirando dele como de um carrinho, enquanto ele berra como um condenado. Nom houvo maneira de conseguir informações precisas sobre como se poderia identificar o abuso do pasto e dos caminhos: acho que os vigiantes da higiene conhecem todo o gado miúdo da aldeia. Umha outra particularidade que

16 Diminutivo russo de Delio.

nunca mencionei é que nom vim ainda em toda a ilha nenhum médio de transporte a exceçom do burro, um magnífico animal, na verdade, de grande estatura e de umha natureza doméstica notável, sinal do bom caráter dos habitantes: na minha aldeia os burros som meio selvagens e mal deixam que se aproximem deles os donos. Ainda mais umha de animais: escutei ontem umha magnífica história sobre cavalos, contada por um árabe aqui desterrado. O árabe falava o italiano de maneira bem estranha e com muitas expressons incompreensíveis: contudo, em geral a anedota estava cheia de cores e de força descritiva. Isto lembra-me, por umha associaçom mui estranha, que soubem que era bastante fácil encontrar o famoso trigo mourisco: uns amigos vénetos dim que é mui comum no Véneto para fazer a polenta.

Esgotei assim um certo *stok* de temas para falar. Aguardo ter-te feito sorrir um bocado: acho que o teu prolongado silêncio deve ser interpretado como umha consequência da melancolia e do cansaço, e que é mesmo preciso fazer-te sorrir. Querida Tania, debes escrever-me, porque só de ti recebo cartas: quando me falta a tua correspondência assim, durante tanto tempo, tenho a impressom de que estou ainda mais isolado, que todas as minhas relaçons com o mundo se rompêrom. Beijo-te, com afeto

Antonio



15/1/1927

Minha queridíssima Iulca,  
quero descrever-che a minha vida quotidiana nas suas linhas mais essenciais, para que podas acompanhá-la e captar, de tanto em tanto, algum traço. Como sabes, porque já cho deveu escrever Tania, vivo com outros quatro amigos, entre eles o engenheiro Bordiga, de Nápoles, de quem se calhar conheces o nome. Os outros três som: um ex deputado reformista de Perusa, o advogado Sbaraglini e dous amigos do Abruzzo. Agora durmo num quarto com um destes abruzzeses, Piero Ventura; antes dormíamos três, porque estava com nós o ex deputado maximalista de Verona Paolo Conca, um exemplo simpático de operário, que à noite nom nos deixava dormir, porque o atormentava a lembrança da mulher; suspirava, res-soprava, acendia logo a luz e fumava uns cigarros malcheirentos. Afinal, a mulher véu também para Ustica para se reunir com o marido, e Conca deixou-nos. Portanto, somos cinco, divididos em três dormitórios (toda a casa): temos ao nosso dispor um lindo terraço, desde o qual admiramos o mar infinito durante o dia e o magnífico céu durante a noite. O céu, livre de qualquer fume urbano, permite desfrutar destas maravilhas com o máximo de intensidade. As cores da água marinha e do firmamento som verdadeiramente extraordinárias, pola variedade e a profundidade: vim arcos-da-velha únicos no seu género.

De manhã, como de costume, som o primeiro em erguer-me; o engenheiro Bordiga afirma que o meu passo tem a essa hora características especiais; é o passo do homem que nom tomou ainda o café e que o aguarda com umha certa impaciência. Fago eu mesmo o café, se nom consigo convencer

o Bordiga para que o faga, dadas as suas notáveis aptitudes para a cozinha. A seguir, começa a nossa vida: vamos à escola, como professores ou como alunos. Se for dia do serviço postal, vamos para a marinha, aguardando com ansia a chegada do barco: se o correio nom chega por causa do mau tempo, é um dia perdido e umha certa melancolia se estende por todos os rostos. Ao meio-dia comemos: eu participo numha cantina comunitária e justo hoje me toca fazer de camareiro e de ajudante de cozinheiro: nom sei ainda se terei de pelar as batatas, preparar as lentilhas ou limpar a leituga antes de servir a mesa. A minha estreia é aguardada com muita curiosidade: bastantes amigos queriam substituir-me no serviço, mas fiquei inamovível na minha vontade de cumprir com a minha parte. De tarde temos de voltar para os nossos quartos às oito. Por vezes, há visitas de vigilância para comprovar se estamos verdadeiramente em casa. A diferença dos presos comuns, nós nom estamos fechados por fora. Outra diferença consiste em que a nossa saída livre dura até as oito, e nom apenas até as 5; poderíamos obter licenças vespertinas se fossem necessárias por algum motivo. Na casa, jogamos cartas à noite. Nom tinha jogado nunca até agora; Bordiga afirma que tenho madeira para chegar a ser um bom jogador científico de *scopone*. Reconstruim já umha certa biblioteca e podo ler e estudar. Os livros e os jornais que me chegam causárom umha certa luita entre eu e Bordiga, quem sustenta sem razom que eu som mui desordenado; a traiçom, ele leva a desordem às minhas cousas, com a excusa da simetria e da arquitetura: realmente, já nom dou encontrado nada na simétrica trapalhada que me organizou.

Queridíssima Iulca: escreve-me muito sobre a tua vida e mais sobre as crianças. Assim que podas, manda-me a fotografia de Giuliano. Delka fijo mais progressos? Cresceu-lhe

mais o cabelo? A doença tivo alguma consequência? Escreve-me muito sobre Giuliano. E Genia sanou? Um abraço mui forte

Antonio



(Carta 10)

Milám, 12 de fevereiro de 1927

Queridíssimas<sup>17</sup>,

escrevo para duas a um tempo para utilizar melhor as poucas cartas que me permitem escrever. Saim de Ustica na manhã do 20, repentinamente<sup>18</sup>: quase que nom tivemos tempo de ditar umha breve carta e de enviar um telegrama para avisar-vos. Pensava passar por Roma de caminho; porém, polo que parece foi umha interpretação errada do telegrama em que se comunicava o meu arresto, fum trasladado a Milám por transferência ordinária, e nom extraordinária: assim, andei de viagem dezanove dias. Em Isernina conseguimos enviar um telegrama em que vos avisava da mudança no itinerário. Esta viagem foi para mim um triplo ou quádruplo desafio, quer do ponto de vista moral quer, e especialmente, do físico. Nom quero descrevê-lo ainda polo miúdo, para nom assustar-vos e por nom dar-vos a impressom de estar feito um farrapo. Nes-

17 Tania e Giulia.

18 Depois de sentenciar o desterro, o juiz Enrico Macis do Tribunal Militar de Milám, sob a encomenda do Tribunal Especial, reabriu a instrução relativa a G. e a 14 de janeiro de 1927 pronunciou o mandado de arresto. Após deixar Ustica a 20 de janeiro em «transporte ordinário», G. chegou aos cárceres judiciais de Milám na tarde de dia 7 de fevereiro de 1927. Nos dias 9 de fevereiro, 20 de março e 2 de junho foi interrogado polo juiz Macis.

tes dezanove dias «morei» nos seguintes cárceres: Palermo, Nápoles, Caianello, Isernia, Sulmona, Castellamare Adriatico, Ancona, Bolónia; na noite do dia 7 cheguei a Milám. Em Cajanello e em Castellamare nom há cárceres; «dormim» nas câmaras de segurança do Quartel dos Carabineiros; fôrom as duas noites mais cativas que tenho passado, talvez em toda a minha vida. Em Castellamare apanhei um estupendo resfriado, que neste momento já quase que me passou.

Nas travessias Ustica-Palermo e Palermo-Nápoles o estado do mar era péssimo; porém, nom sofrim. A travessia Palermo-Nápoles merece ser descrita: farei-no noutra carta, quando tiver repensado todos os detalhes e refrescado a memória. A viagem foi em geral para mim como um filme longuíssimo: conhecim umha infinidade de tipos, dos mais vulgares e nojentos, aos mais curiosos e ricos em características de interesse. Entendim o difícil que é compreender a partir de sinais exteriores a verdadeira natureza das pessoas; por exemplo, em Ancona, um velhinho bonacheirom, com face de honesto homem de províncias, perguntou-me se lhe cedia a minha sopa, que eu decidira nom comer; fígem-no com prazer, impressionado pola serenidade dos seus olhos e pola modéstia desenvolta do seu proceder; avisárom-me mais tarde de que era um cabrom nojento: violara a filha.

Quero-vos dar umha visom de conjunto da viagem. Imaginai que de Palermo a Milám se arrasta um imenso verme, que se contrai e se descontraí, que se articula e se desarticula sem parar, deixando em cada cárcere umha parte dos seus aneis, substituindo-os por uns novos, agitando-se à direita e à esquerda das formaçons e incorporando as extraçons no regresso. Este verme tem covis em cada cárcere, que se chamam «tránsitos», onde ele fica entre dous e oito dias, e que

acumulam, fazendo com que calhem, a imundície e a miséria de gerações.

Chegamos, cansos e sujos, com os pulsos doridos polas longas horas de ferros, com a barba comprida, com o cabelo em desordem, com os olhos encovados e cintilantes polo ánimo exaltado e pola insónia; deitamo-nos no chao de terra sobre enxergons que tenhem quem sabe que antiguidade, vestidos, para nom termos contato com a porcaria, tapando-nos o rosto e as maos com os mesmos panos, cobrindo-nos com mantas insuficientes, polo menos para nom congelar-nos. Partimos novamente, ainda mais sujos e cansos, até o novo trânsito, com os pulsos ainda mais lívidos polo frio dos ferros e o peso das cadeias e polo cansaço de transportar, assim arrumados, as nossas bagagens: mas, paciência, agora tudo passou e já descansei.

Estou aqui, numha boa cela, aquecida polo sol, coberto por umha camisola de lá que comprei assim que podem; finalmente tornei a friagem dos meus velhos ossos.

Descreverei-vos noutras cartas alguns dos meus companheiros de cadeia e de viagem: tenho um feixe deles avondo interessante. Reparei nomeadamente num réu condenado a cadeia perpétua, que encontrei em Nápoles, quando estava no pátio; soubem unicamente o seu nome, Arturo, e estes detalhes: que tem 46 anos, que cumpriu já 22 anos de condena, dos quais 10 de segregaçom (isolado) e que é sapateiro remendom.

É um homem lindo, esbelto, de traços finos e elegantes; fala com umha precisom, umha clareza e umha segurança de pasmar. Nom tem umha grande cultura, embora cite amiúde Nietzsche: dizia «Dies irà», redobrando a «a-e». Vim-no em Nápoles, sereno, sorridente, tranquilo; tinha como umha tinta de pergaminho nas tempas e nas orelhas, quer dizer, a pele amarelenta, como curtida. Partiu de Nápoles dous dias antes

do que eu. Vim-no novamente em Ancona, ao chegarmos à estação, sob a chuva: obrigaram-no a fazer a linha Campobasso-Foggia, acho, e nom a de Cajanello-Castellamare, porque sendo um condenado a cadeia perpétua teria tentado a fuga nestes tránsitos, ainda a risco de um disparo de espingarda por parte dos guardas. Cumprimentou-me, ao reconhecer-me ao instante. Vim-no novamente no Registro do cárcere de Ancona: deixaram-lhe as cadeias, porque devia caminhar até a cela, ao ter chegado ao seu destino, e devia atravessar uns pá-tios, embora internos. Mudara completamente desde Nápoles: na verdade, lembrou-me o Farinata: o rosto duro, anguloso, os olhos pungentes e frios, o peito para fora, o corpo todo teso, como umha mola pronta a saltar: apertou-me a maõ duas ou três vezes e desapareceu, engolido pola prisom.

Basta. Vede, laretei como umha lercha. Para já, sabede que estou bem, que nom preciso nada, que estou tranquilo e que aguardo notícias vossas e das crianças. Lembra-se Delio de mim alguma vez? Tendes de enviar-me a fotografia de Giuliano.

Um abraço tenro para todos.

Antonio



(Carta 11)

19/11/1927

Queridíssima Tania,  
desde há um mês e dez dias nom recebo notícias e nom encontro explicaçõs. Como já che escrevim umha semana atrás, ao partir de Ustica, o barco nom chegava desde havia quase dez dias: no barco que me levou a Palermo deviam ter chega-

do a Ustica polo menos um par de cartas tuas, que tinham de ter encaminhado para Milâm; porém, na correspondência que recebim aqui, de volta à ilha, ainda nom encontrei nada teu. Queridíssima, se se tratasse de alguma cousa que depende de ti e nom já (como é possível e provável) de algum obstáculo administrativo, debes evitar inquietar-me assim durante tanto tempo: isolado como estou, qualquer novidade e qualquer interrupção da normalidade levam-me a pensamentos atormentados e penosos. As tuas últimas cartas, recebidas em Ustica, eram verdadeiramente um pouco preocupantes; que som essas preocupações sobre a minha saúde, que chegam até fazer-che estar mal fisicamente? Asseguro-che que sempre estivem bastante bem e que tenho em mim energias físicas que nom podem esgotar-se facilmente, apesar das aparências de fragilidade. Achas que nom quer dizer nada que tivesse levado sempre umha vida extremamente sóbria e rigorosa? Reparo agora no que significa nom ter tido nunca doenças de gravidade e nom ter inferido ao organismo nengumha ferida fatal; podó cansar-me terrivelmente, é verdade; mas um pouco de repouso e de alimento conseguem que recupere rapidamente a normalidade. Em resumo, nom sei o que escrever para conseguir que estejas calma e sá: tenho que recorrer às ameaças? Poderia nom escrever-che mais, sabes?, e fazer com que sintas também tu o que significa a completa falta de notícias.

Imagino-te séria e sombria, sem um sorriso, nem sequer fugidio. Queria fazer de alguma maneira que te alegrasses outra vez. Contarei-che pequenas histórias; o que achas? Por exemplo, quero contar-che algo, a modo de entremês na descrição da minha viagem neste mundo tam grande e terrível, sobre mim mesmo e a minha fama, mui engraçado. Eu nom som conhecido fora de um círculo mui restrito; por isso, o meu nome é deturpado dos jeitos mais inverosímis: Gramas-

ci, Granusci, Grámisci, Granísci, Gramásci, até Garamáscon, com todos os graos intermédios mais estranhos. Em Palermo, durante certa espera para o controlo das bagagens, estivem num depósito com um grupo de operários turineses que se dirigiam para o desterro; junto a eles estava um tipo formidável de anarquista ultra-individualista, conhecido com o sobrenome do «Único<sup>19</sup>», dos que se negam a confiar em ninguém, mas principalmente na polícia e nas autoridades em geral; a sua identificação: «som o Único e basta», eis a sua resposta. Na multidude que aguardava, o Único reconheceu entre os delinquentes comuns (mafiosos) um outro arquétipo, siciliano (o Único devia ser napolitano ou de mais abaixo), detido por motivos vários, entre o político e o comum, e passou às apresentaçõs. Apresentou-me: o outro fitou-me devagar e perguntou enseguida: «Gramsci, Antonio?» Sim, Antonio! — respondim. «Nom pode ser, replicou, porque Antonio Gramsci tem que ser um gigante e nom um homem tam pequeno». Nom dixo mais nada, retirou-se a um cantinho, sentou sobre um assento indescritível e permaneceu, como Mário sobre as ruínas de Cartago, a meditar sobre as suas ilusõs perdidas. Evitou cuidadosamente falar mais comigo durante o tempo em que ainda permanecemos na mesma sala e nom se despediu de mim quando nos separárom.

Há um outro episódio parecido que me aconteceu mais tarde, mas que em minha opiniom é ainda mais interessante e complexo. Estávamos para partir; os guardas das escolta pugeram-nos já os ferros e as cadeias; fora amarrado de umha maneira nova e mui desconfortável, já que os ferros me apertavam os pulsos de forma rígida, o osso do pulso estava fora

19 Do título do livro do filósofo anarquista alemám Max Stirner, *L'Unico e la sua proprietá*, publicado na Itália em 1902.

do ferro e batia contra ele de umha maneira dolorosa. Entrou o chefe da escolta, um primeiro-sargento gigantesco, que ao fazer o reconto se parou no meu nome e perguntou-me se era parente do «famoso deputado Gramsci». Respondim que esse homem era eu próprio e fitou-me com um olhar compassivo, murmurando algo incompreensível. Em todas as paragens sentim que falava de mim, sempre qualificando-me como o «famoso deputado», nos grupos que se formavam em volta do vagom celular (devo acrescentar que mandou que me colocassem os ferros de maneira suportável), a tal ponto que, visto o vento que sopra, pensava, ainda por cima, podia receber umha malheira de algum exaltado. Num determinado momento, o primeiro-sargento, que viajava no segundo vagom celular, passou àquele onde me encontrava eu e travou conversa. Era um tipo extraordinariamente interessante e estranho, cheio de «necessidades metafísicas», como diria Schopenhauer, mas que conseguia satisfazê-las da maneira mais extravagante e desordenada que se poda imaginar. Dixo-me que se imaginara sempre a minha pessoa como «ciclópea» e que se desiludira muito deste ponto de vista. Estava a ler um livro de M. Mariani, o *Equilibrio degli egoismi*<sup>20</sup>, e acabava de ler havia pouco um livro de um tal Paolo Gilles, de confutação do marxismo<sup>21</sup>. Tivem bom cuidado de lhe dizer que o tal Gilles era um

20 A obra citada por G. é de 1924 e expom um confuso projeto de reforma social. Mario Mariani (1884-1951) foi um escritor de certo relevo na primeira pós-guerra, autor de relatos e romances de inspiração erótico-social.

21 Trata-se do *Abozzo di umha filosofia della dignità umana* [Esboço de umha filosofia da dignidade humana], de Paul Gille, e nom Gilles, professor do *Institut de Hautes Études* de Bruxelas. A obra foi publicada na França em 1924 e a tradução italiana é da editora Social é de 1926, como prefácio de Francesco Merlino. A introdução, «O sofisma anti-idealista de Marx», pp. 9-23, contém de facto umha tentativa de refutação do marxismo.

anarquista francês sem qualquer educação científica ou de outro tipo: gostava de escutá-lo falar com grande entusiasmo de tantas ideias e noções disparatadas e inconexas, como poderia falar um autodidata inteligente, mas sem disciplina nem método. Num determinado momento começou a chamar-me de «mestre». Divertim-me muito, como podes imaginar. E assim tivemos a experiência da minha «fama». O que achas? Quase acabei a carta. Queria descrever-che polo miúdo a minha vida aqui. Farei-no esquematicamente. Acordo de manhã às seis e meia, meia hora antes da diana. Preparo um café bem quente (aqui em Milán está permitido o combustível «Meta», mui cómodo e útil): limpo a cela e asseio-me. Às sete e meia recebo meio litro de leite ainda quente, que bebo imediatamente. Às oito saio ao pátio, isto é, saio de passeio, que dura duas horas. Levo um livro, passeio, leio, fumo algum cigarro. Ao meio-dia recebo a comida de fora, assim como à noite recebo a ceia: nom consigo comer tudo, embora coma mais do que em Roma. Às sete da noite vou para a cama e leio até as onze aproximadamente. Recebo durante o dia cinco jornais: *Il Corriere*, *La Stampa*, *Il Popolo d'Italia*, *Il Giornale d'Italia* e *Il Secolo*. Subscrevim-me à biblioteca, com dupla assinatura, e tenho direito a oito livros por semana. Compro aliás alguma revista e *Il Sole*, um jornal económico-financeiro de Milán. De maneira que sempre estou a ler. Lim já as *Viagens de Nansen*<sup>22</sup> e outros livros dos quais che falarei noutra ocasiom. Nom tivemos mal-estares de importância, com a exceção da friagem dos primeiros dias. Escreve-me, queridíssima, e man-

22 Trata-se, mui provavelmente, da obra do cientista e explorador norueguês Fridjof Nansen, *La spedizione polare norvegese. Tra ghiacci e tenebre* [«A expedição polar norueguesa. Entre gelos e trevas»], publicado em Roma entre 1893 e 1896.

da-me notícias de Giulia, de Delio, de Giuliano, de Genia e de todos os demais: e notícias tuas. Um abraço

Antonio

A carta passada e mais esta nom estám franqueadas, porque esquecím comprar a tempo os selos.



(Carta 12)

26 de fevereiro de 1927

Queridíssima mae,

Encontro-me em Milám desde dia 7 de fevereiro, nos cárceres judiciários de San Vittore. Saim de Ustica a 20 de janeiro e foi-me entregue aqui umha carta tua, sem data, mas que deve ser dos primeiros dias de fevereiro. Nom debes preocupar-te por umha mudança nas minhas condiçõs; isso agrava só até certo ponto o meu estado; trata-se apenas de um aumento das maçadas e dos aborrecimentos, mais nada. Também nom quero dizer-che polo miúdo em que consiste a acusaçom que se me fai, pois nem eu próprio a dei compreendido até agora; de algumha maneira, trata-se das habituais questons políticas, polas quais já fora condenado a cinco anos de desterro em Ustica. Fará falta paciência, e eu paciência tenho-a a toneladas, a vagon, a casas (lembras como dizia Carlo quando era pequeno e comia algum doce saboroso? «Queria cem casas»; eu de paciência tenho *kentu domus e prus*<sup>23</sup>).

23 Expressom sarda, «cem casas, e mais».

Ora, também tu terás que ter paciência e valor. Na tua carta, porém, penso que te me mostras num estado de ánimo bem diferente. Escreves que te sentes velha etc. Pois bem, estou certo de que ainda és mui forte e resistente, apesar da tua idade e das grandes penas e os grandes trabalhos polos que tiveche que passar.

*Corrias, corriazzu*, lembrás<sup>24</sup>? Estou certo que ainda nos veremos todos juntos, filhos, netos e talvez, quem sabe, bisnetos, e faremos umha comida grandíssima, com *kulurzones* e *pardulas* e *zippulas* e *pippias de zuccuru* e *figu sigada*<sup>25</sup> (nom desses figos secos, porém, daquela famosa tia Maria de Tadasuni). Achas que Delio gostará dos *pirichittos* e das *pippias de zuccuru*? Acho que sim, e que também ele dirá que quer cem casas delas; nom poderias crer quanto se parece com o Mario e com o Carlo quando era umha criança, polo que eu lembro, nomeadamente com o Carlo, à parte do nariz, que Carlo tinha naquela época mais pequena.

Algumha vez penso em todas estas cousas e gosto de lembrar os feitos e as cenas da infância: encontro nelas muitas dores e muitos sofrimentos, é verdade, mas também algo alegre e formoso. E depois estás sempre tu, querida mamae, e as tuas maos sempre atarefadas por nós, para aliviar as nossas mágoas e para tirar algum proveito de todas as cousas. Lembras as que tramavas para arranjar um café bom, sem cevada e outras porcarias do gênero? Olha: quando penso em todas estas cousas, penso também que Edmea nom terá estas lem-

24 Trocadilho feito com o nome dos Corrias, parentes da mae de G., e *coriazzu*, que em sardo significa «resistente», «duro como o coiro».

25 *Kulurzones* som *ravioli*, pasta fresca recheia de queijo; *pardulas* e *zippulas* som doces típicos sardos. *Figu sigada*, e mais as *pippias de zuccuru*, som pastéis em forma de boneca.

branças quando seja grande e que isso há de influenciar muito o seu caráter, causando nela umha certa indolência e um certo sentimentalismo, que nom som mui recomendáveis nos tempos de ferro e de fogo em que vivemos. Dado que também Edmea terá que abrir-se caminho por si própria, cumpre pensar em fazê-la mais forte do ponto de vista moral, para impedir que continue a crescer rodeada dos costumados elementos da vida fossilizada do rural. Acho que vós tendes que explicar-lhe, com muito tato, naturalmente (porque Nannaro nom se ocupa demasiado dela e parece que a descuida), devedes explicar-lhe como seu pai nom pode voltar hoje do estrangeiro e como isto se deve ao facto de que Nannaro, como eu e muitos outros, pensárom que as muitas Edmeas que vivem neste mundo deviam ter umha infância melhor da que nós passámos e melhor da que ela mesma passa. E devedes dizer-lhe, sem voltas, que eu estou em prisom, igual que seu pai está no estrangeiro. Devedes, certamente, ter em consideração a sua idade e o seu caráter, evitando que a pobre se entristeça demasiado, mas devedes dizer-lhe a verdade na mesma, para que some dessa maneira recordaçõs de fortaleza, de coragem e de resistência às magoas e às voltas que dá a vida.

Queridíssima mae, nom debes preocupar-te por mim e nom debes pensar que eu esteja mal. Na medida do possível, estou bem. Tenho umha cela de pagamento, quer dizer, umha cama bastante boa: tenho até um espelho para me remirar. Recebo de umha cantina dous pratos por dia; de manhã tomo meio litro de leite. Tenho ao meu dispor um pequeno aparelho para requentar os alimentos e fazer-me um café. Leio os jornais polo dia e oito livros por semana, além das revistas ilustradas e humanísticas. Tenho cigarros «Macedonia». Em resumo, do ponto de vista material, nom soffro nengumha fal-

ta destacável. Nom podo escrever o que me parece e recibo os correios de maneira mui irregular, isso sim. Desde fai aproximadamente um mês e meio nom tenho notícias de Giulia e dos meus filhos. Por isso nom podo escrever-che nada sobre eles. Porém, sei que do ponto de vista material estão bem, e que a Delio e Giuliano nom lhes falta de nada.

A propósito, recebeche umha fotografia preciosa de Delio que deviam ter-che enviado? Se a recebeche, escreve-me as tuas impressons.

Queridíssima mai, prometo escrever-che polo menos cada três semanas e ter-te contente; escreve-me também tu e fai que me escrevam Carlo, Grazietta, Teresina, meu pai, Paolo e também Edmea, quem, penso eu, deve ter feito progressos e já deve saber juntar alguma letrinha; cada carta que recebo é para mim um grande consolo e um bom entretenimento.

Um abraço com tenrura para todos; para ti, queridíssima mae, o mais tenro abraço

Nino

O meu endereço é agora: Cárcere judiciário – Milám.



(Carta 13)

19/III/1927

Queridíssima Tania, recebim esta semana dous postais teus; um de dia 9 e outro de 11 de março: porém, nom recebim a carta que mencionas. Achava que recebia a tua correspondência, encaminhada de Ustica: na prática, chegou-me um pacote de livros da ilha e o copista que mos entregou dixo-me que o pacote continha

também cartas sem abrir e postais que deviam passar ainda pola seçom de revisom; espero recebê-las dentro de uns dias.

Agradeço-che as notícias que me mandas sobre Giulia e as crianças; nom consigo escrever diretamente a Giulia, à espera de receber algumha carta sua, também com muito atraso. Imagino o seu estado de espírito, para além do físico, por todo um conjunto de razons; essa doença deveu ser bem angustiosa. Pobre Delio; da escarlatina à gripe, em tam pouco tempo! Escreve tu à avó Lula<sup>26</sup>, e pede-lhe que me escreva umha longa carta, em italiano ou em francês, como puder (de resto, tu podias mandar-me só a tradução), e que me descreva, com todo detalhe, a vida das crianças. Convencim-me a mim mesmo de que as avós sabem descrever as crianças e os seus movimentos melhor do que as maes, de umha maneira real e concreta; som mais objetivas, e depois tenhem a experiência de todo um percurso vital; acho que a tenrura das avós é mais substanciosa que a das maes (porém, Giulia nom deve ofender-se e considerar-me pior do que som!).

Nom sei sugerir-che mesmo nada para Giuliano; neste terreno já me equivoquei umha vez com Delio. Se calhar, eu próprio poderia fabricar-lhe algumha cousa adequada, se pudesse estar perto dele. Decide tu, à vontade, e escolhe algumha cousa em meu nome. Fabriquei nestes dias umha bola com papelom, que está acabando de secar; acho que che será impossível enviar-lha a Delio; de resto, ainda nom dei pensado como é que lhe vou poder dar o verniz, e sem ele desfará-se facilmente por causa da humidade.

A minha vida decorre sempre igual de monótona. Mesmo o estudo é bem mais difícil do que me parecera. Rece-

26 Diminutivo com o que Delio e Giuliano chamavam à sua avó materna, com quem moravam.

bim algum livro e a verdade é que leio muito (mais de um volume por dia, além dos jornais), mais nom é a isto a que me refiro, senom que tento dizer outra cousa. Atormenta-me esta ideia (esta é a condiçom própria dos presos, penso): seria necessário fazer alguma cousa «für ewig»<sup>27</sup>, segundo umha complexa conceçom de Goethe, que lembro tem atormentado muito o nosso Pascoli. Em resumo, eu quereria, segundo um plano pré-estabelecido, ocupar-me intensa e sistematicamente nalgum tema que me absorvesse e centralizasse a minha vida interior. Pensei até agora em quatro temas, e isto é já umha indicaçom de que consigo concentrar-me, a saber: 1º umha pesquisa sobre a formaçom do espírito público na Itália do século passado; por outras palavras, umha pesquisa sobre os intelectuais italianos, as suas origens, os seus agrupamentos por correntes culturais, os seus diferentes modos de pensar, etc., etc. Argumento sugestivo em sumo grau, e que eu naturalmente somente poderei esboçar em grandes linhas, dada a absoluta impossibilidade de ter à minha disposiçom a imensa mole de material que seria necessária. Lembras o rapidíssimo e mui superficial escrito meu sobre a Itália meridional e sobre a importância de B. Croce?<sup>28</sup>. Pois bem, gostaria de desenvolver amplamente a tese que esboçara na altura, de um ponto de vista «desinteressado», *für ewig*. —2º Um estudo de lingüística comparada! Nada menos. Mas que poderia ser mais «desin-

27 «Para a posteridade». No tocante a Pascoli, veja-se o poema «Per sempre», nos *Canti di Castelvecchio*.

28 Trata-se do ensaio, que ficou inacabado, *Alcuni temi della quistione meridionale*, que G. escreveu em outubro de 1926, poucas semanas antes do seu arresto. O manuscrito, que escapou aos registros da polícia, foi recuperado e posto a salvo a começos de 1927 por Camilla Ravera, que o levou para a Suíça. O ensaio foi publicado pela primeira vez na França, na revista do P.C.I., «Stato operário», ano IV (1930), pág. 9 e ss.

teressado» e *für ewig* que isso? Seria questom, naturalmente, de tratar apenas a parte metodológica e puramente teórica do tema, que nom foi nunca tratada de umha maneira completa e sistemática com o novo ponto de vista dos neolingüistas, contrário ao dos neogramáticos. (Darei-che arrepios, querida Tania, com esta carta minha!). Um dos maiores «remorsos» intelectuais da minha vida é a mágoa profunda que causei ao meu bom professor Bartoli<sup>29</sup>, da Universidade de Turim, que estava convencido de que eu era o arcanjo destinado a derrotar definitivamente os «neogramáticos», já que ele, da mesma geração e atado por milhons de fios académicos a essa gentilha de péssimos homens, nom queria ir, nos seus enunciados, para além duns certos limites fixados polas conveniências e pola deferência aos velhos monumentos funerários da erudiçom. —3° Um estudo sobre o teatro de Pirandello e sobre a transformaçom do gosto teatral italiano que Pirandello representou e que contribui para a sua configuraçom. Sabes que eu, muito antes que Adriano Tilgher, descobrim e contribuim para a popularizaçom do teatro de Pirandello? Escrevim sobre Pirandello, desde 1915 até 1920, como para juntar um pequeno volume de 200 páginas<sup>30</sup> e na altura as minhas afirmaçons eram originais e sem precedentes: o Pirandello era aturado por cortesia ou era abertamente ridicularizado. —4° Um ensaio sobre romances de folhetim e o gosto popular em literatura. A ideia véu-me lendo a notícia da morte de Serafino Renzi,

29 Matteo Giulio Bartoli (1873-1946), professor de Linguística na Universidade de Turim.

30 Nas crônicas teatrales escritas para a ediçom turinesa do *Avanti!* entre 1916 e 1920. [Há ediçom galega publicada pola Universidade da Corunha e traduzida por Xesús González Gómez]. Para os estudos de Tilgher sobre o teatro de Piradello, cfr. os recolhidos nos volumes *Voci del tempo*, Librerie di Scienze e Lettere, Roma 1921, e *Studi sul teatro contemporaneo*, ibi., 1923.

diretor de dramas populares, reflexo teatral dos romances de folhetim, ao lembrar quanto me divertira as vezes que fora vê-lo, porque a representação era dupla: a emoção, as paixões desencadeadas, a intervenção do público popular não era, decerto, a representação menos interessante.

Que che parece isto todo? No fundo, para quem observe com atenção, entre estes quatro temas existe uma homogeneidade: a alma criativa do povo, nas suas diferentes fases e graus de desenvolvimento, está na sua base em igual medida. Escreve-me as tuas impressões; confio muito no teu bom senso e no fundamento dos teus juízos. Aborrecim-te?.

Sabes?, para mim escrever substitui as conversas: quando che escrevo, acredito que estou a falar-te de verdade; só que tudo se reduz a um monólogo, porque as tuas cartas, ou não me chegam, ou não correspondem com a conversa iniciada. Por isso, escreve-me cartas, com mais vagar, além dos postais; eu escreverei-te uma carta cada sábado (pode escrever duas por semana) e será um desabafo. Não retomo a narração das minhas aventuras e impressões da viagem, não sei se che interessam; é certo que têm um valor pessoal para mim, em quanto que estão ligadas a determinados estados de ânimo e também a determinados sofrimentos; para fazê-las interessantes para os demais seria necessário, se calhar, expô-las em forma literária; mas eu tenho que escrever de golpe, no pouco tempo em que me deixam o tinteiro e a caneta.

De resto, a plantinha do limoeiro continua a crescer? Não me dige nada mais. E a dona da minha casa, como está? Ou é que morreu? Sempre me esqueço de perguntar-te. A primeiros de janeiro recebim em Ustica uma carta do senhor Passarge, que estava desesperado e achava próxima a morte da mulher; depois não soubem mais nada. Pobre senhora, temo que a cena do meu arresto contribuíra para

acelerar o seu mal, já que me queria bem e estava tam pálida quando me levárom!.

Um abraço, querida, quere-me e escreve-me.

Antonio



(Carta 14)

26 de março de 1927

Queridíssima Teresina,

há só poucos dias entregárom-me a carta que me enviaras a Ustica e que continha a fotografia de Franco. Pudem ver assim, finalmente, o teu pequeninho; dou-che todos os meus parabéns. Mandarás-me também —nom é?— a fotografia de Mimí, e assim estarei mesmo contente. Impressionou-me muito que Franco, polo menos na fotografia, se pareça pouquíssimo com a nossa família: deve parecer-se com Paolo e a sua estirpe campidanese, e se calhar até *maurreddina*<sup>31</sup>; e Mimí com quem se parece? Deves escrever-me com mais vagar sobre os teus filhos, se tiveres tempo, ou polo menos fai que me escreva Carlo ou Grazietta. Franco parece-me mui esperto e inteligente: acho que já fala bem. Em que língua fala? Espero que o deixedes falar em sardo e que nom o incomodedes neste sentido. Foi um erro, para mim, nom ter deixado que Edmea, desde bem pequena, falasse em sardo com liberdade. Isso prejudicou a sua formaçom intelectual e pujo umha camisa de força à sua fantasia. Nom debes cometer este erro com os teus filhos. O sardo nom é um dialeto, mas umha língua de seu, embora

31 *Maurreddu*: chama-se assim em sardo a quem vive na zona de Oristano e Cagliari, e em geral nas regions meridionais de Sardenha.

nom tenha umha grande literatura, e é bom que as crianças aprendam mais línguas, se for possível. À parte que o italiano que lhe ides ensinar, será umha língua pobre, eivada, feita dessas poucas frases e palavras das vossas conversaçons com ele, puramente infantil; ele nom terá contato com o ambiente geral e acabará por aprender duas gírias e nengumha língua: umha gíria italiana para a comunicação oficial convosco e umha gíria sarda, aprendida aos poucos, para falar com as outras crianças e com as pessoas que encontre pola rua ou na praça. Recomendo-te, mesmo de coração, que nom cometas um erro semelhante, que deixes os teus filhos mamarem todo o sardismo que quizerem e que se desenvolvam de maneira espontânea no ambiente natural em que nascêrom: isso nom vai ser um obstáculo para o seu porvir, antes polo contrário.

Delio e Giuliano nom estiverom bem nestes últimos tempos: tivêrom a gripe; escrevem-me que já se repugêrom e que estão bem. Repara em Delio, por exemplo: começou a falar a língua da mae, como era natural e necessário, mas rapidamente foi aprendendo também o italiano, e cantava ainda cançons em francês, sem que por isso confundisse ou misturasse as palavras de umha ou de outra língua. Eu queria ensinar-lhe também a cantar: «*Lassa sa figu, puzone*»<sup>32</sup>, mas as suas tias, principalmente, opugêrom-se com energia. Divertim-me muito com Delio no passado agosto: estivemos juntos umha semana no Trafoi, no Alto Adige, numha choupana de camponeses alemáns. Delio fazia entom dous anos justos, mas estava já mui desenvolvido intelectualmente. Cantava com muito vigor umha cançom: «Abaixo os frades, abaixo os padres» e depois cantava em italiano: «Il mio sole sta fronte a

32 «Deixa o figo, ó pássaro», em sardo.

te» e umha cançom francesa que tinha a ver com um moinho. Convertera-se num entusiasta da procura de amorodos nos bosques e sempre queria correr atrás dos animais. O seu amor polos os animais aproveitava-se de duas maneiras: na música, na medida em que era capaz de reproduzir no piano-forte a gama musical segundo as vozes dos animais, desde o tom de barítono do urso até o agudo do pintinho, e no desenho. Cada dia, quando ia onda ele, em Roma, havia que repetir toda a série: primeiro havia que colocar o relógio de parede sobre a mesa e fazer com que fizesse todos os movimentos possíveis; depois havia que escrever umha carta à avó materna com o debuxo dos animais que o impressionaram durante o dia; mais tarde íamos ao piano e tocava a sua música animalesca; depois jogávamos a diferentes cousas.

Querida Teresina, mencionache na tua carta que a primeira carta que vos enviei desde Roma estava cheia de desánimo. Nom acho ter estado nunca desanimado como pensas. Aquela carta escrevim-na num momento verdadeiramente difícil, relativamente; o dia anterior comunicaram-me a medida de cinco anos de desterro e dixeram-me que em poucos dias teria que partir para Giubaland, na Somália. Com efeito, naquela noite pensei bastante nas minhas possibilidades físicas e de resistência, que na altura nom pudera medir ainda e considerava que eram poucas; é possível que na carta houvesse um reflexo daquele estado de ánimo. Seja como for, debes crer que, embora pudesse sentir naquel momento, como tu dis, um pouco de desánimo, passou-se rapidamente e nom se repetiu mais. Vejo tudo com muita frieza e tranquilidade e, mesmo sem fazer-me ilusons pueris, estou firmemente convencido de que o meu destino nom é apodrecer na cadeia. Tu e os demais tendes que procurar que mamacae esteja alegre (recebim umha carta sua que nom sei como responder) e tendes que

assegurar-lhe que a minha honradez e a minha integridade nom estám de nengum modo em questom: estou no cárcere por razons políticas, nom por razons de honradez. Acho mesmo que acontece o contrário: se nom me importasse com a minha honradez, a minha integridade, a minha dignidade, se, por outras palavras, fosse capaz de ter o que se chama umha «crise de consciência» e de mudar de opiniom, nom teria sido detido nem teria ido para Ustica, isso para começar. Sobre isto devedes convencer a mamae; é mui importante para mim. Escreve-me e fai que todos me escrevam: já nom vim sequer a assinatura de Grazietta; como está?.

Um abraço para Paolo, com afeto; muitos beijos para ti e os teus filhos

Nino



(Carta 15)

4 de abril de 1927

Querida, querida Tania,  
a semana passada recibim dous postais teus (de 19 e de 22 de março) e a carta do 26. Sinto muito ter-te magoado; acho que tampouco tu entendeche bem o meu estado de ánimo, porque nom me expressei bem e sinto que entre nós podam criar-se equívocos. Asseguro-che que nunca, mesmo nunca, me entrárom sequer dúvidas de que pudesses esquecer-me ou pudesses querer-me menos; com certeza, se tivesse pensado, mesmo de longe, umha cousa assim nom che teria escrito mais; esse foi sempre o meu caráter e por isso rompim muitas velhas amizades no passado. Só em pessoa poderia explicar-che a razom do nervosismo que se apoderou de mim, depois de dous meses sem notícias; nem tento sequer fazê-lo por

carta, para nom cair noutros equívocos igualmente dolorosos. Agora tudo passou e nom quero nem voltar pensar nisso. Desde há alguns dias mudei de cela e de rádio (o cárcere está dividido em rádios) como indica também o cabeçalho da carta; antes estava no 1º raio, cela 13; agora estou no 2º rádio, cela 22. A minha situação carcerária, por assim dizer, parece que melhorou. A minha vida decorre, contudo, mais ou menos como antes. Quero descrevê-la para ti um pouco polo miúdo; assim poderás imaginar cada dia o que fago: a cela é ampla como um quartinho de estudante; a olho, calculo três metros por quatro e meio e três e meio de altura. A janela dá ao pátio onde tomamos o ar: nom é umha janela corrente, como é natural; é umha das chamadas «boca de lobo», com grades no interior; pode-se ver somente um pedaço de céu, nom se pode olhar para o pátio ou para os lados. A disposição desta cela é pior que a da anterior, que estava orientada a sul-sudoeste (o sol via-se contra as dez, e às duas ocupava o centro da cela, com umha raio-la de polo menos 60 cm.); na cela atual, que deve estar orientada a sudoeste-oeste, o sol vê-se contra as duas e permanece na cela até tarde, mas com umha faixa de 25 cm. Nesta estação, mais quente, talvez seja melhor assim. De resto: a cela atual está situada sobre a oficina mecânica do cárcere e ouve-se o ruído das máquinas; e porém já me habituarei. A cela é mui simples e mui completa a um tempo. Tenho o catre contra a parede, com dous colchons (um de lá): cambia-se a roupa branca cada quinze dias aproximadamente. Tenho umha mesinha e umha espécie de armário-cómoda, um espelho, umha bacia e umha jarra de ferro esmaltado. Posso muitos objetos de alumínio comprados na seçon que a *Rinascente*<sup>33</sup>

33 A *Rinascente* era (e continua a ser) uns grandes armazéns com sucursais em várias cidades italianas e ao que parece também no cárcere (N. do T.).

organizou no cárcere. Possuo alguns livros de meu; cada semana recebo para ler oito livros da biblioteca do cárcere (dupla assinatura). Para que te fagas umha ideia, fago-che a listagem desta semana, que contudo é excepcional, polo relativo valor dos livros que me tocárom:

1° Pietro Colletta, *Storia del Reame di Napoli* (ótimo); 2° V. Alfieri, *Autobiografia*; 3° Molière, *Commedie scelte*, traduzidas polo senhor Moretti (umha tradução ridícula); 4° Carducci, 2 v. das obras completas (bem medíocre, entre os piores de Carducci); 5° Artur Lévy, *Napoleone intimo* (curioso, apologia de Napoleom como «homem moral»); 6° Gina Lombroso, *Nell'America meridionale* (bastante medíocre); 7° Harnack, *L'essenza del Cristianesimo*; Virgilio Brocchi, *Il destino in pugno*, romance (pom medo); Salvator Gotta, *La donna mia* (ainda bem que é sua, porque é bem aborrecida).

De manhã acordo às seis e meia, às sete tocam diana: café, asseio, limpeza da cela; tomo meio litro de leite e como umha sandes; por volta das oito saimos ao pátio durante duas horas. Passeio, estudo a gramática alemá, leio a *Signorina contadina* de Puškin e aprendo de cor umha vintena de linhas do texto. Compro *Il Sole*, jornal da indústria e o comércio, e leio alguma notícia económica (lim-me todas os relatórios anuais das sociedades anónimas); às terças compro *Il Corriere dei Piccoli*, que me diverte; às quintas o *Domenica del Corriere*; às sextas, o *Guerin Meschino*, supostamente humorístico. Depois do pátio, o café; recibo três jornais, *Corriere*, *Popolo d'Italia*, *Secolo*, que leio (agora o *Secolo* sai à tarde e nom o vou comprar mais, porque já nom vale para nada); o jantar chega a distintas horas, das doze às três; aqueço a sopa (era isso ou massa), como um bocado de carne (desde que nom seja de boi, porque ainda nom consigo comer carne de boi), um panzinho, um pedaço de queijo —nom gosto da fruta— e um quartel de litro de

vinho. Leio um livro, passeio, reflito sobre muitas cousas. Às quatro-quatro e meia recibo outros dous jornais, a *Stampa* e o *Giornale d'Italia*. Às sete ceio (a ceia chega às seis), sopa, dous ovos crus, um quartel de litro de vinho; o queixo nom o dou comido. Às sete e meia toca a silêncio; vou para a cama e leio livros até as onze-doze. Desde há dous dias, contra as 9 bebo umha xícara de chá de macela. (Continuarei no próximo número, porque quero escrever-che sobre outras cousas):

1º Nom me fai falta roupa branca, etc. Já tenho suficiente e nom saberia onde meter outros objetos. Os sapatos que tenho som ótimos; tenho também os chinelos. Para já, o uniforme vai bem como uniforme carcerário. Tenho um abrigo que me ajudou nos messes frios e que agora nom me vale para nada. Tenho todas as tuas colheres e as colheres de café, que me prestárom muito (mesmo sem cabo). Tenho seis ou sete nacos de sabom, escovas, escova de dentes, peites, etc, etc. Verdadeiramente, nom me fai falta nada essencial. A tua chegada aqui, poder-te ver, seria umha grandíssima cousa para mim, bem o podes crer!

No entanto, cumpre saber, em primeiro lugar, se vou ficar aqui; em segundo lugar, é preciso termos a certeza de que che vam dar a licença para a conversa. Deves lembrar que do ponto de vista jurídico nós nom somos parentes, porque o casal nom foi registado na Itália; do ponto de vista jurídico, eu som solteiro e tu nom podes demonstrar que és minha cunhada. Escrevo-che isto porque seria terrível para mim se vinhesses e depois nom pudesses ver-me. Porém, digo-che que nom é impossível termos a conversa; sei que alguns amigos meus tivérom a conversa com as suas companheiras, sem serem juridicamente as suas mulheres; por que entom havia de ser impossível para as cunhadas? Cumpre falar com um advogado: em Milám seria preciso que te dirigisses ao Advogado Arys

(*Via Unione 1*) quem (como escreveu Bordiga desde Ustica) se interessou por mim. Querida Tania, como me alegraria verte; mas nom debes escrever sobre o tema, se nom for certa a possibilidade de termos a conversa; de outra maneira sofreria demasiado a desilusom. Um abraço

Antonio

Escuita, querida, para a correspondência, fagamos assim: eu escrevo-che umha carta cada segunda-feira (neste rádio escreve-se às segundas); tu escreve-me umha carta cada semana e mais dous postais, também ilustrados, e manda-me as cartas de Giulia. Sabes? a ideia da censura epistolar arrebatam-me outra vez a espontaneidade, como nos primeiros dias em Ustica. Espero converter-me num «sem-vergonha» como antes, mas ainda nom o consigo. Escreve a Giulia que penso muito nela e nas crianças, mas que nom consigo escrever, nom dou; escreveria como quem trabalha num escritório e é umha cousa que dá arrepios.



11 de abril de 1927

Queridíssima Tania,

recebim os teus postais de 31 de março e de 3 de abril. Agradeço-che as novas que mandas. Espero a tua chegada a Milám, mesmo se —devo confesá-lo— nom quero contar demasiado com ela. Pensei que nom seria mui agradável continuar a descriçom, iniciada na anterior carta, da minha vida atual. É melhor que che escreva de cada vez o que me anda na cabeça, sem um plano pré-estabelecido. Escrever converteu-se para mim num tormento físico, porque me dam umhas canetinhas horríveis, que riscam o papel e exigem umha atençom obsessiva à parte mecánica da escrita. Pensava que poderia obter o uso permanente da caneta-tinteiro e propugera-me redigir os trabalhos que che mencionara; porém, nom obtivem a licença e anojaria-me insistir. Por isso escrevo apenas nas duas horas e meia ou três em que se despacha a correspondência semanal (duas cartas); naturalmente, nom podo tomar apontamentos, isto é, na realidade nom podo estudar com ordem e com proveito. Leio à custo. Porém, o tempo passa mui rapidamente, mais do que pensara. Decorrêrom cinco messes do dia do arresto (8 de novembro) e dous messes do dia em que cheguei a Milám. Nom parece verdade que tenha decorrido tanto tempo. Porém, é preciso entender que nestes cinco messes as vim de todas as cores e experimentei as impressons mais estranhas e as mais excepcionais da minha vida: Roma: de 8 de novembro até 25 de novembro: isolamento absoluto e rigoroso. 25 de novembro: Nápoles, em companhia dos meus quatro companheiros deputados até o 29 (três, e nom quatro, porque um deles<sup>34</sup>

fora separado em Caserta para as Trémiti). Embarque para Palermo e chegada a Palermo o 30. Oito dias em Palermo: 3 travessias para Ustica sem sucesso a causa do mar bravo. Primeiro contato com os detidos sicilianos da máfia: um mundo novo, que apenas conhecia intelectualmente; verifico e comprovo as minhas opiniões ao respeito, e reconheço-as bastante exatas. O 7 de dezembro, chegada a Ustica. Conheço o mundo dos presos: cousas fantásticas e inacreditáveis. Conheço a colônia dos beduínos da Cirenaica, desterrados políticos: quadro oriental, mui interessante. Vida de Ustica. A 20 de janeiro, parto novamente. Quatro dias em Palermo. Travessia para Nápoles com delinquentes comuns. Nápoles: conheço toda umha série de tipos do maior interesse para mim, que do Sul só conhecia fisicamente Sardenha. Em Nápoles, entre outras cousas, assisto à cena de iniciação à *camorra*: conheço um condenado a prisom perpétua (um certo Arturo) que me deixa umha impressom indelével. Após quatro dias saio de Nápoles; paragem em Cajanello, no quartel dos carabinieri; conheço os meus companheiros de cadeia, que virám comigo até Bolónia. Dous dias em Isernia, com estes tipos. Dous dias em Sulmona. Umha noite em Castellamare Adriatico, no quartel dos carabinieri. Ainda: dous dias com aproximadamente 60 detidos. Organizam-se festas na minha honra; os romanos improvisam um recital bem bonito, Pascarella<sup>35</sup> e bosquejos populares do mundo do crime romano. Pulheses, calabreses e sicilianos desenvolvem umha exhibiçom de esgrima com faca segundo as regras dos Quatro Estados do mundo do crime meridional (o Estado Siciliano, o Estado Calabrês, o Estado Pulhês, o Estado Napolitano): Sicilianos contra Pulheses, Pulheses contra Calabreses.

35 Cesare Pascarella (1858-1940), poeta em romanesco («dialecto» de Roma). Foi também pintor e tentou o género épico-lírico.

Os Sicilianos e os Calabreses nom competem entre si, porque entre os dous estados os ódios som fortíssimos e incluso a exhibiçom acabaria sendo séria e cruenta. Os Pulheses som os mestres de todos: esfaqueadores insuperáveis, com umha técnica cheia de segredos e letal, desenvolvida por e para superar todas as outras técnicas. Um velho pulhês, de sessenta e cinco anos, mui respeitado, mas sem cargo «estatal», derrotou todos os campeons dos outros «estados»; depois, como fim de festa, pelejou com um outro pulhês, jovem, de bom corpo e com umha surpreendente agilidade, alto cargo a quem todos obedeciam, e durante meia hora desenvolvérom toda a técnica habitual em todas as esgrimas conhecidas. Umha cena verdadeiramente grandiosa e inesquecível, por tudo, polos atores e polos espetadores: todo um mundo subterrâneo, bem complexo, com umha vida de seu, com sentimentos, com pontos de vista, com um aquele de honra, com hierarquias férreas e formidáveis, manifestava-se para mim. As armas eram simples: as colheres, polidas contra a parede, de maneira que o cal marcava os golpes no uniforme. Depois de Bolónia, dous dias, com outras cenas; a seguir, Milám. Com certeza, estes cinco meses fôrom movidos e ricos de impressons para um ou dous anos de rumaçons. Isto pode explicar-che como passo o tempo, quando nom leio; penso novamente em todas estas cousas, analiso-as capilarmente, embebo-me deste trabalho bizantino. De outra parte, converte-se tudo em demasiado interessante, o que acontece em volta minha e o que consigo compreender. Certo é que me controlo continuamente, porque nom quero cair nas monomanias que caraterizam a psicologia dos detidos; a isso ajuda-me principalmente um certo trasgo irónico e cheio de humor que me acompanha sempre. E tu que fás, em que pensas? Quem che compra os romances de aventuras, agora que eu nom estou? Sei que leche outra vez as maravilhosas histórias

de Corcoran e da sua gentil Lisotta<sup>36</sup>. Frequentas este ano as aulas do Policlínico? O professor Baronia, é aquele que achou o bacilo do sarampo<sup>37</sup>? Acompanhei as suas lamentáveis vicissitudes; nom compreendim polos jornais se também o professor Cirincione fora suspenso. Tudo isto está, polo menos numha parte, ligado ao problema da máfia siciliana. É inacreditável como os Sicilianos, desde o estrato mais baixo às cimas mais altas, som solidários entre eles e como até os cientistas de valor inegável se situam nas margens do Código Penal por este sentimento de solidariedade. Estou convencido de que realmente os sicilianos som um caso à parte; há maior semelhança entre um calabrês e um piemontês que entre um calabrês e um siciliano. As acusaçons que os meridionais em geral lançam contra os Sicilianos som terríveis: acusam-nos até de canibalismo. Nom teria crido nunca que existissem tais sentimentos populares. Penso que faria falta ler muitos livros sobre a história dos últimos séculos, nomeadamente sobre o período da separaçom de Sicília e o Sul de Itália durante os reinados de José Bonaparte e Joaquim Murat em Nápoles, para encontrar a origem de tais sentimentos. Estou entusiasmado com o gorro; onde conseguiu encontrar-lo? Penso que é o gorro de Orgosolo, vermelho e azul, que eu nom conseguira encontrar. Nom poderei mandar a bola de papelom e igualmente, nem tu vas poder mandar o verniz: acho que é absolutamente impossível, sobretudo o ver-

36 Trata-se de *Les merveilleuses aventures du capitain Corcoran* (1867), o mais célebre dos livros infantís do romancista e jornalista francês Alfred Assolant (1827-1886). Lisotta, ou Louison, é um tigre fémia, companheira inseparável do capitám Corcoran.

37 Giuseppe Caronia, catedrático da Universidade de Roma, fora suspenso temporariamente nas suas funções docentes devido a alguns incidentes acontecidos com doentes da clínica da universidade. Cirincione (1863-1929), professor de oftalmologia da Universidade de Roma.

niz, que pode ser considerado um veneno, conforme o regulamento, e exigiria toda umha série de controlos mui complexos. Ai o tés, olha; um outro objeto de análise mui interessante: o regulamento carcerário e a psicologia que cresce em volta dele, de umha parte, e em volta do contato com os presos, de outra, entre o pessoal de vigilância. Eu achava que duas obras mestras (e digo-o absolutamente a sério) concentravam a experiência milenária da Humanidade no campo da organização das massas: o manual do cabo e o catecismo católico. Estou convencido de que é preciso acrescentar, embora num campo muito mais concreto e de caráter excecional, o regulamento carcerário, que guarda verdadeiros tesouros de introspeção psicológica.

Espero as cartas de Giulia: penso que depois de tê-las lido, conseguirei escrever-lhe diretamente. Nom penses que isto é umha cousa de crianças. Umha notícia importante: desde há alguns dias como muito; porém, nom dou comida a verdura; figem esforços denodados e já renunciei porque me revolve de um jeito terrível.

Seja como for, nom consigo esquecer que ao melhor vés e que talvez (ai de mim!) poderemos ver-nos novamente, embora seja durante uns minutos. Um abraço

Antonio



18 de abril de 1927

Minha queridíssima Iulca,  
escrevo novamente, depois de tanto tempo. Só poucos dias atrás recebim duas cartas tuas: umha de 14 de fevereiro e outra de 1 de março, e pensei muito em ti; figem até um inventário de todas as minhas lembranças, e sabes que imagem me ficou mais impressa? Umha das primeiras, de há muito tempo. Lembras quando te foras do Bosque de Prata<sup>38</sup>, no fim do teu mês de férias? Acompanhara-te até a beira da estrada principal e ficara um bom pedaço a olhar-te, enquanto te afastavas. Acabávamos de conhecer-nos, e contudo já che tinha feito bastantes desprezos e figera-che também chorar; mofava-me de ti com a assembleia dos mouchos e tu pugeras-me a pele de galinha ao tocares Beethoven. Assim te vejo sempre, afastando-te com passos breves, com o violino numha mao e na outra o teu bolso de viagem, tam pitoresco.

Qual é agora o meu estado de ánimo? Escreverei-che mais por extenso as próximas vezes (pedirei escrever umha carta dupla) e procurarei descrever-che os aspetos positivos da minha vida nestes messes (os aspetos negativos fôrom já esquecidos); umha vida interessantíssima, como podes imaginar, polos homens que tivem ao pé de mim e as cenas a que assistim. O meu estado de ánimo geral está marcado pola mais grande tranquilidade. Como podo resumi-lo? Lembras a viagem de Nansen ao Pólo? E lembrás como se levou a cabo? Como

38 Em russo *Serebriany bor*, um lugar das aforas de Moscovo, onde G. passara um período de descanso no verao de 1922 e onde conheceu primeiro a Genia Schucht, também internada ali, e depois a Giulia, que fora visitar sua irmã e dar concertos para os doentes.

nom estou mui convencido de que o lembres, lembrarei-cho eu. Nansen, depois de estudar as correntes marinhas e aéreas do Oceano Ártico e tendo observado que nas praias de Gronelândia se encontravam árvores e resíduos que deviam de ser de origem asiática, pensou que poderia chegar ao Pólo, ou polo menos perto do Pólo, deixando que os gelos transportassem o seu barco. Assim, deixou-se aprisionar polos gelos e durante três anos e meio o seu barco apenas se moveu na medida em que se deslocavam, bem devagar, os gelos. O meu estado de ánimo pode comparar-se com o dos marinheiros de Nansen durante esta viagem fantástica, que sempre me impressionou pola sua conceiçom, verdadeiramente épica.

Consequim explicar-me? (como diriam os meus amigos sicilianos de Ustica). Nom cho poderia explicar de umha maneira mais breve e mais sintética. Portanto, nom te preocupes por esta parte da minha existênciã. Contudo, se quigeres que te lembre sempre com tenrura (estou a brincar, bem o sabes!), escreve-me com mais vagar, descrevendo-me a tua vida e a dos meninhos. Tudo me interessa, incluso os pormenores. E manda-me fotografias, cada tanto. Assim seguirei também com os olhos o desenvolvimento das crianças. E escreve-me sobre ti, muito. Viche alguma vez o senhor Bianco<sup>39</sup>? E viche aquele curioso modelo de africanista que umha vez me prometera um frito de rins de rinoceronte? Quem sabe se se lembra ainda de mim; se o vês, fala-lhe nesse frito e escreve-me as suas respostas; divertirei-me imensamente. Sabes que nom

39 Vincenzo Bianco (nascido em 1889), operário turinês, conheceu a G. nos anos de *L'Ordine nuovo* e fijo parte do grupo de «educaçom comunista», organizado polo próprio G. em 1920 em Turim. Emigrado a Moscovo em abril de 1923, manteve correspondência epistolar com G. e converteu-se em íntimo amigo da família Schucht.

fago outra cousa: pensar no passado e repassar todas as cenas e os episódios mais ridículos; isto ajuda-me a passar o tempo, alguma vez até rio à vontade, sem dar por isso. Querida, Tania anuncia-me outras cartas tuas; como as espero! Saúda todos os teus. Quero-te muito.

Antonio

Tania é mesmo umha ótima rapariga. Por isso a figem sofrer tanto.



(Carta 18)

25 de abril de 1927

Queridíssima mae,  
recebim a tua carta hoje mesmo, que che agradeço muito. Estou mui contente polas boas notícias que me dás, nomeadamente sobre Carlo. Nom sabia quais eram as suas condições no trabalho e na vida. Acho que Carlo é um ótimo rapaz, apesar de algumha falcatuada sua do passado, e acho também que é mais sólido nos negócios do que o eram (e talvez o sejam ainda) tanto Nannaro quanto Mario, que eram dados a ver ganhos fabulosos e a construir castelos no ar por qualquer pequena cousa.

Ai de mim! todos na nossa casa (com a minha única exceção) acreditaram ter umha especial aptitude para os negócios e eu nom queria que todos tivessem umha experiência como aquela famosa do «galinheiro»; lembrás? E Carlo, lembra? Seria preciso lembrar-lha como umha humilhação perpétua para os Gramsci que queiram dedicar-se aos negócios. Eu hei de lembrá-la sempre, também porque aquelas galinhas, que

nom punham nunca, me picárom e estragárom três ou quatro romances de Carolina Invernizio (ainda bom é!)<sup>40</sup>. A minha vida decorre sempre igual. Leio, como, durmo e penso. Nom podó fazer outra cousa. Tu, contudo, nom debes pensar tudo quanto pensas e sobretudo nom debes iludir-te. Nom porque nom esteja seguríssimo de que hei voltar a ver-te e a fazer que conheças os meus filhos (receberás a fotografia de Delio, como che anunciei; mas nom che entregara já Carlo umha no 1925? Quando virá Carlo a Roma? E Chicchinu Mameli<sup>41</sup> deu-che um escudo de prata que lhe enviara a Mea para que fizesse umha colher de café? E umha tabaqueira de madeira especial para ti? (Esqueço sempre perguntar-che estas cousas), mas também porque tenho a certeza total de que serei condenado, e quem sabe a quantos anos. Deves entender que isto nom tem nada a ver, em absoluto, nem com a minha integridade, nem com a minha consciência, nem com a minha inocência ou culpabilidade. É algo que se chama Política, com a qual todas estas belíssimas cousas nom temhem nada a ver. Sabes o que se fai com as crianças que mijam na cama, nom é? Ameaçasse com queimá-las com umha estopa ardendo no estremo da forquilha. Pois bem: imagina que na Itália há umha criança mui gorda, que ameaça continuamente com mijar na cama desta grande mae produtora de cereais e de heróis; eu e algum outro somos a estopa ardendo (ou o farrapo) que se ensina para ameaçar ao impertinente e impedir que ensuje os imaculados lençóis. Visto que as cousas som assim, nom é preciso nem alarmar-se, nem iludir-se; é preciso apenas esperar com grande paciência e resignaçom. Portanto, força, ainda és forte

40 Carolina Invernizio (1851-1916), conhecidíssima autora de romances por entregas, como *La sepolta viva*, umha das mais famosas.

41 Francesco Mameli, conhecido da família Gramsci.

e jovem: havemos de ver-nos novamente. Entretanto, escreve-me e fai que me escrevam os demais: manda-me muitas notícias de Ghilarza, de Abbasanta, de Boroneddu, de Tadasuni e de Oristano. Tia Antioga Putzulu, vive ainda? E quem é o *podestà*?<sup>42</sup> Felle Tariggia, acho. E Nassi que fai? E os tios de Oristano vivem ainda? Sabe tio Serafino<sup>43</sup> que chamei Delio a meu filho? E o hospitalinho rematárom-no? E as casas populares em Careddu, continuárom-nas? Vês quantas cousas quero saber? E fala-se, como penso, em unir Ghilarza a Abbasanta? E sem que os abbasanteses se levantem em armas? E a bacía do Tirso serve finalmente para algo? Escreve-me, escreve-me e manda-me as fotografias, nomeadamente as das crianças. Beijos para todos e muitos, muitos para ti.

Nino

E Grazietta por que nom me escreve nem umha linha?



42 Nome com reminiscências medievais que recebia o Presidente da Câmara municipal durante a época fascista. Semelhante ao nosso «regedor»[N. do T.].

43 Serafino Delogu, primo da mae de G. Proprietário de umha farmácia em Oristano, ajudou e cuidou a G. quando era um rapaz. Anos mais tarde, G. deu aulas a um dos seus filhos, Delio. (ver a carta 24).

25 de abril de 1927

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta do 12 e propugem-me fria e cinicamente fazer-te raivar. Sabes que és umha grande presunçosa? Querocho demonstrar de maneira objetiva e divirto-me já a imaginar a tua cólera (nom te amoles, porém; isso desgostaria-me). Que a carta que me enviache a Ustica estava cheia de erros, é verdade; mas nom se te deve responsabilizar por isso. É impossível imaginar a vida de Ustica, o ambiente de Ustica, porque é absolutamente excecional e está fora de toda experiência normal de convivência humana. Poderias imaginar cousas como esta?; escuita: cheguei a Ustica no dia 7 de dezembro, após oito dias de atraso na chegada do barco e após quatro travessias sem sucesso. Era o quinto desterrado político che chegava. Logo me avisárom de que me aprovisionasse de cigarros, pois as reservas estavam para acabar-se; fum ao tabaqueiro e pedim-lhe dez pacotes de macedónia (dezasseis liras), pondo sobre o balcom umha nota de cinquenta liras. A vendedora (umha mulher jovem, de aparência absolutamente normal) surpreendeu-se pola a minha petiçom, figem que a repetisse, tomou dez pacotes, abriu-nos, começou a contar os cigarros um a um, perdeu a conta, recomeçou, apanhou um fólio, fijo longas contas a lápis, interrompeu-nas, apanhou as cinquenta liras, observou-nas por toda a parte; finalmente perguntou-me quem era. Sabendo que era um desterrado político, deu-me os cigarros e devolveu-me as cinquenta liras, dizendo-me que poderia pagar-lhe depois de ter trocado a nota. O mesmo sucesso repetiu-se noutro lugar e esta é a explicaçom: em Ustica existe unicamente umha economia do peso; vende-se por pesos e nunca se gastam mais de cin-

quenta cêntimos. A unidade económica de Ustica é o preso, que recebe quatro liras por dia, duas das quais estão já empenhadas ao usurário ou ao vendedor de vinho, alimentando-se com as outras duas, comprando trezentas gramas de massa e botando-lhe como condimento um peso de pimenta moída. Os cigarros vendem-se um de cada vez; um macedónia custa dezasseis cêntimos, isto é, três pesos e um cêntimo; o preso que compra um macedónia por dia, deixa um peso em depósito e dele desconta um cêntimo por dia durante cinco dias. Para calcular o preço de cem macedónias, era pois preciso fazer cem vezes o cálculo dos dezasseis cêntimos (três pesos e um cêntimo) e ninguém pode negar que este é um cálculo razoavelmente difícil e complexo. E estava a tabaqueira, isto é, umha das comerciantes mais importantes da ilha. Pois bem: a psicologia dominante em toda a ilha é a psicologia que teria como base a economia do peso, a economia que apenas conhece a soma e a resta das unidades simples, a economia sem a tábua pitagórica. Escuita estoutra (e falo-che apenas de factos que me aconteçom a mim pessoalmente; e falo-che dos factos que julgo nom ham de ser objeto de censura): fum chamado ao escritório polo empregado encarregado da revisom da recepçom do correio; entregárom-me umha carta, dirigida a mim, e pedírom-me que desse explicaçoms sobre o seu conteúdo. Um amigo escrevia-me desde Milám, oferecendo-me um aparelho radiofónico, pedindo-me os dados técnicos para comprá-lo, polo menos com um alcance de Ustica a Roma. A verdade é que nom entendia a pergunta que me faziam no escritório e dixem de que se tratava; acharam que eu queria falar com Roma e negárom-me a licença para que me enviassem o aparelho. Mais tarde, o *podestà* chamou-me pola sua conta e dixo-me que o Concelho compraria o aparelho por própria iniciativa, e por isso nom insistim; o *podestà* era fa-

vorável a que se me concedesse a licença, porque estivera em Palermo e vira que com o aparelho radiofónico nom é possível comunicar-se. Poderias ter imaginado todo isto? Nom. Portanto, na minha observaçom nom havia nem umha sombra sequer de malícia ao teu respeito. Nom se pode pedir a alguém que imagine cousas novas; porém, o que se pode pedir (digo-o assim, por dizer) é exercitar a fantasia, para completar a realidade vivida com os elementos já conhecidos. Eis onde quero golpear-te e fazer-te raivar. Tu, como todas as mulheres em geral, tés muita imaginaçom e pouca fantasia e além disso, a imaginaçom em ti (como nas mulheres em geral) trabalha numha única direçom, naquela que eu chamaria (já te vejo a saltar)... protetora dos animais, vegetariana, de enfermeira: as mulheres som líricas (por elevar-nos um pouco), mas nom som dramáticas. Imaginam a vida dos demais (também dos filhos) do exclusivo ponto de vista da dor animal, mas nom sabem recriar com a fantasia a vida toda dos demais, no seu conjunto, em todos os seus aspetos. (Lembra que eu constato, nom julgo, nem ousa tirar consequências para o futuro; descrevo aquilo que existe hoje). Eis aonde queria chegar. Tu sabes que estou aqui, em prisom, num espaço limitado, onde me «devem» faltar tantas cousas; pensas na casa de banho, nos insetos, na roupa branca, etc. Se eu che escrevesse que me fai falta um dentífrico especial, por exemplo, com certeza serias capaz de correr de cima para abaixo por Roma, de saltares o jantar e a cena, de apanhares febre; estou certo disso.

Escreves anunciando-me umha carta de Giulia; mais tarde voltas escrever-me, anunciando-me outra; depois recebo umha carta tua (e aprecio muito as tuas cartas), mas nom recibo as cartas de Giulia e ainda nom as recebim. Pois bem, nom podes fazer-te bem umha ideia da minha existência aqui na cadeia. Nom imaginas como eu, recebendo o anúncio, espero

cada dia e cada dia tenho umha desilusom, e isso repercute em todos os minutos de todas as horas de todas as jornadas; como eu leio e a cada momento abandono a leitura e me ponho a passear de cima para abaixo e penso e volto pensar e cismo e digo sem parar: Ai, esta Tania, esta Tania! Mas nom debes enfadar-te demasiado, sabe-lo, e também nom debes sentir demasiado desgosto (um pouquinho, sim, contudo; assim envias aginha as cartas, sem anunciá-las antes e sem fazer-me pensar sempre que se perdêrom). Viche quantas voltas dei para dizer cousa tam simples? E quantos contos che contei? Som ruim, mesmo ruim. Mas como nom percebes que eu muitas vezes quero brincar e me respondes tam séria? Sabes quanto me rim quando me respondeche, totalmente séria, a propósito das fotografias que levei à cela? O mesmo quando confundiche os dous santo antónios; também estava a brincar. Umha outra cousa que nom entendeche. Tu, precisamente tu (como pudeche esquecê-lo?) me escreveras que nom devia pensar (visto que nom recebia as tuas cartas) que me quigesses menos ou que me tivesses esquecido. E eu respondim que se tivesse pensado isso, nom che teria escrito mais, como figem alguma vez no passado, nom já porque eu tenha sempre «necessidade de ser amado, cuidado, etc. etc.» (ó, psicologia de... sociedade protetora dos animais!), mas sim porque odeio todo quanto é convencional e que cheira às rotinas dos escritórios. Eu nom som um angustiado que deva ser consolado; nunca me converterei nisso. Mesmo antes de que me enviassem para a cadeia, conhecia o isolamento e sabia encontrá-lo mesmo no meio das multitudes. Nom é isso, nom é o que pensache. Na verdade, é justamente o contrário. Umha carta tua enche-me bastantes jornadas. Se pudesses ver-me quando recebo umha carta, certamente havias de escrever umha por dia (mas isso seria mau, aliás). Mas já chega de todo isto.

Entretanto, nesta semana nom podó escrever para Giulia. Sabes? O teu pacote chegou, e vim as cousas tam bonitas que me enviache: porém, só me dérom o chocolate. Nom se exclui, contudo, que também me entreguem o resto: é preciso fazer umha petiçom, que já está em andamento. O chocolate é ótimo: como-o em pedazinhos, por causa dos dentes (eis umha cousa que che interessa: dérom-me o chocolate, mas nom o papel de cores do envoltório, precisamente porque se pode utilizar para tingir: contudo, a bola tem umha cor natural de papelom, mui útil agora que está completamente enxuita).

O endereço de minha mae é este: Peppina Gramsci, Gharza (Cagliari); escrevo-lhe hoje mesmo anunciando-lhe a fotografia. Receberás (polo que me asseguram) um pacote de uva de Pantelleria para Delio e Giuliano; verás que uva maravilhosa; nada a ver com a uva grega! Deixo-che que comas umhas poucas, para que o comproves. Giulia estará mui contenta e Delio quererá comê-la todo depressa. Asseguro-che que esta uva me surpreendeu polo arrecendo, o sabor e a carnosidade da sua polpa seca. Querida Tania, nom te azougues demasiado; quero-te muito, muito, e desesperaria-me bastante magoar-te de maneira demasiado intensa. Um abraço

Antonio



(Carta 20)

23 de maio de 1927

Queridíssima Tania, recebim na semana passada um postal teu e mais umha carta, além da carta de Giulia. Quero tranquilizar-te no que respeita à minha saúde: estou bastante bem e falo a sério. De facto, nesta última semana como com umha responsabilidade que

me surpreende a mim mesmo: conseguimos que me dessem quase que toda a comida como eu gosto e creio que até engordei. Aliás, desde há algum tempo dedico um pouco de tempo, tanto de manhã como de tarde, à ginástica; ginástica de quarto, que não creio que seja muito racional, mas que me presta muitíssimo igualmente ou assim me parece. Fago assim: procuro fazer movimentos que impulsionem todas as articulações e todos os músculos, em ordem e procurando aumentar cada semana em alguma unidade o número de movimentos; que isto é útil demonstra-se, para mim, em que nos primeiros dias me sentia todo dorido e só podia fazer certos movimentos pouquíssimas vezes, enquanto agora já conseguimos triplicar o número de movimentos sem experimentar nenhuma moléstia. Acho que esta inovação me prestou também psicologicamente, distraíndo-me principalmente das leituras demasiado aborrecidas e feitas apenas para matar o tempo. Também não deves crer que estude a mais. Um autêntico e adequado estudo acho que é impossível para mim, por muitas razões, não apenas psicológicas, mas também técnicas; é muito difícil abandonar-me completamente a um tema ou a uma matéria e aprofundar somente nela, precisamente como se faz quando se estuda de verdade, para captar todas as relações possíveis e uni-las harmonicamente. Se calhar começa a acontecer-me algo nesse sentido no que diz respeito do estudo das línguas, que procuro fazer de maneira sistemática, quer dizer, sem descuidar nenhum elemento gramatical, como não fizera até agora, já que me contentava com saber o suficiente para falar, e nomeadamente para ler. Por isso não che escrevi até agora que me enviasses nenhum dicionário: o dicionário alemão de Kohler, que me enviaste a Ustica, perdêrom-no os meus amigos de lá; escreverei-te que me envies o outro dicionário, o *Langescheid*, quando tiver estudado toda a gra-

mática; escreverei entom que me envie também os *Gespräche* de Goethe com Eckermann, para fazer análises da sua sintaxe e estilo, e nom apenas para ler; neste momento leio os contos dos irmaos Grimm, que som mui básicos. Estou mesmo decidido a estudar as línguas de que me ocupo de maneira predominante; quero retomar de maneira sistemática, após o alemám e o russo, o inglês, o espanhol e o português, que estudara pouco e mal em anos passados; para além do romeno, que estudara na universidade apenas na sua parte neolatina e que agora penso que podó estudar completamente, quer dizer, também com a parte eslava do seu dicionário (que de resto é mais de 50% do vocabulário romeno). Como vês, todo isto demonstra que estou completamente tranquilo, também no aspeto psicológico; de facto, nom soffro mais dos nervos, nem de acessos de cólera surda, como nos primeiros tempos; aclimatei-me e o tempo passa bastante depressa; penso em semanas, nom em dias, e a segunda-feira é o ponto de referência, porque escrevo e fago a barba, operaçõs eminentemente rotineiras.

Quero fazer-che um catálogo da minha biblioteca permanente, isto é, dos livros da minha propriedade, que manejo continuamente e que tento estudar. Vejamos. O *Corso di Scienza delle Finanze* da Einaudi, eis um sólido livro para digerir de forma sistemática. Sobre finanças tenho também *Gli ordinamenti finanziari italiani*, coletânea de palestras pronunciadas na Universidade de Roma por técnicos da administração estatal; ótimo livro e de grande interesse. Umha *Storia dell'Inflazione*, escrita por Lewinsohn, mui interessante, ainda que de tipo jornalístico. Um livro sobre a *Stabilizzazione monetaria nel Belgio* escrito polo ministro Frank. De economia nom tenho nengum texto: tinha em Ustica aquele tam bom de Marshall, se bem que os amigos ficárom com ele. Porém,

tenho as «*Prospettive economiche*» de Mortara para 1927; a «*Inchiesta Agraria*» de Stefano Jacini; o livro de Ford *Oggi e domani*, que me diverte bastante, porque Ford, embora seja um grande industrial, parece-me bastante cómico como teórico; o livro de Prato sobre a estrutura económica do Piemonte e de Turim e um fascículo dos «*Annali di Economia*» com umha pesquisa mui diligente sobre a estrutura económica da região de Vercelli (zona arrocceira italiana) e umha série de conferências sobre a situação económica inglesa (há também umha conferência de Loria). De história tenho pouquíssimo, e o mesmo no caso da literatura: um livro de Gioachino Volpe sobre os últimos cinquenta anos de história italiana, embora atual, de caráter principalmente polémico, *La storia della lett. italiana* e os *Saggi critici* de De Sanctis. Aqueles que tinha em Ustica tiveram que deixar-lhos aos amigos de lá, que se encontravam também em dificuldades.

Quigem-che escrever isto tudo porque acho que é a melhor maneira de que tanto tu quanto Giulia vos fagades umha ideia, polo menos aproximada, da minha vida e do curso ordinário dos meus pensamentos. De resto, nom devedes pensar que esteja completamente só e isolado; todos os dias, de umha maneira ou de outra, há algum movimento. De manhã tenho o passeio; quando me toca umha boa posição no pátio pequeno, observo os rostos dos que vam e dos que venhem ocupar os outros pátios pequenos. Depois vendem os jornais permitidos a todos os presos. De volta para a cela, trazem-me os jornais políticos que me permitem ler; depois fago a compra, mais tarde trazem a compra feita o dia anterior, a seguir trazem o almoço, etc., etc. Em resumo, vem-se continuamente novos rostos, cada um dos quais esconde umha personalidade que adivinhar. De resto, poderia, renunciando à leitura dos jornais políticos, estar na companhia de outros

presos durante quatro ou cinco horas por dia. Pensei-no um pouco, mas logo me decidim a estar só, mantendo a leitura dos jornais; umha companhia ocasional divertiria-me durante alguns dias, se calhar durante umha semana, mas depois, com toda a probabilidade, nom conseguiria substituir a leitura dos jornais. O que achades? Ou é que a companhia, em si e por si, vos parece um elemento psicológico que deva apreciar mais? Tania, como doutora tu debes dar-me um conselho, mesmo de caráter técnico, porque é possível que eu nom seja capaz de julgar com a objetividade se calhar necessária.

Esta é, pois, a estrutura geral da minha vida e dos meus pensamentos. Nom quero falar dos meus pensamentos dirigidos a vós todos e às crianças: esta parte devedes imaginá-la, e penso que a sentides.

Querida Tania, no teu postal falas-me outra vez da tua chegada a Milám e da possibilidade de que nos vejamos na conversa. Será verdade desta vez? Sabes que já vam mais de seis meses sem ver nengum familiar? Nesta ocasiom espero-te a sério. Abraços.

Antonio



(Carta 21)

6 de junho de 1927

Queridíssima mae,  
recebim a tua carta de 23 de maio. Agradeço-cho, porque me escreveche com vagar e mandache muitas notícias interessantes. Devias escrever-me sempre assim e mandar-me sempre muitas notícias sobre a vida local, mesmo se a ti nom che parece que tenham demasiada importância. Por exemplo: es-

creves que vam anexionar a Ghilarza outros oito concelhos; mas quais som? E depois: que significado tem esta anexaçom e quais som as suas consequências? Haverá um único *podestà* e um único governo municipal, mas as escolas, por exemplo, como se organizarám? Manterám-se em cada um dos concelhos atuais as escolas elementares, ou bem as crianças de Narbello ou de Domusnovas terám de ir cada dia a Ghilarza, também no ensino primário? Estabelecerám um imposto municipal único? Os impostos que os proprietários de terra ghilarzeses paguem em todos estes concelhos vam-se gastar nas diferentes paróquias ou vam-se gastar se para embelecer Ghilarza?

Esta é a questom principal, na minha opiniom, porque no passado o orçamento municipal de Ghilarza era paupérrimo, pois os seus habitantes tinham propriedades no território dos concelhos próximos e pagavam neles a maior parte dos impostos locais. É disto que debes escrever-me, em lugar de pensar sempre na minha posiçom crítica, triste etc., etc. Eu gostava de tranquilizar-te deste ponto de vista. Entendamos: nom é que pense que a minha posiçom é mui brilhante, mas sabes que cada cousa tem um valor que depende também do nosso modo de ver e de sentir. Em definitivo, estou mui tranquilo e vejo tudo com umha grande calma e umha grande confiança, nom nos acontecimentos imediatos que me atingem, mas sim no meu porvir futuro; estou convencido, como já escrevim a Teresina, de que nom terei de ficar por sempre a murchar na cadeia; eu penso, assim, ao chou, que vou ficar dentro nom mais de três anos, embora me condenem, ponhamos, a vinte anos. Vês que te escrevo com a máxima sinceridade, sem tentar criar-che nengumha ilusom; penso que só assim também tu serás forte e terás paciência. Debes pois estar absolutamente tranquila quanto às minhas condiçoms de força

moral e também de saúde física. No que di respeito à força moral, já me conheces um pouco. Lembra aquela vez (se calhar nom cho dizem na altura) que figemos umha aposta entre rapazes para ver quem resistia mais golpes nos dedos: batimos neles com umha pedra até que saiu umha pinga de sangue na ponta.

Talvez agora nom seja capaz já de resistir estas provas selvagens, mas certamente conseguimos ter umha maior capacidade para resistir as marteladas na cabeça que os acontecimentos me trouxérom e que ainda me trarám. Pensa que desde os dez anos, mais ou menos, me encontro num ambiente de luita e que me figem bastante forte; poderia ter sido assassinado umha dúzia de vezes, mas ainda estou vivo: já é um ganho incalculável. De resto, fum feliz durante algum tempo; tenho dous filhos bem bonitos, que com certeza som educados e crescem como eu gosto, para chegar a ser dous homens enérgicos e fortes. Portanto, estou tranquilo e calmo, e nom necessito em absoluto nem compaixom nem consolo. E fisicamente também estou bastante bem. Nestes seis meses vim-nas e passei-nas de todas as cores, e descobrim que fisicamente também som muito, muito mais forte do que eu mesmo pensava. Tenho a certeza de poder resistir também no futuro e por isso tenho também toda a certeza de que voltarei a abraçar-te e a ver-te contente.

De tanto em tanto tenho nostalgia de Giulia e dos nossos filhos, e sei que están bem. Tenho a certeza de que as crianças som educadas também com demasiadas comodidades e cuidados: sua mae, os avôs e as tias privariam-se do pam desde que nom lhes faltassem a eles as bolachas e a roupinha bonita. De Nannaro nom conseguimos saber nada preciso, nunca: sabia apenas que morava em París, que trabalhava e mais nada. Nannaro nom está bem da cabeça, está raro e acho que foi

precisamente ele quem nom quijo que soubesse nada dele, porque se calhar pensou que eu me enfadara com ele, por ter cobrado o meu salário durante cinco ou seis messes sem me dizer nada, enquanto eu estava ingressado no sanatório. Assim o penso eu, polo menos; e por isso acho que nom está bem. Eu sabia em que estado se encontrava, como fora ferido pola minha causa e nem teria pensado botar-lho na cara ou pedir-lhe um peso<sup>44</sup>.

Querida mamae, sê forte, fica tranquila e nom sejas demasiado feroz com os abbasanteses. Abraço-te afetuosamente  
Nino



(Carta 22)

8 de agosto de 1927

Queridíssima Tania, recebim a tua carta de 28 de julho e a carta de Giulia. Nom recebia cartas desde 11 de julho e estava mui preocupado, tanto que figem algo que che há de parecer umha parvoíce, mas que nom che quero contar; já cho contarei quando vinheres à conversa.

Lamento que te sintas moralmente cansa. Lamento-o muito mais na medida em que estou convencido de ter contribuído para a tua depressom. Querida Tania, tenho sem-

44 Pedir-lho a Gennaro («Nannaro»). Gennaro trabalhou na administração do jornal *L'Ordine Nuovo*; espancado até sangrar polos fascistas no dia 18 de dezembro de 1922, na Câmara do Trabalho de Turim, e posto a salvo de maneira corajosa por umha camarada turinesa, Pia Carena, emigrando afinal para a França e a Bélgica.

pre um grande temor a que estejas pior do que me escreves e que podas ver-te, pola minha causa, nalgumha dificuldade. Este é um estado de ánimo que nom pode ser destruído por nada, porque está radicado em mim. Sabes que no passado levei sempre umha vida de urso na caverna, justamente por esse estado de ánimo, já que nom queria que ninguém se visse relacionado com as minhas adversidades. Procurei também que a minha família me esquecesse, escrevendo para a casa o menos possível.

Já chega! Gostava de fazer algo que polo menos che fizesse-sorrir. Contarei-che a história dos meus pardalinhos. Deves saber que tenho um passarinho e que tivem outro que morreu, acho que envenenado por algum insecto (umha barata ou umha centopéia). O primeiro pardalinho era muito mais simpático do que o atual. Era mui orgulhoso e de umha grande vivacidade. O atual é modestíssimo, de ánimo servil e sem iniciativa. O primeiro converteu-se rapidamente no amo da cela. Acho que tinha um espírito eminentemente goethiano, como lim numha biografia sobre esse homem. *Ueber allen Gipfeln*<sup>45</sup>: conquistava quanta altura havia na cela e depois deixava-se estar durante alguns minutos para saborear umha paz sublime. Subir ao tampo de umha garrafinha de tamarindo era umha teima sua constante; e por isso caiu umha vez num recipiente cheio das borras do café e estivo bem perto de afogar. Do que gostava desse pardal era de que nom queria que o tocassem. Revolvia-se ferozmente, com as asas extendidas, e picava a mao com grande energia. Estava domesticado, mas nom permitia demasiadas confidências. O curioso é que a relativa familiaridade nom foi gradual, mas imprevista.

45 «Sobre todos os cumes», primeiro verso da composição de Goethe *Ein Gleiches*, e título de umha antologia goethiana.

Movia-se pola cela, mas sempre no extremo oposto a mim. Para atraê-lo, oferecia-lhe umha mosca numha caixinha de mistos; só a apanhava quando eu ficava longe. Umha vez, em vez de umha, havia na caixinha cinco ou seis moscas; antes de comê-las dançou freneticamente em volta durante alguns segundos; a dança repetia-se sempre que as moscas eram muitas. Umha manhã, voltando do passeio, encontrei-me o pardal mui perto; nom se afastou mais, quer dizer, desde entom ficou sempre ao pé de mim, olhando-me atentamente e vindo cada pouco a picar nos sapatos para que lhe desse algo. Mas nom se deixou nunca apanhar com a maõ sem revirar-se e tentar fugir rapidamente. Morreu devagar, isto é, tivo um ataque imprevisto: essa tarde, enquanto permanecia acaçapado baixo a mesinha, berrou justo como umha criança, mas só morreu no dia a seguir: tinha o lado direito paralisado e arrastava-se penosamente para comer e beber; depois, de repente, morreu. O pássaro atual, polo contrário, é de umha domesticidade nojenta; sempre quer que lhe dem de comer, mesmo se come perfeitamente por si mesmo; vem onda o sapato e mete-se no pregue das calças: se tivesse as asas inteiras voaria até o joelho; vê-se que quer fazê-lo, porque se estica e se agita e depois vai até o sapato. Penso que também este vai morrer, porque tem o costume de comer as pontas queimadas dos mistos, à parte de que comer sempre pam molhado deve provocar a estes pardalinhos umhas moléstias mortais. Para já, ele tem boa saúde, mas nom é vivaz; nom corre, fica sempre perto e já apanhou involuntariamente algum ponta-pé. E esta era a história dos meus pardalinhos.

Escreverás também a Giulia por mim, nom é? Pensei em escrever-lhe diretamente; que che parece? Seria o mesmo, mas como fazer para escrever cada semana a ti e a Giulia por separado? Toda a minha correspondência estaria já coberta; por

outro lado, quero escrever-che a ti cada semana. Querida Tania, quero-te muito. Um abraço

Antonio



(Carta 23)

12/IX/1927

Queridíssima Tania,

recebim as tuas duas cartas; cada dia recebo a fruta que me mandas. Alegrei-me muito de ver-te e por poder trocar contigo algumas palavras. Foi mesmo um consolo ver-te, após estes quatro meses de ánsias e de maus pensamentos. Por que me encontrache mudado? Eu nom o dou notado. É verdade que as mudanças, com esta vida, se sucedem tam lentamente que o «doente» pode nom senti-las. Tenho a impressom de que tu nom mudache grande cousa; talvez demasiado ansiosa polo medo de me veres, nom é? Eu, polo contrário, penso que desenvolvim o sentido da frieza e da indiferença externas, que perdim muito do meu «meridionalismo». Nom acho que me tenha convertido num insensível, antes polo contrário; talvez adquirisse, em troca, um pouco de sensibilidade nervosa e doentia, mas perdim o hábito externo da sensibilidade. É verdade que me lembraste Giulia; reparei em que vos parecedes muito, apesar de alguns traços importantes de personalidade próprios e inconfundíveis. Além disso, lembras que umha tarde em Roma che dirigim a palavra crendo que eras Giulia?

Nom sei quando poderei ter a segunda conversa. Gostaria de dizer-che em pessoa, melhor que da outra vez, que nom debes preocupar-te mais por mim. Sabes que passárom já dez meses desde o dia do meu arresto? O tempo passa bem rá-

pido, é verdade, mas também se fai bem longo. Penso que já impugem demasiados sacrificios a meus irmaos e também a ti. Nom podo contar mais com o meu irmao Mario. Compreendim-no há um mês, logo de umha carta de minha mae. Minha mae escrevia que recebera umha carta da mulher de Mario, com muitos lamentos, etc. Escrevim-lhe a Mario que vinhesse à conversa; pareceu-me mui incómodo. Após a conversa, escreveu à minha aldeia, para o meu irmao Carlo, de maneira mui preocupante, polo que podo imaginar. Carlo escreveu-me como se eu estivesse à beira da tumba; falava em vir a Milám e até pensou em trazer a minha mae, umha mulher perto dos setenta anos, que nom se moveu nunca da aldeia e que nunca viajou de trem mais de 40 quilómetros. Cousas mais próprias de um manicómio, que me magoárom e me irritárom um pouco também com Mario, que bem podia ser mais sincero comigo e nom aterrorizar a nossa velha mae.

Já chega. Por todo isto decidim pôr fim a este estado das cousas, limitando-me, se for preciso, à simples comida do cárcere. Porém, há temas pendentes e preocupam-me bastante. Desculpa o desabafo, querida Tania, e nom te angusties. Podes ver que che escrevo mesmo como a umha irmã e em todo este tempo foche para mim mais que umha irmã. Por isso também te atormentei um pouco, nalgumha ocasiom. E nom é seica verdade que se atormenta precisamente aqueles que nos som mais queridos?. Quero que fagas de todo para curar e sanar. Desta maneira, poderás escrever e ter-me informado de Giulia, das crianças e consolar-me com o teu afeto.

Já recebim as 300 liras que me enviache em junho; penso que já cho devim ter escrito. Ainda nom me entregárom o dicionário alemám; mas por que o enviache? Podia prescindir dele por enquanto, à espera de poder ter o meu. Em termos gerais, nom debes mandar-me nada que eu nom che pida ou

cujo envio nom me tenham concedido. Confia em que esta é a linha mais racional, à parte do facto, como tu dis, de que eu nunca pido nada. Nom é verdade; eu, quando o necessito, pido-o; mas procuro fazê-lo de maneira racional, para nom criar-me maus costumes que depois é mais doloroso abandonar. Para viver tranquilo no cárcere é preciso habituar-se ao puramente necessário; entende bem que qualquer pequena comodidade, neste ambiente, se converte numha espécie de vício que depois é difícil extirpar, dada a ausência de distrações. Se se quizer permanecer forte e manter intata a própria capacidade de resistência, é preciso impor-se um regime e segui-lo firmemente. Por exemplo: porque sofri tanto com o teu silêncio? Porque me habituara a umha certa regularidade na correspondência: qualquer irregularidade adquiria por isso um significado sinistro. Mas este costume da correspondência regular, contudo, debes criar-mo, sabes? Nom penses que che autorizo a nom escrever-me, com a teoria dos nom-costumes!

Queridíssima, aguardo a nova conversa, embora nom podamos nem dar-nos a mao. Aliás, sabes que durante muito tempo pensei em dar-che alguma flor crescida na minha cela (estás a ver que romantismo carcerário!)? Mas as plantas secárom e por isso nom podem conservar nengumha das cinco ou seis florzinhas que abriram, bastante feias, para dizer a verdade.

Abraço-te, com afeto

Antonio



12/IX/1927

Queridíssimo Carlo,

recebim juntas a tua carta de 30 de agosto e mais a registrada de 2 de setembro. Agradeço-cho de todo coração. Nom sei o que che escreveu Mario; tenho a impressom de que te preocupou demasiado, enquanto eu achava que a sua visita teria contribuído para tranquilizar a maae. Enganei-me.

A tua carta de 30 de agosto, pois, é até mesmo dramática. Quero, de agora em adiante, escrever-che amiúde, para procurar convencer-te de que o teu estado de ánimo nom é digno de um homem (e tu nom já és tam jovem). É o estado de ánimo de quem é presa do pánico, de quem vê perigos e ameaças por toda a parte, e que por isso devém impotente para agir com seriedade e para vencer as dificuldades reais, assim forem concretizadas e discernidas das imaginárias, que só a fantasia criara.

E antes de mais, queria dizer que tu, como o resto da família, me conheces bem pouco e por isso tés umha opiniom completamente errada sobre a minha capacidade de resistência. Acho que foi há quase vinte e dous anos quando deixei atrás a família; dos catorze anos em diante fum por casa apenas duas vezes, no 1920 e no 1924. Ora, em todo este tempo nunca levei umha vida de senhor; antes polo contrário; tenho passado amiúde períodos péssimos e incluso passei fome, no sentido mais literal da palavra. Em certos momentos é preciso dizer estas cousas, porque [ ... ]<sup>46</sup> consegues tranquilizar. Provavelmente algumha vez tiveche inveja de mim, porque eu podem estudar. Mas tu, com certeza, nom conheces de que

46 Palavras ilegíveis no manuscrito.

maneira podem estudar. Somente quero lembrar-che o que me aconteceu nos anos de 1910 a 1912. No 10, visto que Nannaro arranjava um emprego em Cagliari, fum onda ele. Recebim o primeiro soldo, mas depois nom recebim mais nada: tudo ficava a cargo de Nannaro, que nom ganhava mais de 100 liras por mês. Mudámos de pensom. Eu tinha um quarto pequeno que perdera toda a cal pola humidade e tinha somente umha janela que dava para umha espécie de poço, mais latrina do que pátio. Rapidamente reparei em que nom podíamos sair adiante polo mau humor de Nannaro, que a tomava sempre comigo. Comecei a nom tomar mais o pouco café da manhã, logo fum adiando o jantar para mais tarde e assim poupávamos a ceia. Durante aproximadamente oito meses comim assim, umha única vez por dia, e cheguei ao fim do 3º ano da secundária em condições mui graves de desnutriçom. Somente no fim do ano escolar soubem que existia a bolsa de estudo do Colégio Carlo Alberto, mas no concurso era preciso examinar-se de todas as matérias dos três anos de Secundária; portanto, devia fazer um esforço enorme nos três meses das férias. Somente o tio Serafino reparou nas deploráveis condições de fraqueza em que me encontrava, e convidou-me a morar com ele em Oristano, como professor de passantias de Delio. Ali fiquei um mês e meio, e por pouco nom toleio. Nom podia estudar para o concurso, porque Delio me absorvia completamente e a preocupação, unida à fraqueza, me fulminava. Escapei às agachadas. Tinha só um mês de tempo para estudar. Partim para Turim como se estivesse num estado de sonambulismo. Tinha apenas 55 liras no bolso; gastara 45 das 100 liras que me deram na casa na viagem em terceira classe. Era pola Exposiçom, e devia pagar 3 liras por dia somente polo quarto. Devolvêrom-me o importe da viagem em segunda classe, umhas oitenta liras, mas nom era

para estar tam contente, porque os exames duravam perto de quinze dias e só polo quarto devia pagar umhas cinquenta liras. Nom sei como figem para me examinar, porque esvaecim duas ou três vezes. Conseguim-no, mas começárom outra vez os problemas. De casa tardárom por volta de dous meses em enviar-me os documentos para a inscriçom na universidade, e como suspendim a inscriçom, suspenderam-me também as 70 liras mensais da bolsa. Salvou-me um porteiro, que me encontrou umha pensom de 70 liras, onde me fiárom; eu estava tam deprimido que queria que a polícia me enviasse para a casa. Assim é que recebia 70 liras e gastava-as por umha pensom misérrima. E passei o inverno sem um casaco, com um traje de meia estaçom, bom para Cagliari. Contra o mês de março de 1912 decaíra tanto que já nom dei falado durante meses: ao falar trabucava as palavras. Ainda por cima, morava justo à beira do Dora e a geadá dava cabo de mim.

Porque che escrevo todo isto? Para que te convenças de que já me encontrei outras vezes em condiçoms terríveis, sem por isso desesperar. Toda esta vida endureceu-me o caráter. Convencim-me de que mesmo quando todo está ou parece perdido, é preciso pôr-se novamente maos à obra tranquilamente, recomeçando do início. Convencim-me de que é sempre preciso contar apenas com um mesmo e com as próprias forças; nom esperar nada de ninguém e nom procurar-se portanto desilusons. Que é necessário propor-se fazer somente o que se sabe e o que se pode fazer, e seguir o próprio caminho. A minha posiçom moral é ótima: haverá quem acredite que som um sataná e quem acredite que som quase um santo. Eu nom quero ser um mártir nem um herói. Simplesmente, creio ser um homem médio, que tem as suas convicçoms profundas, e que nom as muda por nada no mundo. Poderia-che contar alguma anedota divertida. Nos primeiros meses que passei

aqui, em Milám, um vigilante perguntou-me ingenuamente se era verdade que eu, se tivesse trocado de bandeira, teria chegado a ser ministro. Respondim-lhe sorrindo que ministro era um pouco de mais, mas que subsecretário dos Correios ou de Obras Públicas poderia tê-lo sido, dado que tais eram as encomendas que nos governos se faziam aos deputados sardos. Sacudiu os ombros e perguntou-me entom por que nom me convertera num troca-tintas, tocando-se a fronte com o dedo. Tomara a sério a minha resposta e cria-me louco de atar.

Portanto, alegria! E nom te deixes asobalhar polo ambiente sardo e de aldeia: é sempre preciso ser superiores ao ambiente em que se vive, sem por isso desprezá-lo ou crer-se superiores. Compreender e razoar, nom choromicar como umhas mocinhas! Compreendes? Devo ser precisamente eu, que estou em prisom, com umhas perspetivas bastante feias, a encorajar um mocinho que se pode mover livremente, que pode aplicar a sua inteligência ao trabalho diário e tornar-se útil? Abraço-te afetuosamente junto a todos os da casa.

Nino

Manda-me o me que prometeche assim que puderes, porque o necessito de verdade. Espero que nom tenha que recorrer à tua ajuda num tempo.



26 de setembro de 1927

Queridíssima Tania,

pensara escrever esta carta para Giulia. Mas nom o consigo, nom dou; nem consigo começar. Estou ainda baixo o efeito da sua última carta, recebida por mim, de 31 de maio, mas é um efeito certamente anacrónico. Penso que nestes messes a vida de Giulia deveu sofrer muitas mudanças, visto que Giuliano começaria a falar e a andar, e ela terá experimentado outra vez, mas com novos matizes, as impressons dos primeiros movimentos de Delio, que hoje deve ser já um espetador sensato das altas empresas de seu irmaozinho; da mesma maneira, todas as relaçons sentimentais se complicárom com novidades fundamentais de enorme alcance. Nom achas? Portanto, eu nom iria ao compasso; desentoaria, com certeza: isso preocupa-me e tira-me a iniciativa. Pensas realmente que Giulia estará mui doída por nom ter recebido diretamente as minhas cartas? (Olha que nom quero pôr em dúvida a sua sensibilidade!). Eu penso nisso, mas seja como for, nom dou. É mesmo necessário ter alguma carta sua mais recente. Porém, podemos fazer assim: fazer-lhe chegar esta carta, por exemplo. Lendo-a, ela há compreender perfeitamente o meu estado de ánimo e há de perdoar-me. Se calhar, nem julga necessário um verdadeiro perdom. Neste momento deveria escrever um grande elogio da sua bondade, mas alguém poderia pensar que o fago a propósito *ad captandam benevolentiam!*.

Querida Tania, espero encontra-te um pouco melhor que a última vez; pareceu-me que estavas com algo de febre. Aguardo-te na quarta-feira.

Um abraço

Antonio

10 de outubro de 1927

Queridíssima Tania,

depois da conversa da quinta-feira, pensei com calma e decidi escrever-che aquilo que nom tiveim a coragem de dizer em pessoa. Creio que nom deves ficar mais tempo em Milám por mim. O sacrifício que fás é demasiado desproporcionado. Nom poderás recuperar a saúde com este clima húmido. Para mim, certamente, é um grande consolo ver-te, mas nom achas que depois nom vou pensar constantemente no teu aspeto doentio e nom hei de sentir remorsos, por ser a causa e o objeto do teu sacrifício? Acho ter adivinhado o motivo principal da tua vontade de ficar: pensas que poderás partir no mesmo trem em que serei trasladado e que poderás, durante a viagem, tratar de procurar-me, de alguma maneira, umha certa comodidade. Adivinhei? Pois bem: este motivo nom vai ter nengumha hipótese prática de se manifestar. As disposiçõs para a transferência serám certamente mui severas e a escolta nom vai permitir de maneira nengumha que os «cristaos» se preocupem polos detidos. (Abro um parêntese para explicar-che que os presos e os detidos dividem as pessoas em duas categorias: «cristaos» e presos ou detidos). A tua proposiçom seria inútil e talvez prejudicial, porque poderia causar desconfiança e um aumento da severidade e do rigor. Só conseguirias viajar nas piores condiçõs, chegando a Roma doente para outros quatro meses. Queridíssima Tania, acho que é preciso sermos práticos e realistas, também na bondade. Nom é que esgotes a tua bondade, mas esgotas as tuas energias e as tuas forças; e eu nom poddo consentir isso por mais tempo. Refletim sobre o tema, mesmo durante muito tempo e teria que ter-cho dito em pessoa; quando te

vim, pensei que se calhar iria afligir-te mais e faltou-me a coragem.

Querida, abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 27)

17 de outubro de 1927

Queridíssima Tania,  
recebim antes de ontem a tua carta de 27 de setembro. Alegrame que gastes de Milán e que che ofereça possibilidades de lazer. Visitache os museus e as galerias? Porque do ponto de vista da sua estrutura urbana, penso que a curiosidade deve esgotar-se bastante depressa. A diferença fundamental entre Roma e Milán penso que consiste precisamente nisso: Roma é inesgotável como «panorama» urbano, enquanto Milán é inesgotável como *chez soi*, como vida íntima dos milaneses, que som mais tradicionais de quanto se pensa. Por isso, Milán é pouco conhecida polos habituais forasteiros, se bem que tem atraído fortemente homens como Stendhal, que puderam penetrar nas suas famílias e nos seus salons, conhecê-la intimamente. O seu núcleo social mais consistente é a aristocracia, que soubo conservar umha homogeneidade e umha coesom únicas na Itália, enquanto os outros grupos, incluídos os operários som, mais ou menos, acampamentos ciganos sem estabilidade e estrutura, com camadas pertencentes a todas as variedades regionais italianas. Esta é a força e a debilidade nacional de Milán, empório gigantesco da indústria e do comércio, dominados na prática por umha elite de velhas famílias aristocratas, que tenhem a força da tradição de governo local

(ligado a esta situação, deves saber que Milám tem até um culto católico de seu, o culto ambrosiano, do qual os velhos milaneses som mui devotos).

Desculpa a digressom. Mas sabes que som um grande fascinado e que me deixo arrastar por qualquer tema que me interessa.

Com respeito aos livros: naturalmente, nom deves levar encima tanto peso como bagagem. Acho que é mesmo melhor enviases os livros para o meu endereço do Cárcere de Roma, de maneira que a visita do cobrador de impostos e da polícia se faga no cárcere.

Tenho no depósito umha mala de fibra e umha bolsa de viagem, bastante adequadas; serám suficientes. Para o meu uso pessoal, há de chegar umha funda de almofada, onde meter a roupa branca e os objetos indispensáveis. Farei a petição para que che entreguem estas cousas na porta. Na mala devo ter: um termo —que nom me fai falta, porque nom podo utilizá-lo—, umhas embalagens de leite Nestlé, uns pedaços de sabom, além do relógio e a caneta estilográfica, que podem estropiar-se se nom forem utilizados. Poderás guardá-los e utilizá-los, se bem que o relógio está longe de ser elegante e moderno (a propósito: Giulia tentou em várias ocasiões conseguir a cadeinha, que na verdade é pior que o relógio, e nunca lha dei precisamente porque me parecia um capricho extravagante).

Escreve-me mais impressons de Milám. Abraço-te afetosamente. Aguardo-te.

Antonio



7 de novembro de 1927

Queridíssima Iulca,  
recebim as tuas duas cartas, escritas por volta de metade de setembro. Esquecimos assim o longo período de tempo decorrido sem notícias tuas. No entanto, é mui feio estar tanto tempo assim, sem notícias. Já não me dou orientado, por exemplo: sinto-me um bocado confuso e terei ainda que fazer um certo esforço para tirar a surdina dos meus pensamentos e dos meus sentimentos. Não deves impressionar-te por estas palavras. Certamente, ando algo torpe e quero descrever-te exatamente o meu estado de ánimo. Deves ajudar-me a desnovelar-me pouco a pouco. Deves escrever-me com mais vagar, e sempre que che for possível, sobre a tua vida e sobre a das crianças, da qual ignoro tudo, salvo as genéricas notícias sobre a sua saúde.

Abraço-te com tenrura

Antonio



14 de novembro de 1927

Querida Giulia,  
quero pelo menos saudar-te cada vez que me permitem escrever. Decorreu um ano desde o dia do meu arresto e quase um ano do dia em que che escrevimos a primeira carta do cárcere. Mudei muito neste tempo: penso que estou mais forte e melhor adaptado. O estado de ánimo que me dominava quando che escrevimos essa primeira carta (não quero tentar sequer descrevê-lo, porque che horrorizaria) faz-me agora rir um bocado. Penso que Delio deveu ter durante este ano a possibi-

lidade de receber impressões que o acompanharão durante toda a vida; isso fai-me estar alegre. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 30)

21 de novembro de 1927

Queridíssima Tania,

recebim os seguintes livros: Francesco Crispi: *I Mille*; Broccardo, Gentile, etc.: *Goffredo Mameli e i suoi tempi*; C. Mauras: *L' «Action Française» et le Vatican*. Esquecim, na última conversa, de agradecer-che o lenço e de dar-che os devidos parabéns. Na minha opinião, os gansinhos quedárom-che de maravilha. Nom lembro se che contei algumha vez a história dos lenços bordados por Genia; eu divertia-me imensamente burlando-me dela, afirmando que as andorinhas ou o resto de ornamentos do bordado eram sempre lagartijas. E na verdade, tanto os ornamentos como os números daqueles lenços, tinham umha tendência notável a assumirem aspetos saurianos: Genia inquietava-se mesmo por ver desprezados o mérito dos seus labores femininos. Sendo leais, devo reconhecer que os teus labores, polo contrário, estão bem feitos e renovo os meus parabéns.

Queria escrever-che com vagar sobre a questom do novo uniforme. Para mim é umha questom completamente ociosa. É preciso ter presente que o julgamento se celebrará num prazo relativamente próximo e que depois da condena e da transferência para umha penitenciaria, a administração carcerária entrega a roupa regulamentar de presidiário. É verdade que o regulamento utiliza, a propósito disto, umha fórmula bas-

tante vaga; di mais ou menos assim: «O detido será rasurado e vestirá com um casaco, *se for o caso*». Pareceria que podem existir exceções. Mas eu nom tenho nengumha prevençom específica contra o casaco e nom farei petiçons especiais para ser umha «exceçom». Para que, entom, fazer um fato novo? Para o julgamento, como poderiam dizer que o meu atual casaco é umha exhibiçom «demagógica», porei o fato que tenho no depósito e que está num estado bastante decente. Naturalmente, nom quero pelejar contigo sobre um tema assim, nem quero contrariar-te; parto de pressupostos absolutamente utilitários, que podem ser corrigidos e modificados apenas pola preocupaçom de nom contrariar-te. Abraço-te com tenrura

Antonio



(Carta 31)

21 de novembro de 1927

Queridíssima Giulia,  
no pátio onde vou dar o passeio regulamentar, na companhia do resto de presos, houve umha exposiçom de fotografias dos filhos de cada um. Delio tivo um grande sucesso e foi mui admirado. Desde há alguns dias, já nom estou isolado, mas numha cela normal, com outro preso político, que tem umha filha pequena de três anos, simpática e educada, que se chama Maria Luisa. Segundo um costume sardo decidimos que Delio casará com Maria Luisa mal tenham chegado os dous à idade matrimonial; que che parece? Naturalmente, esperamos o consenso das duas maes para darmos ao contrato um maior valor de compromisso, embora isso constitua umha grave der-

rogação dos costumes e dos princípios do meu país. Imagino que sorrir e isso fai-me feliz; só consigo com grande dificuldade imaginar-te sorridente.

Abraço-te com tenrura, querida.

Antonio



(Carta 32)

12/XII/1927

Queridíssima mae,

recebim a tua carta de 30 de novembro, depois de quase um mês sem receber mais notícias. Seria bom que me escrevesse ou que fignesse que me escrevessem cada quinze dias, polo menos; chegaria incluso com um único postal. Na vida que estou obrigado a levar, a ausência de notícias converte-se em occasions num autêntico tormento.

Nom sei que mais escrever para te consolar e fazer que estejas tranquila. Nom debes duvidar nunca sobre a minha tranquilidade. Nom som umha criança nem um monicreque, nom achas? As minhas convicçons, que nom fôrom, certamente, nem caprichos passageiros nem improvisaçõs do momento regulárom e dirigirom sempre a minha vida. É por isso que, mesmo o cárcere era umha possibilidade que devia enfrentar, embora nom como umha leve diversom, sim como umha necessidade de facto, que nom me punha medo como hipótese e nom me envilece como estado real das cousas. Aliás, também as minhas condiçõs de saúde, que nos primeiros tempos me preocupavam um pouco, hoje tranquilizam-me. A experiência provou-me que som bem mais forte, também fisicamente, de quanto eu mesmo achava; tudo isto contribui para me fazer

ver o futuro próximo com frieza e serenidade. Gostaria de que também tu te convencesse disso.

Recebim notícias, bastante boas, das crianças e de Giulia. Delio desenvolve-se mui bem. Com três anos e quatro meses já mede um metro e vem-lhe estreito o pequeno fato para crianças de cinco anos comprado em Roma; o desenvolvimento intelectual é paralelo a este desenvolvimento físico tam prometedor.

Se quizeres mandar um pacote a Tatiana, penso que seria bem que o encaminhes à senhora com quem mora: — Senhora Isabella Galli — *Via Montebello, 7, Milám,* — no caso de umha saída prevista para Roma, que se fai cada dia mais provável. O pacote, na melhor das hipóteses, dado que o tempo é limitado e dada grande quantidade de pacotes que viajam por ocasiom das próximas festas, poderá chegar para o fim de ano ou para Reis; é por isso que, seria bom que nom envies cousas que se estraguem rapidamente.

Muitas felicidades polas festas de Natal; espero que as passedes sem tristeza e que pensedes que com certeza conseguiremos festejar ainda muitos Natais juntos, comendo muitas cabeças de cabrito ao forno. Abraço-te com tenrura junto aos demais da casa

Nino



26/XII/1927

Queridíssima Tania,

e assim passou também a festa do Natal, que imagino o trabalhosa que deveu ser para ti. Na verdade, pensei no seu caráter extraordinário apenas deste ponto de vista, o único que me pudo interessar. Nom houvo nada destacável, salvo umha geral tensom dos ánimos em todo o ambiente do cárcere; podia-se notar como o fenómeno se vinha gestando desde havia umha semana inteira. Todos esperavam algo excecional, e a espera determinava toda umha série de pequenas manifestaçõs típicas que davam no conjunto esta impressom de um pulo vital. Para muitos, a exceçom era umha porçom de *pasta asciutta* e um quartel de vinho que a administraçom passa três vezes por ano, em vez da habitual sopa: mas que acontecimento importante é este, contudo. Nom creias que me divirto ou que me rio disto. Teria-o feito, se calhar, antes de ter passado a experiênciã do cárcere. Mas vim demasiadas cenas como vedoras de presos que comiam o seu prato de sopa com religioso pesar, arrepanhando com a miga de pam até o último rasto de preve que pudesse ficar colado à louça! Um detido chorou porque num quartel dos guardas, onde estávamos de passagem, em lugar da sopa regulamentar distribuírom apenas umha porçom dupla de pam; desde havia dous anos estava no cárcere e a sopa quente era para ele o seu sangue, a sua vida. Entende-se porque o Pai Nosso pom o acento no pam de cada dia.

Pensei na tua bondade e na tua abnegaçom, querida Tania. Mas a jornada decorreu um pouco como todas as demais. Se calhar, parolámos menos e limos mais. Eu lim um livrinho de Brunetière sobre Balzac, umha espécie de castigo para

meninhos maus. Mas nom quero aborrecer-te com este tema. Antes polo contrário, quero contar-che um episódio quase natalício da minha infância, que te divertirá e que che oferecerá um traço caraterístico da vida na minha terra.

Tinha catorze anos e fazia o terceiro ano de *Ginnasio*<sup>47</sup> em Santu Lussurgiu, umha aldeia a uns 18 quilómetros da minha, e onde creio que existe ainda um *ginnasio* municipal, verdadeiramente em péssimo estado. Eu e outro rapaz, para ganharmos vinte quatro horas com a família, saímos no dia 23 de dezembro ao caminho, depois de comer, a pé, em vez de esperar a diligência da manhã seguinte. Caminha que te caminha, estávamos aproximadamente na metade da viagem, num sítio completamente deserto e solitário; à esquerda, a uns cem metros do caminho, alongava-se umha fileira de choupos com matogueiras de lentiscos. Disparárom-nos um primeiro disparo de espingarda sobre a testa; a bala assobiou a uns dez metros de altura. Achávamos que era um disparo casual e continuámos tranquilos. Um segundo e um terceiro disparo mais baixos advertírom-nos rapidamente que estávamos mesmo no ponto da mira e por isso nos deitamos na berma, permanecendo ocultos um pedaço. Quando provámos a erguer-nos, outro disparo, e assim durante umhas duas horas, com umha dúzia de disparos que nos seguiam enquanto nos afastávamos de rastos, cada vez que tentávamos voltar ao caminho. Era mui possivelmente um grupo de moicanos que queria divertir-se assustando-nos; que bonita brincadeira, nom é? Chegámos a

47 Desde 1877, o ensino primário e obrigatório na Itália era de três anos, indo dos seis aos nove anos; o ensino secundário estava dividido entre o *Ginnasio*, de cinco anos (a cargo dos concelhos), seguido do *Liceo*, de três anos (a cargo do Estado); ao liceu só se podia ir nas capitais da província, equivalente à comarca galega ou ao concelho português. [N. do T.]

casa com noite fechada, discretamente cansos e enlameados e nom contámos a história para ninguém, por nom assustar a família, mas nós nom nos assustamos grande cousa, dado que nas seguintes férias do entroido a viagem de a pé foi repetida sem incidentes de nengumha classe. E olha como enchem quase por inteiro as quatro folhinhas!

Abraço-te com tenrura.

Antonio

Mas a história é mesmo verdade; nom se trata em absoluto de umha história de bandoleiros!



(Carta 34)

2 de janeiro de 1928

Queridíssima Tania,  
e assim também começou o ano novo. Teria de fazer programas de vida nova, segundo o costume; mas por muito que o pense, ainda nom conseguimos organizar um programa assim. Foi sempre esta umha grande dificuldade na minha vida desde os primeiros anos de atividade académica. Nas escolas elementares, todos os anos por esta altura estabeleciam como tema de composição a pergunta: «O que faredes na vida?». Árdua pergunta, que resolvim a primeira vez, com 8 anos, escolhendo a profissom de arrieiro. Parecia-me que o arrieiro unia todas as características do útil e do agradável: estalava o chicote e guiava os cavalos, mas ao mesmo tempo desempenhava um trabalho que enobrece o homem e que lhe procura o pam diário. Permanecim fiel a esta orientação também no ano seguinte, mas por razons que chamaria extrínsecas. Se ti-

vesse sido sincero, teria dito que a minha mais viva aspiração era a de converter-me em porteiro de um tribunal. Por que? Porque naquele ano vinhera à minha aldeia como porteiro de tribunal um senhor maior que tinha um cadelinho negro simpatiquíssimo, enfeitado sempre com um lacinho vermelho na cola, gualdrapinha no lombo, colar envernizado e arreios na cabeça. Eu mesmo não conseguia separar a imagem do cadelinho da do seu proprietário e da sua profissão. E porém renunciei, com muito pesar, a embalar-me nesta perspectiva que tanto me seduzia. Era de uma lógica formidável e de uma integridade moral, capaz de fazer corar os mais grandes heróis do dever. Sim, considerava-me indigno de converter-me em porteiro do tribunal e ter portanto cadelinhos tão maravilhosos: não sabia de cor os 84 artigos do Estatuto do reino! Assim mesmo. Figura a segunda classe elementar (primeira revelação das virtudes cívicas do arrieiro!) e pensava fazer no mês de novembro os exames de isenção, para passar à quarta saltando a terceira classe: estava convencido de ser capaz de muito, mas quando me apresentei diante do diretor didático para lhe apresentar a petição protocolar, senti que me fazia a queima-roupa a pergunta: «Mas, sabes os 84 artigos do Estatuto<sup>48</sup>?» Nem pensava nestes artigos: limitara-me a estudar as noções de «direitos e deveres do cidadão» contidas no livro de texto. E foi para mim uma terrível repreensão, que me impressionou tanto mais pelo facto de no dia 20 de setembro anterior ter participado pela primeira vez no desfile comemorativo com uma lanterna veneziana, e gritado como os demais: «Viva o leão de Caprera! Viva o morto de Stagli-

48 Está a falar do Estatuto real, um remedeo de constituição do Reino de Sardenha, (que incluía o Piemonte), com capital em Turim, núcleo do Reino de Itália [N. do T].

no<sup>49</sup>!» (Nom lembro se se gritava o «morto» ou o «profeta» de Staglieno: talvez, as duas cousas, por variar!), certo como estava de aprovar o exame e de conquistar os títulos jurídicos para o eleitorado, convertendo-me num cidadão ativo e completo. Contudo, nom conhecia os 84 artigos do Estatuto. Que cidadão era entom? E como podia aspirar ambiciosamente a converter-me em porteiro de tribunal e possuir um cam com o lacinho e a gualdrapa? O porteiro de tribunal é umha pequena peça do Estado (eu pensava que era umha grande peça); é um depositário e um guardador da lei, também contra os possíveis tiranos que a quigessem pisar. E eu ignorava os 84 artigos! Assim é que limitei os meus horizontes e, mais umha vez, exaltei as virtudes cívicas do arrieiro que podia, no entanto, ter um cam também ele, mesmo que fosse sem lacinho e sem gualdrapa. Olha como os programas pré-estabelecidos de maneira demasiado rígida e esquemática batem, e depois rompem, contra a dura realidade, quando se tem umha consciência vigilante do dever! Querida Tania, parece-che que nom fum ao rego? Ri e desculpa-me. Um abraço.

Antonio



20 de fevereiro de 1928

Queridíssima Teresina,

recebim a tua carta de 30 de janeiro e a fotografia dos teus filhos. Estou-che agradecido e estaria mui contente se recebesse mais cartas tuas.

A pior desgraça da minha vida atual é o aborrecimento. Estas jornadas sempre iguais, estas horas e estes minutos que se sucedem com a monotonia de umha pingueira e que acabárom por corroer-me os nervos. Polo menos, os primeiros três meses após o arresto fôrom mui movidos: empurrado de um extremo ao outro da península, embora fosse com muitos sofrimentos físicos, nom tinha tempo para o aborrecimento. Sempre novos espectáculos que observar, novos tipos excepcionais que catalogar: parecia-me que vivia realmente num romance fantástico. Mas agora, desde há mais de um ano, estou parado em Milám, num ócio forçoso. Podo ler, mas nom podo estudar, porque nom me permitem ter papel e caneta-tinteiro à minha disposiçom, nem com toda a vigilância pedida polo chefe<sup>50</sup>, dado que passo por ser um terrível indivíduo, capaz de pôr lume aos quatro cantinhos do país, ou quase. A correspondência é a minha maior distracçom. Mas mui pouca gente me escreve. Aliás, há um mês minha cunhada adoeceu e nem sequer tenho a conversa semanal com ela.

Preocupa-me muito o estado de ánimo de mamac; além disso, nom sei como fazer para tranquilizá-la e consolá-la. Gostaria de lhe infundir o convencimento de que estou mui tranquilo, como estou realmente, mas vejo que nom o consigo. Há toda umha zona de sentimentos e de maneiras de

50 O «chefe», isto é, o Chefe do Governo, Benito Mussolini.

pensar que se converteu numha espécie de abismo entre nós. Para ela, o meu encarceramento é umha desgraça tam terrível como misteriosa nas suas concatenaçõs de causas e efeitos; para mim, é um episódio da luta política que se combatia e se continuará a combater nom apenas na Itália, mas em todo o mundo, durante quem sabe quanto tempo ainda. Estou preso assim como durante a guerra se podia cair prisioneiro, sabendo que isto podia acontecer e que podia acontecer também algo pior. Mas temo que também tu penses como mamae e que estas explicaçõs che pareçam umha adivinha, exprimida aliás numha língua desconhecida.

Observei com calma a fotografia, comparando-a com aquelas que me mandaras anteriormente.

(Tivem que interromper a carta para me fazer a barba; já nom lembro o que queria escrever e nom tenho vontade de repensá-lo. Outra vez será).

Saudaçõs afetuosas para todos. Um abraço.

Nino



(Carta 36)

27 de fevereiro de 1928

Queridíssima Tania,  
por umha felicíssima conjunçom de astros favoráveis, entregárom-me o 24 a tua carta do 20, junto à carta de Giulia. Admirei a tua competência no diagnóstico, mas nom caim na trampa subtil da tua arte literária. Nom achas que seria preferível empregar a própria competência noutros temas e nom sobre um mesmo? (Nom é por desejar-lhe mal ao próximo, entenda-se, se de próximo se pode falar neste caso. Leche e

estudache bem as ideias de Tolstoi? Devias confirmar-me o significado preciso que Tolstoi dá à noçom evangélica de «próximo». Em minha opiniom, limita-o ao significado literal, etimológico da palavra: «quem está mais perto de ti, quer dizer, os da tua família e, no máximo, os da tua aldeia»). Em resumo, nom conseguiche mudar as minhas cartas na mesa, pondo-me diante, como demonstraçom, as provas da tua competência como médica, para fazer que refletisse menos na tua condiçom de doente. Sobre a flebite, aliás, criei-me umha cultural especial, já que nos últimos quinze dias de residência em Ustica tivem que escutar as longas disquisiçons de um velho advogado perugino que a sofria e que fijo que lhe enviassem quatro ou cinco publicaçons a propósito. Sei que se trata de um mal bastante grave e mui doloroso; terás verdadeiramente a paciência necessária para curar bem, sem pressa? Espero que sim. Eu podu contribuir para conseguir que tenhas paciência, escrevendo-che cartas mais longas do habitual. É um pequeno esforço que nom me custará grande cousa, se te contentares com a minha tagarelice. E afinal, afinal estou muito mais aliviado do que antes.

A carta de Giulia tranquilizou mais o meu estado de ánimo. Hei de escrever-lhe à parte, com algo mais de vagar, se for possível, porque nom lhe quero discutir e aliás, nom vejo como vou poder escrever-lhe com mais vagar sem discutir. Achas justo, de facto, que nom me escreva quando está mal ou está angustiada? Eu acho que, precisamente em tais circunstâncias, deveria escrever-me mais e com mais vagar. Mas nom quero converter esta carta numha série de reproches.

Para fazer-che passar o tempo, contarei-che umha pequena discussom «carcerária» que se desenvolveu por etapas. Um tipo, que devia ser evangelista ou metodista ou presbiteriano (lembrei-me dele a propósito do tal «próximo») estava mui

indignado, porque se permitia circular ainda polas nossas cidades a esses pobres chineses que vendem pequenos objetos, com certeza fabricados em série na Alemanha, mas que dam a impressom aos compatriotas de incorporarem polo menos um pedacinho do folclore do Catai. Segundo o nosso evangelista, o perigo para a homogeneidade das crenças e das maneiras de pensar da civilização ocidental era grande: trata-se, em sua opiniom, de umha inserçom da idolatria asiática no cepo do cristianismo europeu. As pequenas imagens de Buda acabariam por exercer umha fascinação especial, que poderiam ser como um reativo sobre a psicologia europeia, exercendo um pulo para novas formaçons ideológicas totalmente diferentes da tradicional. Que um elemento social como o evangelista mostrasse nas suas palavras preocupaçons semelhantes, era verdadeiramente interessantíssimo, mesmo se tais preocupaçons tinham umha origem mui longínqua. Porém, nom foi difícil metê-lo num beco, sem saída para ele, fazendo-lhe observar:

1º. Que a influência do budismo sobre a civilização ocidental tem raízes muito mais profundas do que parece porque durante toda a Idade Média, desde a invasom dos árabes até por volta de 1200, a vida de Buda circulou por Europa como a vida de um mártir cristao, santificado pola Igreja, a qual só depois de bastantes séculos reparou no erro cometido e desconsagrou o pseudo santo. A influência que pudo ter exercido um episódio assim naquele tempo, quando a ideologia religiosa estava mui viva e constituía a única maneira de pensar das massas, é incalculável.

2º. O budismo nom é umha idolatria. Deste ponto de vista, se existir um perigo, é antes o constituído pola música e pola dança dos pretos importado por Europa. Esta música conquistou na verdade todo um estrato da população euro-

peia culta, criou até um autêntico fanatismo. Neste momento, é impossível imaginar que a repetição continuada dos gestos físicos que os pretos fazem ao dançar em volta dos seus ídolos ou o facto de terem sempre nos ouvidos o ritmo sincopado das *jazz-bands*, não tenha consequências ideológicas; a) trata-se de um fenómeno enormemente difundido, que atinge milhões e milhões de pessoas, nomeadamente jovens; b) trata-se de impressões muito enérgicas e violentas, isto é, que deixam pegadas profundas e duradouras; c) trata-se de fenómenos musicais, quer dizer, de manifestações que se espreguem na linguagem mais universal hoje existente, na linguagem que comunica mais rapidamente imagens e impressões totais de uma civilização não só estranha à nossa, mas com certeza menos complexa do que a asiática, primitiva e elementar, isto é, facilmente assimilável e generalizável da música e da dança para o resto do mundo psíquico. Em resumo, o pobre evangelista convenceu-se de que tendo medo de converter-se num asiático, na realidade ele, sem dar por isso, estava a converter-se num preto, e que tal processo estava terrivelmente avançado, pelo menos até a fase da mestiçagem. Não sei em que resultou mas penso que já não é capaz de renunciar ao café com acompanhamento de jazz e que de agora em diante se verá com mais atenção no espelho, para surpreender os pigmentos de cor no seu sangue.

Querida Tania, desejo que te recuperes bem e rapidamente: um abraço.

Antonio



27 de fevereiro de 1928

Queridíssima Giulia,

recebim a tua carta do 26-XII-1927, com a apostila de 24 de janeiro e a notinha anexa. Fum mesmo feliz por receber estas cartas tuas. Mas desde havia algum tempo já conseguira estar mais tranquilo. Mudei muito em todo este tempo. Certos dias acreditei que me convertera num ser apático e inerte. Hoje penso que errei na análise de mim mesmo. Igualmente, também nom acredito que estivesse desorientado. Tratava-se de umha crise de resistência a umha nova maneira de viver, que se impunha implacavelmente pola pressom de todo o ambiente carcerário, com as suas normas, com a sua rotina, com as suas privaçons, com as suas necessidades, um complexo enorme de pequeníssimas cousas que se sucedem de maneira mecánica durante dias, durante messes, durante anos, sempre iguais, sempre com o mesmo ritmo, como os graos de areia de umha gigantesca clepsidra. Todo o meu organismo físico e psíquico opunha-se tenazmente, com cada molécula, à absorçom deste ambiente exterior, mas era necessário de quando em vez reconhecer que umha certa quantidade da pressom conseguira vencer a resistência e modificara umha certa zona de mim mesmo, e entom verificava-se um abalo rápido e total, para rejeitar de um golpe o invasor. Hoje, todo um ciclo de mudanças se tem desenvolvido, porquanto cheguei à decisom calma de nom me opor, com os meios e nas maneiras de antes, que eram ineficazes e ineptos, àquilo que é necessário e inelutável, mas de dominar e controlar, com um certo espírito irónico, o processo em curso. De resto, convencim-me de que nunca chegarei a ser um perfeito filisteu. Em qualquer momento serei capaz, com um abalo, de deitar fora a pele, meio

de asno e meio de ovelha, que o ambiente desenvolve sobre a autêntica pele natural. Talvez umha cousa nom a consiga jamais: devolver à minha pele natural e física a cor afumada. Valia<sup>51</sup> nom poderá chamar-me mais o camarada afumado. Temo que Delio, apesar da tua colaboraçom, já estará mais afumado do que eu! (Protestas?) Este inverno fiquei quase três messes sem ver o sol, nom sendo algum reflexo longínquo. A cela recebe umha luz que está metade entre a luz de umha adega e a luz de um aquário.

De resto, nom debes pensar que a minha vida decorre tam monótona e idêntica como a primeira vista poderia parecer. Umha vez habituado à vida de aquário e adaptados os sentidos a captarem as impressons amortecidas e crepusculares que fluem por aqui (sempre colocando-se numha posiçom um pouco irónica), todo um mundo começa a fervilhar em volta, com umha vivacidade sua particular, com as suas leis individuais, com um curso essencial de seu. Acontece como quando se lança um olhar a um velho tronco meio desfeito polo tempo e pola intempérie e depois, bem devagar, se detém, cada vez mais fixamente, a atençom. Primeiro só se vê algumha fungosidade húmida, com algumha lesma que ressuma baba, que se arrasta lentamente. Depois vê-se, um pouco ao redor, todo um conjunto de colónias de pequenos insetos que se movem e passam trabalhos, fazendo e refazendo os mesmos esforços, o mesmo caminho. Se se conservar a própria posiçom extrínseca, se nom se chegar a ser umha lesma ou umha formiguinha, todo isto acaba por interessar e fazer decorrer o tempo.

Cada detalhe que consigo captar da tua vida e da vida das crianças oferece-me a possibilidade de tentar elaborar umha

51 Sobrinho de Tatiana.

representação mais ampla. Mas estes elementos som demasiado escassos e a minha experiência foi demasiado escassa. Ainda: nesta idade sua, as crianças devem mudar demasiado rápido como para que seja capaz de as seguir em todos os movimentos e me faça umha ideia. Com certeza, nisto devo andar bastante desorientado. Mas é inevitável que assim seja. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 38)

5 de março de 1928

Queridíssima Tania,

a tua carta de 28 de fevereiro chegou-me também com umha rapidez assombrosa; nada menos que no dia 3 de março, apenas quatro dias mais tarde. Desejo que continue assim e que essa rapidez se estenda a toda a correspondência. Polo contrário, minha pobre mae está desesperada, porque desde há dous meses nom recebe as minhas cartas; a 27 de fevereiro nom recebera ainda umha carta minha de 9 de janeiro, que lembro perfeitamente ter escrito, e por isso pensa que estou gravemente doente e com impossibilidade física de escrever.

Dou-che todos os meus parabéns polas forças recobradas, que che permitirom erguer-te e caminhar. Mas és demasiado otimista por princípio e acreditas de mais numha espécie de justiça cósmica! Seria melhor que tivesses paciência e que aguardasses a estar completamente reestabelecida, fora de todo perigo de recaída e de complicações. Tés que ter sentido! Em caso contrário, tomarei medidas draconianas contra o teu

cabelo, sem preocupar-me ou comover-me polas acusações de barbárie!

Lim com muito interesse a tua carta, polas observações que pudeche fazer e polas novas experiências. Acho que nom é necessário recomendar-che indulgência e nom apenas a «indulgência prática», mas também aquela que chamarei de espiritual. Estivem sempre convencido de que existe umha Itália desconhecida, que nom se vê, mui diferente da aparente e visível. Quero dizer —dado que é um fenómeno que se verifica em todos os países— que a separaçom entre o que se vê e o que nom se vê é, entre nós, mais profunda do que nas outras assim denominadas «nações civilizadas». Entre nós, a praça, com os seus gritos, os seus entusiasmos verbais, a sua vaidade, supera o *chez soi* muito mais do que noutro lugar, de umha maneira relativa. Igualmente, formárom-se toda umha série de preconceitos e de afirmações gratuitas, sobre a solidez da estrutura familiar, como sobre a dose de genialidade que a providência se teria dignado dar ao nosso povo, etc., etc. Mesmo num livro recentíssimo de Michels se repete que a média dos camponeses calabreses, mesmo os analfabetas, é mais inteligente que a média dos professores universitários alemãos<sup>52</sup>; assim, muita gente acredita estar exonerada da obriga de fazer desaparecer o analfabetismo em Calábria. Acho que os costumes familiares das cidades, dada a recente formaçom dos centros urbanos na Itália, nom podem ser julgados sem abstrai-los da situaçom média geral de todo o país, que é ainda mais baixa e que pode ser, deste ponto de vista, resumida neste traço característico: um extremo egoísmo das gerações entre os 20 e os 50 anos, verificado em prejuízo

52 A afirmaçom, que se remonta a Enrico Ferri, é citada por Robert Michels em *A França contemporânea*, Milão, 1927, quem parece em parte aceitá-la.

das crianças e dos velhos. Naturalmente, não se trata de um estigma de inferioridade civil permanente: seria absurdo e louco pensá-lo. Trata-se de um dado de facto, historicamente controlável e explicável e que poderá ser superado, indubitavelmente, por meio da elevação do nível de vida material. A explicação, para mim, está na estrutura demográfica do país, que antes da guerra punha 83 pessoas passivas a cargo de 100 trabalhadores, enquanto a França, com uma riqueza enormemente superior, o cargo era apenas de 52 por cada 100. Demasiados velhos e demasiadas crianças em comparação com as gerações médias, empobrecidas numericamente pela emigração. Eis a base deste «egoísmo geracional», que adquire em ocasiões aspetos de uma crueldade terrível. Há sete ou oito meses os jornais referiam este episódio tão atroz: um pai massacrara toda a família (a mulher e os três filhos) porque, à volta das labores do campo, tinha encontrado a ceia escassa devorada pelo ninho faminto. Igualmente, mais ou menos na mesma data, desenvolveu-se em Milán um julgamento contra o marido e a mulher que deixaram morrer o seu filho de quatro anos, mantendo-o durante meses ao pé da mesa com um fio de ferro. Entendia-se, pelo debate, que o homem duvidava da fidelidade da mulher e que esta, antes que perder o marido por defender o menino do mal-tratamento, concordou com a sua eliminação. Foram condenados a oito anos de reclusão. Este é um tipo de crime que antigamente era considerado nas estatísticas anuais da criminalidade com uma denominação exclusiva; o senador Garofalo<sup>53</sup> considerava a média de 50 condenas por ano por crimes semelhantes apenas como um índice da tendência criminal, porque os pais culpa-

53 Raffaele Garofalo (1851-1934), um dos fundadores da escola positiva do Direito Penal.

dos conseguiam na maior parte das vezes eludir qualquer sanção, polo costume geral de prestar pouca atenção à higiene e à saúde das crianças e polo difuso fatalismo religioso, que leva a considerar quase que com umha particular benevolência do céu a assunção de novos anjinhos na corte divina. Esta é, infelizmente, a ideologia mais difundida e nom surpreende que ainda, embora sob formas atenuadas e edulcoradas, se reflita também nas cidades mais avançadas e modernas. Olha que a indulgência nom está fora de lugar, polo menos para quem nom acredita no caráter absoluto dos princípios nestas relações, mas só no seu desenvolvimento progressivo junto ao desenvolvimento da vida em geral. Os melhores, melhores desejos. Abraço-te.

Antonio



(Carta 39)

12 de março 1928

Queridíssima mae,  
na carta passada (de 5 de março) cometim um erro, que contudo corrigiche por ti própria: a registrada chegou-me a dia 4 de fevereiro e eu escrevim que me avisasses no dia 6 de fevereiro; nom de janeiro, como escrevim, mas sim de fevereiro, em definitivo.

Recentemente recebim notícias das crianças e de Giulia. Delio estivo sempre bem, mas o pequeno estivo gravemente doente, em perigo durante alguns messes e por isso nom me mandavam notícias. A doença atrasou o seu desenvolvimento, nos dentes e na fala, mas desde há algum tempo, depois da cura, está a melhorar muito e recupera o tempo perdido.

Escrevem-me montes de detalhes, que nom che repito, porque no fundo som os habituais da vida das crianças pequenas, embora as maes os considerem sempre extraordinários e maravilhosos e só próprios dos seus pequenos.

Parece certo, desta vez, que está próxima a partida para Roma e mais o julgamento. Se calhar, até é provável partir num prazo brevíssimo; procurarei informar-te da partida com um telegrama, de maneira que podas escrever depressa para o novo endereço dos Cárceres Judiciários de Roma. Repitoche, mais umha vez, que nom debes alarmar-te, seja qual for a confusom de notícias que os jornais se comprazam em publicar. As mesmas acusaçõs, relativas aos mesmos artigos do Código Penal, fõrom dirigidas contra mim no 1923, quando estava no estrangeiro. Fomos absolvidos já em primeira instância, embora houvesse um documento com muitas assinaturas reconhecidas autênticas polos imputados<sup>54</sup>. Certamente, desta vez serei condenado a muitos anos, apesar de que as acusaçõs contra mim assentam numha simples relaçom da polícia e em impressõs genéricas nom verificáveis; porém, a comparaçom entre o 23 e o 28 chega para dar a noçom da «gravidade» em si do processo atual e para caraterizá-lo. Eis porque eu estou tam tranquilo. Pensas que só devem contar nom estas circunstâncias acessórias, mas sim o facto real da condena e do cárcere que é preciso sofrer? E porém, também debes ter em conta a posiçom moral, nom che parece? De fac-

54 G. refere-se ao julgamento celebrado perante o Tribunal de Roma, de 16 a 23 de outubro de 1923, contra os dirigentes comunistas (Bordiga, Grieco, Fortichieri, Terracini, etc.), por incitaçom ao ódio de classe e por atividades antifascistas. Todos os acusados fõrom absolvidos por falta de provas. Segundo os documentos oficiais, o arresto estivo motivado pola descoberta de um manifesto da Internacional Comunista e da Internacional dos Sindicatos vermelhos contra o fascismo.

to, é apenas isto o que dá forças e dignidade. O cárcere é umha cousa bem feia; mas para mim seria incluso pior a desonra pola fraqueza moral e pola covardia. É por isso que nom debes alarmar-te e sentir demasiado pesar, e nom debes pensar nunca que eu estou desanimado e desesperado. Deves ter paciência e, em qualquer caso, nom acreditares nas mentiras que podam publicar sobre mim.

Espero que já tenhas recebido todas as minhas cartas anteriores. Renovo os desejos mais sentidos e afetuosos polo teu santo e abraço-te com tenrura.

Nino



(Carta 40)

9 de abril de 1928

Queridíssima Tania, recebim ontem a tua carta do 5, com rapidez completamente pascoal. Recebim também os cabelos de Giuliano e estou mui contente polas notícias que me contas. A dizer a verdade, nom sei tirar muitas consequências delas. Quanto à maior ou menor rapidez da fala das crianças, nom tenho outro elemento de juízo que umha anedota sobre Giordano Bruno quem, polo que contam, nom falou até a idade de três anos, apesar de compreendê-lo todo: umha manhã, ao acordar, viu que de umha fenda do muro da choupana onde morava, umha serpe grossa se dirigia para o seu leito; rapidamente chamou o pai polo nome, a quem nunca chamara, e foi salvado do perigo; desde aquele dia começou a falar mesmo a mais, como também sabem os judeus revendedores do *Campo dei Fiori*<sup>55</sup>.

55 G. é irónico, porque Giordano Bruno morreu precisamente por «falar de

Sinto que te sintas deprimida, como escreves, e que te aches por isso livre de me escrever mais amiúde. Esta é umha injustiça notória, pola qual poderia apelar a que estou ainda mais desanimado do que tu e nom escrever-che em absoluto; certamente, isso há de acontecer se continuas a provocar-me com essas depressions. Deverias escrever-me polo menos duas vezes por semana: e entom como é que chegache a ser tam preguiçosa? Que fás em todo o dia? E como passache a Páscoa?

Recebim há alguns dias as *Prospettive Economiche* e o *Almanacco cartario*. Todos os anos, a partir do 25, regalava a Giulia este almanaque. Nom o farei este ano. Caiu mui baixo. Reproduz umhas anedotas, consideradas humorísticas, que dantes estavam reservadas aos periodicuchos semipornográficos, publicados para os jovens recrutas que venhem por primeira vez à cidade. Estou certo de que fazer umha constatação assim pode ter a sua importância. O sábado recebim um novo pacote de livros, embora nom me foi entregue ainda; acho que se trata de um certo número de revistas de história e de filosofia; podem dar-lhe apenas umha vista de olhos, no momento em que assinava o recibo para os correios. De qualquer maneira, figem novamente umha certa provisom de leituras para o período em que ainda ficarei em Milám.

Estivem pensando que Delio fará quatro anos no dia 10 de agosto e que agora já é suficientemente maior como para fazer-lhe um presente sério. A senhora Pina prometeu que me faria chegar o catálogo do «Meccano»: espero que as diferentes combinações estejam expostas nom só em ordem aos preços (de 27 a 2000 liras!) mas também em relação a simplicidade e à idade dos rapazes. Com certeza, o princípio

mais», dado que foi condenado pola Inquisição papal a morrer na fogueira, nessa mesma praça romana, pola sua teoria de um universo infinito. [N. do T.]

do mecano é ótimo para as crianças modernas; vou escolher a combinação que me parece mais oportuna e já che direi qual é. Até agosto há tempo avondo. Nom sei que disposição prevalece em Delio, se é que a evidenciou. Eu, quando era um rapaz, tinha umha forte disposição polas ciências exatas e pola matemática. Perdim-na durante o liceú, porque nom tivemos mestres que valessem mais do que um figo seco. Assim é que trás acabar o 1º ano do Secundário nom estudei mais matemática, antes polo contrário escolhim o grego (na altura tinha a opção); porém, no 3º ano do secundário demonstrei imprevistamente que conservara umha «capacidade» notável. Acontecia entom que em 3º ano do secundário era preciso, para estudares física, conhecer os elementos da matemática e que os alunos que optárom polo grego nom tiveram a obriga de os conhecer. O professor de física, que era brilhantíssimo, divertia-se imensamente metendo-nos em sarilhos. No último interrogatório do 3º trimestre, fijo-me perguntas de física ligadas à matemática, dizendo-me que da exposição que fizesse iria depender a média anual e portanto a passagem de licença, com ou sem exame: divertia-se muito vendo-me no quadro, onde me deixou estar todo o tempo que quigem. Pois bem, fiquei meia hora no quadro, pugem-me branco com o giz, dos cabelos até os sapatos, tentei, tentei novamente, escrevim, apaguei, mas finalmente «inventei» umha demonstração que foi acolhida polo professor como ótima, embora nom aparecesse em qualquer manual. Este professor conhecia de Cagliari meu irmao maior<sup>56</sup> e embora me atormentou com as suas gargalhadas durante todo o tempo da escola: chamava-me o «físico helenizante».

56 Gennaro.

Queridíssima Tania, proibo as depressons e escreve-me amiúde.

Abraço-te.

Antonio

Esquecim contar-che como procurei incomodar ontem a senhora Pina. Visto que o sábado Tulli foi à conversa, perguntou-me se tinha algum desejo especial para o jantar de Páscoa. Eu tivemos sempre desejos que nunca dei satisfeito: queria comer rins de rinoceronte e umha coxa de pangolim<sup>57</sup>; como segunda opção, contentaria-me com umha pequena cabeça de cabrito ao forno. Tulli negou-se a cumprir a encomenda do rinoceronte e do pangolim, justamente preocupado com nom obrigar a mulher a procuras demasiado longas nos talhos; queria limitar-se apenas à cabeça de cabrito. Mas ontem a pequena cabeça nom chegou, naturalmente; foi anunciada somente para amanhã, terça-feira. Nem creio que para amanhã, porque os anhos e os cabritos chegam à cidade sem cabeça, mas quero saber o final que terá a aventura. Aguardo que a senhora Pina nom se alporiçasse comigo demasiado; fai-me o favor de dizer-lhe tu umhas boas palavras.



57 Animal recoberto de escamas duras e afiadas. Mora em Ásia e em África e alimenta-se de formigas e termites.

(Carta 41)

30 de abril de 1928

Queridíssima mae,  
envio-che a fotografia de Delio. O meu julgamento foi marcado para 28 de maio: desta vez a partida deve estar próxima. Seja como for, mirarei de enviar-che um telegrama. A minha saúde é bastante boa. O julgamento próximo fai-me estar melhor, porque polo menos sairei desta monotonia. Nom te preocupes e nom te assustes, seja qual for a condena que me imponham: acho que será de 14 a 17 anos, mas poderia ser até mais grave, precisamente porque nom há provas na minha contra: o que podó ter cometido, sem deixar provas? Fica bem-humorada.

Abraço-te.

Nino



(Carta 42)

30 de abril de 1928

Queridíssima Tania,  
recebim a tua carta de 25 de abril, junto com a carta de Giulia. Agradeço-che as notícias que me envias. Alegrou-me muito receber as tuas notícias; estava mui preocupado.

Nom sei se te informárom de que o julgamento foi marcado para 28 de maio, o qual significa que a partida se aproxima. Já estivem com o advogado Aris. A proximidade destas novidades excita-me bastante; de umha maneira agradável, porém. Sinto vibrar em mim a vida novamente: haverá umha certa luita, imagino. Embora só seja durante uns poucos dias, vereime num ambiente diferente do carcerário.

Quero protestar contra as tuas deduções a propósito das... cabeças de cabrito. Estou informadíssimo no relativo a este comércio. Em Turim figem, em 1919, umha ampla pesquisa porque o Concelho boicotava os anhos e os cabritos sardos em benefício dos coelhos piemonteses: havia em Turim por volta de 4.000 pastores e camponeses sardos em missom especial<sup>58</sup> e eu queria ilustrá-los sobre este tema. Os anhos e os cabritos meridionais chegam aqui sem cabeça, mas há umha pequena percentagem de comércio local que fornece também as cabeças. É difícil encontrá-las, de aí que a cabeça pequena, comprometida para o domingo, só se pudo conseguir na quarta-feira. Aliás, nom tinha muita certeza de que se tratasse de anho ou cabrito, embora fosse mui boa (para mim; a Tulli horrorizava-o). Devia ser um estranho cabrito, sem cérebro e cego de um olho, com o crânio mui parecido com o de um lobicam triturado polo tranvia! (mas, por amor de Deus, nom lho digas à senhora Pina!). Ai, estes carneiros!

Sinto muito que Giulia ficasse tanto tempo sem notícias. Veremo-nos mais umha vez antes da minha partida? Nom creio. Nom debes cometer nengumha imprudência; debes recuperar-te bem. Só assim estarei tranquilo. Pensa que de agora em diante poderei escrever-che mui poucas vezes. Abraço-te.

Antonio



58 Trata-se dos 4.000 soldados da «Brigada Sassari», composta na sua maioria por camponeses e pastores, enviados a Turim a começos de 1919 com tarefas repressivas anti-operárias, entre os quais despregou G. um eficaz trabalho de propaganda. A Brigada foi afastada de Turim uns meses depois, na véspera da greve geral de 20-21 de julho.

10 de maio de 1928

Queridíssima mae,  
estou para partir para Roma<sup>59</sup>. Já está confirmado. Concedêrom-me esta carta precisamente para anunciar o traslado. É por isso que, de agora em diante e enquanto nom te avisar doutro traslado, escreve-me para Roma.

Ontem recibim umha registrada de Carlo de 5 de maio. Escreve que me mandará umha fotografia tua: fará-me mui feliz. A esta hora já deve ter chegado a fotografia de Delio que che enviei há uns dez dias, registrada.

Queridíssima mae, nom gostaria de repetir o que já che escrevim para tranquilizar-te em relação às minhas condições físicas e morais. Gostaria, para estar mesmo tranquilo, de que nom te assustasses ou te turbasses demasiado, seja qual for a condena que me imponham. Que compreendesses bem, também com o sentimento, que fum detido por razons políticas e serei condenado por razons políticas, que nom tenho nem terei nunca que avergonhar-me desta situação. Que, no fundo, o arresto e a condena quigem-nas eu mesmo, em certa maneira, porque nunca quigem mudar as minhas opiniões; por elas estaria disposto a dar a vida e nom só a estar em prisom. Que por isso nom podom senom estar tranquilo e contento de mim mesmo. Querida mae, gostaria mesmo de abraçar-te mui forte, para que sentisses o muito que te quero e como gostaria de te consolar desta pena que te causo: mas nom podem fazer de outra maneira. A vida é assim, duríssima, e os filhos em ocasiões tenhem que dar grandes desgostos às suas maes, se quigerem conservar a sua honra e a sua dignidade de homens.

59 G. deixou o cárcere judiciário de Milán na noite de 11 de maio de 1928.

Abraço-te com tenrura.  
Nino

Escreverei-te desde Roma rapidamente. Di para Carlo que esteja alegre e que lhe estou agradecido infinitamente. Beijos para todos.



(Carta 44)

27 de junho de 1928

Queridíssima Tania,  
nengumha novidade à vista, até este momento. Ignoro quando partirei<sup>60</sup>. Porém, nom deve excluir-se que a minha partida seja dentro duns dias; poderia pôr-me a caminho hoje mesmo.

Recebim umha carta de minha mae há alguns dias. Escreve que nom recebeu as minhas cartas desde 22 de

60 G. chegou ao cárcere de Regina Coeli na manhã de 12 de maio. O julgamento contra G. e os dirigentes do Partido Comunista Italiano desenvolveu-se no dia 28 desse mês até 4 de junho, perante o Tribunal Especial para a Defesa do Estado. O presidente era o general Alessandro Saporiti e o fiscal o advogado Michele Isgro. A defesa estava constituída polos avogados Giovanni Ariis, Adelmo Nicolaj e Giuseppe Sardo. A imprensa internacional estava representada polo correspondente em Roma do «*Manchester Guardian*» e polo jornalista soviético V. Antonov. Entre o escasso público admitido nas audiências encontrava-se o irmao de G., Carlo. Imputado e reconhecido culpável dos crimes de conspiraçom e incitaçom ao ódio de classe, de incitaçom à guerra civil, à insurreçom e à mudança violenta da constituiçom e da forma do governo, G. foi condenado no dia 4 de junho de 1928 a vinte anos, quatro messes e cinco dias de reclusom. Destinado primeiro à penitenciaria de Portolongone, trás umha visita médica especial foi destinado à penitenciaria de Turi, para condenados afetados por doenças físicas e psíquicas, e deixou Roma no dia 8 de julho de 1928, em «transporte ordinário». Imediatamente após a condena, Umberto Terracini apresentou perante o Tribunal Supremo, no nome de todos os seus camaradas, umha petiçom para a revisom do julgamento. O supremo declarou-se incompetente para a acolher.

maio<sup>61</sup>, isto é, desde quando estava em Milám. Desde Roma escrevim para a casa três vezes no mínimo: também enviei a última carta para meu irmão Carlo. Escreve tu uma carta para minha mãe, explicando-lhe que eu neste momento posso escrever pouquíssimo, apenas uma vez cada quinze dias, e que devo distribuir as duas cartas mensais entre ela e tu. Pelo contrário, posso receber cartas sem limites: minha mãe acredita no entanto que há um limite também para a recepção. Informa-lhe sobre a questão da minha partida suspensa para Portolongone após a visita especial do médico, e sobre a probabilidade de um destino melhor. Tranquiliza-a em geral e escreve-lhe que para estar tranquilo não necessito consolações; antes ao contrário, no que me diz respeito estou muito tranquilo e sereno. É este um ponto no qual não dei conseguido nunca sucessos notáveis com minha mãe, que se fez um quadro terrífico e literário da minha posição de condenado a prisão perpétua: pensa que [estou] sempre calado, devorado pela desesperação, etc., etc. Podias escrever-lhe que me viste recentemente e que não estou para nada desesperado, deprimido, etc. mas sim com uma boa disposição para rir e brincar. Talvez o acredite, ao mesmo tempo que pensa que lhe escrevo nesse sentido só para a consolar.

Queridíssima Tania, sinto encomendar-lhe isto mais uma vez. Aliás, esta carta decidira escrevê-la para ti e não quero faltar ao sistema pré-estabelecido.guardo ver-te ainda antes de partir.

Abraço-te com ternura.

Antonio

61 *Sic* no original; na realidade, G. estava em Roma desde o 12. Veja-se a nota anterior.

19 de novembro de 1928<sup>62</sup>

Queridíssima Giulia,

Portei-me mesmo mal contigo. As justificações, na verdade, nom som mui fundadas. Após a partida de Milám, estivem enormemente canso. Todas as minhas condições vitais se agravárom. Sentim mais o cárcere. Agora estou um pouco melhor. O mesmo facto de que se desse umha certa estabilidade, que a vida se desenvolvesse conforme certas regras, normalizou em certa medida também o curso dos meus pensamentos.

Fum mui feliz ao receber a tua fotografia e a das crianças. Quando se cria demasiada distância de tempo entre as impressões visuais, o intervalo enche-se com feios pensamentos; nom sabia o que pensar, nomeadamente sobre Giuliano, nom tinha conservado nengumha imagem na memória. Agora estou mesmo contente. Em geral, desde há alguns meses, sinto-me mais isolado e afastado de toda a vida do mundo. Leio muito, livros e revistas; muito, em relação à vida intelectual que se pode levar em reclusom. Mas perdi muito do gosto pola leitura. Os livros e as revistas dam apenas ideias gerais, esboços de correntes gerais da vida do mundo (melhor ou pior conseguidos), mas nom podem dar a impressom imediata, directa, viva, da vida de Pietro, de Paolo, de Giovanni, de pessoas individuais reais, sem entender as quais nom se pode tampouco entender o universalizado e generalizado. Há muitos anos, no 19 e no 20, conhecia um jovem operário, mui ingénuo e bem simpático. Cada sábado de tarde, após a saída do traba-

62 Desde a prisom de Turi, em Bari [Apúlia, no calcanhar da bota que seria a península italiana. N. do T.].

lho, vinha ao meu escritório para ser dos primeiros em ler a revista que eu elaborava<sup>63</sup>. Ele dizia-me amiúde: «Nom podem dormir, oprimido polo pensamento: que fará o Japom?» . Precisamente o Japom obcecava-o, porque nos jornais italianos só se fala do Japom quando morre o Mikado ou quando um terremoto mata no mínimo 10.000 pessoas. O Japom escapava-lhe; por isso nom conseguia ter umha imagem sistemática das potencias mundiais, e por isso lhe parecia nom compreender nada de nada. Eu ria entom de um estado de ánimo semelhante e burlava-me do meu amigo. Hoje entendo-o. Também eu tenho o meu Japom: é a vida de Pietro, de Paolo e também de Giulia, de Delio, de Giuliano. Tenho mesmo saudades da sensação molecular: como poderia, mesmo que de maneira sumária, perceber a vida de todo o complexo? Até sinto a minha própria vida como retesa e paralisada: como poderia ser de outra maneira, se me falta a sensação da tua vida e da das crianças? Além disso, tenho sempre o medo de ser dominado pola rotina carcerária. Ela é umha máquina monstruosa que esmaga e nivela conforme umha certa escala. Quando vejo agir e sinto falar a homens que estão no cárcere desde há cinco, oito ou dez anos, e observo as deformações psíquicas que eles tenhem sofrido, arrepio-me de verdade, e tenho dúvidas na previsom sobre mim mesmo. Penso que também os demais tenhem pensado (nom todos, mas polo menos algum) nom deixar-se dominar e, contudo, sem sequer dar por isso, tam lento e capilar como é o processo, hoje vem-se mudados e nom o sabem, nom podem julgá-lo, por quê é que mudá-rom por completo. Certamente, eu vou resistir. Mas advirto, por exemplo, que já nom sei rir de mim mesmo, como anta-

63 O semanário *L'Ordine Nuovo*, publicado em Turim, de maio de 1919 a dezembro de 1920.

no, e isto é grave. Querida Giulia, interessam-che todas estas parolas? E dam-che umha ideia da minha vida? No entanto, interesse-me também por aquilo que acontece no mundo, sabes?. Nestes últimos tempos lim umha certa quantidade de livros sobre a atividade católica. Eis um novo «Japom»: através de que fases passará o radicalismo francês para se cindir e dar vida a um partido católico francês? Este problema «nom me deixa dormir» como lhe acontecia ao meu jovem amigo. E também outros, naturalmente. Gostache do abre-cartas? Sabes que me custou quase um mês de trabalho e estragar metade das pontas dos dedos? Querida, escreve-me com um pouco de vagar sobre ti e sobre as crianças. Deverias mandar-me as vossas fotografias polo menos cada seis menses, para que poda seguir o seu desenvolvimento e ver o teu sorriso mais amiúde. Abraço-te com tenrura, querida.

Antonio

Apostila para Tania — És bem ruim, Tania!. Desde há quanto tempo nom recibo notícias tuas? Nom importa se nom escreves cartas longas, chega mesmo com um postal ilustrado. Sabes que também eu sinto cada vez mais a força da inércia que me empurra para nom escrever? E devo lutar para vencê-la. Mas vencerei sempre? Aqui há gente que nom escreve desde há menses e desde há anos. Também eu hei de acabar igual, certamente, se nom encontro correspondentes ativos. Querida Tania, abraço-te, esperando que nom te encontres mal.

Antonio



31 de dezembro de 1928

Queridíssimo Carlo,

recebim montes de cousas: os medicamentos, as 200 liras, etc. Agradeço-cho de coração. O médico<sup>64</sup> dixo-me que o soro Casali certamente há de fazer bem. Parece que é a cura mais ajeitada. Polo Natal véu a Turi Tatiana; demorou-se bastante para poder ter várias conversas. Deu-me a sensaçom de que mesmo nos dias de Natal me sentia um pouco mal. Tivem um ataque de uricemia, com grandes dores nos rins, nos intestinos e na vesícula, mas que já está a caminho de desaparecer. Assim, temo que Tatiana se fivesse umha impressom falsa da minhas condiçõs gerais de saúde. Na realidade, este é um mal doloroso só quando se fai agudo; o qual pode acontecer em poucas ocasiõs, desde que se esteja atento a excluir da alimentaçom qualquer alimento picante ou requente. De agora em diante hei de estar ainda mais atento do que no passado e aguardo evitar qualquer outra ocasiom. A visita de Tatiana, à parte deste contratempo, agradou-me muito, como podes imaginar.

Recebim a carta de mamae do 24, com a pequena carta e o debuxinho de Edmea. Estou mui contente de que mamae esteja melhor e que se vaia recuperando. Dá-lhe muitos beijos a Edmea da minha parte, mais algum leve belisco nas façulas, e agradece-lhe as suas expressõs tam educadas e tam bem ditas. Porém, parece que ela, embora redija bastante bem e saiba pôr em frases espontâneas e vivas os seus sentimentos, comete um número de disparates ortográficos demasiado grande, mesmo para umha aluna que está ainda no terceiro ano.

64 Trata-se, quase com certeza, do doutor Cisternino, médico da prisom de Turi.

Deve estar pouco atenta e sempre apurada: penso que também quando fala, em alguma ocasião se parece com um turbilhom e come metade das palavras, tragando o r com particular gosto. É preciso estardes atentos para obrigá-la a fazer os deveres com diligência e com muita disciplina. Nas escolas rurais sardas acontece que umha menina, ou umha criança, habituada na casa a falar italiano (mesmo se pouco e mal), acha por este único facto que é superior aos seus condiscípulos, que apenas conhecem o sardo e aprendem portanto a ler e a escrever, a falar, a redigir numha língua completamente nova. Os primeiros parece que som mais inteligentes e espertos, embora por vezes nom o sejam, e por isso em família e na escola, se desleixa habituá-los ao trabalho metódico e disciplinado, pensando que com a «inteligência» ham de superar todas as dificuldades, etc. Ora, a ortografia é mesmo o calcanhar de Aquiles desta inteligência. Se Mea nom estuda bem e se nom corrige esta deficiência, que se poderá pensar? Poderá-se pensar que se trata de umha dessas muitas meninas que levam as fitinhas nos cabelos, os vestidinhos bem passados e que logo tenham as calcinhas sujas. Dizide-lho com um certo tato, para nom causar-lhe demasiado desgosto. Nom gosto nada do seu desenhinho: nom tem qualquer espontaneidade nem gosto. E porém seria ótimo que aprendesse um pouco de desenho.

Querido Carlo, nom debes preocupar-te demasiado com o dinheiro que me mandas. Nom debes fazer parvoíces inúteis. Sabes que som mui positivo e prático nestas cousas. Neste momento tenho na caderneta 950 liras, livres de qualquer gravame (paguei-no já na caixa). Isso significa que necessidades urgentes nom podó tê-las, e que nom debes estar preocupado se durante alguns meses nom che é fácil enviar-me sequer um peso. Nom achas? Os melhores desejos para todos no novo ano.

Beijos afetuosos  
Antonio



(Carta 47)

14 de janeiro de 1929

Queridíssima Giulia,  
ainda aguardo a tua resposta à minha última carta. Quando tenhamos retomado umha conversa regular (mesmo com demorados intervalos), escreverei-che muitas cousas sobre a minha vida, sobre as minhas impressons etc., etc. Para já, debes informar-me sobre como interpreta Delio o mecano. É algo que me interessa muito, porque nunca soubem decidir se o mecano, que tira ao menino o seu próprio espírito inventivo, é o brinquedo moderno mais recomendável. O que pensas tu disto e o que pensa o teu pai? Em geral, acho que a cultura moderna (tipo americano), cuja expressom é o mecano, produz um homem um pouco seco, maquinal, burocrático, e cria umha mentalidade abstrata (num sentido diferente do que por «abstrato» se entendia no século passado). Houvo umha abstração causada por umha intoxicação metafísica e há umha abstração causada por umha intoxicação matemática. Que interessante deve ser observar as reações destes princípios pedagógicos no cérebro de umha menino pequeno, que por outro lado é nosso, e ao qual estamos vencelhados por um sentimento bem diferente que nom é o simples «interesse científico». Queridíssima, escreve-me umha longa carta. Abraço-te forte forte.

Antonio

9 de fevereiro de 1929

Queridíssima Giulia,

tinha pensado escrever umha carta particular, mesmo pessoal, para Delio mas Tania escreve que ele está na casa de Anna e, após a tua brilhante narração sobre as consequências de lhe ter contado que fumei na neve, fai-me duvidar. Quero ter antes o teu conselho. Na minha opinião, Delio é mui reativo, como o era já em Roma e em Trafoi, e nom quereria impressionar demasiado a sua sensibilidade. É por isso que prefiro aguardar polo teu parecer. A minha impressom sobre Tania é bastante boa. Quando a vim em Milám pola última vez, mas sobretudo em Roma, há sete meses aproximadamente, estava mui débil. Polo contrário, em dezembro pareceu-me em parte reposta e mais forte. Nom teria querido que fizesse umha viagem tam longa para ter umha meia hora de conversa: mas véu de improviso, e além disso, naturalmente, fijo-me mui feliz. Agora deveria fazer-che um grande elogio de Tatiana, e da sua grande bondade. Mas nom o fago, porque em occasions exagera e acaba por se comportar como se me julgasse completamente falto de sentido prático, absolutamente incapaz de viver sem um preceptor ou umha ama. Algumha vez até me fijo enfadar e mais amiúde me fijo rir, mesmo se desde há algum tempo rio pouco e nom tenho vontade de brincar como antano. Creio que esta é a mudança mais notável acontecida em mim. Em resumo, concluim que Tatiana é o melhor exemplar de toda a família Schucht, que incluso o famoso Deusgott<sup>65</sup>

65 V. Degott, revolucionário russo. Em 1919 estivo na Itália como representante da Internacional Comunista. [G. fai brincadeira com o seu nome, visto que «gott», em alemám, é deus. [N. do T.].

afirmava que era umha família modelo (nom cho dixera nunca, mas digo-cho agora para fazer que te enfades!); a única que se parece verdadeiramente com tua mae.

Querida, é mesmo verdade o que escribes: também eu quereria escrever-che muitas cousas, mas nom consigo vencer-me, superar umha espécie de reserva. Creio que vem determinado pola nossa formaçom mental moderna, que nom encontrou ainda uns meios de expressom adequados e próprios. Som sempre um pouco cético e burlom, e acho que se expressasse tudo quanto quigesse, nom poderia superar um certo convencionalismo e um certo melodramatismo que está quase incorporado à linguagem tradicional. O mesmo estudo profissional que fixem das formas técnicas da linguagem obceca-me, vendo em qualquer expressom umhas formas fossilizadas e ossificadas que me repugnam. Porém, tenho a certeza de que entre nós nom se perderá nunca a intimidade.

Abraço-te forte forte

Antonio



(Carta 49)

22 de abril de 1929

Queridíssima Tania, recebim os teus postais de 13 e de 19 de abril. Ficarei paciente-mente à espera das notícias da casa. Acho que também tu tés notado, nos poucos momentos em que nos vimos, o paciente que cheguei a ser. Também antes o era, mas só graças a um grande esforço sobre mim mesmo: era umha certa qualidade diplomática, necessária para entrar em relaçom com os estúpidos e com gente aborrecida à qual, infelizmente, nom

se pode renunciar. Agora, polo contrário, nom me custa trabalho nengum: converteu-se num costume; é a expressom necessária da rotina carcerária e é também um elemento de auto-defesa instintiva. Porém, algumha vez esta «paciência» converte-se numha espécie de apatia e indiferença que nom consigo superado: acho que também notache isto e que nom gostache muito. Nem sequer isto é umha novidade, sabes? Tua mae observara-o em 1925 e Giulia contou-mo. A verdade é que desde aqueles anos eu, por dizê-lo com umha metáfora de Kipling, era como umha cabra que perdeu um olho e gira em círculo, sempre sobre a mesma amplitude de rádio. Mas vaiamos a algo mais alegre.

A rosa apanhou umha terrível insolaçom: todas as folhas e as partes mais tenras estão queimadas e carbonizadas; tem um aspecto desolado e triste, mas novamente bota fora os rebentos. Nom morreu, polo menos até agora. A catástrofe solar era inevitável, já que só pudera cobri-la com papel, que o vento levava; teria sido necessário ter um bom feixe de palha, que é umha má condutora da calor e ao mesmo tempo protege dos raios diretos. Seja como for, o prognóstico é favorável, com a exceçom de complicaçoms extraordinárias. As sementes tardárom muito em se tornarem pequenas plantas: todo um grupo teima em fazer umha vida *podpolie*<sup>66</sup>. Eram, com certeza, sementes velhas e que em parte criárom bicho. Aquelas que saírom à luz do mundo desenvolvem-se lentamente e som irreconhecíveis. Penso que o jardineiro, quando che dixo que umha parte das sementes eram ótimas, queria dizer que eram aptas para se comer; com efeito, estranhamente algumas plantas parecem mais salsa e cebolinhas do que flores.

66 *Podpole* em russo é «subterrâneo» e, em sentido figurado, «clandestinidade».

Todos os dias tenho a tentação de tirar por ela um pouco para ajudá-la a crescer, mas fico na incerteza entre as duas conceições do mundo e da educação: ser rousseauiano, e deixar fazer à natureza, que nom se equivoca nunca e que é fundamentalmente boa, ou ser voluntarista, e forçar a natureza, introduzindo na evolução a mão esperta do ser humano e o princípio de autoridade. Por enquanto, a incerteza nom acabou e as duas ideologias estão em tensão na minha cabeça. As seis plantinhas de chicória sentírom-se rapidamente na sua casa e nom tiveram medo do sol: já botam fora o tronco, que dará as sementes para os próximos meses. As dalias e o bambu dormem baixo terra e ainda nom dão sinais de vida. As dalias, principalmente, acho que estão verdadeiramente acabadas.

Já que estamos com este tema, quero pedir que me mandes outra vez quatro classes de sementes: 1º de cenouras, mas da classe denominada *pastinaca*, que é umha agradável lembrança da minha primeira infância: a Sassari chegavam aquelas que pesam meio quilo e que antes da guerra custavam um peso, fazendo umha certa concorrência ao alcaçuz; 2º de ervilhas; 3º de espinafres; 4º de aipos. Num quarto de metro quadrado quero meter quatro ou cinco sementes por espécie e ver o que sai. Podes encontrá-las em Ingegnoli, que tem a loja na *Piazza del Duomo* e na *Via Buenos Ayres*; igualmente pede que che dem também o catálogo, onde se indica o mês mais propício para a sementeira.

Recebim outra pequena carta da senhora Malvina Sanna (*Corso Indipendenza 23*). Transmite-lhe estas linhas:

«Compreendo as dificuldades financeiras para obter os livros indicados por mim anteriormente. Também eu chamei a atenção para isto, mas o que se me encomendara era responder perguntas concretas. Respondo hoje umha pergunta

que, mesmo se nom dirigida a mim, era implícita, e porque entendo que responde a umha necessidade geral para quem está preso: «como fazer para nom perder o tempo no cárcere e para estudar algo de algumha maneira?» Antes de mais, vejo necessário renunciar ao hábito mental «escolástico», e nom meter-se na cabeça seguir cursos regulares e profundos: isso é impossível, mesmo para quem se encontra nas melhores condições. Entre os estudos mais proveitosos está, é claro, o das línguas modernas: chega com umha gramática, que pode encontrar-se também, por pouquíssimo dinheiro, nas bancas dos livros usados, e algum livro (também este usado, talvez) da língua escolhida para o estudo. Nom se pode apreender a pronúncia oral, é verdade, mas saberá-se ler, e isto é já um resultado considerável. Aliás: muitos presos desvalorizam a biblioteca do cárcere. Certamente, as bibliotecas carcerárias, em geral, nom temem umha ordem: os livros fôrom reunidos ao acaso, pola doaçom de padroados que recebem fundos de armazém das editoras, ou por livros deixados por excarcerados. Abundam os livros devotos e de romances de terceira categoria. Todavia, acho que um preso político deve também buscar o fogo na ameixoeira. Tudo consiste em dar um fim às próprias leituras e em saber apanhar apontamentos (se se tiver licença para escrever). Ponho dous exemplos: em Milám lim umha certa quantidade de livros de todos os géneros, nomeadamente romances populares, até que o diretor me permitiu ir eu mesmo à biblioteca escolher entre os livros ainda nom disponíveis para a leitura ou entre aqueles que devido a um particular teor político ou moral, nom davam para ler a todos. Pois bem, encontrei que também Sue, Montépin, Ponson du Terrail, etc. bastavam se forem lidos deste ponto de vista: «por quê esta literatura é sempre a mais lida e a mais impressa? que necessidades satisfai? a que aspiraçoms responde? que senti-

mentos e pontos de vista som representados nestes livrecos, para gostar tanto?» Porque Eugenio Sue é diverso de Montépin? E Victor Hugo, nom pertence também ele a esta série de escritores polos temas que trata? E *Scampolo* ou l'*Aigrette* ou a *Volata* de Dario Nicodemi nom som, se calhar, a descendência directa deste baixo romantismo do 48? etc., etc., etc. O segundo exemplo é este: um historiador alemão, Gruithausen<sup>67</sup>, publicou recentemente um grosso volume em que estuda as ligações entre o catolicismo francês e a burguesia nos dous séculos anteriores ao 1789. Ele estudou toda a literatura devota destes dous séculos: coletâneas de sermons, catecismos das diversas dioceses etc. etc. e reuniu um magnífico volume. Acho que avonda para demonstrar que também se pode buscar fogo nas ameixoeiras, porque neste caso ameixoeiras nom há. Qualquer livro, especialmente se for de história, pode ser útil para ler. Em qualquer livresco é possível encontrar algo útil... principalmente quando se estiver na nossa condição e o tempo nom puder ser valorizado de jeito normal.

Querida Tatiana, escrevim mesmo demasiado e obrigarei-te a fazer um exercício de caligrafia. A propósito, lembra pedir que nom me mandem livros, até que eu nom os avise. Se por acaso aparecessem livros que consideras úteis para mim, fai que os apartem e que os enviem assim que os pedir. Queridíssima, aguardo de verdade que a viagem nom te cansasse demasiado. Abraço-te afetuosamente.



67 Groethuysen.

20 de maio de 1929

Querida Giulia,

quem che dixo que eu poderia escrever mais? Infelizmente, nom é verdade. Podo escrever apenas duas vezes por mês e só por Páscoa e Natal disponho de umha carta extraordinária. Lembras-te do que dizia Bianco, no 23, quando partia? Bianco tinha razom, do ponto de vista da sua experiênciã; sempre tivera umha adversom invencível à epistolografia. Desde que estou no cárcere, escrevim polo menos o duplo de cartas que no período anterior: devo ter escrito polo menos 200 cartas, um verdadeiro horror!.

Assim que nom é exato que esteja tranquilo. Ao contrário, estou mais do que tranquilo, estou apático e passivo. E isto nom me surpreende e nem sequer fago qualquer esforço para sair do marasmo. De resto, isto talvez seja umha força e nom um estado de marasmo. Houvo longos períodos em que me sentia mui isolado, afastado de qualquer vida que nom fosse a própria; sofria terrivelmente umha demora da correspondência e a ausência de respostas congruentes com aquilo que pedira provocavam-me estados de irritaçom que me esgotavam. Depois, passou o tempo e afastou-se cada vez mais a perspectiva do período anterior; todo aquilo que de acidental, de transitório existia na zona dos sentimentos e da vontade foi desaparecendo aos poucos e ficárom apenas os motivos essenciais e permanentes da vida. É natural que isso acontecesse, nom achas? Nom se pode evitar que durante algum tempo o passado e as suas imagens nos dominem, mas no fundo este olhar sempre para o passado acaba por ser incómodo e inútil. Acho ter superada a crise que se produz em todos durante os primeiros anos de cárcere, e que amiúde causa umha rutura

neta com o passado, num sentido radical. A dizer verdade, esta crise sentim-na e vim-na nos demais, mais do que em mim próprio; fijo-me sorrir, e isto já era umha superaçom. Nunca teria acreditado em que tanta gente tivesse um medo tam grande à morte; pois bem, é mesmo neste medo que consiste a causa de todos os fenómenos psicológicos carcerários. Na Itália dim que umha pessoa é velha quando começa a pensar na morte; acho que é umha observaçom mui sensata. No cárcere, esta viragem psicológica verifica-se assim que o presente que caiu na armadilha e que já nom pode escapar: dá-se umha mudança rápida e radical, tanto mais forte quanto mais até esse momento se tomasse pouco a sério a própria vida, os ideais e as convicçoms. Vim alguns embrutecerem de maneira inacreditável. E foi-me útil, como aos rapazes espartanos era útil verem a depravaçom dos ilotas.

Assim é que agora estou absolutamente tranquilo e nem me desacouga sequer a falta prolongada de notícias, embora saiba que isso poderia ser evitado com um pouco de boa vontade... também da tua parte. De outra parte, Tania vai dandome todas as notícias que recebe. Referiu-me, por exemplo, as caraterísticas das crianças segundo teu pai e que me interessárom muito e durante muitos dias. E outras notícias, que me comentou com muita destreza. Olha que nom cho quero botar na cara! Relim nestes dias as tuas cartas de um ano para aqui, e isso fijo-me sentir novamente a tua tenrura. Sabes que algumas vezes, quando escrevo para ti, penso que som demasiado seco e sombrio, em comparaçom contigo, que com tanta naturalidade me escreves? Parece-me que é como quando alguma vez te figem chorar, principalmente a primeira vez, lembras?, quando fum mesmo ruim, conscientemente. Queria saber o quê che escreveu Tania da sua viagem a Turi. Porque acho que Tania concebe a minha vida de umha manei-

ra demasiado idílica e arcádica, tanto que me atormenta nom pouco. Nom consegue convencer-se de que estou na obriga de permanecer dentro de certos limites e nom deve mandar-me nada que eu nom tenha pedido, porque nom tenho ao meu dispor um depósito de meu. Agora anuncia-me algumas cousas, absolutamente inúteis e que nunca poderei utilizar, em vez de ater-se estritamente àquilo que lhe encomendei.

Envio-che duas fotografias: a grande reproduz os dous filhos de minha irmã Teresina: Franco e Maria; a outra, a minha mae, com a mesma menina no colo, um pouco maior. Meu pai afirma que a menina se parece com Giuliano; eu nom som capaz de julgar. Com certeza, o menino nom se parece com ninguém da minha família: é o retrato do pai, que é um autêntico sardo, enquanto nós somos apenas meio sardos: a menina, polo contrário, tem um maior ar da família. Qual é a tua opiniom?

Acabei de ler estes dias umha história de Rússia do prof. Platonof<sup>68</sup>, da ex Universidade de Sam Petersburgo, um grosso volume de aproximadamente 1.000 páginas. Acho que é um verdadeiro calote editorial. Quem era este prof. Platonof? Parece-me que a historiografia do passado tinha um teor bem baixo se este prof. Platonof era um dos seus corifeus, vendo o que escreveu o professor Lo Gatto nos seus trabalhos sobre a cultura russa. Sobre as origens das cidades e do comércio russo no tempo dos Normandos lim umha vintena de páginas do historiador belga Pirenne<sup>69</sup>, que valem por toda a trapalhada de Platonof. O volume chega apenas até 1905, com duas páginas suplementares até a abdicação do grande Duque Miguel

68 S. Platonof, *Histoire de la russie des origines à 1918*, Payot, Paris, 1929.

69 Henri Pirenne, *Les villes du moyen âge*, M. Lamertin, Bruxelas, 1927.

e com umha nota da data da morte de Nicolau II, mas tem o título de *História das origens até 1918*: um calote duplo, como vês.

Querida Giulia, escreve-me sobre os comentários de Delio à carta que lhe escrevo; abraço-te com tenrura

Antonio



(Carta 51)

20 de maio de 1929

Querido Delio,

soubem que vás à escola, que medes 1 metro e 8 centímetros de altura e que pesas 18 quilos. Penso entom que já és bem maior e que dentro de pouco tempo me escreverás cartas. À espera disso, hoje podias fazer que tua mae, sob o teu ditado, escreva cartas como os *pimpò* que me fazias escrever em Roma para a avó. Assim poderás contar-me o que apreendes, se gostas dos outros meninhos da escola ou ao que preferes jogar. Sei que constróis avions, e trens, e que participas ativamente na industrializaçom do país, mas afinal esses aeroplanos voam de verdade? E correm esses trens? Se estivesse ali, polo menos meteria o meu cigarro na chaminé, para que se visse um pouco de fume!.

De resto, devias escrever-me algo sobre Giuliano. Que che parece? Ajuda-che com os teus deveres? É também um construtor ou ainda é demasiado pequeno para merecer este qualificativo? Em resumo, quero saber um monte de cousas e visto que és tam maior e que —isso dim— também um pouco tagarelo, tenho a certeza de que me escreverás para já, com a mao da tua mae, umha carta mui longa, com todas essas notí-

cias e mais outras. Eu falarei-te de umha rosa que plantei e de umha lagartixa\* que quero adestrar. Dá um beijo a Giuliano da minha parte e também a tua mai e a todos os da casa, e mae, por sua vez, dará-che um beijo por mim.

*Toi papa*<sup>70</sup>

\*Pensei que talvez nom conheças as lagartixas: som de umha espécie de crocodilos que ficam sempre pequenos.



(Carta 52)

[20 de maio de 1929]

Queridíssima Giulia,  
os meus cumprimentos para ti e também para Delio e Giuliano. E dado que é mui provável que se produzam demoras na recepção das minhas cartas, será necessário que che envie hoje mesmo os parabéns para o quinto aniversário de Delio. Seja como for, encomendo-che os parabéns: que sejam muitos, muitos. Lembrarás-te? Cinco anos já. E agora Delio é já maior. Quem sabe que impressom che produz vê-lo crescer. Lembro-o em abril de 25, quando tinha a tosse convulsa e me parecia tam infeliz! Quando o vim de novo no 26 pareceu-me outro, absolutamente diferente. Neste momento, atendendo para os limites legais da minha condena, deveria vê-lo novamente quando tenha vinte e três anos e, com a pressa dos jovens, quando já tenha mulher e filhos. Será bem mais diferente do que em abril de 25. Estou a brincar, mas penso que terá filhos,

70 Transcriçom inexata do russo *tvoi papa*, «teu papai»

porque, se a cidade quer defender-se da invasom do campo e nom perder a sua hegemonia histórica, as novas geraçoms deverão mudar os seus pontos de vista sobre a prolificidade, nomeadamente entre vós. Se a cidade cresce pola imigraçom e nom pola sua própria força genética, poderá cumprir a sua funçom dirigente ou será submergida, com todas as suas experiências acumuladas, polas labregas, tam parideiras? Penso que a geraçom de Delio deverá colocar-se este problema e que sobre a sua base deverá nascer umha nova ética sexual, mais elevada do que a atual.

Abraço-te com tenrura  
Antonio



(Carta 53)

[1 de julho de 1929]

Querida Giulia,  
podes dizer-lhe para Delio que a notícia que mandache me interessou muitíssimo, por importante e por ser suficientemente séria. Porém, aguardo que alguém, com um pouco de cola, tenha consertado o dano feito por Giuliano e que o chapéu nom se tenha convertido em papel de estraça. Lembras como Delio pensava em Roma que eu podia arranjar todas as cousas rotas? Com certeza, já o esqueceu. E ele, tem a tendência a consertar? Esta, para mim, seria um indício de construtividade, de caráter positivo, mais do que o jogo do mecano. Enganas-te se acreditas que eu tinha quando criança tendências... literárias e filosóficas, como escreveche. Era, polo contrário, um intrépido aventureiro e nom saia da casa sem ter no bolso graos de trigo e mistos envoltos em pedacinhos de hule, nom

fosse acabar num ilha deserta abandonado aos meus únicos meios. Era pois um audaz construtor de barcas e de carrinhos, e conhecia da ginjeira toda a nomenclatura marinheira: o meu maior sucesso foi quando um latoeiro da aldeia me pediu o modelo em papel de umha maravilhosa goleta de dous mastros, para a reproduzir em lata. Estava mesmo obcecado por estas cousas, porque aos sete anos lera *Robinson* e a *Ilha Misteriosa*. Ora bem, acho que umha vida infantil como aquela de há trinta anos é hoje impossível: hoje, as crianças, ao nascerem, tenhem já 80 anos, como o Lao-Tsé chinês<sup>71</sup>. O rádio e o aeroplano destruírom para sempre o robinsonismo, que foi a maneira de fantasiar para muitas geraçons. A invençom mesma do Meccano indica como o menino se intelectualiza rapidamente; o seu herói nom pode ser Robinson, mas o polícia ou o ladrom científico, polo menos em Ocidente. Portanto, pode-se-lhe dar a volta ao teu parecer e só entom será exato. Nom achas?

Escreveche o peso de Giuliano, mas nom a estatura. Tatiana dixo-me que Delio, quando pesava 18 quilos, media um metro e oito centímetros de altura. Estas notícias interessam-me muito, porque me dam impressons concretas: e porém envias demasiado poucas. Aguardo que Tatiana, sendo ainda mais boa do que tu, me envie, quando estiver convosco, muitas, muitas notícias de todo o tipo, sobre as crianças e também sobre ti. Sabes que che vai levar umha máquina fotográfica? Lembrei-me que che prometera umha no 26 e que figera a encomenda para Tatiana. Para tua mae, visto que já há castanhas (no 25, tua mae desgostou-se comigo porque nom lhe leva-

71 Lao-Tsé (604?-531 a.C.), filósofo chinês, considerado o fundador do taoísmo. Conta a lenda que estivo setenta anos no ventre materno e que nasceu com os cabelos brancos

ra castanhas) direi-lhe a Tatiana que faga umha escolma de cigarros de diferentes países, para levar-lhos no meu nome; gostará deles? Tenho a certeza de que sim. Querida, abraço-te com as crianças.

Antonio



(Carta 54)

30 de julho de 1929

Querida Iulca,

recebim a tua carta do 7. As fotografias nom me chegárom ainda; aguardo que esteja também a tua. É claro que quero verte, polo menos umha vez por ano, para ter umha impressom um pouco mais viva: de outra maneira, o que poderia pensar? Que mudache muito fisicamente, que estás mais magra, que tés muitos cabelos brancos, etc. etc. E depois é preciso que che dê os parabéns polo teu aniversário com antecipaçom: se calhar, a próxima carta ainda chega a tempo, mas nom che estou certo. Se me chegar a tua fotografia, significa que hei de repetir os parabéns. Entende-me, quereria ver-te em grupo junto às crianças, como na fotografia do ano passado, porque no grupo há algo movimentado, dramático, captam-se as relaçons, que podem ser prolongadas, imaginadas noutras cenas, em episódios da vida concreta, quando o objetivo do fotógrafo nom estiver aberto.

De resto, creio conhecer-te o suficiente como para imaginar outras cenas, mas nom podó imaginar o suficiente as açons e reaçons das crianças nas relaçons contigo, e compreendo as açons e reaçons vivas vez por vez, nom já os sentimentos e as disposiçons gerais: as fotografias dim-me pouco

e as minhas lembranças de criança nom me ajudam, porque as penso com demasiados detalhes e imagino que agora é tudo diferente, num mundo sentimental novo e com duas geraçons de diferença (poderia-se dizer mesmo que mais, porque entre umha criança educada numha aldeia sarda e umha criança sarda educada numha grande cidade moderna, já por este único facto, existe umha diferença de duas geraçons, polo menos). Sabes?, em occasions gostaria de escrever sobre ti, sobre a tua força, que é superior cem vezes ao que tu pensas, mas duvidei sempre, porque me parece que som... um negreiro que apalpa umha besta de trabalho. Escrevim-no assim, tal qual o tenho pensado tantas vezes. De resto, se já o pensei, tanto fai escrevê-lo também. Nom deveria pensá-lo, mas será porque ainda sobrevivem em mim, no estado de sentimentos reprimidos, muitas concepçons do passado, superadas criticamente, mas nom apagadas ainda por completo. É claro que muitas vezes me obceca o pensamento de que a ti che correspondêrom os pesos mais duros da nossa relação —os mais duros objetivamente, se quizeres, embora só seja um matiz—e por isso nom podó deixar de pensar na tua força, que admirei tantas vezes, sem dizê-lo, tenho tendência antes, polo contrário, a pensar nas tuas fraquezas, nos teus possíveis cansaços, com umha grande efusom de tenrura, que poderia ser exprimida com umha carícia, mas dificilmente com palavras. E depois, som ainda bastante invejoso, porque nem podó desfrutar a primeira frescura das impressons sobre a vida das crianças, ajudando-te a guiá-los e educá-los. Lembro muitas pequenas cousas da vida de Delio em Roma e também os princípios de que tu e Genia partiades ao tratar com ele e penso novamente nisso, e procuro desenvolvê-lo e adaptá-lo a novas situaçons. Sempre chego à conclusom de que Genebra e o ambiente saturado de Rousseau e do doutor

Fulpius<sup>72</sup>, que devia ser tipicamente suíço, genebrino e rousseauniano, deixou umha grande impressom em vós. Contudo, afastei-me demasiado (se calhar, devia escrever noutra ocasiom sobre este tema, se estiveres interessada, para atacar-te com Rousseau, que naquela ocasiom (lembras ?) che alporiçara tanto. Querida, abraço-te.

Antonio



(Carta 55)

26 de agosto de 1929

Querida Tatiana,  
recebim a fotografia das crianças e estou mui contente, como podes imaginar. Também estou mui satisfeito porque me convencim com os meus olhos de que tenhem um corpo e umhas pernas: desde os três anos só lhes via as cabeças e começara a nascer em mim a dúvida de que se tivessem convertido em querubins, só que sem as pequenas asas atrás das orelhas. Em resumo, tivem umha impressom de vida mais intensa. Naturalmente, nom partilho por completo as tuas entusiastas apreciaçons. Acho, de maneira mais realista, que a sua composutura está determinada pola sua posiçom diante da maquina fotográfica; Delio está na posiçom de quem tem que cumprir umha corveia, aborrecida mas necessária, e que toma a sério;

72 Charles Fulpius ensinava numha escola de Genebra. G. tinha no cárcere um livro dele, um *Cours de morale sociale basé sur l'évolution*, I année, préface de Auguste Dide, auteur de *La fin des religions. Manuel destiné à l'Éducation des enfants de 9 à 15 ans par Ch. Fulpius*, Propriété de la Societé des Libres-Penseurs de Genève [1905].

Giuliano esbugalha os olhos diante desse couso misterioso, sem estar convencido de que nom haja umha surpresa algo incerta: poderia saltar fora um gato raivoso ou talvez um lindo pavom. Porque se nom lhe teriam dito que olhasse nessa direçom e que nom se movesse? Tés razom quando dis que se parece de maneira extraordinária com tua mae e nom só nos olhos, mas em toda a parte superior do rosto e da cabeça.

Sabes? Escrevo-che de má vontade, porque nom tenho a certeza de que a carta che chegue antes da tua partida. E à parte, ando mais umha vez algo escangalhado. Choveu muito e a temperatura refrescou: isso fai-me estar mal. Venhem-me dores nos rins e neuralgias e o estômago rejeita a comida. Mas é umha cousa normal em mim e por isso nom me preocupa demasiado. De resto, como um quilo de uva por dia, quando a vendem; por isso nom podó morrer de fome: a uva como-a com prazer e é de umha qualidade ótima.

Já lera um artigo do editor Formiggini relativo às más traduções e às propostas feitas para obviar esta epidemia, chegando mesmo um editor a propor que se fizesse responsáveis penais aos editores polos despropósitos publicados; Formiggini respondia ameaçando com fechar o negócio, porque até o mais escrupuloso editor nom pode evitar publicar disparates, e com muito humor eu já via um agente da polícia apresentando-se e dizendo: «Si levasse e venisse con mia in Questura. Dovesse rispndere di oltraggio alla lingua italiana!»<sup>73</sup> (os sicilianos falam um pouco assim e muitos guardas som

73 Gramsci reproduz nesta frase o italiano regional da Sicília. É umha piada difícil de traduzir e nem sequer fai muito sentido traduzi-la, mas para reproduzir o seu caráter cómico poderíamos dizer que umha versom aproximada é: «erguesse e vinhesse com eu à esquadra. Tivesse que responder pela ultragem à lingua italiana». Em definitivo, na Sicília, o imperfeito do subjuntivo utiliza-se com valor imperativo.

sicilianos). A questom é complexa e nom será resolvida. Os tradutores som mal pagos e traduzem pior. No 1921 dirigim-me à delegaçom italiana da Sociedade de Autores franceses com a finalidade de obter a licença para publicar um romance por fascículos<sup>74</sup>. Por 1.000 liras obtivem a licença e a tradução foi feita por um fulano que era advogado. O negócio apresentava-se mui bem e o advogado-tradutor parecia ser um profissional. Enviei entom para a gráfica, para que imprimissem o material de 10 fascículos, de maneira que sempre estivessem prontos. No entanto, na noite anterior ao início da publicação quigem revisá-la, por um escrúpulo, e pedim que me levassem as provas de imprensa. Depois de poucas linhas dei um chimp: encontrei que sobre umha montanha havia um enorme barco. Nom se tratava do monte Ararat e portanto da Arca de Noé, mas sim de umha montanha suíça e de um grande hotel. A tradução era toda assim: «Morceau de roi» era traduzido como «pedacinho de rei», «*goujat!*», «peixinho!» e assim para a frente, de maneira ainda mais humorística. Perante o meu protesto, o obradoiro abonou 300 liras para refazer a tradução e indenizar pola composiçom perdida, mas o bom foi que no momento em que o advogado-tradutor tivo na maõ as 700 liras restantes, que devia entregar ao patrom, escapou para Viena com umha moça. Até agora, polo menos, as traduções dos clássicos foram feitas com cuidado e escrúpulo, se nom sempre com elegância. Agora, mesmo neste campo acontecem cousas extraordinárias. Para umha coleção quase que de caráter estatal (o Estado deu um subsídio de 100.000 liras) de clássicos gregos e latinos<sup>75</sup>, a tradução da *Germania* de Tácito

74 No jornal *L'Ordine Nuovo*.

75 G. alude à *Collezione Romana* dirigida por Ettore Romagnoli, da Real Academia Italiana, publicada polo Istituto Editoriale Italiano. A tradução de F.

foi confiada a... Marinetti, que por outro lado é licenciado em Letras pela Sorbona. Lim numha revista umha listagem das barbaridades escritas por Marinetti, cuja tradução foi mui louvada pelos... jornalistas. «Exigere plagas» (examinar as feridas) é traduzido: «exigir as pragas» e penso que avonda: um estudante de secundária repararia em que é umha asneira sem sentido.

Querida Tatiana, quem sabe se poderás ter a carta antes da tua partida. Gostaria de que me buscassem em Roma entre os meus livros dous ou três volumes: a coletânea de conferências sobre a *Europa política no século XIX*, impressa pola Câmara de Comércio de Brescia e o volume de Michels sobre o *Partido político e as tendências oligárquicas da democracia moderna*, que possuo na tradução francesa anterior à guerra e na nova edição italiana de 1924, mui aumentada e enriquecida.

Pedira-che há bem tempo que me buscassem um pequeno volume de Vincenzo Morello (Rastignac) sobre o canto X do *Inferno* de Dante, impresso polo editor Mondadori há alguns anos (no 27 ou no 28): conseguirás lembrar-te disso agora? Sobre esse canto de Dante figem umha pequena descoberta que acho interessante e que viria a corrigir em parte umha tese demasiado absoluta de Benedetto Croce sobre a *Divina Comédia*. Nom che exponho o tema porque ocuparia demasiado espaço. Acho que a conferência de Morello é a última sobre o Canto X, cronologicamente, e por isso pode ser-me útil, para ver se alguém mais fijo já as minhas observaçõs; estranharia-me, porque no canto X todos estão fascinados pola figura de Farinata e detemhem-se apenas para a exami-

T. Marinetti aparecera em 1928.

nar e sublimar, e Morello, que nom é um estudioso, mas um *retórico*, terá-se mantido sem dúvida fiel à tradição, embora de todas as maneiras gostaria de a ler. Hei de escrever mais tarde a minha «nota dantesca» e se calhar hei-cha de enviar *como um presente*, escrita com umha boa caligrafia. Digo por brincar, porque para escrever umha nota deste tipo, deveria revisar umha certa quantidade de material (por exemplo, a reprodução das pinturas de Pompeia) que se encontra apenas em grandes bibliotecas. Por outras palavras, deveria reunir os elementos históricos que provam como, tradicionalmente, da arte clássica até o medievo, os pintores rejeitárom reproduzir a dor nas suas formas mais elementares e profundas (dor materna): nas pinturas de Pompeia Medeia, que degola os filhos tidos com Jasom, é representada com a face coberta por um veu, porque o pintor considera sobre-humano e desumano dar umha expressom à sua face.

Todavia, tomarei apontamentos e talvez faga umha versão preparatória para umha futura nota. Vês quantas trapalhadas che escrevim? Tudo porque nom tinha a certeza de que a carta che chegasse a tempo e nom permanecesse em troca descansando durante algumas semanas sobre a tua mesinha, à espera da tua volta. Igualmente, teria escrito também, como é habitual, a parte para Giulia; enfim, a próxima vez escreverei as quatro páginas inteiras para ela.

Ainda: tenta conseguir o *Catálogo geral do material escolástico e subsídios didáticos* da Editora G. B. Paravia, que tem também filiais em Milám e em Roma. E ainda: lembrarás esta vez favas americanas? Acho que para as encontrar tes que ir a umha farmácia grande, que tenha na medida do possível também um laboratório. (Tudo na hipótese de que a carta chegue!).

Queridíssima, abraço-te afetuosamente. Antonio

16 de dezembro de 1929

Queridíssima Tatiana,  
este mês escreveche pouquinho pouquinho: um postal de 28 de novembro e umha cartinha do 29 dentro da carta de Giulia. Porém, hás de saber que nem eu tenho neste momento muita vontade de escrever. Parece-me que todos os vínculos com o mundo externo vam rompendo um por um. Quando estava no cárcere de Milám duas cartas por semana nunca me chegavam: tinha a teima de parolar por escrito. Lembras como escrevia longas, longas cartas? Poderia-se dizer que na altura todos os meus pensamentos, durante a semana, se concentravam na Segunda-feira: «sobre que podó escrever? De que maneira podó escrever sobre isto ou sobre isto outro, para que nom retenham a carta?» Agora nom sei mais sobre que escrever, como começar. Estou-me encasulando por completo. A minha atençom dirige-se ao que leio e traduzo. Quando reflexiono sobre mim mesmo tenho a impressom de ter caído novamente no estado de obsessom em que me encontrava nos anos da universidade, quando me concentrava numha questom e ela me absorvia de tal maneira que já nom reparava em nada e algumas vezes corria o perigo de acabar sob o elétrico.

Dis que escreva para Giulia tantas pequenas cousas, detalhes da minha vida. Mas o facto é que na minha vida nom há nem pequenas cousas, nem detalhes, nom há claro-escuros. E é bom que seja assim. Quando a vida no cárcere é movida, é um sinal mui feio. O único campo que nom é como aquela pintura que representava um negro na escuridade é o cerebral. Mas há limites, substanciais e formais. Formais, porque estou no cárcere e tenho limites regulamentares. Substanciais,

porque aquilo que me interessa tem amiúde um valor muito relativo. Neste momento, interessa-me a questom de se a língua dos Niam Niam, que se chamam a si mesmos o povo dos Sandeh (enquanto o nome Niam Niam é atribuído por eles aos vizinhos Dinka) pertence ou nom ao ramo sudanês ocidental, mesmo se o território onde se fala está situado no Sudám oriental, entre 22° e 28° graus de longitude Leste. Em definitivo, se a classificaçom das línguas deveria fazer-se melhor conforme a distribuiçom geográfica ou conforme o processo histórico de filiaçom, etc., etc.

Esta é também a razom pola qual nem sequer esta vez escrevo a Giulia. Nom sei mesmo o que escrever. E nom quero escrever umha carta de cortesia, como se di. Devo refletir ainda sobre alguns problemas e como nom os resolvim, nom consigo escrever. (Nem sei se os conseguirei resolver). O problema fundamental é este: devo pensar em Giulia e tratar com ela conforme os esquemas da psicologia banal, atribuídos ordinariamente ao mundo feminino? Repugnaria-me em sumo grau. Porém... como achas que que deve interpretar-se a sua carta, onde me di que após a minha carta de 30 de julho se sentiu mais próxima de mim e que de outra parte ficasse quatro messes sem escrever-me, precisamente depois dessa carta? Até agora nom conseguimos encontrar a síntese superior desta contradicçom e nom sei se a conseguirei encontrar. É por isso que me abstenho. Escreves que nom te decides a mandar a Giulia a minha última carta, porque poderia fazer-lhe mal. É certo que lhe fará mal, mas nom considero que isso seja umha boa razom. Aliás, tenho a certeza de que ela mesma prefere conhecer exatamente o meu estado de ánimo. Achas que me alegra escrever estas cousas? Porém, cheguei ao ponto em que me encontrava, como já dizem, quando estava na universidade: naquela época nunca escrevia cartas. Quando eu

me encontro diante de umha questom que nom podó resolver e estou convencido de que realmente nom podó resolvê-la, abandono-a e nom penso mais nela. Fago-o por respeito a mim próprio e também por respeito aos demais: estimo demasiado Giulia como para considerá-la umha burguesinha sentimental, que sei eu, como a protagonista de Eugénio Onéguin<sup>76</sup>, por exemplo. Nom achas, querida Tatiana? Enfim, envia esta carta para Giulia: nom deixa de estar dirigida a ela, mesmo se de maneira indirecta. Queridíssima Tatiana, vê quantos desgostos che estou a dar nestes últimos tempos? Lamento-o muitíssimo, podes-me crer. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 57)

19 de dezembro de 1929

Queridíssimo Carlo,  
recebim a carta de 4 de dezembro de mamae e a tua do 13. Agradeço-che o zelo com que levaste a cabo as minhas encomendas. Entre os objetos de vestiário que tinha em Roma nom che entregárom também um casaco? Acho que estava ainda aceitável, mesmo se já nom era mui novo. Estou a falar de um casaco de inverno, porque o outro, tipo gabardina, já estava feito um farrapo. Mas se calhar recebeche-lo e esqueche escrever-me a respeito disso. Dos dous pares de sapatos nom lembro mais nada: porém, penso que devem estar mui estragados e já inservíveis.

76 Tatiana Larina, protagonista do romance em verso de Pushkin.

Naturalmente, pido-che que nom lhe metas mais na cabeça a maae que é capaz de fazer umha viagem a Turi: só pensar na hipótese pom-me medo. Acho que já abusa demasiado da sua fibra excecional trabalhando com a sua idade e com tanta teimosia: já deveria ter direito à reforma, de existir a reforma para as maes de família. Acho que o primeiro contato com o cárcere causou em ti umha impressom mesmo péssima: imagina que impressom lhe poderia causar a ela. Nom se trata tanto de que a viagem seja longa, com todos os seus incómodos, para umha mulher anciá que nunca fijo mais de 40 km. em trem, nem atravessou o mar (se calhar, a viagem em si poderia diverti-la): trata-se de umha viagem deste tipo, feita para visitar um filho no cárcere. Parece-me que cumpre evitá-la, custe o que custar.

E afinal que lhe contache? Espero que nom exagerasses em nengum sentido: polo demais, tu mesmo viste que nom estou nem abatido, nem desanimado, nem deprimido. O meu estado de ánimo é tal que, mesmo se me condenassem a morte, continuaria a estar tranquilo e mesmo na tarde anterior à execuçom talvez estudaria umha liçom de chinês. A tua carta, e aquilo que escribes sobre Nannaro, interessou-me muito, mas também me surpreende. Vós os dous tendes feito a guerra: nomeadamente Nannaro, que fijo a guerra em condições extraordinárias, como mineiro, baixo terra, sentindo através do diafragma que separava a sua galeria da galeria austríaca como trabalhava o inimigo apurando o estourido da mina para mandá-lo polo ar. Opino que em condições semelhantes, prolongadas durante anos, com essas experiências psicológicas, o homem deveria ter alcançado o grau máximo de serenidade estoica e ter adquirido a convicçom profunda de que tem em si próprio a fonte das próprias forças morais, que tudo depende de si, da sua energia, da sua vontade, da férrea coe-

rência dos fins que se propom e dos meios que desprega para os levar à prática, para nom desesperar nunca mais e nom cair mais nesses estados de ánimo vulgares e banais que se chamam pessimismo e otimismo. O meu estado de ánimo sintetiza estes dous sentimentos e supera-os: som pessimista com a inteligência, mas otimista pola vontade<sup>77</sup>. Penso, em qualquer circunstância, na pior das hipóteses, para pôr em movimento todas as reservas de vontade e ser capaz de derrubar os obstáculos. Nunca me figem ilusons nem desilusons. Em particular, armei-me sempre com umha paciência ilimitada, nom passiva, inerte, mas animada de perseverança.

Com certeza, hoje há umha crise moral mui grave, mas no passado houve-as bem mais graves e há umha diferença entre hoje e o passado. [...] <sup>78</sup>. Por isso, som também um pouco indulgente e pido-che que sejas indulgente com Nannaro que, vim-no eu mesmo, também sabe ser forte. Só quando está isolado, perde a cabeça e se encoleriza. Talvez lhe escreva a próxima vez.

Querido Carlo, dei-che um sermom em toda a regra. Esquecia entretanto recomendar-che que cumprimentes muito e dês os parabéns para Teresina e também para Paolo, naturalmente, pola sua nova filha. Além disso, devo dar os parabéns gerais polo Natal e por todas as outras festas que virám. Eu festejarei o Natal o melhor possível, um pouco como o famoso senhor Chiu, de quem falava mamac quando éramos pequenos.

77 Esta expressom, frequentemente citada, é do escritor Romain Rolland; foi assumida por G. quase como lema.

78 Seis linhas riscadas pola censura. G. refere-se à crise económica mundial que estourou em outubro de 1929, com umha enorme queda de títulos na Bolsa de Nova Iorque, cujas consequências atingírom bem depressa a Itália, com um aumento das crebas finaceiras, do desemprego, etc.

Abraça a todos afetuosamente e nomeadamente a mamae.  
Teu Antonio



(Carta 58)

30 de dezembro de 1929

Querida Giulia,

nom me lembrei de perguntar a Tatiana, com quem conversei há alguns dias, se che enviou as duas últimas cartas minhas para ela. Acho que sim, porque lhe pedira que o fizesse; dado que eu queria que estivesse informada de um certo estado de ánimo meu, que se atenuou, mas que ainda nom desapareceu por completo, mesmo a custo de procurar-che algum desgosto.

Lim com muito interesse a carta em que me dás umha impressom do grau de desenvolvimento de Delio. As observaçoms que faga tenhem que ser julgadas, naturalmente, tendo presente alguns critérios limitativos: 1) que ignoro quase todo sobre o desenvolvimento das crianças, precisamente no período em que o desenvolvimento apresenta o quadro mais característico da sua formaçom intelectual e moral, após os dous anos, quando dominam com umha certa precisom a lingua-gem e começam a formar nexos lógicos, além das imagens e as representaçoms; 2) que o melhor juízo do itinerário educativo das crianças é, e só pode ser, de quem as conhece de perto e pode acompanhá-las em todo o processo de desenvolvimento, desde que nom se deixe cegar polos sentimentos, perdendo com isso qualquer critério, abandonando-se à pura contemplaçom estética do menino, que é degradado de maneira implícita à funçom de umha obra de arte.

Portanto, tendo em conta estes dous critérios, que som aliás um único critério com duas coordenadas, penso que o

estado de desenvolvimento intelectual de Delio, como se depreende daquilo que me escreves, está mui atrasado para a sua idade, é demasiado infantil. Quando tinha dous anos, em Roma, tocava o pianoforte, isto é, já compreendera a diferente gradação local das tonalidades sobre o teclado, por meio dos ruídos dos animais: o pintinho à direita e o urso à esquerda, com os intermédios de outros animais vários. Para umha idade de dous anos ainda nom cumpridos, este procedimento era compatível e normal; mas com cinco anos e algum mês, o mesmo procedimento aplicado à orientação, embora seja num espaço muitíssimo maior (nom tanto quanto pode parecer, porque as quatro paredes do quarto limitam e concretam este espaço), está mui atrasado e infantil.

Lembro com muita precisom que com menos de cinco anos, e sem ter saído nunca da aldeia, quer dizer, tendo das dimensons um conceito mui limitado, sabia encontrar com a vara a vila onde vivia, tinha umha impressom do que era umha ilha e encontrava as cidades principais da Itália num grande mapa mural; por outras palavras, tinha um conceito da perspectiva, de um espaço complexo e nom apenas de linhas abstratas de direção, de um sistema de medidas relacionadas, e da orientação conforme a posição dos pontos nestas conexons, acima-abaixo, direita-esquerda, como valores espaciais absolutos, fora da posição excecional dos meus braços. Nom acho que tenha sido excecionalmente precoce, antes polo contrário. Em geral, tenho observado como os «grandes» esquecem facilmente as suas impressons infantis, que a umha certa idade esvaecem num conjunto de sentimentos ou de lamentos ou de comicidade ou outra deformação. Igualmente, esquece-se que a criança se desenvolve intelectualmente de umha maneira mui rápida, absorvendo desde os primeiros dias do nascimento umha quantidade extraordinária de imagens que

som lembradas ainda depois dos primeiros anos e guiam a criança nesse primeiro período de juízos mais reflexivos, possíveis depois da aprendizagem da linguagem. Naturalmente, nom podo emitir juízos e impressons gerais, devido à ausência de dados específicos e numerosos; ignoro quase tudo, por nom dizer tudo, dado que as impressons que me comunicache nom tenhem qualquer vínculo entre elas, nom mostram um desenvolvimento. Mas a partir do conjunto destes dados tiveram a impressom de que a tua conceiçom e a do resto da tua família é demasiado metafísica, quer dizer, pressupom que na criança está em potência o homem completo e que é preciso ajudá-lo a desenvolver aquilo que já contém em latência, sem coerçons, deixando fazer às forças espontâneas da natureza, ou que sei eu. No entanto, penso que o homem é toda umha formaçom histórica, obtida com a coerçom (entendida nom só num sentido brutal e de violência externa) e penso apenas isto: que de outra maneira se cairia numha forma de transcendência ou de imanência. Aquilo que se acha força latente nom é, quando menos, senom o conjunto informe e indiferenciado de imagens e de sensaçons dos primeiros dias, dos primeiros menses, dos primeiros anos de vida, imagens e sensaçons que nem sempre som as melhores do que se quer imaginar. Esta maneira de conceber a educaçom, como o desnovelamento de um fio pré-existente tivo a sua importância quando se contrapunha à escola jesuítica, isto é, quando era a negaçom de umha filosofia ainda pior, mas hoje está igualmente superada. Renunciar a formar a criança significa apenas permitir que a sua personalidade se desenvolva, acolhendo de maneira caótica do ambiente geral todos os fundamentos de vida. É estranho e interessante que a psicanálise de Freud esteja a criar, nomeadamente na Alemanha (a julgar polas revistas que leio) tendências semelhantes às existentes na França no século de-

zuito; e que vaia formando um novo tipo de «bom selvagem» corrompido pola sociedade, isto é, pola história. A partir disso nasce umha nova forma de desordem intelectual muito interessante.

Em todas estas cousas me fijo pensar a tua carta. Pode ser, até é mui provável, que algumha apreciação minha seja exagerada e até injusta. Reconstituir a partir de um ossinho um megatério ou um mastodonte era próprio de Cuvier, mas pode acontecer que com um pedaço da cola de um rato se reconstrua polo contrário umha serpe de mar.

Abraço-te afetuosamente.

Antonio



(Carta 59)

13 de janeiro de 1930

Queridíssima Tania, recebim com algum dia de demora a tua carta do 5, porque foi taxada, certamente por erro. Enviaste-la desde Turi, sem dúvida e o franqueio de 25 céntimos era pois correto. Haverá que fazer um recurso. Seja como for, advirto-che que se neste caso o funcionário dos correios nom tinha razom, noutros casos tinha-a: enches demasiado os postais polo lado do endereço, apesar de que nunca se deve escrever por cima da legenda «carta postal» e talvez nem sequer por cima do emblema do Estado. O postal vem taxado com 40 céntimos e em ocasiões provoca que se demore três dias por causa das diligências precisas.

Agradeço-che as notícias que me enviache sobre a família. Quanto ao meu estado de ánimo, penso que nom o compreen-

deche mui bem. Porém, devo dizer que é difícil para qualquer pessoa compreender estas cousas à perfeiçom, porque concorrem demasiados elementos para formá-las, e muitos deles som quase impossíveis de imaginar; tanto menos é possível, certamente, imaginar o conjunto em que se combinam. Nestes dias, justamente, lim um livro, *Dal 1848 al 1861*, em que se recolhem cartas, escritos, documentos relativos a Silvio Spaventa<sup>79</sup>, um patriota abruzzês, deputado no Parlamento napolitano do 48, detido após o falhanço do alçamento nacional, condenado a prisom perpétua e liberado em 1859 polas pressons da França e da Inglaterra; a seguir, ministro do Reino e umha das personalidades mais salientes do partido liberal de direita até o 1876. Pareceu-me que em muitas cartas, com a linguagem do tempo, quer dizer, um tanto romántica e sentimental, exprime à perfeiçom uns estados de ánimo semelhantes àqueles polos que passo amiúde. Por exemplo, numha carta ao pai de 17 de julho de 1853 escreve: «De vós, nom tenho notícias desde há dous messes; desde há quatro, ou talvez mais, das irmás; e, desde há algum tempo, de Bertrando (seu irmao). Achades vós que para um homem como eu, que me prezo de ter um coração afetuoso e em plena juventude, esta privaçom nom há de tornar-se excessivamente dolorosíssima? Nom penso que seja agora menos amado do que o fum sempre pola minha família; mas a desventura costuma ter dous efeitos, que amiúde deixam apagar qualquer afeto polo desventurados e, nom menos amiúde, apaga nos desventurados qualquer afeto por todos. Nom temo o primeiro destes dous efeitos em vós mas o segundo em mim; depois do qual, sequestrado como estou aqui de qualquer trato humano e amoroso, o grande té-

79 Silvio Spaventa, *Dal 1848 al 1861. Lettere, scritti, documenti*, publicados por Benedetto Croce, Laterza, Bari, 1923.

dio, o longo cativoiro, a suspeita de ser esquecido por todos me amarga e esteriliza lentamente o coração». Como dizia, à parte a linguagem correspondente com o temperamento sentimental da época, o estado de ánimo destaca notavelmente. E, aquilo que me conforta: o Spaventa nom foi, com certeza, umha personalidade débil, um choramingas como outros. Ele foi dos poucos (uns sessenta) que de entre os mais de seiscientos condenados no 48 nunca quiço pedir a amnistia ao rei de Nápoles; nem se deu à devoçom, polo contrário: como escreve amiúde, foi-se persuadindo cada vez mais de que a filosofia de Hegel era o único sistema e a única conceiçom do mundo racionais e dignas do pensamento naquela altura.

Sabes, pois, qual será o efeito prático desta concordância que encontrei entre os meus estados de ánimo e os de um preso político do 48? Que desde de agora ham de parecer-me um pouco cómicos, ridiculamente anacrónicos. Passárom três geraçoms e andou-se caminho, em todos os campos. Aquilo que era possível para os avós, nom é possível para os netos (nom me refiro aos nossos avós, porque meu avô, nom cho dizem nunca, chegou a ser coronel da gendarmeria borbónica e provavelmente estivo entre os que detivérom o Spaventa antiborbónico e fautor de Carlo Alberto); objetivamente entende-se, que de maneira subjetiva, isto é, no nível individual, as cousas podem mudar.

Querida Tania, ontem foi o teu santo; achava que poderia dar-che os parabéns em pessoa, e porém apenas podó dar-chos por escrito um dia mais tarde e tu ainda os lerás dentro de alguns dias. Aguardo que te reponhas e que podas sair da casa, se o tempo continua como hoje. Sabes como lamento que as tuas viagens a Turi, para algo mais de meia hora de conversa, te fatiguem tanto e te fagam até cair doente. Estou convencido de que te descuidas demasiado: lembro que Genia

era mais ou menos como tu quando a conhecim no sanatório e depois, quando entrámos numha certa confiança, devia ameaçá-la com pauladas para fazer que comesse: escondera ao médico centos de ovos que devia ter comido e que no entanto escondera, e assim para a frente. Tua mae riu muito quando soubo a história das minhas intimidaçons, mas deu-me a razão. Também tu necessitarias que che colhessem das orelhas, embora fosse com um certo benevolência: acho que perdeche o gosto de viver para ti e que vives apenas para os demais. Nom será um erro? E vivendo também para ti, fortalecendo a tua saúde, nom viverás também melhor para os demais, se assim gostas e se isso é o teu único gosto? Sinto muita tenrura por ti e quereria ver-te sempre forte e sá; também isto me amarga, saber-te aqui em Turi, assim, doentia, débil, somente para me dares um pouco de conforto e romper o meu isolamento. Já chega. Esta carta devia ser para minha mae. Pidoche que lhe escrevas, para que nom se alarme por nom receber notícias minhas.

Querida, abraço-te.

Antonio



(Carta 6o)

7 de abril de 1930

Queridíssima Tania,  
recebim o que me enviache. Soubem que che devolvêrom a caneta estilográfica; parece-me que che escrevera que as canetas estilográficas nom podem ser enviadas em nengum caso, mas vê-se que depois o esquecim. De resto, podias te-lo pensado quando mandei a minha, junto com relógio e a medalha, to-

das eles considerados objetos de valor e que nom se podem conservar, nem sequer no depósito. Acho que até o famoso saco nom me poderá servir para nada; a dizer verdade, nom consigo nem imaginar para que pode servir em geral; talvez para ir à caça dos ouriços-cachos? Quem sabe o que pensavas quando mandache que o fizessem! Pensarias, é claro, que fazias algo útil e cómodo; por isso che agradeço também este saco; seja como for, há de ser-me mui útil.

Estaria-che agradecido se me enviasses umha lista completa dos livros que che enviei para fora: reconstruindo-a pelas minhas contas esquecim algum, porque as contas nom me saem. Queria tê-la para que depois nom me aconteça ter que procurar inutilmente entre o resto.

*Il Diavolo a Pontelungo* é bastante «histórico», no sentido em que o experimento da Baronata<sup>80</sup> e o episódio de Bolonha de 1874 acontecêrom realmente. Como em todos os romances históricos deste mundo, é histórico o marco geral, mas nom as personagens e os acontecimentos concretos, um por um. Aquilo que fai com que este romance seja interessante, para além das notáveis qualidades artísticas, é a quase ausência da acridez sectária do autor. Na literatura italiana, para além do romance histórico de Manzoni, existe nesta classe de produção umha tradição essencialmente sectária, que se remonta ao período entre o 48 e o 60; de umha parte, está o fundador da família Guerrazzi<sup>81</sup>, de outra o padre jesuíta Bresciani. Para

80 A «Baronata», fazenda nas proximidades de Lucarno, comprada por Carlo Cafiero e posta à disposição de Bakunin. Devia servir como refúgio para os internacionalistas e como depósito de armas. Bakunin dirigiu tam mal a «Baronata», que em 1874 fracassou. O «episódio de Bolónia» é a tentativa insurreccional de 7-9 de agosto de 1874, organizado por Bakunin, terminou com a detenção de numerosos internacionalistas.

81 Francesco Guerrazzi (1804-1873), escritor e patriota. Tomou parte nos

Bresciani, todos os patriotas eram canalhas, velhacos, assassinos, etc., enquanto os defensores do trono e do altar, como se dizia entom, eram todos anjinhos baixados à terra para mostrarem milagres. Para Guerrazzi, entende-se, as partes invertiam-se; os papistas eram todos sacos do mais negro carvom, enquanto os defensores da unidade e independência nacionais eram todos os mais puros heróis de lenda. A tradição manteve-se até há pouquíssimo tempo, para a literatura de folhetim publicada em fascículos, nas duas fileiras tradicionais; na literatura chamada artística e culta, a parte jesuítica tivo o monopólio. Bacchelli em *Il Diavolo a Pontelungo* demonstrase independente, ou quase; o seu humor chega raramente a ser umha opiniom preconcebida, está nas cousas mesmas, mais que numha opiniom extra-artística preconcebida do escritor.

Sobre a filha de Costa e da Kulisciof tem um romance especial, a *Gironda*, de Virgilio Brocchi, que nom sei se leche. Vale bem pouco, é adocicado, todo leite e mel, na linha dos romances de Georges Ohnet. Narra precisamente as vicissitudes polas quais Andreina Costa casa com o filho do industrial católico Gavazzi e a sucessom de contatos entre as duas atmosferas, católica e materialista, e como se moderam os contrastes: *omnia vicit amor*. Virgilio Brocchi é o nosso Ohnet nacional.

O livro de d'Herbigny sobre Soloviov está mui antiquado, embora só agora fosse traduzido para o italiano. Porém, D'Herbigny é um monsenhor jesuíta de grandes capacidades; neste momento está à cabeça da seções oriental da Cúria pontifícia, que trabalha pola volta à unidade entre católicos e ortodoxos.

acontecimentos de 1848-49; os seus romances desempenhárom um grande papel na preparaçom dos ánimos para a conquista da independência italiana.

Também o livro sobre *L'Action Française et le Vatican* ficou já antiquado: é apenas o primeiro volume de umha série que talvez continue ainda, porque Daudet e Maurras nom se cansam de servirem, com diferentes molhos, os mesmos pratos: mas justamente por isso este volume, como exposição de princípios, pode parecer ainda interessante. Nom sei se chegache a perceber toda a importância histórica que o conflito entre o Vaticano e os monárquicos franceses tem na França: ele equivale, em certa medida, à reconciliação italiana. É a forma francesa de umha conciliação profunda entre o Estado e a Igreja: os católicos franceses, como massa organizada na Ação Católica francesa, cindem-se da minoria monárquica, quer dizer, deixam de ser a reserva popular potencial para um golpe de estado legitimista e tendem, polo contrário, a formar um vasto partido de governo republicano católico, que quereria absorver, e absorverá certamente, umha parte notável do atual partido radical (Herriot e Cia.). Foi normal que no 26, durante a crise parlamentar francesa, enquanto a «*Action Française*» pré-anunciava o golpe de força, e publicava os nomes dos futuros ministros que deviam constituir o governo provisório que teria reclamado o pretendente Jean IV de Orleans, o chefe dos católicos aceitasse entrar a fazer parte de um governo de coalizção republicana. A lívida rábia de Daudet e Maurras contra o cardeal Gasparri e o núncio pontifício em Paris deve-se mesmo à consciência adquirida de terem diminuído politicamente 90%, por dizer pouco.

Queridíssima, esqueço sempre escrever que me envie alguns medicamentos: lembram-mo as nevralgias que voltárom hoje. Queria um pouco de aspirina Bayer e uns poucos comprimidos do doutor Faivre contra a hemicrania. Para dormir nom me envie nada, porque estou estável; durmo pouco, é verdade (3 ou 4 horas por noite), mas já nom me acontece o

estar sem dormir mais do que 4 ou 5 noites seguidas, que é já um grande progresso.

Há alguns dias recebim umha breve carta de Carlo; pede-me para responderes umha carta sua. O pobre está mui triste, porque está no desemprego e está preocupado porque, como nom me tem mandado dinheiro desde há alguns messes, pensa que estou desprovido; escreve-lhe que tenho ainda dinheiro e que o terei ainda durante messes. Por outra parte, eu mesmo poderei escrever-lhe dentro de uns dias, porque terei a carta extraordinária de Páscoa. Queridíssima, estou contente porque segues, como dis, a cura dos ovos. Acho isto fundamental para ti; estou convencido, por experiência, de que umha parte notável do teu mal-estar está causada pola escassa nutriçom. Deves procurar aumentar polo menos dez quilos e voltar ser como eras quando frequentavas a universidade, tal qual aparesces numha fotografia que lembro, feita na clínica da universidade, acho. Deves fazer mesmo assim.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 61)

5 de maio de 1930

Queridíssima Giulia,  
numha conversa recente, Tatiana pintou-me um quadro discretamente escuro do teu estado de ánimo e das tuas condições de saúde. Numha carta anterior informara-me das doenças que atingírom tanto Delio como Giuliano. Ora bem, pareceu-me que a própria Tatiana está escassamente informada e apenas por via indireta, e nom sei que juízo formar-me.

Vejo pavorosamente longínquo o tempo em que me asseguravas que nom me ocultarias nada relativo à tua saúde e ao desenvolvimento das crianças. Vê-se que mudache de opiniom, e alguma razom deve haver para esta mudança, embora nom consiga imaginá-la. Penso que debes estar verdadeiramente mui mal, debes estar mesmo cansa. Mas qual o motivo de nom fazer-me saber alguma cousa, por que fazer aumentar o sentido da impotência que já tenho por todas as limitaçoens da vontade e da liberdade a que fum condenado polo Tribunal Especial para a Defesa do Estado? Se Tatiana nom tivesse estado na Itália e nom me tivesse informado de quando em quando, nom sei que poderia ter feito; se calhar, teria recorrido ao consulado. Penso que debes fazer um grande esforço por ti mesma, para me informares com muita sinceridade e franqueza sobre as tuas condiçoens e as das crianças, sem agacharme mesmo nada; estou reduzido a tal condiçom que prefiro receber más notícias antes do que nom receber notícias em absoluto, o qual me fai pensar nas piores cousas.

Espero. Abraço-te.

Antonio



(Carta 62)

19 de maio de 1930

Queridíssima Tatiana, recebim as tuas cartas e postais. Fijo-me sorrir outra vez a curiosa conceiçom que tés da minha situaçom carcerária. Nom sei se leche as obras de Hegel, que escreveu que «o criminoso tem *direito à sua pena*»<sup>82</sup>. Tu imaginas-me, mais ou

82 G. alude à seguinte passagem da *Philosophie des Rechts*: «A pena que co-

menos, como um que reivindica com insistência o direito de sofrer, de ser martirizado, de nom ser defraudado nem um minuto, nem um segundo num matiz da sua caneta. Seria um novo Gandhi, que quer dar testemunho perante os superiores e os inferiores dos tormentos do povo indiano, um novo Jeremias ou Elias, ou nom sei que outro profeta de Israel que ia para a praça comer cousas imundas, para se oferecer em holocausto ao deus da vingança, etc. etc. Nom sei como te figeche essa ideia, que é mui ingénua nas tuas relaços pessoais e bastante injusta nas tuas relaços para comigo, injusta e desconsiderada. Dixem-che que som eminentemente prático; penso que nom entendes o que quero dizer com esta expressom, porque nom fás nengum esforço para te pôr na minha posiçom (provavelmente, devo aparecer pois ante ti como um comediante, ou que sei eu). A minha praticidade consiste nisto: em saber que se bato a cabeça contra a parede é a cabeça que rompe, e nom o muro. Mui elementar, como vês, e contudo mui difícil de entender para quem nom deveu pensar nunca em poder bater a cabeça contra a parede, mas que sentiui dizer que chega com dizer: «abre-te Sésamo!», para que o muro se abra. A tua atitude é inconscientemente cruel; tu vês alguém atado (na verdade, nom o vês atado, nom consigues ver as ataduras) que nom quer mover-se, porque nom pode mover-se. Pensas que nom se move porque nom quer (e nom vês que, por ter querido mover-se, as ataduras mancárom-lhe

rresponde ao delinquente, nom é apenas justa em si —, entanto que justa é, ao mesmo tempo, a sua vontade e é, em si, umha existência da sua liberdade, o seu direito; também é um direito, que reside no próprio delinquente, quer dizer, na sua vontade existente, na sua açom. Pois na sua açom, como na de qualquer ser racional, há algo de universal; por meio dela, afirma-se umha lei, que reconheceu para si e sob a qual, portanto, pode ser subsumido, como sob o seu direito» (trad. da versom it. De F. Messineo, Laterza, Bari, 1954, S 100, p. 97).

as carnes) e entom, dá-lhe, atíça-lo com varas de ferro incandescentes. Que obtés? Consegues que se contorcione e às ataduras que já o dessangram acrescentas as queimaduras.

Este quadro horripilante, próprio de um romance de folhetim sobre a Inquisição espanhola, penso que nom che há de convencer, abofé, e continuarás; e como as varas incandescentes som também puramente metafóricas, acontecerá que continuarei ainda com o meu «costume» de nom romper os muros a cabeçadas (já me dói avondo a cabeça para aturar semelhantes golpes), deixando de parte, sem resolver, aqueles problemas para os que me faltam os elementos indispensáveis. Esta é a minha força, a minha única força, e esta, precisamente, é a que gostaríades de me tirar. Aliás, é umha força que nom se pode oferecer para os demais, infelizmente; pode perder-se, mas nom se pode presentear nem transmitir. Acho que tu nom meditache avondo sobre o meu caso e nom sabes descompô-lo nos seus elementos. Estou submetido a vários regimes carcerários: está o regime carcerário constituído polas quatro paredes, pola grade, polo janelo, etc., etc., que já fora previsto por mim, e como probabilidade secundária, porque a probabilidade primária, desde 1921 a novembro de 1926, nom era o cárcere, mas sim perder a vida. O que nom fora previsto por mim era o outro cárcere, que se acrescentou ao primeiro, constituído pola perda, nom só da vida social, mas também da vida familiar, etc. , etc.

Podia prever os golpes dos adversários que combatia; nom podia prever que me chegariam golpes também de outras partes, desde onde menos podia suspeitá-los (golpes metafóricos, entenda-se, mas também o código distingue nos crimes entre atos e omissons; isto é, também as omissons som culpas ou golpes). Eis todo. Mas estás tu, dirás. É verdade, és mui boa e eu quero-te muito. Mas nom som estas cousas em que sirva

a substituição da pessoa e além de mais, a coisa é mui, mui complicada e difícil de explicar bem (até pela questão dos muros nom metafóricos). Eu, para dizer verdade, nom som mui sentimental, e nom som as questões sentimentais as que me atormentam. Nom é que seja insensível (nom quero adotar a pose de cínico ou de *blasé*); antes pelo contrário, também as questões sentimentais que se me apresentam vivo-as em combinação com os outros elementos (ideológicos, filosóficos, políticos, etc.), de maneira que nom saberia dizer até onde chega o sentimento e onde começa, pelo contrário, um dos outros elementos; se calhar, nem sei dizer de umha maneira precisa que elementos som estes, tam unidos como estão num tudo inseparável e com umha vida única. Talvez seja esta umha força; talvez seja também umha debilidade, porque leva a analisar os demais da mesma maneira, e conseqüentemente, se calhar, a tirar conclusões erradas. Mas nom continuo, porque estou escrevendo umha dissertação e pelo que parece é melhor nom escrever nada antes do que escrever dissertações.

Queridíssima Tatiana, nom te preocupes tanto pelas camisolas; com as que tenho podo fazer aguardar as que me enviases. Nom me mandes o *termos* ou antes, manda-mo só depois de conseguires, por parte da direção, a certeza de que mo darám; para tê-lo no depósito é melhor nom tê-lo.

A senhora Pina mora justo na *via* Montebello 7; nom penso que vaia vir para já, antes pelo contrário. Enviarei-che para fora outros poucos livros e duas camisas esfarrapadas.

Escreve para a minha mae, sauda-a da minha parte e assegura-lhe que estou bastante bem.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



2 de junho de 1930

Queridíssima Tatiana,  
recebim as camisolas que me enviache e agradeço-cho. Nom tenho mais roupa branca estragada para te enviar, além das duas camisas que recebeche; até estas se rasgárom justo nestas duas últimas semanas; estavam mui desgastadas, mas nom estavam esfarrapadas, como tu mesma podes verificar se as observares. Por isso, nom esperes nada; as tuas virtudes de remendona nom terám occasions para se manifestarem, polo menos desta vez. Recebim também as tuas duas cartas de 24 e de 31 de maio. Estás mui enganada se pensas que devo compadecer-te, porque «estás decidida a nom esconder-me nada», ou quando escreves que «a tua sinceridade te obriga a ser cruel, sem esconder-me a verdade». Polo contrário, parece-me que foste bem mais cruel por esperares três anos para me escrever certas notícias. Mas nom cho levo a mal: renunciei a entender algumas cousas, já me convencim de que, por umha razom ou por outra, nunca conseguirei ter elementos suficientes para entender algumas cousas. Os postais de teu pai, que me transcreves, convencêrom-me justamente disso.

Queridíssima, quero escrever-che sobre um tema que te há de aborrecer ou que te fará rir. Dando umha vista de olhos ao pequeno Larousse, voltou-me à memória um problema bastante curioso. Sendo criança, era um incansável caçador de lagartixas e de serpes e dava de comer a um falcom mui bonito que domesticara. Durante aquelas caçarias nos campos da minha aldeia (Ghilarza), aconteceu-me três ou quatro vezes encontrar um animal muito semelhante com a serpe comum (culebra), só que com quatro patinhas, duas perto da cabeça e duas bem longe das primeiras, perto da cauda (se se

pode chamar assim): o animal media 60-70 centímetros de longitude, era mui largo em relação à longitude; a sua largura corresponde com a de umha culebra de 1 metro 20 ou de um 1 metro e 50. As patinhas nom lhe eram mui úteis, porque fugia deslizando mui devagar. Na minha aldeia, este réptil chama-se de *scurzone*, que viria sendo «cortado» (*curzu* quer dizer «curto») e o nome refere-se, é claro, ao facto de ele parecer umha culebra cortada (olha que existe também o licranço, que une à pouca longitude a proporcionada finura do seu corpo). Em Santu Lussurgiu, onde figem os três últimos anos do *ginnasio*, perguntara ao professor de História Natural (que era na realidade um antigo engenheiro do lugar) como é que se chamava em italiano ao *scurzone*. Ele riu e dijo-me que era um animal imaginário, o áspide ou o basilisco, e que nom conhecia qualquer animal como o que eu descrevia. Os rapazes de Santu Lussurgiu explicárom que na sua aldeia *scurzone* era precisamente o basilisco, e que o animal descrito por mim se chamava *coloru* (*coluber* latino), enquanto a culebra se chamava *colora* em feminino, mas o professor dixo que eram todas superstições de camponeses e que as culebras com patas nom existem. Sabes como fai raivar a um rapaz ver que nom lhe dam a razom, quando sabe porém que tem a razom, ou que até se burlem dele por supersticioso, quando se trata de cousas reais; acho que se ainda lembro o episódio é devido a esta relação contra umha autoridade posta ao serviço da ignorância segura de si mesma. Aliás, na minha aldeia nom ouvira nunca falar nas propriedades malélicas do basilisco-*scurzone*, que no entanto era temido e circundado de lendas noutros países. Ora, precisamente no Larousse vim na tábua dos répteis um sauriano, o *seps*, que é justamente umha culebra com quatro patinhas (o Larousse di que vive na Espanha e na França meridional; é da família dos *scincidés*, cujo representante típico é o

*scinque* (talvez o lagarto verde?). A figura do *seps* nom condiz muito com o *scurzone* da minha aldeia: o *seps* é umha culebra regular, fina, longa, proporcionada, e as patinhas estão unidas ao corpo de forma harmoniosa; o *scurzone*, polo contrário, é um animal repelente: a sua cabeça é mui grande e nom pequena, como a das culebras; a «cauda» é bastante cônica; as duas patinhas de diante estão demasiado próximas da cabeça, e além disso estão demasiado afastadas das patas traseiras; as patas som alvacentas, mal-sás, como as do proteu, e dam a impressom de monstruosidade, de anormalidade. O animal todo, que vive em lugares húmidos (eu via-o sempre que fazia rolar grandes pedras) dá umha impressom falta de graça, nom como a lagartixa ou a culebra, que à parte da repulsom genérica do homem polos répteis, som no fundo elegantes e graciosas. Gostava de saber agora, graças à tua sabedoria em história natural, se este animal tem um nome italiano e se se conhece que em Sardenha existe esta espécie, que deve ser da mesma família do *seps* francês. É possível que a lenda do basilisco impedira procurar o animal em Sardenha; o professor de Santu Lussurgiu nom era um estúpido, antes polo contrário, era mesmo mui estudioso; fazia coleçons mineralógicas, etc., e no entanto nom acreditava em que existisse o «*scurzone*» como umha realidade bem pedestre, sem o hálito venenoso e os olhos incendiários. Com certeza, este animal nom é mui comum: vim-no nom mais de umha meia dúzia de vezes, e sempre baixo uns penhascos, enquanto que vim milheiros de culebras sem necessidade de mover pedras.

Querida Tatiana, nom te enfades demasiado por estas divagaçons minhas.

Abraço-te com tenrura.

Antonio

11 de agosto de 1930

Queridíssima Giulia,  
nom tenho nengumha vontade de escrever umha carta, só quero saudar-te. Tania escreveu-me que já estás na casa de repouso; aguardo que te ponhas forte e que te recuperes rapidamente, até o ponto de retomares a tua atividade. Escreve-me que significado exato tem, ou pode ter para as crianças, o facto de eles terem mais um ano. Nom sei como é que festejades vós este aniversário e que força estimulante e energética se pode tirar dele na prática. Realmente nom sei nada de todo o sistema educativo e é umha cousa que me interessa muitíssimo. Tania escreveu-me que o amigo Piero<sup>83</sup> devia levar presentes para Delio: di-me algo disso. Lembras aquela bola de celulose que Delio tinha em Roma, meio cheia de água e com os cisnes que boiavam? Era um presente de Piero, mas lembro que Delio se interessava especialmente em querê-la abrir, quer dizer, em destruí-la como brinquedo, o qual demonstra que nom respondia muito à sua finalidade. Escreve-me sobre o teu repouso e sobre muitas outras cousas. Abraço-te.

Antonio



83 Piero Sraffa realizou umha viagem à União Soviética em agosto de 1930.

6 de outubro de 1930

Queridíssima Tania,

estivemos contente pela chegada de Carlo. Dixo-me que estás bastante reposta, mas gostava de ter notícias mais precisas sobre as tuas condições de saúde. Agradeço-che todo o que mandache. Ainda nom me entregárom os dous livros: a «*Bibliografia fascista*» e as novelinhas de Chesterton, que lerei com muito prazer, por duas razões. Primeiro, porque imagino que som interessantes, polo menos tanto como a primeira série, e segundo, porque procurarei reconstruir a impressom que devêrom causar em ti. Confesso-che que este será o meu maior prazer. Lembro com exatidade o teu estado de ánimo ao leres a primeira série: tinhas umha disposição afortunada para receberes as impressoms mais imediatas e menos complicadas polos sedimentos culturais. Nem deras percebido que Chesterton escreveu umha delicadíssima caricatura das novelas policiais, mais do que novelas policiais propriamente ditas. O padre Brown é um católico que ridiculariza a maneira mecânica de pensar dos protestantes e o livro é fundamentalmente umha apologia da Igreja Romana contrária à Igreja Anglicana. Sherlock Holmes é o polícia «protestante», que apanha o fio à intriga criminal partindo do externo, baseando-se na ciência, no método experimental, na induçom. Padre Brown é o sacerdote católico, que através das requintadas experiências psicológicas oferecidas pola confissom e por meio do labor de casuística moral dos padres, mesmo sem desleixar a ciência e a experiência, se baseia especialmente na deduçom e na introspeçom, batendo Sherlock Holmes plenamente e fazendo-o parecer um rapazinho pretensioso, ao mostrar a sua angústia e a sua mesquinhez. Para além disso, Chesterton é um gran-

de artista, enquanto Conan Doyle era um escritor medíocre, mesmo se o figérom *baronete*<sup>84</sup> por méritos literários; é por isso que, há em Chesterton umha separaçom estilística entre o conteúdo, a intriga policial e a forma e portanto umha fina ironia em relaçom à matéria tratada que fai com que as histórias sejam mais saborosas. Nom achas? Lembro que lias estas novelas como se fossem crónicas de feitos verdadeiros, e ensimesmavas-te até exprimires umha sincera admiraçom polo padre Brown e a sua maravilhosa agudeza, de umha maneira tam ingénua que me divertia extraordinariamente. Porém, nom debes ofender-te, porque nesta diversom havia um ponto de inveja por essa capacidade tua para o fresco e sincero impressionismo, por assim dizer. Se che digo a verdade, nom tenho muita vontade de escrever: tenho a cabeça noutra parte.

Abraço-te afetosamente.

Antonio



(Carta 66)

6 de outubro de 1930

Queridíssima Giulia,  
recebim duas cartas tuas: umha de 16 de agosto e a seguinte, acho que de setembro. Teria gostado de escrever com vagar, mas nom som capaz, porque nom consigo juntar, em certos momentos, as lembranças e as impressons sentidas quando lim as tuas cartas. Porém, só podó escrever, infelizmente, nuns dias e a umhas horas que nom decido eu e que por vezes coin-

84 Na verdade, ele foi nomeado *sir*, rango superior ao de baronete, e inferior ao de barom [N. do T.].

cidem com momentos de depressom nervosa. Gostei muito do que escreves: que, ao reler novamente as minhas cartas do 28 e do 29, reparache na identidade dos nossos pensamentos. Gostaria de saber no entanto em que circunstâncias e especialmente em volta de que que objeto reparache nessa identidade. Na nossa correspondência falta precisamente umha «correspondência» efetiva e concreta: nunca conseguimos estabelecer um «diálogo»: as nossas cartas som umha série de «monólogos» que nem sempre conseguem pôr-se de acordo, nem sequer nas linhas gerais; se a isto se acrescenta o elemento tempo, que fai esquecer o que foi escrito anteriormente, a impressom de puro «monólogo» reforça-se. Nom achas? Lembro um conto popular escandinavo: três gigantes vivem na Escandinávia, longe uns dos outros como as grandes montanhas. Após milheiros de anos de silêncio, o primeiro gigante grita para os outros dous: «Sinto bruar um rebanho de vacas!». Após trezentos anos o segundo gigante intervém: «Também eu ouvim o bruado!» e após outros 300 anos o terceiro gigante ordena: «Se continuardes a fazer tanto barulho, vou-me!»

Bom! Nom tenho mesmo vontade de escrever, há um vento de siroco que lhe dá a um a impressom de estar bêbedo. Querida, abraço-te com tenrura, junto aos nossos filhos.

Antonio



4 de novembro de 1930

Queridíssima Giulia,

ignoro se te encontras ainda em Soci<sup>85</sup> e se esta carta deve ser reenviada, ou se estás de volta do repouso. É por isso que nom te escrevo ainda umha longa carta, à maneira do doutor Grillo<sup>86</sup>, e que tinha já pensada, com toda a sua estrutura de dissertaçom académica. Fica para umha próxima vez. Advirto-che entretanto que se «descobriu tudo», que já nom existem mistérios para mim, quer dizer, que fum informado polo miúdo das tuas verdadeiras condiçoms de saúde. Era, a dizer verdade, o que na Itália chamamos «o mistério do evidente», porque eu já compreendera que estavas bastante mal, ou que atravessavas polo menos umha crise psíquica que devia ter umha base fisiológica; teria sido um «literato» bem mesquinho se nom tivesse compreendido isto lendo as tuas cartas, que, após a primeira leitura — que eu chamaria desinteressada, em que só me guia o afeto por ti — som relidas, por assim dizer, como «crítico» literário e psicanalítico. Para mim, a expressom literária (lingüística) é umha relaçom entre a forma e o conteúdo: a análise demonstra-me, ou ajuda-me a entender, se há, entre a forma e o conteúdo, umha solidariedade completa ou se existem fendas, disfarces, etc. Um também pode equivocar-se, especialmente se se quizer deduzir demasiado, mas se se tiver critério um pode compreender algumha cousa, polo menos o estado de ánimo geral. Escrevo-che tudo isto para te advertir de que a partir de agora podes e debes

85 Sochi, centro balneário e de cura no Mar Negro.

86 O curandeiro Grillo levava os petos cheios de receitas copiadas de velhos livros e repartia-as ao acaso entre os doentes, dizendo para si: «acerta, Grillo».

escrever-me com máxima sinceridade. Recebim algumas fotografias dos nossos filhos, mui mal conseguidas do ponto de vista técnico, mas interessantíssimas na mesma para mim. Abraço-te afetuosamente.

Antonio



(Carta 68)

17 de novembro de 1930

Queridíssima Tatiana,  
recebim o postal de 10 de novembro e a carta do 13. Procurarei responder por ordem as tuas perguntas.

1º Para já, nom debes mandar-me livros. Os que tiveres, conserva-os, e aguarda a que te avise para os enviases. Quero livrar-me antes de todas as revistas velhas que tenho acumulado desde há quatro anos: antes de enviá-las reviso-as para apañhar apontamentos sobre os temas que mais me interessam e naturalmente isso leva-me umha boa parte da jornada, dado que as notas eruditas som acompanhadas por chamadas, por comentários, etc. Centrei-me em três ou quatro temas principais, um dos quais é a funçom cosmopolita que tivérom os intelectuais italianos até o século XVIII, que depois se divide em muitas seçons: o Renascimento e Machiavelli, etc. Se tivesse a hipótese de consultar o material necessário, penso que haveria para escrever um livro verdadeiramente interessante ainda inédito; digo livro, por falar só numha introduçom a um certo número de trabalhos monográficos, visto que a questom se apresenta de maneira diferente segundo a época, e do meu ponto de vista seria necessário remontar-se aos tempos do Império romano. Entretanto escrevo notas, também por-

que a leitura do relativamente pouco que tenho lembra-me as velhas leituras do passado. De resto, nom é umha tema completamente novo para mim, porque há dez anos escrevim um ensaio sobre a questom da língua em Manzoni, e isso exigiu umha certa pesquisa sobre a organizaçom da cultura italiana, desde que a língua escrita (o chamado latim médio, isto é, o latim escrito do 400 depois de Cristo até o 1300) se afastou completamente da língua falada polo povo, fragmentada em infinitos dialetos após o fim da centralizaçom romana. A este latim médio sucedeu o vulgar, que foi novamente afogado polo latim humanístico, dando lugar a umha língua douta, vulgar polo léxico, mas nom pola fonologia e muito menos pola sintaxe, que foi decalcada do latim: assim continuou a existir umha dupla língua, a popular, ou dialetal, e a douta, isto é, a língua dos intelectuais e das classes cultas. O mesmo Manzoni, ao refazer *Os Noivos*, e nos seus tratados sobre a língua italiana, tomou em conta, realmente, um único aspeto da língua, o léxico, e nom a sintaxe, que de outra parte é umha parte essencial de qualquer língua, até o ponto de que o inglês, apesar de ter mais de 60% de palavras latinas ou neolatinas, é umha língua germánica, enquanto o romeno, apesar de ter mais de 60% de palavras eslavas, é umha língua neolatina, etc. Como vêes, o tema interessa-me tanto que me deixei levar.

2º Relativamente às revistas: a «*Bibliografia fascista*» nom me parece mui útil, porque as revistas bibliográficas que recebo som redigidas polos mesmos escritores e os livros resenhados som os mesmos. Falas-me de umha revista inglesa: seria bom que me mandasses um número de amostra por meio da Livraria. Poderias fazer que me mandassem também um número de amostra do suplemento semanal do «*Manchester Guardian*» e do «*Times*», que vim no cárcere de Roma: porém, acho que a prosa literária destas revistas é ainda demasiado

difícil para mim. E ademais nom tenho muita vontade de estudar línguas.

3º Nom entendim o que escreveche a propósito de umha «jaqueta», da qual me teria falado Carlo, [...] <sup>87</sup>. Polo que lembro de quanto me dixo Carlo, trataria-se de umha camisola ou de umha camisola interior de lá para o inverno. Chamas-lhe «jaqueta», e no cárcere só é permitida a jaqueta regulamentar. Já lhe dixerá a Carlo que tenho suficientes prendas de ponto para vários anos e nom apenas camisolas normais: tenho quatro casacos, se nom cinco, e dous nem sequer os toquei ainda. Para que mandar-me mais umha vez objetos do mesmo tipo, embora tenham um melhor aspeto ou simplesmente diferente? Para que os comam aos carunchos[...] <sup>88</sup>.— escreveche demasiado rápido para a Livraria para a renovação das assinaturas a revistas: demasiado zelo, porque em dous meses temhem todo o tempo para esquecer também o aviso. Recebo regularmente o «*Secolo Illustrato*». O «*Emporium*» nom o quero em absoluto: tenho já chinelos avondo <sup>89</sup>. Nom te enfades.

Abraço-te com tenrura.

Antonio

Recebim o Sedobrol e as meias de lá. Obrigado.

Manda a outra metade da folha para minha irmã Teresina Gramsci-Paulesu.



87 Palavras censuradas.

88 Palavras censuradas.

89 G. di isso porque utilizava o papel para aquecer os pés. [N. do T.]

15 de Dezembro de 1930

Queridíssima mae,

nom sei explicar-me o que se passa. Carlo nom me escreve desde há mais de três messes. A tua última carta recebim-na há cousa de uns dous messes. Há cousa de um mês e meio recebim umha carta de Teresina, que respondim, sem ter mais contestaçom (escrevim para Teresina há exatamente quatro semanas). Na verdade, nom sei explicar-me este silêncio sistemático: por quê nom interrompê-lo polo menos com algum postal ilustrado? Tatiana escreve-me que recebeu umha carta de Carlo, que se excusa por nom escrever mais amiúde, aduzindo o seu grande trabalho. Penso que é umha justificaçom insuficiente; pode explicar por que nom se escrevem cartas longas, mas nom se explica o silêncio absoluto; um postal ilustrado pode escrever-se num instante. Pensei que Carlo pudo ter sarilhos pola minha causa e nom quer ou nom sabe explicar-me o seu estado de ánimo de desconcerto ou de dúvida. Pedirei-lhe por isso que me tranquilize ou que faga que me tranquilize, talvez fazendo que Mea escreva umha carta. Desta maneira, gostaria de ser informado um pouco mais amiúde sobre as tuas condiçons de saúde. Recuperache as forças? Se nom tiveres forças para escrever fai que alguém escreva postais e depois pom-lhes apenas a tua assinatura; para mim será suficiente. Queridíssima mamae, eis o quinto natal que passo em privaçom de liberdade e o quarto que passo no cárcere. Na verdade, a condiçom de desterrado com que passei o natal do 26 em Ustica era ainda umha espécie de paraíso de liberdade pessoal em comparaçom com a condiçom de preso. Mas nom creias que a minha serenidade diminuiu. Envelhecim quatro anos, tenho muitos cabelos brancos, perdim os dentes, já nom

rio com alegria como antano, mas creio que cheguei a ser mais sábio e que aumentei a minha experiência dos homens e das cousas. Polo demais, nom perdim o gosto pola vida; todo me interessa ainda e tenho a certeza de que mesmo se já nom podó «*zaccurrare sa fae arrostia*»<sup>90</sup>, nom experimentaria desgosto vendo e ouvindo os demais a *zaccurrare*. Nom me convertim portanto num velho, de acordo? Convertemo-nos em velhos quando começamos a temer a morte e quando nos desagrada ver fazer aos demais aquilo que nós já nom podemos fazer. Neste sentido, tenho a certeza de que nem sequer tu te converteche numha velha, apesar da tua idade. Tenho a certeza de que estás decidida a viver muitos anos, para poderes ver-nos a todos juntos novamente e para conheceres todos os teus netinhos: enquanto se deseja viver, enquanto se sente o gosto pola vida e se deseja atingir ainda algumha meta, resistem-se todos os achaques e todas as doenças. Porém, debes convencer-te de que é preciso também poupar um pouco as próprias energias e nom teimar em fazer grandes esforços, como quando eras adolescente. Precisamente, penso que Tere-sina me indicara na sua carta, com um pouco de malícia, que pretendes fazer demasiado e que nom queres renunciar à autoridade nos labores domésticos. No entanto, debes renunciar e descansar. Queridíssima mamae, desejo-te muitas cousas polas férias, que estejas alegre e tranquila. Muitas felicidades e cumprimentos a todos os da casa. Abraço-te com tenrura.

Antonio



90 Em sardo, «mordicar favas tostadas».

15 de dezembro de 1930

Queridíssima Tatiana,  
sim, sim, o livro de Zangwill<sup>91</sup> recebim-no há algum tempo e esqueço sempre confirmá-lo. É um livro mui interessante, mas já o conhecia; porém, relim-no com prazer.

As revistas «*Pégaso*» e «*Les Nouvelles Littéraires*» recebim-nas sempre de maneira regular e de facto parecem-me interessantes: podes confirmar a assinatura na Livraria, mas penso que já confirmaras em geral todos as assinaturas em curso e que portanto nom é necessária umha confirmaçom específica, nom achas?

Quanto à petiçom de revisom, visto que foi feita já por um dos condenados, nom é preciso que a faga eu. Os elementos individuais som úteis para a apelaçom, nom para a revisom, na qual se exige apenas, como justificaçom, a prova de defeitos de forma, ou bem de contraste com outras sentenças do mesmo Tribunal, etc., isto é, elementos de caráter técnico-jurídico que só um advogado pode identificar. Eu nom sei a que advogado terá encarregado Umberto<sup>92</sup> tratar o seu recurso, no caso de que ele fosse aceite; a dizer verdade, nem conheço o procedimento dos recursos de revisom, se se trata de umha deliberaçom na câmara do conselho ou se se lhe permite ao advogado desenvolver os motivos do recurso perante o conselho investido para o julgamento. Seja como for o caso, dado que o nosso julgamento foi totalmente político, também o recurso será aceite ou será rejeitado por motivos políticos,

91 Israel Zangwill, *Giuseppe il sognatore*, Ed. Delta, Milám, 1929.

92 Umberto Terracini.

e nom por motivos jurídicos formais; portanto, é suficiente a petiçom de um particular. Trata-se apenas de ver se no recurso se expugérom todos os motivos jurídicos por Umberto e isso duvido-o, polo facto de que no julgamento os advogados, do ponto de vista profissional, fôrom de umha insuficiência estupefaciente (digo insuficiência por nom empregar palavras mais fortes). Nom nos informárom de um facto essencial, isto é, de que noutro julgamento, anterior ao nosso, esse do grupo florentino Serafino Masieri e Cia.<sup>93</sup>, se absolvera do crime de incitaçom à guerra civil. Porém, no nosso julgamento constava que Masieri cometera o crime, e nós fomos condenados a 15 anos de reclusom como «mandantes», mandantes de um crime do qual o mandatário fora absolvido! Mas mesmo isto é umha bagatela, porque, como che dizem, o julgamento era político, ou seja, como dixo o fiscal militar e como repete a sentença, nós fomos condenados por sermos um «perigo potencial», porque poderíamos ter cometido todos os crimes contemplados no código: que os tivéssemos cometido ou nom era umha cousa secundária. Portanto, esquece o tema do recurso; o importante era que se fgesse, quer dizer, que constasse nas atas do Tribunal Especial que nós recorremos a todas as instâncias permitidas pola lei para protestarmos contra a condena; acho que ninguém tem quaisquer esperanças de revisom real, eu polo menos nom o pensei nunca, e hoje muito menos.

Querida Tatiana, ainda nom quero escrever para Giulia; quero receber primeiro umha carta sua e ter notícias diretas dela sobre a sua saúde. Aliás, penso que continuas a mandar-

93 G. refere-se ao julgamento celebrado em 31 de janeiro de 1928, perante o Tribunal Especial, contra um grupo de 23 comunistas acusados de terem participado numha reuniom secreta e «armada» na cidade de Florença no dia 24 de outubro de 1924. Masieri, ex-carpinteiro, fora condenado a dez anos de reclusom.

lhe todas as minhas cartas, embora as escritas para ti pessoalmente. Se lhe enviases também esta, lerá este desejo meu, que responde a umha autêntica exigência psicológica que nom som capaz de superar. Deve ser porque toda a minha formação intelectual foi de natureza polémica; incluso pensar «de maneira interessada» me parece difícil, isto é, o estudo polo estudo. Somente algumha vez, mas raramente, acontece que me perdo numha determinada ordem de reflexons e que encontro, por assim dizer, o interesse nas cousas em si, para dedicar-me à sua análise. Normalmente, é necessário para mim situar-me num ponto de vista dialógico ou dialético; de outra maneira nom sinto qualquer estímulo intelectual. Como che dizem umha vez, nom gosto de guindar pedras à toa; quero escutar um interlocutor ou um adversário em concreto; mesmo nas relaçons familiares quero dialogar. De outra maneira, pareceria-me que escrevo um romance em forma epistolar, que sei eu, que fago má literatura.

É claro que me interessaria saber o que Delio pensa da sua viagem, que impressons tivo, etc. Mas já nom tenho vontade de pedir para Giulia que empurre Delio para contar-me algo. Figem-no umha vez; escrevim umha carta para Delio, talvez o lembres, mas tudo ficou em nada. Nom podo pensar porque se lhe escondeu a Delio que estou em prisom, sem refletir precisamente em que ele poderia tê-lo sabido de maneira indireta, quer dizer, da maneira mais desagradável para umha criança, que começa a duvidar da veracidade dos seus educadores e começa a pensar pola sua conta e a fazer vida à parte. Polo menos assim me aconteceu a mim quando era menino: lembro-o perfeitamente. Este elemento da vida de Delio nom me empurra a escrever-lhe diretamente: penso que cada itinerário educativo, mesmo o pior, é sempre melhor que as interferências entre dous sistemas opostos. Conhecendo

a grande sensibilidade nervosa de Delio e ignorando quase tudo da sua vida real e do seu desenvolvimento intelectual (nem sequer sei se começou a apreender a ler e a escrever) duvido em tomar iniciativas com respeito a ele, ao duvidar justamente se nom irei causar interferências com estímulos sentimentais contraditórios, que considero seriam nocivos. O que achas? Por isso seria necessário estimular Giulia para me escrever com umha maior constância ou ao melhor para me sugerir sobre o que devo escrever, e seria necessário convencê-la de que nom é nem justo nem útil, em último análise, manter oculto às crianças que estou no cárcere: é possível que a primeira notícia cause neles reacçons desagradáveis, mas a maneira de informá-las deve ser escolhida com critério. Acho que é bom tratar as crianças como seres razoáveis e com quem se fala de maneira séria, até das cousas mais sérias; isso deixa neles umha impressom bem profunda, fortalece o caráter, mas principalmente evita que se abandone a formaçom da criança ao acaso das impressons do ambiente e ao caráter mecánico das circunstâncias fortuitas. É mesmo estranho que os maiores esqueçam que fôrom crianças e que nom tenham em conta as próprias experiências; eu, pola minha parte, lembro como me ofendia e como me induzia a fechar-me em mim próprio e a fazer umha vida à parte cada vez que descobria um subterfúgio empregue para ocultar-me, mesmo as cousas que podiam magoar-me; convertera-me, por volta dos dez anos, num autêntico tormento para minha mae, e era tam fanático da sinceridade e da verdade nas relaçons recíprocas como para fazer cenas e provocar escândalos.

Recebim os dous pacotes de tabaco, que é bom, mas é demasiado forte. Agradeço-cho, mas será melhor renunciar.

Gostaria de que visses se na revista «*Educazione fascista*» de dezembro foi publicado o recente discurso do senador Gio-

vanni Gentile no *Istituto di Cultura fascista*<sup>94</sup>: podes encontrar esta revista na Livraria do Littorio e talvez o empregado saiba dizer se o discurso foi publicado noutra revista (talvez na «*Bibliografia fascista*», que também é dirigida por Gentile). Seja como for, agradeceria-che que me conseguisses um número da «*Educazione fascista*» de amostra, para ver como se edita e se vale a pena fazer a subscriçom: o número de dezembro, que contém o índice do ano, é indicativo como amostra. Queridíssima, desejo-che umhas felizes festas e abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 71)

13 de janeiro de 1931

Queridíssima Giulia,

Recentemente, Tania fijo-me chegar cinco fotografias, nas quais aparece Delio junto com outras crianças e umha fotografia de 1929 em que Delio está sentado sobre um pequeno muro de Soci, enquanto come um cacho de uvas. Som as fotografias mais interessantes que recebim nestes quatro anos e meio, depois de separar-me de ti e dos nossos filhos. Há nelas movimento e espontaneidade. Podo captar as diversas expressions e gestos de Delio, manifestados num pequeno espaço de tempo, captando melhor desta maneira a sua individualidade nascente. Em minha opiniom, a sua personalidade destaca mais e com maior naturalidade justamente porque está em

94 *La formazione politica della coscienza nazionale*, «*Educazione fascista*», VIII, dezembro de 1930, pp. 675-686. O discurso fora pronunciado no dia 5 de dezembro.

grupo; cada um tem um traço característico, cada um tem a sua personalidade, e no entanto o grupo é homogêneo, forma umha «massa» que se reflete nos indivíduos e os ilumina melhor. Delio cresceu, desenvolveu-se de umha maneira harmoniosa (vê-se bem onde aparece retratado espido, na beira do mar); acho que exageram quando me escrevem que é demasiado serio. Na fotografia que lhe figérom no refeitório aparece, polo contrário, como umha criança normal: chega com compará-lo com a rapariguinha sentada à sua esquerda, na qual há umha expressom de curiosidade um pouco ingénuua, mas apenas aparente: na minha opiniom, predomina a inteligência e a ingenuidade é mais própria de umha pequena e linda atriz. Lembras o que dizias em Roma quando Delio tomava banho? «Temos um filho bem lindo!»

Com certeza, as lembranças de Roma, fortalecidas novamente quando vim Delio no 25, mesmo se doente, ajudam-me muito a reconstrui-lo melhor com as atuais fotografias; isso é mais difícil no caso de Giuliano, embora Delio me ajude indiretamente.

Queridíssima Iulca, desde há um tempo nom recebo as tuas cartas. Agora temo que as minhas cartas nom cheguem e que também as tuas sofram extravios. Nestes últimos tempos fum informado, acho que de maneira definitiva, sobre as tuas condições de saúde. Acho que este modo de comportar-se acabará por tornar as relações recíprocas convencionais, bizantinas, sem espontaneidade e que nom se pensa bem que os sentimentos criados por estes cintos de arame farpado nas relações recíprocas chegam a ser exasperantes e doentios. Prometéramos ser sempre sinceros e verdadeiros nas informações recíprocas sobre nós mesmos: lembrás? Por quê nom mantivemos a palavra? Por quê nom rompemos absolutamente com estas maneiras de comportar-se que cheiram a vida feudal, a

*domostroi*<sup>95</sup>, a legislação inglesa do século XVIII? (Segundo esta legislação, o marido escondia à mulher a vida dos filhos e os tribunais sancionavam que entre mãe e filho não existia parentesco!). Naturalmente, sou muito feliz quando recebo uma carta tua: enche muito do meu inútil tempo e interrompe o meu isolamento da vida e do mundo. Porém, acho necessário que escrevas, mesmo para ti própria, porque me parece que também tu deves estar isolada e algo afastada da vida e que quando me escreves podes sentir menos essa solidão interior. Quando a 19 de novembro de 1926 me comunicaram o decreto que me adjudicava cinco anos de deportação nas colónias, o comandante do cárcere comunicou-me que me destinaram à Somália; aos outros colegas meus comunicaram-lhes o destino à Cirenaica e a Eritreia. Convencim-me de que, conhecendo como se viaja aos lugares de reclusão, se calhar nem sequer chegaria vivo (quase dois meses de viagem com as cadeias, com a passagem do Equador) e que de qualquer maneira não sobreviveria durante muito tempo. Permitiram-me escrever, mas durante umas doze horas estive na dúvida: não seria melhor não escrever para ninguém e desaparecer como uma pedra no oceano? Depois decidim-me a escrever-te, muito brevemente, e se lembras aquelas poucas palavras, contudo, transluzem algo das minhas convicções da altura. Escrevimos para a casa, e para uma irmã minha, quando estava em Ustica (porque o 26 em Nápoles nos comunicaram oficialmente que já não iríamos para a África), escreveu-me que a minha carta lhe parecera um testamento. Agora rio disso, mas foi uma viragem moral na minha vida, porque já

95 *Domostroi*: texto anónimo russo do século XVI sobre a organização da vida familiar e sobre o governo da casa. Sinónimo de educação familiar atrassada e conservadora.

me habituara à ideia de ter que morrer em breve. Depois disso, que poderia afetar-me de umha maneira séria? Abraço-te forte forte

Antonio



(Carta 72)

9 de fevereiro de 1931

Queridíssima Giulia,  
recebim a tua carta de 9 de janeiro, que começa assim: «Quando penso em escrever —cada dia— penso naquilo que me fai calar, penso que a minha debilidade é nova para ti...». — Também eu penso que até agora houve um certo equívoco entre nós, também sobre esta presente debilidade tua e sobre a tua presumida força anterior, e deste equívoco quero assumir polo menos a maior parte da responsabilidade que me corresponde realmente. Umha vez escrevim-che (talvez o lembres) que estava convencido de que foras sempre mais forte do que tu mesma pensavas, mas quase me repugnava insistir demasiado nesta ideia, porque me parecia ser um negreiro, visto que a ti che tocárom os pesos mais grandes na relação. Ainda penso dessa maneira, mas o que nom significava entom, nem significa hoje muito menos, é que me fizesse de ti umha imagem de «mulher forte», convencional e abstrata: sabia que até eras débil, que algumas vezes eras polo contrário mui débil, que eras, em resumo, umha mulher viva, que eras lulca. Mas pensei muito em todas estas cousas desde que estou no cárcere e mais de um tempo para esta parte. (Quando nom se podem fazer previsons para o futuro, ruma-se continuamente o passado, analisa-se, acaba-se por vê-lo melhor em todas

as suas relações e pensa-se sobretudo em todas as parvoíces cometidas, nos próprios atos de debilidade, naquilo que teria sido melhor fazer ou não fazer, e naquilo que teria sido necessário fazer, ou não). Assim me convencim de que, no relativo à tua debilidade e fortaleza, figera muitas parvoíces (assim me parecem) e figem-nas por umha tenrura excessiva por ti, que era umha torpeza pola minha parte e que, na realidade eu, que me achava bastante forte, era todo o contrário de forte, era, antes, sem dúvida, mais débil do que tu. Assim se criou este equívoco, que tivo consequências mui graves, se é que não me escreveche quanto terias querido escrever, para não turvares a imagem que pensavas que eu me formara da tua força. Os exemplos que deveria dar destas afirmações minhas, têm um conteúdo que agora me parece tam ingénuo, que a custo consigo representar-me as condições em que me encontrava quando sentia e obrava de umha maneira tam ingénuo; por isso não me sinto capaz de escrever-che a respeito disso. Aliás, serviria de pouco. Acho que é mais importante estabelecer agora entre nós relações normais, conseguir que não tenhas que sentir freios inibidores ao escrever-me, que não tenhas que sentir quase repugnância a parecer diferente daquela que imaginas que eu creio que és. Dixeram-me que estou convencido de que és bem mais forte do que tu mesma achas: também a tua última carta me reafirma neste convencimento. Mesmo no estado de depressão em que te encontras, de grave desequilíbrio psicofísico, conservache umha grande força de vontade, um grande controlo sobre ti própria, e portanto isso significa que o desequilíbrio psicofísico é muito menor do que poderia parecer, e limita-se, na realidade, a um agravamento relativo das condições da tua personalidade, que eu acho permanentes, ou pelo menos que eu percebim como permanentes, na medida em que estão relacionadas com um

ambiente social que exige de maneira permanente umha ten-som da vontade extremamente forte. Opino, em resumo, que a dia de hoje estás obcecada polo sentimento das tuas responsabilidades, que fai que as tuas forças sejam inadequadas para os deveres que queres cumprir, extravia-te a vontade e esgota-te fisicamente, colocando toda a tua vida ativa num círculo viçoso em que realmente (mesmo se parcialmente) queimas as forças sem resultado, ao serem aplicadas de maneira desordenada. Mas penso que, contudo, conservache as forças e a vontade suficientes para superares por ti própria estas dificuldades em que te encontras. Umha intervençom exterior (exterior apenas num certo sentido) facilitaria-che a tarefa: por exemplo, se Tatiana fosse viver contigo e te convencesse concretamente de que as tuas responsabilidades diminuírom de facto; por isso insisto a Tatiana para que se decida a partir, como lhe insisto para que se ponha em condições de poder reunir-se contigo numhas condições de saúde tais que lhe permitam depressa ser ativa: de outra maneira, acho que toda a situação pioraria, em lugar de melhorar. Porém, insisto em afirmar o meu convencimento de que subestimas a tua própria força real, e que és capaz de superares a atual crise por ti própria. Sobreestimache a tua força no passado e eu parvamente deixei-che fazer (agora digo parvamente, mas naquela altura nom achava ser parvo); agora despreza-la, porque nom sabes adequar concretamente a tua vontade ao fim a atingir e nom sabes graduar os teus fins, porque estás algo obcecada. Querida, sei mui bem que isto tudo que che escrevo é inapropriado e frio. Sinto a minha impotência para fazer algo real e eficaz que te ajude; debato-me entre o sentimento de umha imensa tenrura por ti, por umha debilidade que me parece deve ser consolada de imediato com umha carícia física, e o sentimento de que é necessário que faga um grande esforço de vontade para conven-

cer-te ao longe, com palavras frias e insípidas, de que também tu és forte e podes, e deves, superar a crise. E logo obceca-me o pensamento do passado. Lembras o nascimento de Delio e o carrinho (mas como pudeche esquecer que em abril de 1925 o levamos juntos de passeio naquele carrinho a um jardim próximo à Tverskaia-Yamskaia?),<sup>96</sup> e Bianco e os doze rublos que tomache em empréstimo? E por que rejeitache tam tenazmente a ajuda que che mandara através de Bianco? Sei que foi porque nom conseguimos impor-me sobre ti e fazer com que reconhecesses o meu direito a ajudar-che? Acho que naquela altura recebera 8.200 liras de indemnização jornalística e que as destinara totalmente ao novo jornal<sup>97</sup>. Por que permitim que contraíesses dívidas de 12 rublos, enquanto eu gastava 8.200 liras no jornal, enquanto eu podia ter gastado, sem dificuldade nengumha e também cumprindo com o meu dever, apenas 50%? Isto tudo fai que me irrite agora com quem era naquele tempo e fai-me ver como as nossas relações eram de umha incongruência e de um romantismo bem atroz. É verdade que entom nom me mencionache esses doze rublos; polo contrário, riche de mim polas minhas «pretensons» de ajudar-che, mas agora sinto que deveria ter encontrado a maneira de impor-che também aquilo que nom querias.

Seja como for, tés razom porque no nosso mundo, no meu e no teu, toda a debilidade é dolorosa e toda a força umha ajuda. Acho que a nossa maior desgraça foi a de ter estado juntos demasiado pouco, e sempre em condições gerais

96 Em março-abril de 1925, G. realizara umha segunda viagem à União Soviética. A Tverskaia-Yamskaia, hoje rua Gorki, era umha das principais avenidas de Moscovo; a família Schucht morava no número 14.

97 Trata-se, quase com certeza, do jornal *L'Unità*, que começou a sair no dia 12 de fevereiro de 1924 e cujo título fora sugerido polo próprio G.

que nom eram normais, afastadas da vida real e concreta de todos os dias. Devíamos agora, nas condições de força maior em que nos encontramos, remediar estas faltas do passado, de maneira que a nossa uniom mantivesse toda a sua solidez moral e se salvasse da crise o que de belo houve também no nosso passado e que vive nos nossos filhos. Nom achas? Eu quero ajudar-che, na medida em que puder, a superar a tua depressom atual, mas é preciso também que tu me ajudes um pouco e me ensines a melhor maneira de che ajudar com eficácia, endireitando a tua vontade, arrancando todas as teias de aranha das falsas representaçoms do passado que podam estorvá-la, ajudando-me a conhecer cada vez melhor os nossos dous filhos e a participar da sua vida, da sua formaçom, da afirmaçom da sua personalidade, de maneira que a minha «paternidade» chegue a ser mais concreta e seja sempre atual, convertendo-se numha paternidade viva e nom apenas num feito do passado, cada vez mais longínquo e ajudando-me assim também a conhecer melhor a Iulca de hoje, que é Iulca + Delio + Giuliano, soma em que o mais nom indica apenas um feito quantitativo, mas sobretudo umha nova pessoa qualitativa. Querida, abraço-te forte forte e espero que me escrevas com mais vagar.

Antonio

Querida Tatiana,  
acrescento umha pequena apostila para ti, para saudar-te, e ainda : 1° para pedir que nom me envies reconstituintes, porque tomei mais umha vez esses que já me enviaras. —2° para pedir que nom fagas a viagem a Turi: se Carlo tiver tempo de vir, bem; mas penso que também ele poderia abster-se de fazê-la e poupar o dinheiro para outra ocasiom. —3° pido-che que escrevas para a livraria, para perguntar como é que nom rece-

bim nengumha revista do novo ano: como previra, as novas assinaturas devêrom sofrer umha demora, por esquecimento ou por outra cousa. Abraço-te.

Antonio



(Carta 73)

20 de março de 1931

Queridíssima Giulia,

Tania enviou-me duas fotografias das crianças feitas pola sua avó, toda umha série de observaçõs muito interessantes sobre a sua vida e o seu caráter e algumha informaçom sobre as tuas condiçõs de saúde. Enviou-me também um *pimpò* de Delio, com um aparato crítico hermenêutico. Nom consigo interpretar nada pola minha conta. Gostaria de escrever umha carta directamente para as crianças, mas nom sei como fazer. Escrever só para lhes agradecer a sua extensa carta parece-me demasiado pouco. Teria de haver entre eles e eu um intermediário de boa vontade e isto só o poderias ser tu, mas nom acho que te sintas capaz de o ser; escrevim-che sobre isso algumhas vezes, inutilmente, porque nem o menciona-che. Aguardo que em breve estejas em condiçõs de poder escrever-me. Abraço-te com tenrura, junto a Delio e Giuliano

Antonio



7 de abril de 1931

Queridíssima Tatiana,  
 devo responder a umha série de questons que coloque: —1° recebim o teu pacote na véspera de Páscoa e agradeço muito o teu solícito afeto. Neste momento tenho montes de cousas que ham de chegar-me durante alguns messes. —2° Carlo escreveu-me um postal no dia 16 de março e depois mais nada. —3° Recebim o discurso do senador Gentile; fora publicado justamente no fascículo de dezembro de *Educazione Fascista*. —4° Os números de *Leonardo* que che encomendara procurar som justamente os de 1927, que me perdêrom precisamente em Ustica, aonde a revista continuou a chegar depois da minha partida, com a licença da Direçom da Colónia, sendo entregada aos amigos que ali ficárom, os quais me prometeram mandar-me todos os números no fim do ano. Desta maneira, elimina-se o teu escrúpulo-adivinha. —5° Gostaria de saber que ediçom do *Príncipe* de Machiavelli leche ou estás a ler. Eu aqui tenho dous exemplares, mas ambos ficárom já antiquados devido à publicaçom da ediçom crítica feita há alguns anos polo professor Mario Casella<sup>98</sup>, quem corrigiu muitas incorreçons e erros das impressons tradicionais. —6° Nom me surpreende que as palestras do professor Bodrero sobre a filosofia grega nom che interessassem muito. Ele é professor de História da Filosofia, mas nom sei agora em que universidade (outrora estava em Pádua); ele nom é nem filósofo nem historiador: é um filólogo erudito, capaz de fazer discursos de tipo humanístico-retórico. Lim recentemente um artigo seu sobre

98 Após a ediçom na coletânea de 1929, Casella preparou umha ediçom à parte de *O Príncipe* e de outras obras, na Libreria d'Italia, Milám-Roma, 1929-VII.

a *Odisseia* de Homero que fijo abalar mesmo o convencimento de que é Bodrero um bom filólogo, já que descobriu que ter ido à guerra é umha caraterística que permite compreender a *Odisseia*; duvido que um senegalês, por ter ido à guerra, poda compreender melhor Homero. De resto, Bodrero esquece que Ulisses, segundo a lenda, foi um renitente à leva e umha espécie de auto-lesionador, já que perante a comissom militar que o fora procurar à Ítaca, fingiu-se doido (nom auto-lesionador, corrijo, mas simulador, para ser eximido<sup>99</sup>). —7° Na questom do *gioddu* nom se trata de patriotismo sardesco nem de bairrismo. Com efeito, todos os pastores primitivos preparam o leite desta maneira. Trata-se de que o *gioddu* ou iogurte nom se pode enviar nem manter por muito tempo sem que se estrague, porque caseifica. E há também umha outra razom mui importante: parece que é necessária umha certa dose de sujidade do pastor e do ambiente para que o *gioddu* seja genuíno. Este elemento nom se pode fixar matematicamente e é umha mágoa, porque doutra maneira as senhoras pastorzinhas procurariam, por snobismo, serem porquinhas. E aliás: a sujidade necessária deve ser autêntica sujidade, dessa genuína, natural e espontânea, dessa que fai feder o próprio pastor como um castrom. Como vês, o tema é complexo e é melhor que renuncies a fazer de Amarillidi e de Cloe numha ceninha arcádica.

Querida Tania, a tua carta interessou-me muito e encantou-me. Figeche mui bem em nom refazê-la. Por que pois? O facto de te apaixonares, quer dizer que há em ti muita vitalidade e muito ardor. Na verdade, nom entendim bem algumas

99 Emilio Bodrero (1874-1949), historiador da Filosofia e homem político; deputado de 1925 a 1928, ocupou o cargo de subsecretário de Educação Nacional. O artigo ao qual alude G., intitulado «Itaca Italia», aparecera na revista *Gerarchia*, x, 6, junho 1930, pp. 452-465.

das tuas consideraçõs, como esta: «Deveria viver sempre fora do próprio eu para poder gostar da vida com a maior intensidade»? , porque nom sei imaginar como se pode viver fora do próprio eu, se é que existe um eu identificável umha vez por sempre e nom se trata da própria personalidade em contínuo movimento, algo polo qual se está continuamente fora do próprio eu e continuamente dentro. Em minha opiniom, a questom simplificou-se muito e cheguei a ser, na minha altíssima sabedoria, mui indulgente. Brincadeira à parte, pensei muito nos temas que mencionas e que te apaixonam, e acabei por convencer-me de que a culpa de muitas cousas é mesmo minha. Digo culpa, porque nom sei encontrar outra palavra. Se calhar, é verdade que existe umha forma de egoísmo em que se cai inconscientemente. Nom acho que se trate das formas habituais de egoísmo. Por exemplo, nom acho que se trate do egoísmo mais comum, aquele que consiste em servir-se dos demais como instrumento para o próprio bem-estar e a própria felicidade; neste sentido, nom me parece ter sido nunca egoísta, porque penso que tenho dado, em toda a minha vida, polo menos tanto quanto recebim. No entanto, há umha questom: o débito e o crédito estám equilibrados na contabilidade geral, mas estám-no cada umha das partes? Quando se une a própria vida a um fim e se concentra nele toda a soma das próprias energias e toda a vontade, nom é inevitável que algumas ou muitas, ou mesmo umha só das partes individuais fique ao descoberto? Nem sempre se pensa nisto e por isso num certo ponto se paga. Até se descobre que um pode parece egoísta justamente àqueles a quem menos se pensara poder parecer-lho. E descobre-se a origem do erro que é a debilidade, a debilidade de nom ter sabido como ousar ficar sós, nom criar vínculos, afeiçõs, relaçõs, etc. Chegados a este ponto, é claro que só a indulgência pode dar a tranquilidade, ou umha

certa tranquilidade que nom seja a completa apatia e indife-  
rença e deixando alguma fenda para o futuro. Na verdade:  
amiúde relembro todo o curso da minha vida e parece-me que  
somos como Renzo Tramaglino no fim de *Os Noivos*, isto é,  
que podo fazer um inventário e podo dizer: apreendim a nom  
fazer isto, a nom fazer isto outro, etc. (embora esta soma de  
aprendizagens me preste bastante pouco). Estivem sem escre-  
ver para a minha mae alguns anos (polo menos dous anos  
seguidos) e apreendim que é doloroso nom receber cartas  
(mas provavelmente se fosse livre recairia nestas mesmas fal-  
tas ou nom as julgaria tais, ou nom reflexionaria sobre elas em  
absoluto) e assim para a frente. Em resumo: envelhecim no  
cárcere 4 anos e 5 menses, e dentro dalguns anos espero estar  
completamente embalsamado: explicarei-me tudo, de qual-  
quer feito encontrarei que nom podia nom suceder, explicarei  
e encontrarei que as minhas explicaçons nom som absoluta-  
mente controvertíveis. Acabarei por convencer-me de que o  
melhor de tudo seria nom pensar mais, nom receber de fora  
nengumha incitação a pensar e portanto nom escrever mais  
a ninguém, deixando a um lado as cartas recebidas sem lê-las,  
etc. etc. Mas se calhar nom acontece nada disto tudo, e somen-  
te tenha conseguido encabuxar-te e que estejas de mau humor  
durante algum tempo, o qual significaria que estás fora do teu  
eu e que o meu eu, hóspede desagradável, tomou o seu lugar.

Queridíssima Tatiana, nom te enfades se me burlo de ti de  
umha maneira algo brincalhona. Quero-te muito e abraço-te  
afetuosamente.

Antonio



18 de maio de 1931

Queridíssima Tania,

recebim os óculos; vam-me mui bem. Agradeço a tua solicitude. Porém, continuo a estar convencido de que teria sido suficiente gastar muito menos. Os óculos a que rompim a armaçom custaram 48 liras; fôrom comprados em dezembro de 1926 no cárcere de Palermo, quando viajava na transferência para Ustica. Visto que a firma Viganò garante a armaçom até 3 anos, parece que estes óculos de 48 liras figérom um discreto serviço; nom estám para tirar com eles, porque as lentes estám intatas e se calhar será suficiente para os consertar umha aplicaçom de metal na armaçom.

Neste momento, recebo a tua carta de 15 de maio e a carta de Giulia. Teria desejado que me tivesses escrito as tuas impressons sobre a carta de Giulia. Para mim é ainda difícil orientar-me. Acho que pode ser identificada umha parte positiva: quer dizer, que Giulia conquistou umha certa confiança em si própria e nas suas próprias forças, mas nom será esta confiança de caráter puramente intelectual e racional, isto é, pouco profunda? Opino que o caráter intelectualístico do seu estado de ánimo é demasiado evidente, isto é, que o momento «analítico» nom se tem convertido ainda em força vital, em impulso volitivo. Aquilo que me tranquiliza um pouco é que Giulia, como a maioria dos russos contemporâneos, tem umha grande fé na ciência, e refiro-me a umha fé de caráter quase religioso, isso que nós ocidentais tivemos no fim do século passado e depois perdemos pola causa da crítica da filosofia mais moderna e nomeadamente através do desastre da democracia política. Também a ciência foi submetida à «crítica» e foi limitada. Nom teria acreditado nunca em

que em Turi se pudesse encontrar alguém que pudesse dizer qualquer coisa inteligente, como parece que che passou a ti. Além disso, terá sido entom tam inteligente, aquilo que se che dixo? Acho que nom é difícil encontrar maneiras de vida esplêndidas; o difícil, no entanto, é viver. Lim recentemente que na Europa moderna somente alguns italianos e alguns espanhóis conservam ainda o gosto pola vida: é mesmo possível, embora se trate de afirmações genéricas que dificilmente poderiam ser provadas. Algumhas vezes som equívocos bastante cómicos. Umha vez tivem umha discussom curiosa com Clara Zetkin<sup>100</sup>, que admirava precisamente dos italianos o seu gosto por viver e acreditava encontrar umha subtil prova disso no facto de os italianos dizerem: «feliz noite» e nom «noite tranquila» como os russos, ou «boa noite», como os alemáns, etc. Que os alemáns, os russos e até os franceses nom pensem em «noites felizes» é possível, mas os italianos falam também em «feliz viagem» e em «assuntos felizmente resolvidos», o qual diminui o valor sintomático de «feliz»; de resto, os napolitanos dim de umha mulher bonita que é «boa», sem malícia, é claro, porque «bonita» é precisamente um «bonula» mais antigo. Em resumo, acho que as fórmulas de vida, quer exprimidas em palavras, quer resultado dos costumes de um povo, tenhem um único valor: servir de incitação ou de justificação para quem apenas tem veleidades, para converter em vontade concreta estas veleidades. A vida real nom pode ser nunca determinada por sugestons ambientais ou por fórmulas, mas nasce antes de raízes internas.

100 G. conheceu a Clara Zetkin (1857-1933) em Moscovo, por ocasiom dos trabalhos do IV Congresso da Internacional Comunista, em novembro-dezembro de 1922. Zetkin dirigia entom o movimento feminista da Internacional Comunista.

No caso de Giulia, é justa a sugestom de «desfazer o novelo», isto é, de procurar em si própria as suas forças e as suas razons de vida, quer dizer, nom ser tam tímida e nom deixar-se vencer e especialmente nom fixar-se na vida objetivos irrealizáveis ou demasiado difíceis. E acredito que esta sugestom é justa até... para ti, que por vezes pensas que se deve ou se pode sair do próprio eu para realizar a vida.

Perguntas-me se debes mesmo escrever para Carlo como che dizem: penso que nom che digem nada terrível. Carlo, desde que estivo em Turi, ainda nom me escreveu (apenas um postal ilustrado no dia 16 de março, nem sei o seu endereço) e é algo que me desagrada muito, porque creio adivinhar as razons do seu mutismo, que deveriam ofender-me se nom soubesse quem é Carlo. Abraço-te.

Antonio



(Carta 76)

18 de maio de 1931

Queridíssima Giulia,  
recebim a tua carta do 8 de maio. Há alguns dias recebim também umha carta tua de julho de 1930, onde falas da língua «délia» (nom sei se ainda o lembras). A tua última carta fijo-me mui feliz. Certamente, entende-se depressa, lendo-a, que estás mui cambiada, que estás mais forte e és mais «cuidadosa». Muitas cartas anteriores ressentiam-se do esforço, havia nelas algo de embaraçoso (mas talvez nom seja esta a palavra exata), e para além disso (devo dizê-lo, mesmo se te fago rir) formiguejavam de erros e de deturpaçons da língua italiana, o qual demonstrava umha certa turvaçom na conceiçom e na for-

maçom das ideias e umha notável debilidade da memória. Porém, esta carta é mesmo límpida e sem... um só erro. Portanto, neste caso satisfai nom só o meu sentido... gramatical, mas também o meu sentido «antonio». Verdadeiramente, acho que nom te surpreenderás se... che revelo que considero as tuas cartas até de um ponto de vista gramatical; seja como for, isso significa que também a gramática fai parte da vida. Ora bem, devo dizer que é isso o que me acontece, especialmente desde há alguns anos, a saber, desde que tento extrair das tuas poucas cartas todo o sugo possível, analisando-as de todos os pontos de vista: as cartas eram mui breves e em grande parte repetiam-se. Dava-me a impressom de que escrever-me che custava um grande esforço e se calhar teria sido melhor que eu che propugesse nom escrever-me mais, para evitar-che um castigo fadigoso (dérom-me as notícias sobre a tua saúde com conta-gotas e acho que ainda hoje nom sei exatamente até que ponto estiveche mal, e ainda menos os diagnósticos feitos polos médicos; pola tua carta parece que se falou até em epilepsia, o qual é surpreendente e demostra apenas, para mim, um excesso de subtileza científica). Acho que esta carta tua inicia um novo período nas nossas relaçons e estou feliz por isso, porque é preciso que che confesse que começara já a «enovelar-me» pola minha conta e estava chegando a ser mais hirto do que um ouriço-cacho. Agora terás de ser tu quem me ajude um pouquinho a voltar à superfície. Mas talvez isso aconteça de forma automática. É certo que desde algum tempo me sentia mui deprimido, a força de ruminar tantos pequenos episódios do passado. Porque, de outra parte, nom é verdade que só tu tenhas sido passiva. Lembro, por exemplo, umha vez que quase chega a haver umha cena da «terrível senhora Ciccone», como dizia Delio, que eu previra. Tu dixeches daquela que, por tê-la previsto, tinha que ter-me

imposto sobre ti e que terias gostado de umha imposiçom, ou algo parecido; em resumo, querias dizer que nom era justo que por vezes (quando eu sabia que tinha razom) nom che fignesse sentir a minha vontade. Lembro que a tua frase me causou muita impressom (porém, estávamos nos últimos dias da tua estadia em Roma) e fijo-me a cavar. Aquilo significava certamente que o chamado respeito da personalidade dos outros se converte numha forma de «estetismo», por assim dizer, isto é, o «Outro» converte-se por vezes num «objeto», precisamente quando se acredita em que se tem mais respeito pola sua subjetividade. Em conclusom: o mundo é grande, terrível e complexo, e estamos atingindo umha sabedoria que chegará a ser proverbial. Eu que já cheguei polo menos a ser mais sábio do que Lao-tse, que ao nascer tinha já o conhecimento e a compostura de um homem de 80 anos; acho que já esquecimos completamente como se lançam as pedras e como se agarram as lagartixas. Sabem Delio e Giuliano lançar as pedras longe, fazê-las zunir e choutar quatro e cinco vezes na água? Sinto nom ter podido ensinar-lhes todas estas habilidades e outras mais. Deste ponto de vista, acho que eles fôrom educados algo a mais por mulherzinhas.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



1 de junho de 1931

Queridíssima Giulia,

Tania referiu-me a «epístola» de Delio (emprego a palavra mais literária) com a declaração do seu amor pelos contos de Puškin e pelos referidos à vida da mocidade. Gostei muito dela e gostaria de saber se esta expressom foi pensada por Delio de maneira espontânea ou se se trata de umha reminiscência literária. Vejo até com certa surpresa que agora nom te assustas polas tendências literárias de Delio; acho que umha vez estavas convencida de que as suas tendências fossem antes de... engenheiro que de poeta, enquanto agora prevês que ele lerá Dante até com amor. Espero que isso nom aconteça nunca, mesmo estando mui contente porque Delio goste de Puškin e de tudo o relativo à vida criativa nas suas primeiras manifestações. Aliás, quem lê Dante com amor? Os professores gagás, que fam religions de um poeta ou escritor qualquer e celebram estranhos ritos filológicos. Penso que umha pessoa inteligente e moderna deve ler os clássicos em geral com um certo «distanciamento», quer dizer só polos seus valores estéticos, enquanto o «amor» implica adesom ao conteúdo ideológico da poesia; ama-se o «próprio» poeta, «admira-se» o artista «em geral». A admiração estética pode ser acompanhada por um certo desprezo «civil», como no caso de Marx por Goethe<sup>101</sup>. Estou contente, portanto, polo facto de que Delio ame

101 G. alude, quase com certeza, ao texto de Engels (nom de Marx) *Deutscher Sozialismus in Versen und Prosa*, «*Deutsche Brüsseler Zeitung*», 21 de novembro — 9 de dezembro de 1847, que ele traduziu parcialmente no cárcere da edição Reclam cit., onde o texto parece atribuído a Marx. Cfr. Por exemplo a seguinte passagem: «...trata-se da luita contínua nele entre o poeta genial anojado pola mesquindade do seu ambiente e o filho do prudente conselheiro de Francoforte,

as obras de fantasia e fantasie também por própria iniciativa; nom acho que por isso nom poda chegar a ser na mesma um grande «engenheiro» construtor de arranha-céus ou de centrais elétricas, antes polo contrário. Podes perguntar a Delio, da minha parte, de qual dos contos de Puškin gosta mais; eu verdadeiramente só lhe conheço dous: *O galo pequeno de ouro* e *O pescador*. Conheço também a história da «bacia», com a almofada que salta como umha rá, o lençol que sai voando, a candeia que vai aos grandes saltos esconder-se baixo a estufa etc., mas nom é de Puškin. Lembra-las? Sabes que lembro ainda de memória dezenas dos seus versos? Quigera contar para Delio um conto da minha aldeia que acho interessante. Fago-che um resumo e tu podes desenvolvê-lo, para ele e mais para Giuliano.

Umha criança dorme. Há umha jarra de leite preparada para quando ela acordar. Um rato bebe-lhe o leite. A criança, como nom tem o leite, grita e a maae grita. O rato desesperado bate com a cabeça contra o muro, mas repara em que nom serve de nada e corre junto da cabra para conseguir leite. A cabra daria-lhe leite se tivesse erva para comer. O rato vai ao campo por erva e o campo árido quer água. O rato vai junto da fonte. A fonte está rota por causa da guerra e a água perde-se: necessita um mestre alvanel para que a conserte. O rato vai junto do mestre alvanel: necessita as pedras. O rato vai ter com a montanha e produz-se um dialogo sublime entre o rato e a montanha que foi desflorestada polos especuladores e que mostra por toda a parte os seus ossos sem terra. O

por sua vez conselheiro secreto de Weimar, que se vê obrigado a pactuar umha trégua com aquele e habituar-se a ele. Desta maneira, Goethe é ora gigantesco, ora minúsculo, ora um génio orgulhoso, petulante, que se burla do mundo, ora um filisteu cauteloso, moderado, fácil de contentar».

rato conta toda a história e promete que a criança, quando ela crescer, plantará pinheiros, carvalhos, castanheiros, etc. Assim, a montanha dá as pedras, etc., e a criança tem tanto leite que se lava também com o ele. Cresce, planta as árvores, transforma-se tudo; desaparecem os ossos da montanha baixo o novo húmus, a precipitação atmosférica volta a ser regular porque as árvores retêm os vapores e impedem as torrentes devastarem a chaira, etc. Em soma, o rato concebe umha autêntica e própria *piatilietca*<sup>102</sup>. É um conto próprio de umha aldeia arruinada pola desflorestação. Queridíssima Giulia, debes mesmo contar este conto e referir-me depois as impressões das crianças. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 78)

15 de junho de 1931

Queridíssima mae, recebim a carta que Teresina escreveu por ti. Em minha opinião deverias escrever-me com esta freqüência; sentim na carta todo o teu espírito e a tua maneira de razoar; era mesmo umha carta tua, e nom umha carta de Teresina. Sabes o que me lembrou? Lembrou-me, de umha maneira bastante transparente, quando estava em primeiro ou em segundo de primária, e tu corrigias as minhas tarefas: lembro perfeitamente que nunca conseguia lembrar que «pássaro» se escreve com dous s, e corrige-me esse erro polo menos dez vezes.

102 *Piatilietka*, em russo, «plano quinquenal».

consequentemente, visto que nos ajudache a aprender a escrever (e antes nos ensinaras muitas poesias de memória; ainda lembro *Rataplan* e a outra, «*Lungo i clivi della Loira / che qual nastro argentato / corre via per cento miglia / un bel suolo avventurato*»<sup>103</sup>) é justo que um de nós escreva por ti quando nom téis suficientes forças. Aposto que a lembrança de *Rataplan* e da cançom do Loira che fará sorrir. E lembro também quanto admirava (devia ter quatro ou cinco anos) a tua habilidade para imitar na mesa o toque do tambor, enquanto declamavas *Rataplan*. Além disso, nom podes imaginar em quantas cousas das que lembro apareces tu, sempre como umha força benéfica e cheia de tenrura para connosco. Se o pensas bem, todas as questons da alma, da imortalidade da alma e do paraíso, e do inferno nom som, no fundo, afinal de contas, mais do que umha maneira de ver este simples facto: que qualquer açom nossa se transmite aos demais em funçom do seu valor, seja bom ou mau, passa de pai para filho, de umha geraçom para outra num movimento perpétuo. Que todas as lembranças que temos de ti sejam de bondade e de fortaleza, ou que desses as tuas forças para nos educar, significa que já estás, desde entom, no único paraíso real que existe, que para umha mae, acho, é o coração dos próprios filhos. Vês o que che escrevim? Além de mais, nom debes pensar que queira ofender as tuas opinions religiosas, e por outro lado, penso que concordas comigo mais do que achas. Di a Teresina que aguardo a outra carta que me prometeu. Abraço-te com tenrura, junto a todos os da casa. Antonio

103 A balada de «rataplám» é *Il vecchio sergente*, de Pietro Paolo Parzanese. Os versos, livremente citados por G., pertencem ao início do pequeno poema de Arnaldo Fusinato, *Le due madri*: «ao longo das margens do Loira/que qual fita de prata/percorre cem milhas/de um chao venturoso...»

27 de julho de 1931

Queridíssima Giulia,  
dentro de alguns dias Delio fará os 7 anos e no fim do mês Giuliano fará 5 anos. Para Delio, a data é importante, porque habitualmente os 7 anos som considerados umha etapa importante no desenvolvimento da personalidade. A Igreja Católica, que é sem dúvida o organismo mundial que possui a maior acumulação de experiências organizativas e propagandísticas, fixou nos 7 anos a entrada solene na comunidade religiosa mediante a primeira comunhão, que significa para o miúdo a primeira responsabilidade pola escolha de umha ideologia, que deve imprimir umha lembrança indelével para toda a sua vida. Nom sei se concedes um carácter particular a esta festa de Delio, que deixa na sua memória umha pegada mais profunda e duradoira do que outras festividades anuais. Se Giuliano nom tivesse apenas 5 anos, e se nom fosse impossível, polo menos dentro de certos limites, distinguir entre Delio e Giuliano, acho que este seria o momento de explicar a Delio que estou no cárcere e por qué. Acho que umha explicação assim, unida ao facto de ser considerado capaz num certo sentido responsável, causaria nele umha grande impressom e marcaria, sem dúvida, umha data no seu desenvolvimento. Nom sei exatamente o que achas a este respeito. Por vezes acho que sobre este tema pensamos de maneira idêntica; outras vezes acho que na tua consciência há umha certa dissidência ainda nom definida: quer dizer, tu (polo que por vezes me parece) comprehendes bem, do ponto de vista intelectual e teórico, que és um elemento do Estado e que tés o dever, como tal, de representares e exercitares o poder da coerçom em determinadas esferas, para modificares capilarmente a sociedade

e, nomeadamente, para conseguires que a geração que nasce esteja preparada para umha nova vida (desempenhando em determinadas esferas a ação que o Estado desempenha de maneira concentrada em toda a área social) e o esforço capilar nom pode distinguir-se na teoria do esforço concentrado e universalizado; ora, acho que na prática, quando explicas o surgimento e o desenvolvimento de novos tipos de humanidade capazes de representar as diversas fases do processo histórico, nom consegues liberar-te de certos costumes tradicionais, que mantêm presas as concepções espontaneístas e libertárias. Assim me parece, polo menos, mas podó estar enganado. Seja como for, quero que me sintas perto de ti e dos nossos filhos nos dias em que se lhes lembra que crescêrom um ano e que cada vez som menos crianças e cada vez mais homens.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 80)

3 de agosto de 1931

Queridíssima Tatiana,  
acho que dramatizache a minha expressom sobre os «fios arrancados» e por isso quero precisar melhor o meu estado de ánimo atual. Tenho a impressom, que cada vez se vai enraizando mais e adquirindo a força de umha convicçom, de que o «mundo» das minhas relaçons afetivas se habituou já à ideia de que esteja no cárcere. Isso nom acontece sem reciprocidade; também eu me habituei à ideia de que os demais se habituem etc., e isso constitui justamente o meu estado de

ánimo. Escrevim-che que no passado isso me aconteceu alguma outra vez (embora nom fosse com respeito ao cárcere, naturalmente) e é verdade. Porém, no passado, estas «roturas de fios» quase que me enchiam de orgulho, até o ponto de que nom só nom procurava evitá-las, mas que as procurava de maneira voluntária. Na realidade, eram factos progressivos necessários para a formação da minha personalidade e para a conquista da minha independência; isso nom podia acontecer justamente sem romper umha certa quantidade de fios, porque se tratava de alterar por completo o terreno sobre o qual desenvolver a minha vida ulterior. Hoje nom é assim, hoje trata-se de cousas mais vitais; dado que nom existe pola minha parte umha mudança no terreno cultural, trata-se de que me sinto isolado no mesmo terreno que por si mesmo deveria suscitar vínculos afetivos. Nom penses que o sentimento de estar pessoalmente isolado me tenha desesperado ou condicionado um estado de ánimo trágico. De facto, nunca sentim a necessidade de umha achega exterior de forças morais para viver intensamente a minha vida, nem nas piores condições; tanto menos hoje, quando sinto que as minhas forças volitivas adquirírom um grau superior de concreção e de valor. Todavía, enquanto no passado, como dizem, me orgulhava quase de encontrar-me isolado, agora sinto, polo contrário, toda a mesquinhez, a aridez, a tacanharia de umha vida que seja exclusivamente vontade. Este é o meu estado de ánimo atual. Tenho a impressom de que ainda nom recebeche, ou recebeche com grande atraso, umha carta minha de há algumas semanas; tratava-se de umhas poucas linhas para ti e de umhas poucas linhas para minha irmã Teresina. Sabes que nom me escrevem da casa desde há muito e que nom me mandam notícias sobre a saúde de minha mae? Estou mui preocupado ao respeito.

Dei umha primeira vista de olhos ao artigo do príncipe Mirski sobre a teoria da história e da historiografia e opino que se trata de um ensaio mui interessante e valioso<sup>104</sup>. De Mirski lim há alguns messes um ensaio sobre Dostoievski, publicado num número único de *Cultura*, dedicado ao próprio Dostoievski<sup>105</sup>. Também este ensaio era mui perspicaz e é surpreendente que Mirski dominasse com tanta inteligência e penetração polo menos umha parte do núcleo central do materialismo histórico. Acho que a sua posição científica é tanto mais digna de nota e de estudo, porquanto ele se demonstra livre de certos preconceitos e incrustações culturais que se foram infiltrando parasitariamente no campo dos estudos de teoria da história, como consequência da grande popularidade gozada polo positivismo no fim do século passado e nos inícios do atual.

Já recebim as *Perspetivas Económicas* de Mortara; em minha opiniom o volume deste ano representa umha viragem na direção mantida até agora polo autor no seu anuário. A crise económica, com as suas terríveis incógnitas, deve ter contri-

104 Mirski, Dimitri Petrovich (Sviatopolsk-Mirski), 1890-1937, filho do príncipe Mirski, ministro da Administração Interna russa em 1904-1095, iniciou primeiro a carreira das armas, combatendo durante a guerra civil russa no exército «branco». Emigrado na Inglaterra, aderiu ao movimento comunista e ensinou literatura no King's College de Londres, desde 1922 a 1932, para além de desenvolver umha intensa atividade propagandística nas revistas de emigração russa. O artigo ao qual se refere G., intitulado «Burgeois History and Historical Materialism», aparecera na revista marxista inglesa *The Labour Monthly*. A revista, enviada a G. por Sraffa, foi para ele umha das escassas fontes de informação sobre o movimento revolucionário internacional.

105 *La Cultura*, x, fasc. 2, fevereiro de 1931. O número da revista dedicado a Dostoievski, para além do ensaio de Mirski, *Il posto de Dostoievski nella letteratura russa* (pp. 100-115) incluía textos de E. Lo Gatto, v. Pozner, A. Bém, W. Giusti, E. Damiani, Zino Zini.

buído para fixar a nova atitude de Mortara; seja como for, do ponto de vista científico é escandalosa umha mudança tam radical de um ano para o outro.

Pode-se dizer que já nom tenho um verdadeiro programa de estudos e de trabalho e isto devia acontecer de maneira natural. Propugera-me refletir sobre umha certa série de questions, mas devia acontecer que num certo ponto estas reflexons passassem à fase da documentação e portanto a umha fase de trabalho e de elaboração que requer grandes bibliotecas. Isso nom quer dizer que perda completamente o tempo mas, é isso, já nom tenho grandes curiosidades em determinadas direçons gerais, polo menos para já. Quero colocar-che um exemplo: umha das ocupaçons mais interessantes para mim nos últimos anos foi a de fixar alguns aspetos caraterísticos na história dos intelectuais italianos. Este interesse nasceu, de umha parte, do desejo de aprofundar no conceito de Estado e, de outra parte, de ter reparado nalguns aspetos do desenvolvimento histórico do povo italiano. Mesmo restringindo a pesquisa às linhas essenciais, permanece contudo formidável. É preciso remontar-se necessariamente ao Império Romano e à primeira concentraçom de intelectuais «cosmopolitas» («imperiais») que aquele causou: portanto, estudar a formaçom da organizaçom clerical cristiano-papal, que oferece à herança do cosmopolitismo intelectual imperial umha forma de casta europeia, etc. etc. Só desta maneira, em minha opiniom, se explica que só depois do século XVIII, isto é, após o início das primeiras luitas entre o Estado e a Igreja com o jurisdicionalismo, se poda falar em intelectuais italianos «nacionais»: até entom, os intelectuais italianos eram cosmopolitas, exercitárom umha funçom universalista (ou para a Igreja ou para o Império) anacional, contribuírom para organizarem outros estados nacionais, como técnicos e especialistas, oferecêrom

«pessoal dirigente» a toda Europa, e nom se concentrárom como categoria nacional, como grupo especializado de classes nacionais.

Como vêz, este tema poderia dar lugar a toda umha série de ensaios, mas é preciso por isso toda umha pesquisa erudita. O mesmo acontece com outras pesquisas. Também é preciso considerar que o hábito de severa disciplina filológica, adquirido durante os estudos universitários, me deu umha excessiva, talvez, reserva de escrúpulos metódicos. A isto tudo soma-se a dificuldade de recomendar livros demasiado especializados. Recomendo-che aliás dous volumes que quero ler: 1º *Un trentennio di lotte politiche (1894-1922)* do prof. De Viti De Marco, «*Collezione meridionale editrice*», Roma; 2º Lucien Laurat, *L'Accumulation du capital d'après R. Luxembourg*, Paris, Rivière.

Isso que escreves com respeito ao novo regulamento carcerário e sobre a hipótese de fazer traduçons no cárcere é um projeto sem fundamento; nom quero comprometer-me a fazer trabalhos continuados, porque nem sempre som capaz de trabalhar; de outra parte, também nom acho que nos centros especiais poda ser legal a obriga de trabalhar<sup>106</sup>. Queridíssima, procurarei escrever-che quanto me seja possível. Abraço-te com tenrura.

Antonio



106 A penitenciaria de Turi era um «centro especial» para presos doentes.

24 de agosto de 1931

Queridíssima mae,

recebim as cartas de Mea, de Franco e de Teresina, com informações sobre a saúde de todos. Mas porque deixar-me tanto tempo sem notícias? Mesmo com a febre da malária se pode escrever alguma linha, e eu devo contentar-me com algum postal ilustrado. Também eu estou velho, estás a ver?, e portanto nervoso, mais irritável e mais impaciente. Razoo assim: nom se escreve para um preso por indiferença ou por falta de imaginação. No teu caso, e nos demais da casa, nem penso que se poda tratar de indiferença. Penso antes que se trata de falta de imaginação: nom podedes imaginar bem como pode ser a vida do cárcere e que importância essencial tem a correspondência, como enche as jornadas e oferece ainda um certo sabor à vida. Nunca falo dos aspetos negativos da minha vida, antes de mais porque nom quero ser compadecido: fum um combatente que nom tivo fortuna na luta imediata, e os combatentes nom podem e nom devem ser compadecidos, quando lutárom nom porque fossem obrigados, mas porque eles mesmos assim o quigérom de maneira consciente. Mas isso nom quer dizer que nom existam os aspetos negativos da minha vida carcerária e que nom sejam mui duros, e que nom podam, quando menos, serem agravados polas pessoas queridas. Além disso, este discurso nom vai dirigido a ti, quanto a Teresina, a Grazietta e a Mea, que justamente poderiam escrever-me polo menos algum postal.

Gostei muito da carta de Franco e apreciei os seus cavallinhos, automóveis, bicicletas, etc.: naturalmente, na medida em que me for possível, farei-lhe também um presente para lhe mostrar que o quero muito e que tenho a certeza de que é

um rapazinho bom e com educação, mesmo se alguma vez, acredito, fai travessuras. Enviarei para Mea a caixa de pinturas, logo que me for possível, mas Mea nom deve esperar qualquer cousa grandiosa. Teresina nom respondeu para umha pergunta que lhe figera: se chegou o fardo de livros e revistas que Carlo enviou de Turi em março passado. É preciso que saiba se estes livros e revistas vos incomodam, porque ainda tenho dezenas e dezenas de quilogramas para enviar, e para que se perdam tanto tem que, em parte polo menos, os ofereça para a biblioteca do cárcere. Naturalmente, acho que, de qualquer maneira, mesmo se vos incomodassem na estreiteza de espaço que sofredes, poderiam ser úteis quando as crianças cresçam; acho que preparar-lhes umha biblioteca familiar é umha cousa importante. Especialmente Teresina devia lembrar como devorávamos os livros na nossa infância e como sofríamos por nom termos suficientes à nossa disposição.

Mas como explicas que a malária se propague no centro da region? Ou trata-se somente de vós? Acho que os atuais administradores da Cámara deveriam fazer os esgotos como os seus predecessores figérom o aqüeduto: um aqüeduto sem esgotos nom faz com que que a malária deixe de se estender por onde já tinha umha incidência esporádica. Em resumo, antes as mulheres de Ghilarza eram feias e barrigonas por causa da água em mau estado, agora serám bem mais feias pola malária; os homens farám a cura intensiva do vinho, imagino. Muitos abraços afetuosos.

Antonio



31 de agosto de 1931

Queridíssima Giulia,

umha das cousas que mais me interessárom da tua carta de 8-13 de agosto é a notícia de que Delio e Giuliano se dedicam a apanhar rás. Há alguns dias vim citado num artigo de revista um juízo de Lady Astor sobre a maneira como som tratadas as crianças em Rússia (Lady Astor acompanhou G. B. Shaw e Lorde Lothian na sua recente digressom): polo que parece, a única crítica que fai Lady Astor no artigo ao tratamento dado às crianças é esta: que os russos estám de tal maneira ansiosos por manterem limpas as crianças, que nem lhes deixam o tempo de se emporcar. Como vês, esta ilustre senhora é engraçada e epigramática; no entanto, é certamente mais engenhoso o escritor do artigo, que alça desesperadamente ao céu os seus braços liberais e exclama: «Que será destas crianças quando tenham crescido tanto que seja impossível obrigá-las a tomarem banho!». Parece que pensam que enquanto se converter em impossível a coerçom, os rapazes nom vam fazer outra cousa que mergulharem sistematicamente na lama, como reaçom individual-liberal ao autoritarismo de que som vítimas na atualidade. Seja como for, gosto de que Delio e Giuliano tenham algumha oportunidade de se emporcarem apanhando rás. Gostaria de saber se se trata ou nom de rás comestíveis, o qual daria à sua atividade de caçadores um caráter prático e utilitário que nom deve ser desprezado. Nom sei se quererás prestar-te, porque provavelmente terás contra as rás as mesmas aristocráticas prevençons de Lady Astor (os ingleses chamam depreciativamente aos franceses de «comedores de rás»), mas devias ensinar às crianças a distinguirem as rás comestíveis das outras: as comestíveis tenhem o ventre

completamente branco, enquanto as outras têm o ventre encarnado. Podem-se apanhar colocando na fiação como engado um pedaço de farrapo vermelho, ao qual podem dar dentadas: é preciso contar com uma jarra, para metê-las dentro assim que se lhes corta a cabeça e as patas com as tesouras. Depois de esfolá-las, podem preparar-se de duas maneiras: para fazer um caldo delicioso e neste caso depois de fervê-las durante muito tempo com os habituais condimentos, passam-se pela peneira, de maneira que todo passe para o caldo, a exceção dos ossos: ou bem podem-se fritir e comer douradas e estaladiças. Num caso e no outro são uma comida bem saborosa, mas especialmente bem nutritiva e de fácil digestão. Penso que fazendo assim Delio e Giuliano poderiam entrar à sua atual e tenra idade na história da cultura russa, por introduzirem este novo alimento nos costumes populares, criando-se bastantes milhões de rublos de nova riqueza humana, arrebatada ao monopólio dos corvos, das gralhas e das serpentes.

Isso que me escreves sobre a tua saúde interessa-me muito, mas não sei se continuas ainda com a cura psicanalítica. Visto que Freud observa que os familiares são um dos obstáculos mais graves para a cura no tratamento da psicanálise, não quisesse insistir nunca no tema e também não insistirei agora. Além disso, tu mesma lembra-me como amiúde me referias a alguns princípios da psicanálise insistindo em que te esforçasses em «desenovelares» a tua autêntica personalidade. Estava convencido de que sofrias aquilo que os psicanalistas acham que chamam de «complexo de inferioridade», que leva à sistemática repressão dos próprios impulsos volitivos, isto é, da própria personalidade, e à aceitação servil de uma função subalterna nas decisões, mesmo quando se tem a certeza de ter razão, com a exceção das poucas ocasiões em que se

tenham explosões de irritação furiosa, também por cousas insignificantes. Em outubro de 1922, quando fora a Ivanovo, umha manhã, ao encontrar a porta aberta, entrei na vossa casa sem que ninguém se apercebesse e pude ouvir assim, sem que o soubesses, umha destas explosões de fúria. Falei-che depois nisso, observando que a descrição do teu caráter como «suave e doce» devia ser bastante corrigida, porque por vezes te armavas um pouco em «galo».

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 83)

7 de setembro de 1931

Queridíssima Tatiana, souberam por Carlo que lhe escreveche umha carta sobre a minha indisposição; nela demonstravas estar mui impressionada. Também o doutor Cisternini me dixo que recebeu umha carta em que te mostravas mui impressionada<sup>107</sup>. Nom gostei disso, porque me parece que nom havia razão para ficares impressionada. Deves saber que já morrim umha vez e que ressuscitei, o qual demonstra que sempre tivemos a pele dura. Quando era criança, com 4 anos, tivemos hemorragias durante três dias seguidos. As hemorragias dessangraram-me comple-

107 Na madrugada de 3 de agosto, G. vomitou sangue pela primeira vez. Seu irmão Carlo e Piero Sraffa acudiram a Turi para visitá-lo, mas este nom pudo conseguir a autorização. G., numha carta de 17 de agosto (nom incluída na presente seleção), descreve para Tatiana «da maneira mais mais objetiva possível» a sua «indisposição», à qual trata de tirar importância.

tamente e fôrom acompanhadas de convulsions. O médico já me dera por morto e até cerca de 1914 minha mae conservou o pequeno ataúde e o pequeno fato especial que deviam utilizar para o meu enterro; umha tia afirmava que ressuscitara assim que me untou os pequenos pés com o azeite de umha candeia dedicada à virgem e por isso, quando me negava a cumprir com os atos religiosos, renhia-me asperamente, lembrando que devia a vida à virgem, cousa que me impressionava pouco, a dizer verdade. Dali em diante, embora nunca fosse mui forte, nom tivemos nenhum mal-estar grave, fora dos esgotamentos nervosos e das dispepsias. Nom me enfadei pola tua carta arqui científica, porque simplesmente me fijo sorrir e lembrar um romance francês que nom che conto, para que nom te enfades de verdade. Respeitei sempre os médicos e a medicina, embora respeite mais os veterinários, que curam animais que nom falam e nom podem descrever os sintomas do seu mal; isso obriga-os a ser muito cuidadosos (os animais custam dinheiro, enquanto os homens nom custam nada, enquanto umha parte dos homens som valores negativos) enquanto os médicos nem sempre reparam em que a língua serve também para que os homens digam mentiras ou polo menos para exprimir impressons falazes.

Entom, estou bastante reposto (a propósito, nunca me demorei na cama nem meia hora mais do habitual e saim sempre passear): a média da febre desceu e raramente atinge já os 37,2. Certamente, está relacionada (polo menos empiricamente, nom sei se cientificamente) com a digestom. Por exemplo, desde há alguns dias, como de manhã 200 ou 300 gramas de uva; pois bem, se depois de erguer-me tenho umha temperatura de 36,2, depois de comer a uva a temperatura sobe depressa para 36,9. A minha impressom é que estou muito melhor e que me reporei bem depressa.

Gostaria de responder a algumas cousas da tua carta de 28 de agosto, na qual mencionas algo do meu trabalho sobre os «intelectuais italianos». É claro que falache com Piero, porque certas cousas só chas pudo dizer ele<sup>108</sup>. Mas a situação era diferente. Em dez anos de jornalismo escrevim tantas linhas como para poder editar 15 ou 20 volumes de 400 páginas, mas escreviam-se dia por dia e deviam, em minha opinião, morrer no fim do dia. Neguei-me sempre a fazer coletâneas, mesmo se pequenas. No 18, o professor Cosmo queria que lhe permitisse fazer umha escolha de certos artigos breves que escrevia a diário para um jornal de Turim<sup>109</sup>; ele teria-o publicado para mim com um prefácio mui benévolo e mui honroso, mas nom quigem permiti-lo. Em novembro de 20 deixei-me convencer por Giuseppe Prezzolini para publicar na sua editora umha coletânea de artigos que na realidade foram escritos conforme um plano orgânico, mas em janeiro do 21 preferim pagar os custos de umha parte da composição já

108 Piero Sraffa. G. refere-se ao seguinte fragmento da carta de Tatiana de 28 de agosto de 1931: «... com certeza, para fazer umha história *perfeita* dos intelectuais deve dispor-se de umha grande biblioteca. Mas, porque nom fazê-la imperfeita, para já, para depois perfeccioná-la, quando tiveres livre acesso às bibliotecas? Antes censuravas a Piero o excesso de escrúpulos científicos que lhe impediam escrever qualquer cousa; parece que ele ainda nom curou deste mal; mas, é possível que dez anos de jornalismo nom te curassem? Há alguns anos, numha carta, davas ótimos conselhos para um amigo preso, explicando-lhe que com vontade e método de estudo se pode utilizar mesmo o material mais inadequado, e indicavas-lhe que uso fazer da biblioteca do cárcere...». Tatiana, no curso da carta, sugeria a G., algumas leituras científicas, e comentava: «é um facto curioso que na cultura de todos os italianos haja um grande vazio: a ignorância das ciências naturais. Croce é um caso extremo mas típico».

109 Trata-se dos artigos aparecidos na seção «*Sotto la Mole*», na edição turinense de *Avanti!*, entre 1916 e 1920, reunidos hoje em *Sotto la Mole*, Turim, 1960. Umberto Cosmo (1868-1944), especialista em literatura italiana. Deu aulas na Universidade de Turim, frequentadas por G., quem se figura amigo seu.

feita, e retirei o manuscrito<sup>110</sup>. Ainda no 24 o honorável Franco Ciarlantini propujo-me escrever um livro sobre o movimento do *Ordine Nuovo* que ele publicaria numha coleção sua, na qual saíram já livros de Mac Donald, de Gomperz, etc.<sup>111</sup>, comprometendo-se a não modificar nem umha vírgula e a não colar ao meu livro nengum prefácio ou apostila polémica. Ter publicado um livro numha editora fascista nestas condições era mui atraente, e no entanto neguei-me: talvez, penso agora, teria feito melhor em aceitar. Para Piero a questão era diferente; qualquer escrito seu de ciência económica era mui apreciado e encetava discussões nas revistas especializadas. Lim num artigo do senador Einaudi que Piero está a preparar umha edição crítica do economista inglês David Ricardo<sup>112</sup>; Einaudi louva muito a iniciativa e eu estou mes-

110 Trata-se, se calhar, de artigos escritos para o semanário *L'Ordine Nuovo*. Na imediata pós-guerra, em Roma, Giuseppe Prezzolini devolvera a vida por pouco tempo à livraria de «La voce». Em 1919, em Florença, conheceu Piero Gobetti, através do qual é possível que contactasse G. e o grupo de *L'Ordine Nuovo*, e daí o episódio citado por G.

111 J. Ramsay MacDonald (1866-1937), homem político inglês, formou em 1923 o primeiro governo laborista e reestabeleceu as relações diplomáticas com a União Soviética. Gomperz é certamente Samuel Gompers (1850-1924), sindicalista americano de direitas, presidente desde 1886 da *American Federation of Labor*. A coleção dirigida por Franco Ciarlantini é a «*Biblioteca de cultura italiana*», publicada a partir de 1924 pela editora Alpi de Milão, e na qual apareceram também obras de G. Baldesi, A. Solmi, R. Murri.

112 Crf. a resenha de Luigi Einaudi à «Nuova collana di economisti», dirigida por Giuseppe Bottai e Celestino Arena, para a UTET de Turim, em *La riforma sociale*, XXXVIII, julho-agosto, 1931, onde se alude à edição das obras de David Ricardo preparada por Sraffa. Com o ensaio «The Laws of returns under competitive conditions» (*Economic Journal*, dezembro de 1926, trad. it., 1936), Piero Sraffa iniciara um movimento de revisão da teoria económica, relativamente às formas de mercado. A edição crítica de Ricardo a cargo de Sraffa, em colaboração com M. H. Dobb, está ainda em curso de publicação (*The works and Correspondance of David Ricardo*, Cambridge University Press, 1951, e ss.).

mo mui contente. Aguardo ser capaz de ler facilmente o inglês quando esta edição for publicada e poder ler Ricardo no texto original. O estudo que figem sobre os intelectuais como plano é mui vasto e na realidade nom acho que existam em Itália livros sobre este tema. Existe, com certeza, muito material erudito, mas disperso num número infinito de revistas e arquivos históricos locais. De resto, amplo muito a noção de intelectual e nom me limito à noção corrente que se refere aos grandes intelectuais. Este estudo leva também a certas determinações do conceito de Estado, que é entendido habitualmente como Sociedade política (ou até como aparato coercitivo para enquadrar a massa popular, segundo o tipo de produção e a economia de um momento dado) e nom como um equilíbrio da Sociedade política com a Sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercida através das organizações chamadas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas etc.) e precisamente na sociedade civil, nomeadamente, operam os intelectuais (Benedetto Croce, por exemplo, é umha espécie de papa laico e é um instrumento mui eficaz de hegemonia, mesmo se de quando em vez pode nom concordar com este ou aquele governo etc.). A partir desta conceição do papel dos intelectuais, em minha opiniom, esclarece-se a razom, ou umha das razons, da queda das comunas medievais, isto é, do governo de umha classe económica, que nom soubo criar-se a própria categoria de intelectuais e portanto exercer umha hegemonia, mais do que umha ditadura; os intelectuais italianos nom tinham um carácter popular-nacional, mas cosmopolita, como o modelo da Igreja, e a Leonardo era-lhe indiferente vender ao duque Valentino os desenhos das fortificações de Florença. As comunas fôrom portanto um estado corporativo, que nom conseguiu superar esta fase, nem se converteu num Estado integral,

como reclamava em vam Machiavelli, que através da organização do exército queria organizar a hegemonia da cidade sobre o campo, e que por isso pode ser chamado o primeiro jacobino italiano (o segundo foi Carlo Cattaneo, mesmo apesar de ter demasiadas quimeras na cabeça). Desta forma, como consequência disso, o Renascimento deve ser considerado um movimento reacionário e repressivo, em comparação com o desenvolvimento das Comunas, etc. Fago-che estes comentários para convencer-te de que cada período da história acontecido na Itália, do Império romano até o *Risorgimento*, deve ser observado deste ponto de vista monográfico. Além disso, se tiver vontade e o permitirem as autoridades superiores, farei um programa da matéria, que terá nom menos de 50 páginas e que hei de enviar-che; porque, naturalmente, estarei contente tendo livros que me ajudem no trabalho e que me estimulem a pensar. Igualmente, também che resumirei numha das próximas cartas o tema de um ensaio sobre o Canto décimo do *Inferno* dantesco, para que fagas chegar o roteiro ao professor Cosmo, quem como especialista em Dante, saberá dizer-me se figem umha falsa descoberta ou se merece realmente a pena escrever um contributo, umha migalha para engadir aos milhões e milhões de notas semelhantes que já fôrom escritas. Nom penses que nom continuo a estudar, ou que me envelço, porque a um certo ponto nom poda continuar as minhas pesquisas. Ainda nom perdim umha certa capacidade inventiva, no sentido de que qualquer cousa importante que leia me estimula a pensar: como poderia construir um artigo sobre este tema? Imagino umha introduçom e umha conclusom perspicazes e umha série de temas irresistíveis para mim, como muitas punhadas no olho, e desta maneira divirto-me comigo mesmo. Naturalmente, nom escrevo essas diabruras: limito-me a escrever sobre temas filológicos e filosóficos, so-

bre aqueles dos que Heine escreveu: eram tam aborrecidos que adormecim, mas o aborrecimento foi tal que me obrigou a acordar. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 84)

13 de setembro de 1931

Queridíssima Tatiana,  
recebim o pacote das medicinas e agradeço-cho. Nom sei para que me podem servir os cigarros e o pó de Abissínia contra a asma. Ataques de asma nunca os tivemos, também nom nestas últimas circunstâncias: podó estar de tanto em tanto um pouco arquejante, e certamente nom podó correr ou estar demasiado tempo inclinado para varrer, etc., mas nom por isso me parece necessário tomar qualquer cousa especial. De resto, fago as inalações de trementina, que me fam tossir, mas nom me provocam qualquer tipo de expetoração; na realidade, nom tenho expetorações, mas sim umha abundante e insólita salivação. Nom sei por que te surpreende que nom estivesse nem um dia na cama. Quer dizer que nom acredite nas minhas cartas. Na realidade, sofri um pouco de debilidade, mas nom mui notável; nom há comparação com a debilidade que me golpeou após o ataque de ácido úrico de dezembro de 28; na altura nom pudem caminhar durante quase três meses, e passava as horas do passeio sempre sentado, ou passeava um pouco do braço de outro preso; igualmente, sinto-me mais débil em cada início de Primavera. Esta semana ainda melhorei, porque o Sedobrol me fai dormir um pouco. Porém, tenho sempre um pouco de temperatura: de

manhá tenho 36,1 ou 2. Depois de comer um pouco de uva a temperatura sobe para 36,9 e depois de tomar meio litro de leite, sobe para 37,2. Alguns dias que comim uva e algumas bolachas e confitura, a temperatura subiu para 37,6, isto é, 1 grau e  $\frac{1}{2}$  desde a manhã. A temperatura decresce após a última comida, que agora fago às 5, e por vezes desce a 36,6, ou no máximo a 36,9. Tomarei os fermentos lácteos com tanto mais prazer, porquanto a brochura explica que se trata de iogurte ou de *Gioddu*, e nom menciona o pam (quer dizer, o lévedo de cerveja) para prepará-lo. O pam, ou lévedo de cerveja, dá ao leite umha fermentaçom pútrida e nom antipútrida, e toda as tuas recomendaçons para fazer calhar o leite nom som outra cousa que a superstiçom e o empirismo de umha moçinha, e nom «ciência»! — Num postal teu, esse em que me falas das tuas visitas ao cinematógrafo e nomeadamente na do filme *Dous Mundos*<sup>113</sup> certas afirmaçons tuas surpreendêrom-me. Como podes acreditar em que existam esses dous mundos? essa é umha maneira de pensar digno das Centúrias Negras<sup>114</sup>, ou do Klu-klux-klan americano, ou das suásticas alemás. E como podes dizê-lo precisamente tu, que tiveche o vivo exemplo na casa: existiu alguma vez umha fratura deste tipo entre teu pai e tua mae, ou nom estám eles ainda unidos de maneira estreita?<sup>115</sup> O filme, certamente, é de origem austríaca, do antisemitismo do pós-guerra. Em Viena morava

113 O filme *Dous mundos*, dirigido polo alemám A. E. Dupont em 1930, foi projetado na Itália no ano seguinte. Representava alguns aspetos do antisemitismo na Polónia durante a Primeira Guerra Mundial.

114 Organizaçom terrorista russa aparecida em começos do século XIX para reprimir, coa ajuda da polícia, o movimento revolucionário e para fomentar progromos antijudeus.

115 A mae de Tatiana era de origem judia.

com umha velha pequeno-burguesa supersticiosa<sup>116</sup>, que antes de me admitir como inquilino perguntou se era judeu ou católico romano; ela sobrevivia com o aluguer de dous quartos, especulando com o facto de que no 18, no breve período soviético, fora promulgada umha lei que nom reconhecía a inflaçom no pagamento aos proprietários de casas<sup>117</sup>; eu pagava 3 milhons e ½ de coroas por mês (quer dizer 350 libras), enquanto a pensionista pagava no máximo 1.000 das mesmas coroas ao dono da casa; quando partim, um secretário da embaixada, cuja mulher devia ficar em Viena pola escarlatina do filho, pediu-me que conseguisse um quarto para a mulher; na tarde falei com a senhora, que o permitiu. Na manhã cedo, a senhora petou na minha porta e dixo: «Ontem esquecimme de perguntar se a nova inquilina é judia, porque nom alugo a judeus». A nova inquilina era precisamente umha judia ucraniana. Como havia de fazer? Falei disso com um francês<sup>118</sup>, que me explicou que só havia umha hipótese: dizer à pensionista que honestamente nom podia perguntar à nova inquilina se era judia, mas que sabia que era umha secretária de embaixada, porque os pequeno-burgueses odeiam tanto os judeus quanto se arrastam perante a diplomacia. E com efeito foi assim: a senhora escuitou-me e respondeu: «Se for diplomata, dou-lhe o quarto com certeza, porque aos diplomatas

116 G. viviu em Viena de novembro de 1923 até maio de 1924 e morou durante uns meses em dous quartos mobiliados, com a dona, no número 5 de Floriangasse, no distrito VII (Josefstadt) da cidade.

117 A lei sobre o bloqueio dos alugueres, promulgada na Áustria contra o fim da guerra, fora conservada pola socialdemocracia dentro do quadro da sua política de reconstruçom de edifícios em Viena nos anos do pós-guerra.

118 Trata-se, provavelmente, de Victor Serge (1890-1947), que se encontrava naqueles meses em Viena, como colaborador da *Internationale Presse-Korrespondenz*.

nom se lhes pode perguntar se som judeus ou nom». Gostarias agora de afirmar que partilhas o mesmo mundo com esta vienense?

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 85)

20 de setembro de 1931

Queridíssima Tatiana,

escreverei-che brevemente sobre assuntos pessoais, porque hoje queria tentar fazer o esquema sobre o Canto X para enviar e ter os conselhos do meu velho professor de Universidade<sup>119</sup>; se nom o figer hoje nom o farei mais. As minhas condiçõs de saúde estabilizam-se: a febre nom subiu nesta semana a mais de 37,2, mas houve já um dia inteiro em que nom ultrapassou 36,9: em geral, a temperatura marca esta curva parabólica: 36,2 de manhã, 36,9 às 11, 37,2 às 14, 36,9 às 16, 36,8 e também 36,7 às 18. O máximo é sempre por volta das 2. É curioso que diminuisse a média da temperatura enquanto voltava o mal de cabeça, que desaparecera completamente quando a temperatura era mais alta. Nom penses que poda ter abusado alguma vez do Sedobrol: comecei por um comprimido, e de dous passei para três (sempre umha única vez por dia, por volta das 7 e ½ da tarde) para voltar descer para dous. As indicaçõs dim que de umha única vez se podem tomar dous ou três comprimidos, e cinco durante todo o

119 Umberto Cosmo. Trata-se do Canto X do *Inferno*.

dia. De outra parte, dentro de alguns dias deixarei de tomá-lo de vez (ficarám 60 comprimidos) porque o efeito, após um mês e meio de tratamento, dura mesmo dous ou três meses. Recebim as fotografias, mas nom cho escrevim, porque nom gostei da de Delio e Giuliano e a outra está demasiado descolorida, apesar de que bem se vê que deveu ser mui bonita. Sabes o que devias fazer? Devias fazer umha ampliação da tua figura no grupo de estudantes universitários de medicina: na minha opiniom, a tua figura estava bastante isolada no grupo como para podê-la reproduzir de maneira independente. Pido-che que escrevas para Carlo que recebim a sua carta e que lhe responderei a próxima vez: os dous livros que quer comprar para os seus estudos, mesmo se mal traduzidos, som úteis. Procurarei resumir-che agora o célebre esquema.

Cavalcanti e Farinata.

1. De Sanctis, no seu ensaio sobre Farinata repara na aspereza que caracteriza o canto décimo do *Inferno* dantesco, polo facto de Farinata, depois de ter sido representado de maneira heróica na primeira parte do episódio, se converter num pedagogo na última parte, isto é, por dizê-lo com termos crocianos: Farinata, de poesia, torna-se estrutura. Tradicionalmente, o canto décimo é o canto de Farinata, por isso a aspereza observada por De Sanctis é sempre plausível. Eu afirmo que no canto décimo estám representados dous dramas, o de Farinata e o de Cavalcanti, e nom apenas o drama de Farinata.

2. É estranho que a hermenêutica dantesca, apesar de ser tam minuciosa e bizantina, nom reparasse nunca em que Cavalcanti é o verdadeiro castigado entre os epicúreos das tumbas afogueadas, e digo castigado de maneira imediata e individualizada, e que Farinata participa de maneira estreita nesse castigo, até neste caso «como se fgesse um grande desprezo

ao céu»<sup>120</sup>. A lei do taliom em Cavalcanti e em Farinata é esta: por ter querido ver o futuro (teoricamente) som privados do conhecimento das cousas da terra durante um determinado tempo, isto é, vivem num cono de sombra, desde cujo centro vem o passado além de um certo limite, e vem o futuro além de outro limite semelhante. Quando Dante se aproxima deles, a posiçom de Cavalcanti e de Farinata é esta: no passado vem Guido vivo, mas no futuro vem-no morto. Mas nesse momento Guido é morto ou vivo? Veja-se a diferença entre Cavalcanti e Farinata: Farinata, quando sente falar em florentino, volta a ser o homem de partido, o herói guibellino; Cavalcanti, polo contrário, só pensa em Guido e, quando sente falar em florentino, ergue-se para saber se Guido está vivo ou morto nesse momento (eles podem informar-se através dos recém chegados<sup>121</sup>). O drama vivido por Cavalcanti é rapidíssimo, embora de umha intensidade inefável. Ele pergunta depressa por Guido e aguarda que esteja com Dante, mas quando ouve do poeta, que nom está informado com exatidade da pena, o «tivo»<sup>122</sup>, o verbo no passado, depois de um grito dilacerante «de costas recaia, e novamente nom mostrou-se fora».

3. Na primeira parte do episódio, o «desprezo de Guido» converte-se no centro das pesquisas de todos os fabricantes de hipóteses e contributos; na segunda parte, igualmente, a previdência de Farinata sobre o exílio de Dante atirou toda a

120 O texto do Canto X di: «ed ei [Farinata] s'ergea col petto e con la fronte/ com'avesse lo inferno in gran dispetto»; o «inferno» e nom «o ceu», como parafraseia Gramsci.

121 Dante e Virgílio.

122 Cavalcanti perguntou Dante polo seu filho Guido e por que nom está consigo. E Dante responde-lhe: «...perto me aguarda quem meus passos guia, vosso Guido talvez teve-o em desdenho» (*ebbe a disdegno*). [Traduçom de José Pedro Xavier Pinheiro].

atenção. Em minha opinião, a importância da segunda parte consiste nomeadamente no facto de ela iluminar o drama de Cavalcanti, dando todos os elementos essenciais para que o leitor o reviva. Será por isso uma poesia do inefável, do nome expressado? Acho que não. Dante não renuncia a representar o drama de maneira direta, porque essa é justamente a sua maneira de representá-lo. Trata-se de uma «forma de expresso» e acho que as «formas de expresso» podem mudar no tempo, assim como muda a língua propriamente dita. (Somente Bertoni acredita ser crociano ao recuperar a velha teoria das palavras bonitas e das palavras feias, como uma novidade linguística deduzida da Estética crociana).

Lembro que no 1912, quando frequentava o curso de História da Arte do professor Toesca<sup>123</sup> conhecim a reprodução do quadro pompeiano, em que Medea assiste à morte dos filhos que tivera com Jasom; assiste com os olhos vendados e parece-me lembrar que Toesca dizia que esse era uma maneira de se expressar dos antigos, e que Lessing no *Laocoonte* (cito aquelas aulas de memória) não o considerava um artifício de impotentes, mas antes a melhor maneira de dar a impressão da infinita dor de um pai, que representada de maneira material teria cristalizado num trejeito. A mesma expressão de Ugolino: «da fome mais que a dor, pôde a agonia»<sup>124</sup> pertence a esta linguagem e o povo entendeu-no como um pano deitado sobre o pai que devora o filho. Nada de comum entre estas maneiras de expressar-se de Dante e as de Manzoni. Quando Renzo pensa em Lucia, depois de ter

123 Pietro Toesca (1877-1962) ensinou História da arte medieval e moderna na Universidade de Turim de 1907 a 1914.

124 Inferno, XXXIII, 75. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, disponível na Wikipedia em língua portuguesa.

cruzado a fronteira véneta, Manzoni escreve: «Nom tentaremos dizer o que ele sentia: o leitor conhece as circunstâncias: imagine-o». Mas Manzoni já declarara que para representar a nossa reverenciada espécie, já havia suficiente amor como para que se tivesse que falar dele também nos livros. Na realidade, Manzoni renunciava a representar o amor por motivos práticos e ideológicos. Além disso, que o tratado de Farinata está estreitamente ligado ao drama de Cavalcanti é cousa que di o próprio Dante, quando conclui: «Dize — replico — à sombra, a quem falava, que o filho ainda entre os vivos tem morada»<sup>125</sup> (também no caso da filha de Farinata, que contudo — dado que estava completamente absorto polas luitas de partido —, nom deu sinais de turvaçom pola notícia extraída do «tivo», isto é, que Guido morrera; na sua opiniom, Cavalcanti era o mais castigado, e o «tivo» significava o fim da angústia da dúvida sobre se Guido estava nesse momento vivo ou morto).

4. Acho que esta interpretaçom ataca de maneira fulcral a tese de Croce sobre a poesia e a estrutura da *Divina Comédia*. Sem a estrutura nom existiria a poesia e portanto a estrutura também nom teria um valor poético.

A questom está ligada a estoutra: que importância artística tenhem as didascálias nas obras teatrais? As últimas inovaçoms introduzidas nas artes teatrais, por meio da concessom de umha maior importância ao diretor do espectáculo, colocam a questom de maneira cada vez mais áspera. O autor do drama luta com os autores e com o diretor do espetáculo por meio das didascálias, que lhe permitem caraterizar melhor as personagens: o autor quer que a sua divisom seja respei-

125 Inferno X, 110-111. Traduçom de José Pedro Xavier Pinheiro (*vide* nota anterior).

tada e que a interpretação do drama por parte dos atores e do diretor (que traduzem umha arte para outra, ao mesmo tempo que som os seus críticos) adira à sua visom. No *Don Giovanni* de G. B. Shaw, o autor fornece também no apêndice um manualinho escrito por John Tanner, o protagonista, para concretizar melhor a figura do protagonista e obter do ator umha maior fidelidade à sua imagem<sup>126</sup>. Umha obra de teatro sem didascálias é mais lírica do que umha representação de pessoas vivas num choque dramático; a didascália incorporou em parte os velhos monólogos, etc. Se no teatro a obra de arte é o resultado da colaboração do escritor e dos atores unidos na estética polo diretor do espectáculo, a didascália tem no processo criativo umha importância essencial, entanto que limita o arbítrio do ator e do diretor. Toda a estrutura da *Divina Comédia* tem esta altíssima função e se é justo pola distinção<sup>127</sup>, é preciso sermos mui cautos de cada vez. (Escrevim de um só jacto, tendo comigo apenas a edição de bolso de Dante da Hoepli). Tenho os ensaios de De Sanctis e o *Dante* de Croce. Lim na *Leonardo* do ano 28 umha parte do estudo de Luigi Russo publicado na revista de Barbi e que menciona (na parte que lim) a tese de Croce. Tenho o número de *Critica* com a resposta de Croce<sup>128</sup>. Mas nom vejo este material desde há muito tempo, quer dizer, desde antes de que concebesse o núcleo principal deste esquema, porque está no fundo de umha caixa conservada no depósito. O professor

126 G. B. Shaw, *Man and Superman*, ato III. O título do manual de John Tanner é *The Revolutionnist's Handbook and Pocket Companion*.

127 Trata-se da distinção crociana entre estrutura e poesia.

128 O estudo de Russo, citado por G., aparecera com o título de *Critica dantesca* no *Leonardo*, III, 12, 20 de dezembro de 1927. Para a resposta de Croce, cfr. *La Critica*, XXVI, 2, 20 de março de 1928, pp. 122-125.

Cosmo poderia dizer-me se se trata de umha nova descoberta da pólvora, ou se há no esquema algum ponto que pode ser desenvolvido numha notinha, para passar o tempo.

Acabo de receber agora mesmo a tua longa carta de 19 de setembro. Acho que devias ter entendido há tempo que quando nom trato certos temas, ou nom che respondo a propósito, é assim que quero fazer e nom quero gerar polémicas. Achas sempre que o cárcere é umha espécie de pensom para orfanzinhas; porém, é mesmo um cárcere e mais nada. Quanto o médico me dixo e prescreveu, contei-cho com detalhe. Também no 28-29 soubeche do meu mal-estar, dado que estavas aqui pola conversa de dezembro, justo quando eu estava mal. Seja como for, tem a certeza de que tenho em conta os teus conselhos e que se che escrevo sobre «ciência», etc., o fago para fazer-che raivar inutilmente, já que nom queres convencer-te de que aquilo que escrevo o quero escrever para nom escrever outras cousas.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 86)

5 de outubro de 1931

Queridíssima Tania,  
nom gostei muito da fotografia de Delio e Giuliano, pola mesma razom pola que che pedira a tua fotografia de estudante. Acho que é claro: umha única fotografia fornece umha imagem fixada umha vez para sempre. Umha série de fotografias permite reconstruir, dentro de certos limites, umha personalidade em desenvolvimento, isto é, a personalidade real. A

fotografia das crianças nom se «insere» nas anteriores, além de ser tecnicamente infeliz, quer dizer, mal feita desde duas perspectivas: como arte, isto é, como escolha da postura que representa melhor, no momento dado, a personalidade, e como técnica material. Com isto nom quero dizer que nom seja justo e obrigado louvar e encorajar Volia, antes polo contrário. Entendo que nomeadamente no caso das crianças é preciso um fotógrafo especialista: mas a realidade nom muda, e a minha impressom permanece.

Os matizes que introduziche à polémica por ti levantada, a dos chamados «dous mundos», nom altera o erro fundamental do teu ponto de vista, nem tira qualquer valor à minha afirmaçom, que se trata de umha ideologia que pertence, mesmo se de maneira marginal, à das Centúrias Negras, etc. Entendo mui bem que nom participarias num pogrom; contudo, para que um pogrom poda acontecer é necessário que se difunda bem a ideologia dos «dous mundos» impenetráveis, das raças etc. Isso forma a atmosfera imponderável que as Centúrias Negras aproveitam, fazendo que se encontre umha criança dessangrada e acusando os judeus de tê-la assassinado para um sacrifício ritual. O estourado da guerra mundial demonstrou como as classes e os grupos dirigentes sabem aproveitar estas ideologias, aparentemente inócuas, para determinarem as ondas de opiniom pública. No teu caso, a cousa parece-me tam surpreendente, que havia de parecer que nom te quero se nom procurasse libertar-te completamente de qualquer preocupação pola questom mesma.

Que queres dizer com a expressom «dous mundos»? Que se trata como de duas terras que nom podem aproximar-se e entrar em comunicaçom entre si? Se nom quigeres dizer isto, e se se tratar de umha expressom metafórica e relativa, tem pouco significado, porque metaforicamente os «mundos»

som inúmeros, até nisso que exprime o provérbio camponês: «O que longe vai casar, trampa leva ou trampa vai buscar». A quantas sociedades pertence cada indivíduo? E cada um de nós, nom fai continuados esforços para unificar a própria conceiçom do mundo, na qual continuam a subsistir pedaços heterogêneos de mundos culturais fossilizados? E nom existe um processo histórico geral que tende a unificar continuamente todo o género humano? Nós os dous, ao escrever-nos, nom descobrimos entom, de maneira continuada, motivos de discórdia? E polo contrário, nom será que afinal conseguimos encontrar-nos ou concordar em certas questons? E cada grupo ou partido, ou seita, ou religiom, nom tende também a criar um «conformismo» de seu (nom entendido em sentido gregário e passivo)?

O que importa na nossa discussom é que os judeus fôrom liberados do gueto somente no 48 e que ficárom no gueto, ou segregados de algumha maneira pola sociedade europeia durante quase dous milénios, e nom pola sua vontade, mas por imposiçom externa. Do 48 em diante o processo de assimilaçom nos países ocidentais foi tam rápido e profundo, como para fazer pensar que só umha segregaçom imposta impediu a sua completa assimilaçom em vários países, se até a Revoluçom francesa a religiom cristá nom tivesse sido a única «cultura estatal», que pedia precisamente a segregaçom dos judeus religiosamente irredutíveis (naquela época; agora já nom, porque do judaísmo passam para o deísmo puro e simples, ou para o ateísmo). Em qualquer caso, é preciso observar que muitos carateres que passam por serem devidos à raça, som devidos antes à vida do gueto, imposta em diferentes formas nos vários países, polo qual um judeu inglês nom tem quase nada em comum com um judeu da Galizia. Hoje parece que Gandhi representa a ideologia hinduísta; mas os hinduístas re-

duzírom ao estado de párias aos Dravida, que antes habitavam a Índia, fôrom um povo belicoso e só após a invasom mongol e a conquista inglesa, pudérom expressar-se num homem como Gandhi. Os judeus nom temem um estado territorial, umha unidade de língua, de cultura, de vida económica, desde há dous milénios; como se poderia encontrar neles umha agressividade, etc.? Mas também os árabes som semitas, irmas carnais dos judeus e tivérom o seu período de agressividade e de tentativa de império mundial. Entanto que os judeus som, por outra parte, banqueiros e detentores do capital financeiro, como se pode dizer que nom participam na agressividade dos estados imperialistas?

Recebo neste momento a tua carta de 2 de outubro e reparo em que figem mal continuando esta discussom, que só se poderia fazer numha conversa em que o tom de voz e a possibilidade de corrigir e esclarecer de maneira imediata aquilo que se di, impedem confusons e asperezas. De resto, nom quero nom escrever-che esta semana, e por isso che envio a carta tal qual está. Porém, quero esclarecer um pequeno facto. Parece que estás convencida de que em 28-29 tivem quem sabe que males e que chos ocultei. Tivem a crise polos dias do Natal de 28, e justo o dia de Natal, e ainda duas vezes a seguir tivem a conversa contigo. Nom estivem na cama. Sofrim umha prolongada debilidade, polo qual durante o passeio preferia ficar sentado, e caminhar apenas 15-20 minutos, porque caminhar me cansava. É possível que nom che escrevesse estes detalhes, porque nom lhes concedia nengumha importância ou porque estavas informada por meio das conversas mantidas. Naturalmente é algo que passará mais vezes, porque nom quero transformar as minhas cartas em boletins médicos (!) cheios de extravagâncias e de asneiras. Quando nom escrevo nada sobre a saúde, quer dizer que tudo é normal dentro do âmbito

carcerário. Certamente, nom vou estudar patologia geral ou outra ciência médica. Sei isto: que nom existem doenças, mas doentes, e que num doente todos os órgãos som solidários quando um deles está doente. Chega-me para entender que o médico deve ser umha espécie de artista, isto é, que na sua arte tem muita importância algo semelhante à intuição, para além do conhecimento científico. Portanto, qualquer leitura parcial nom serve de nada, mesmo se nom chega a ser perigosa como os manuais populares sobre o «Médico para todos» e as «Curas em caso de urgência».

Abraço-te com tenrura  
Antonio

Acho que podes assinar por mim o *Corriere della Sera*, de 1 de outubro até 31 de dezembro, para o receber diretamente em Turi, naturalmente. Terei de fazer ainda amanhã esta pequena petição e caso nom me for concedida, porque nom se me considerar merecente, poderás sempre mudar a assinatura no teu favor.



(Carta 87)

12 de outubro de 1931

Queridíssima Tania,  
recebim o teu postal de 10 de outubro, que nom atenuou em absoluto o efeito causado pola tua carta do 2. Esta carta nom foi para mim áspera, mas ofensiva. Que poderia significar que jogo contigo à «cabra-cega» e que procuro «encurralar-te»? Deveria responder com palavras duras, mas acho que é melhor evitar no futuro qualquer repetição destes incidentes de-

sagradáveis, por nom dizer qualquer cousa pior. De maneira que a tua alusom anterior à minha qualidade de ex-jornalista é, por empregar umha expressom pomposa, *imbelle telum sine ictu*. Nunca fum um jornalista profissom, que vende a sua caneta ao melhor postor e que deve mentir exageradamente, dado que a mentira vai com a profissom. Fum um jornalista mui independente, com umha única opiniom sempre, e nunca devim ocultar as minhas profundas convicçoms para agradar patrons ou cúmplices. Escreves que nom che agradou que eu escrevesse que a tua opiniom sobre os judeus foi matizada. Tés razons, já que nada matizache, pois nesta opiniom tua há um pouco de tudo; ora bem, cada cousa numha carta diferente. Havia num princípio um ponto de vista que conduzia direito para o antisemitismo; depois, umha conceiçom própria de um nacionalista judeu e de um sionista e, finalmente, pontos de vista que seriam compartilhados polos velhos rabinos que se opugérom à destruiçom dos guetos, prevendo que a falta dessas comunidades com território segregado acabaria por desnaturalizar a «raça» e por alentar os vínculos religiosos que mantinham a sua personalidade. Com certeza, figem mal em discutir; teria sido melhor brincar com isto, contrapondo a teoria da «flema» británica, da «fúria» francesa, da «fidelidade» germánica, da «grandeza» espanhola, do «sentido da improvisaçom» italiano e, finalmente, da «fascinaçom» eslava, todas elas cousas bem úteis para escrever romances de folhetim ou filmes populares. Ou poderia ter levantado a questom de saber qual é o «verdadeiro» judeu ou o judeu «em geral» e até o homem «em geral», que nom penso se encontre em nengum museu antropológico ou sociológico. E também o que significa hoje para os judeus a sua conceiçom de deus como «deus dos exércitos» e toda a linguagem da Bíblia sobre o «povo escolhido» e a missom do povo judeu que se parece com a

linguagem de Guilhermom<sup>129</sup> antes da guerra. Marx escreveu que a questom judia nom existe desde que os cristaos se convertêrom em judeus, assimilando o que fora a essência do judaísmo, a especulação, ou seja que a soluçom da questom judia dará-se quando toda a Europa seja libertada da especulação, quer dizer, do judaísmo em geral. Acho que é a única maneira de propor a questom geral, à parte do reconhecimento do direito das comunidades judaicas à autonomia cultural (de língua, de escola, etc.) e também à autonomia nacional, caso alguma comunidade judaica conseguisse, de umha ou de outra maneira, habitar um território definido. Todo o mais, parece-me misticismo de péssima qualidade, bom para os pequenos intelectuais judeus do sionismo, como a questom da «raça», entendida noutro sentido que nom seja o puramente antropológico; já no tempo de Cristo os judeus nom falavam mais a sua língua, reduzida a umha língua litúrgica, e falavam o aramaico. Umha «raça» que esqueceu a sua antiga língua perdeu já a maior parte da herança do passado, da primitiva conceiçom do mundo e absorveu a cultura (junto com a língua) de um povo conquistador; consequentemente, que mais pode significar «raça» neste caso? Trata-se evidentemente de umha comunidade nova, moderna, que recebeu a pegada passiva ou até negativa do gueto e no quadro desta nova situaçom social refijo umha nova «natureza».

É estranho que nom utilizes o historicismo para a questom geral, e depois queiras de mim umha explicaçom historizante do facto de alguns grupos de cosacos acreditarem que os judeus tinham cauda. Tratava-se de umha brincadeira que me contou um judeu, comissário político de umha divisom

de assalto dos cosacos de Oremburg<sup>130</sup> durante a guerra russo-polonesa de 1920. Estes cosacos nom tinham judeus no seu território e concebiam-nos conforme a propaganda oficial e clerical como seres monstruosos que mataram deus. Nom queriam acreditar que o comissário político fosse judeu: «Tu és dos nossos, — diziam-lhe, — nom és um judeu, estás cheio de cicatrizes das feridas causadas polas lanças polacas, combates ao pé de nós; os judeus som-che outra cousa». Também em Sardenha o judeu é concebido de várias maneiras: existe a expressom *arbeu*, que equivale com um monstro de fealdade e de maldade, lendário; existe o «judeu» que matou Jesus Cristo, e existe ainda o bom e o mau judeu, porque o piedoso Nicodemo ajudou Maria a descender o filho da cruz. Mas para o sardo, «os judeus» nom están ligados ao tempo atual; se lhe dim que um tipo é judeu, pergunta se é como Nicodemo, mas em geral acredita que significa ser um cristao ruim, como os que quigérom a morte de Cristo. E existe ainda o termo *marranu* da expressom *marrano*, que na Espanha se dava aos judeus que fingirom converter-se, e que em sardo tem um sentido genericamente injurioso. Ao contrário dos cosacos, os sardos, que nom fôrom objeto da propaganda, nom distinguem os judeus dos outros homens.

Desta maneira liquidei, pola minha conta, a polémica e nom vou deixar-me persuadir a iniciar outras. A questom das raças, fora da antropologia e dos estudos pré-históricos, nom me interessa. (Igualmente, nom tem valor a tua alusom à importância dos sepulcros, no relativo às culturas; isso é verdade só para as épocas mais antigas, quando os sepulcros eram o

130 Antiga fortaleza de fronteira assediada polos cosacos de Pugachov em 1733-1734; de 1918 a 1925 foi capital da República Soviética dos Kirguizes. Em 1938 adoptou o nome de Chkalov.

único monumento nom destruído polo tempo e porque dentro dos sepulcros, junto com o defunto, colocavam os objetos da vida quotidiana. Seja como for, estes sepulcros dam-nos um aspeto mui limitado dos tempos em que fôrom construídos: da história do costume ou de umha parte dos ritos religiosos. E eles referem-se ainda às classes altas e ricas, e amiúde aos dominadores estrangeiros do país, nom ao povo). Eu mesmo nom som de nengumha raça: meu pai é de origem albanês recente (a família escapou do Épiro após ou durante as guerras de 1821 e italianizou-se rapidamente); minha avó era umha González e descendia de algumha família ítalo-espanhola da Itália meridional (como tantas que permanecêrom após o fim do domínio espanhol); minha mae é sarda polo pai e pola mae, e Sardenha uniu-se ao Piemonte só em 1847, depois de ter sido um feudo pessoal e um património dos príncipes piemonteses, que a obtivérom em troca por Sicília, que estava demasiado longe e era menos defendível. Contudo, a minha cultura é fundamentalmente italiana e este é o meu mundo: nom cheguei a sentir-me nunca dilacerado entre dous mundos, embora isso fosse escrito no *Giornale d'Italia* de março de 1920, onde num artigo de duas colunas se explicava a minha atividade política em Turim, entre outras cousas, por ser eu sardo e nom piemontês ou siciliano, etc. Que fosse oriundo albanês nom foi colocado em jogo, porque também Crispi<sup>131</sup> era albanês, educado num colégio albanês e falava o albanês. De resto, na Itália estas questons nunca fôrom colocadas, e na Ligúria ninguém se espanta se um marinheiro leva para a vila

131 Francesco Crispi (1819-1901), político monárquico italiano. Partidário de umha estreita aliança com a Alemanha e netamente hostil à França. Propugnou também umha política colonialista de prestígio. Foi o promotor da megalómana empresa de Abisínia, que se saldou em 1896 com a desfeita de Ádua.

umha mulher preta. Nom vam tocá-la com um dedo insalivado para ver se o preto lhe sai, nem acreditam que os lençóis vaiam ficar tingidos de preto.

Escreveche que querias enviar-me medicinas. Pido-che no entanto que nom me envies mais Mugolio nem pó de Abissínia. Acho que a única cousa verdadeiramente útil som os fermentos lácteos, que quase acabei; tenho ainda para quatro dias. Pido-che por favor que fagas assim. Abraço-te com tenrura.

Antonio

Igualmente, fijo-me bem a Uricedina Stroschein; enviaras-me duas amostras há muito tempo e tomei-nas recentemente: regulou bastante bem as funções intestinais.



(Carta 88)

26 de outubro de 1931

Queridíssima Tania,  
hoje nom vou poder escrever com muito vagar. Erguim-me da cama com febre e ainda me dura; fijo (ainda fai) um par de dias de vento do Sul que deixou tudo húmido. Mas aguardo escrever o indispensável. Convencim-me mesmo de que todo este mal-estar está causado por moléstias intestinais convertidas em crónicas e que se nom consigo vencê-las ou a atenuá-las, nom me vam beneficiar em absoluto reconstituintes ou outras cousas do género. Aquilo que me fai passar por completo a temperatura é nom comer nada, mas nom é esta umha cura que poda persistir muito tempo. Qualquer alimento, depois de poucos dias, reproduz estas mesmas manifestaçons.

Há depois algumas complicações de outro género, causadas pelo meu organismo: o certo é que as dores nos órgãos do sistema respiratório estão causadas pela pressão dos órgãos do sistema digestivo, que incham, coma o que se comer; o leite é mesmo o alimento que mais inchação produz. Penso que, no mínimo, é preciso isolar este fenómeno, e é por isso que me obcecara com a Urecidina que, mesmo em pequenas doses, melhorava a digestão. A acidez demonstra, certamente, em minha opinião, que o ácido úrico tem responsabilidade pelas moléstias e que a Uricedina é mesmo adequada para este fim. Contém 42% de sulfato de sódio. Tomei purgantes de 30 gramas de sulfato de sódio, receitados pelo médico, que me ajudaram apenas durante 12 horas, para além da debilidade que o purgante causa. Umha colher de café de Uricedina, tomada às 4 da tarde, garantia-me umha digestão nocturna normal e, portanto, um certo bem-estar. De resto, acho que os purgantes arruinam os presos que abusam deles com demasiada frequência, e até agora evitara-os sempre de maneira sistemática. Acreditava que me beneficiava a cura da uva, mas: 1º, a uva não podia conseguir-se todos os dias e 2º, não é de mesa, mas de vinho; pode lavar-se só daquela maneira; para comer ½ kg faz falta um dia de trabalho, se se deitarem a pele e as pevides, e umha vez, por ser esse dia azeda ou por outra razão, deu-me 38,5 de temperatura. De maneira que decidim não fadigar-me mais com os muitos remédios que me deixam pior do que antes e também que me envies a Uricedina: penso que se combato a uricemia com ela, somado à dieta que sigo agora, poderei, quando menos, isolar a causa, quer seja a principal ou apenas umha causa secundária.

O teu último postal de 23 de outubro fixo-me sorrir um pouco. Dás-me a razão demasiadas vezes e isso fixo com que pensasse que me julgas excessivamente irritado, ou até amua-

do e alporiçado contigo. Porém, como vejo que dis nom lembrar ter-me escrito nada desagradável, quero citar um trecho da tua carta de 2 de outubro:

«...devo repetir que o acréscimo feito à tua última [carta], para me fazeres ver que nom era umha afirmação gratuita lembrar que no 28 estivem em Turi, durante o Natal, etc., [...] sinto-me inclinada a declarar que da minha parte considero esta notícia um ardil de advogado (mas como pode ser umha notícia um ardil? será verdadeira ou falsa, nom achas?) e supreende-me só que voltasses ao tema, quando deverias ter entendido o inoportuno que no fundo é *o tom de pouca sinceridade*, que *deve* ser usado por vezes para tratar determinados assuntos; portanto, se che repreendia por ter-me ocultado as tuas verdadeiras condições, podes também estar certa de que *independentemente de todo o que me podas escrever a propósito*, neste tema serei sempre da mesma opinião».

Ora vejamos: aborrece-che o tom de pouca sinceridade. Que quer dizer? A primeira carta que che escrevim, mal cheguei a Milám no 1927<sup>132</sup>, foi retida polo juiz instrutor porque era *demasiado sincera*: contudo, o juiz dixo-me que nom passaria para os autos, mas que seria retida por ele a título pessoal. Isso em fevereiro: porém, em setembro seguinte o advogado militar Tei pediu para o juiz instrutor que a carta constasse nos autos contra mim e, de facto, ela encontra-se no meu fascículo pessoal do julgamento, com o intercâmbio de cartas entre o juiz e o advogado militar. Podia ter agravado a minha situação. Fum «sincero» e nom recebeche a carta. Foches sempre sincera comigo, penso eu. Mas tenho várias cartas tuas meio apagadas pola censura carcerária. A tua sincerida-

132 Cfr. Carta 10, de 12 de fevereiro dirigida a Tania e Giulia.

de nom me beneficiou em absoluto, porque o que escrevias permaneceu desconhecido para mim. Que quer dizer entom «sinceridade» e que quer dizer que te «aborrece»? Também eu me aborreço desde há 5 anos por estar no cárcere, talvez mais do que tu aborreceche por esta classe de pouca sinceridade. Querida Tania, que significaria isso de que nom podes mudar as tuas opinions sobre um tema, seja o que ele for? Significa que nom há nada mais sobre o qual escrever, enfim, que é melhor cessar toda forma de correspondência?

Em minha opiniom, já estamos bastante atormentados por aborrecimentos de todo o tipo como para acrescentarmos outros de maneira recíproca. Quigem só documentar-che os factos. Para além disso, nom estou nem irritado nem zangado, e acredito mesmo que nom querias ofender-me.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 89)

9 de novembro de 1931

Queridíssima Tania, escrevo-che justo no quinto aniversário do meu encarceramento. Cinco anos som mesmo um bom lote de anos e ademais, som cinco anos da idade mais produtiva e mais importante na vida de um homem. De outra parte, agora passados estão e nom tenho nengumha vontade de fazer um balanço dos benefícios e das perdas, nem de chorar amargamente pola boa parte da existência ida para o diabo. No entanto, acho que coincidem largamente com um período determinado da minha vida fisiológica, isto é, que fôrom necessários para reduzir

o organismo às condições carcerárias. O mal-estar que sinto de três meses a esta parte é, com certeza, o início de um período em que a vida carcerária se fará sentir mais duramente, como algo sempre atual, que obra permanentemente para destruir as minhas forças.

Penso que o pacote de medicinas que me escreves ter enviado chegou já, e que dentro de alguns dias poderei ter o seu conteúdo. Visto que se renovou o vento do Sul, tivemos novamente manifestações agudas de dor e aguardo, portanto, ter ao meu dispor medicinas que ao menos me aliviem. Esquecera escrever que me envies novamente as mortalhas para cigarros. Se calhar, surpreendes-te porque consumo tantas mortalhas, quando che escrevim que reduzira muito o consumo de tabaco; nom há contradição entre os dous factos, antes polo contrário, som estreitamente dependentes um do outro. Aprendim que reduzindo as mortalhas, isto é, recortando-as em altura e largura, se podem fazer muitos cigarros pequenos (três em lugar de um) e, portanto, pode fumar-se três vezes um pouquinho, o suficiente para tirar a necessidade, em lugar de umha única vez, com a mesma quantidade de tabaco fresco. Os presos fumam três vezes o mesmo cigarro (fumam-no por partes) e depois utilizam novamente as beatas; este costume repugna-me e prefiro a minha solução, que exige, contudo, muitas mortalhas, mais das que se podem comprar com o tabaco e com os fósforos. Para os fósforos chega a prática carcerária de separar, com umha agulha, cada fósforo em duas partes, reduplicando-os. Na realidade, desde julho até hoje, nom só me habituei a fumar apenas 40% do tabaco que fumava antes (imediatamente antes, porque já reduzira anteriormente) mas acho que tenho a hipótese de fazer outras reduções. Acho que conseguirei fumar mui pouco, mesmo até deixá-lo completamente, dentro de algum outro tempo.

Porém, é verdade que o fumar pouco está ligado também ao grau de intensidade de trabalho intelectual; leio pouco e penso menos, isto é, nom fago senom poucos esforços intelectuais e por isso podó fumar pouco. Nom me dou concentrado num tema; sinto-me intelectualmente desfeito, assim como o estou fisicamente. Acho que este estado de cousas vai durar todo o inverno, quando menos, quer dizer, neste período o meu esforço mal será suficiente para nom piorar, nom para me recuperar.

No teu último postal nem me mencionas as tuas condições de saúde: nom me escreves se saíche da cama após a angina. Espero bem que sim.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 90)

16 de novembro de 1931

Querida Teresina,  
obrigado por me teres escrito. Nom recebia notícias desde havia mais de um mês. Aguardo a carta da mae que me anuncia.

Se tio Zaccaria<sup>133</sup> vinhesse visitar-me, receberei-no com muito prazer, mas acho que nom vai vir. Há quanto tempo nom o vejo? Já nem me lembro dele. Tenho dele lembranças muito vagas, de quando ele era um moço e eu um rapaz: acho

133 Primo da mae de G.

que agora deve parecer-se muito com o tio Achille<sup>134</sup>, se calhar um pouco mais civilizado e polido pola vida da cidade, mas nom sei se tam simpático.

Mas quem pode fazer hoje o pam na casa? Nossa mae nom; tu também nom, porque terás muito trabalho no escritório; Grazietta nom se poderá bastar para todo; nom som capaz de imaginar como é a vossa vida em concreto.

A frase: «Um barco que sai do porto, bailando com passo escocês, é o mesmo que apanhar um morto e pagá-lo no fim de mês» nom é umha adivinha, mas umha estranheza sem significado, que serve para se mofar daqueles tipos que embrulham palavras sem sentido, julgando que dim quem sabe que cousas profundas e de misterioso significado. Assim acontecia a muitos paisanos da aldeia (lembras o senhor Camedda?) que para fazer ostentação de cultura, apanhavam grandes frases dos romances populares e depois faziam-nas entrar a torto e a direito na conversa para pasmar os labregos. Da mesma maneira, as beatas repetem o latim das oraçõs contidas no devocionário: lembras que tia Grazia acreditava em que existira umha «dona Bisodia» mui pia, tanto que o seu nome era sempre repetido no *Pater noster*? Era a *dona nobis hodie* que ela, como muitas outras, lia *donna Bisodia* e personificava numha dama do tempo passado, quando todos iam à Igreja, e ainda havia um pouco de religiom neste mundo.

Poderia-se escrever um conto sobre esta «dona Bisodia» imaginária que se adotava como modelo: quantas vezes tia Grazia terá dito para Grazietta, para Emma e talvez também para ti: «Ah, é claro que nom és como dona Bisodia!» quando nom queríades ir confessar pola obriga pascoal. Agora tu po-

134 Outro primo da mae de G.

derás contar aos teus filhos esta história: nom esqueças logo a história da esmolante de Mogoro, da *musca maghedda*<sup>135</sup> e dos cavalos brancos e pretos que aguardamos tanto tempo.

Querida Teresina, abraço-te afetuosamente. Antonio



(Carta 91)

30 de novembro de 1931

Queridíssima Iulca,

recebim a tua carta de 13 de novembro. Respondera a tua carta anterior de 13 de agosto, mas a minha resposta perdeu-se. Poderia ter-che escrito noutras ocasiões (desde 1º de julho podó escrever umha carta por semana em vez de cada 15 dias) mas é preciso que che diga a verdade: cada vez acho mais difícil escrever-che, cada vez mais difícil e também mais penoso. Se eu tivesse que reler as minhas cartas algumas semanas mais tarde, penso que ia sentir um certo desgosto, porque me pareceriam abstratas, fora do tempo e do espaço, como se fossem o resultado de meia hora de esforço puramente intelectual e nervoso, de um esforço que me parece obrigado, de ordem burocrático, diria. Pola tua última carta acho que também tu sentes que há qualquer cousa que nom presta nesta correspondência nossa irregular, aos poucos, a saltos de meses e meses. O pior é que nom consigo encontrar a maneira de mudar o curso das cousas. Nos longos intervalos do teu silêncio reflexiono sobre esta situação que se foi formando, tam diferente do que pensava há cinco anos, após o meu arresto. Acredita-

135 Em sardo «mosca mágica».

va que seria ainda possível umha certa comunhom na nossa vida, que me ajudarias a nom perder por completo o contato com a vida do mundo; quando menos com a tua vida e com a das crianças. Porém, considero (e digo-o mesmo se che causo um grande desgosto), que tés contribuído para agravar o meu isolamento, fazendo com que o sentisse de maneira mais amarga. Tu insistes amiúde, nas tuas cartas, em que nós «estamos mais fortemente unidos, que somos mais fortes», mas precisamente é isso o que me parece cada vez mais falso, e acho que tu mesma o duvidas e luitas com a tua dúvida, no mesmo momento em que repetes essa afirmaçom. Acho que no curso destes cinco anos nos convertemos cada vez mais em fantasmas, em seres irreais um para o outro. Como podem uns fantasmas estar mais unidos, e serem mais fortes? Umha vez, há muito tempo, escrevêrom-me que o teu bolso estava cheio de cartas tuas para mim, começadas e nom acabadas: este facto afetou-me mais do que qualquer outra cousa, porque o seu significado nom é agradável. Quer dizer que nom consegues escrever-me, que há algo que se interpom e che impede comunicar-te comigo. De facto, nom sei nada de ti: nem sei se retomache a tua atividade laboral. As tuas cartas som extremamente vagas. Nom som capaz de imaginar nada da tua vida. Muitas vezes procurei dialogar contigo: levantei questons, indiquei-che aquilo que seria para mim de sumo interesse. Nom conseguimos obter nengum resultado e justamente entrei neste estado de ánimo polo qual escrever-che é para mim mais difícil e penoso.

Esta carta é umha nova tentativa que fago para retomar as nossas vidas; penso que ainda há umha maneira e um tempo. Com certeza, nom esquecim a Iulca de um tempo; porém, nom consigo fazê-la reviver na Giulia de hoje; nem dou imaginado a Giulia atual de umha maneira concreta, de umha

maneira viva. Gostaria de poder turvar-te fortemente, violentamente, mesmo a custo de ser injusto e ruim contigo, mais ainda do que é a minha vontade. Gostaria de fazer que sentisses a minha ansiedade e a minha dor.

Abraço-te com tenrura

Antonio



(Carta 92)

7 de dezembro de 1931

Querida Iulca,

poucos dias depois de ter-che escrito a última carta, Tania enviou-me a tradução de umha carta tua para ela. De primeiras, ao ler esta carta tua, quase me pesou ter-che escrito na maneira em que che escrevim. Mas pensando-o melhor, concluímos que antes que tivera tanta mais razão em escrever como escrevera. De facto, por que não informar-me também das tuas condições de saúde? E para além disso, podem sequer estas condições explicar ou quando menos justificar que escrevas tão pouco e que as tuas cartas para mim sejam tão vagas e abstratas? De outra parte, isso que escreves sobre a tua doutora pode interpretar-se de maneira extensiva: se ela se alegra quando lhe contas que tiveches episódios de cólera, de desabafo manifestados em palavras azedas, pode deduzir-se que é útil provocar em ti estes momentos, atormentando-te sem descanso. A personalidade e a vontade são produtos dialéticos de umha luta interior que pode e deve ser exteriorizada, quando o antagonista é asfixiado internamente por um processo doentio; seria importante que nesse «tormento» não

houvesse um tormento abstrato, mas um aguilhom concreto da consciência, mexido e agitado de maneira racional. A motivação racional parece que seria esta: nós estamos unidos por vínculos nom só de afeto, mas de solidariedade; esses vínculos , por sua vez, podem ser os mais fortes e reativos? O afeto é um sentimento espontâneo que nom cria obrigações, porque está fora da esfera da moralidade. Pode ser suscitado irracionalmente e poderia sê-lo, por exemplo, se eu, pola minha parte, che escrevesse cartas apaixonadas. Poderia escrevê-las, naturalmente, com toda a sinceridade, mas nom quero; as minhas cartas som «públicas», nom reservadas a nós os dous, e a consciência disto obriga-me firmemente a limitar a explosom dos meus sentimentos, entanto que se exprimem em palavras escritas nestas cartas. Existem, pois, os vínculos de solidariedade, aos quais se pode e se deve fazer apelo, e agora penso que nunca deveria ter deixado de atormentar-te neste sentido. Teria devido colocar-te amiúde face a um dever teu objetivo, e digo objetivo precisamente porque depende apenas dos vínculos de solidariedade. Quero dar-che o exemplo da igreja e da religiom. Para a igreja, a crença em deus deveria ser para cada homem a fonte de máxima consolação e a base inabalável da vida moral, mas parece que a igreja nom confia demasiado nesta inabalabilidade e na firmeza desta consolação serena, porque leva os fieis a criarem instituições humanas que venham com meios humanos no auxílio dos afligidos e lhes impedam duvidar e abalar a sua fé. Parece por consequência que a igreja mesma entende de maneira implícita que deus nom é outra cousa que umha metáfora para indicar o conjunto de homens organizados para a ajuda mútua. Mas se a igreja, organismo espiritualista por excelência, recorre aos meios humanos para manter viva a fé nas forças sobrenaturais, que deveria dizer-se dos organismos laicos, realistas por excelência,

que nom recorrem aos meios humanos para se susterem? E de facto nom acontece: acontece que cada um dos pertencentes a estes organismos descuidam nalgumhas occasions os seus deveres a propósito, nom obstante pertençam formalmente a instituições especializadas em ajudar os aflitos, escusando-se, de forma farisaica, com o pensamento de que o aflito deve ser tam forte como para suster com meios próprios as suas forças morais. No entanto, mesmo se isso acontecer, e acontece certamente, o dever cumpre-se por umha única parte e é preciso um chamamento à outra parte. Naturalmente, eu gostaria de fazer que passasses por um episódio de cólera, conseguindo assim que fosses louvada pola doutora. Querida Iulca, abraçote forte.

Antonio



(Carta 93)

14 de dezembro de 1931

Queridíssima Tania, só na quinta-feira recebim a tua carta de 3 de dezembro, que chegou taxada, nom sei por que razom, mas provavelmente por excesso de peso. Das tuas fotografias, no conjunto, gostei muitíssimo; no entanto, gostaria de ter algumha mais recente, como me tinhas prometido, porque nom nos vemos desde há já perto de um ano e meio, e gostaria de ter noçom das tuas condiçoms de saúde atuais. Porém, nom penses que poda haver nisto umha petiçom implícita para vires no Natal a Turi, como escreves que che propujo Carlo. Penso que farias mal em fazer essa viagem longa e incómoda e, portanto, se for possível, seria bom que dissuadisses o Carlo. Naturalmente,

estaria mui contente de te ver, como podes imaginar, mas nom acho prudente gastar tanto e submeter-se a tantas fadigas por meia hora de conversa. Por vezes, estas conversas deixam mais umha sequela de amargura do que a breve felicidade de se ver.

Espero que a esta hora tenhas recebido o resto das minhas cartas; escrevim-che cada semana pontualmente e escrevim também para Giulia. Se calhar nom gostas das minhas cartas a Giulia; nem sequer eu gostei delas, mas tenho a impressom de que se figera necessário escrever o que escrevim, o que corresponde perfeitamente com a verdade (a verdade dos meus sentimentos, do meu estado de ánimo). Tu escreves, por exemplo, que nom me dirija às crianças, etc. Na verdade, som mesmo incapaz, de um ponto de vista psicológico, de me relacionar com elas, porque nom conheço nada concreto da sua vida e do seu desenvolvimento. Com certeza, conheço melhor os filhos de Teresina, que me escrevêrom algumas vezes e sobre os quais Teresina me informa bastante, para que eu, conhecendo o quadro geral da sua vida por experiência direta, poda manter umha correspondência. No entanto, imagino que para Delio e Giuliano devo ser umha espécie de holandês voador, que por razons impenetráveis nom pudo ocupar-se deles e participar da sua vida: como poderia escrever o holandês voador? E além disso, repugna-me o officio de fantasma.

Querida Tania, há algumas encomendas que pido para me fazeres com muita exatidade e precisom. Chegou a resposta à instância que figera ao Chefe do Governo, a propósito das revistas e de umha série de livros. A resposta nom é completa. Di que podó ler, para já, as revistas italianas que assinei, mais duas que nom assinei — *L'Educazione Fascista* e *La Cultura* —, mas que pugera na listagem, porque de quando em vez recebia algum número delas, hipótese que queria conservar. Com respeito às revistas estrangeiras e para os livros, a resposta nom

menciona nada; isto faria supor, para já, um suplemento de resposta ao respeito, que poderia ser favorável, mas que poderia também não sê-lo. Nestas condições é preciso advertir à livraria: 1º que é necessário renovar a assinatura só para as revistas italianas já em curso; — 2º que não é preciso mandar, nem como amostra, números de revistas italianas e ainda menos estrangeiras, que de todas maneiras não me seriam entregues. 3º que, quando menos de forma provisória, seria melhor não mandar-me sequer livros não italianos.

Lembra, se ainda não o fizeste, que não recebemos o fascículo de *Pegaso* do passado novembro, e faz que mandem os fascículos de novembro e dezembro de *L'Educazione Fascista*, onde se publicou o balanço do Congresso dos Institutos Fascistas de Cultura que quero ler. Manda, por favor, a carta registada. Se me forem concedidas as revistas estrangeiras, haverá tempo para assinar: na dúvida é melhor abster-se.

Mando-lhe o módulo do serviço das contas correntes postais do *Corriere della Sera* para renovares a assinatura que caduca em 31 de dezembro: podes renová-la para três meses ou para seis, mas não mais de seis meses.

Querida Tania, abraço-te afetuosamente  
Antonio

Podes mandar para Giulia também esta parte da carta, para além da sua parte.



14 de dezembro [de 1931]

Queridíssima Iulca,  
recebim a tua breve carta de 21 de novembro. Tania falou-me da carta que lhe escreveche e dessa maneira a tua breve carta adquiriu maior sentido, perdendo a sua abstracção e vaguidade. Numha carta anterior, mencionavas que querias começar a estudar, e que pediras a opiniom à doutora, que nom tinha sido favorável. Permite que, com umha certa pedanteria, che faga umha proposta prática, que che apresente, por assim dizer, algumhas das minhas «reivindicaçons» (penso que no caso de um preso pode falar-se em «reivindicaçons», nas relaçons com as pessoas livres, dado que a condiçom do preso, historicamente, se relaciona com a escravitude do período clássico; na Itália, *galera* e *ergastolo*, empregadas por cárcere, indicam esta filiaçom de umha maneira evidente). Visto que tencionas estudar, podó entender algumhas cousas: que queres aprofundar num tema especializado qualquer, ou que queres adquirir o «hábito científico», isto é, estudares para dominar a metodologia geral e a ciência epistemológica (olha que palavras pedantes!). Por que nom ias poder entom estudar algo que justamente também me interessa a mim, chegando a ser a minha correspondente em matérias de interesse para ambos, visto que som o reflexo da atual vida intelectual de Delio e Giuliano? Em resumo, desejaria (—a modo geral de primeira reivindicaçom—) ser informado sistematicamente do quadro científico em que se desenvolve a escola ou as escolas frequëntadas por Giuliano e Delio, para ser capaz de compreender e valorizar as escassas mençons que fás por vezes. A questom escolástica interessa-me muitíssimo e interessa-che muito

também a ti, porque escreves que 60% das vossas conversas giram em volta da escola das crianças. Expores de maneira ordenada e coerente as tuas impressões propositadamente é «estudar»: porá-cho novamente em condições de readquirir, após a doença, o domínio da tua vontade científica e das tuas faculdades de análise e de crítica. Naturalmente, deverias fazer um autêntico trabalho, e não só escrever cartas: quer dizer, começar um inquérito, tomar apontamentos, organizar o material recolhido e expor os resultados com ordem e coerência. Seria mui feliz, com umha felicidade própria de pedantes, é verdade, mas não por isso desprezável.

É muito interessante, por exemplo, saber como foi incluído no programa da escola primária o princípio das brigadas de assalto e dos «recantos especializados», e qual é o fim pedagógico que se propõem atingir. Pode criar dúvidas sobre se isso acelera de maneira artificial a orientação profissional e disfarça as inclinações das crianças, fazendo perder de vista o fim da escola única: conduzir as crianças para um desenvolvimento harmónico de todas as atividades, até que a personalidade formada ponha em relevo as inclinações mais profundas e permanentes, nascidas no nível superior de desenvolvimento de todas as forças vitais, etc., etc. Poderia, por exemplo, contar para Delio as minhas experiências infantis sobre os seres vivos: ou parecerám-lhe contos que tenho visto as lebres a dançar (ou a saltar, embora o povo veja nisso umha dança) baixo a lua, ou a família do ouriço (ouriço, «ouriça» e «ouricinhos») ir na procura de provisões de maças no luar outonal? Que significado tem o recantinho dos animais<sup>136</sup>? Lim que 70% das crianças das grandes cidades americanas não sabem o que

136 Cfr. nota de rodapé nº 142.

é umha vaca e que levam de passeio as vacas numha gaiola, como antano os ursos e os símios na Itália: terá nas escolas americanas a vaca num recantinho?

Querida Iulca, abraço-te forte forte junto às crianças.

Antonio



(Carta 95)

28 de dezembro de 1931

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta de 23 de dezembro, onde me informas da tua correspondência com Carlo a propósito da nossa viagem a Turi. Acho que figeche mal ao acabares de persuadir o Carlo para que viajasse: seria demasiado longo, e também algo difícil e embaraçoso, explicar-che todos os motivos desta afirmaçom. Assim, é absurdo que venhas a Turi precisamente neste Inverno. Se esta carta che chegasse com tempo, pido-che mesmo de coração que interrompas qualquer preparativo, que escrevas para Carlo para fazer que renuncie ao seu propósito e que aguarde outra ocasiom em que a viagem se poda fazer com mais comodidade.

Figeche bem em assinar novamente o *Corriere della Sera*. Da *Gazzetta del Popolo* é inútil ocupar-se; assinar dous jornais acho que nom se pode, ou quando menos penso que seria necessário fazer umha petiçom ao Ministério, algo que nom quero fazer, tendo ainda umha petiçom em pendência. Para além disso, convencim-me de que assinar dous jornais seria perfeitamente ocioso. Pode ser que a *Gazzetta del Popolo* melhorasse, é tudo relativo: deveu melhorar especialmente no relativo à colaboraçom literária e de variedade; no entan-

to, do ponto de vista do equipamento jornalístico (serviços, informações, etc.), nom é, certamente, superior ao *Corriere*, cujos defeitos devem ser umha doença orgânica de todo o jornalismo atual. A falta de organicidade nas informações, falar em acontecimentos fazendo referência a antecedentes que já fôrom fornecidos, como se o leitor devesse conhecê-los (isto é, supor que o leitor lê vários jornais, ou que lê jornais estrangeiros), a ausência de comentários dos feitos de maior importância, como a transformação da Banca Comercial ou a criação de Crédito Mobiliário<sup>137</sup>, limitando-se a reproduzir os comentários e as informações dos jornais estrangeiros, nom podem ser apenas deficiências do *Corriere*. De que serviria entom ter um outro jornal, que nom seria senom umha cópia piorada e incorreta do *Corriere*? Só para ler alguns artigos da terceira página? Nom valeria a pena.

Sinto nom poder escrever para a minha mae. Ela anunciara-me que para a vigília de Natal receberia um pacote polo trem, mas o pacote nem deu chegado sequer hoje, apesar de estarmos já a 28. E digo-che que quando lim que se pugeram a sério e que queriam fazer as cousas à grande e que mesmo se lhes metera nos miolos que havia chegar para a véspera de Natal, pensei que já nom chegaria a tempo. Na verdade, devias conhecer como som os da minha casa: fam sempre um feixe de projetos, de cábalas, de grandes preparativos, e depois esquecem algo essencial que malogra todos os projetos bem pensados. Isso até nas pequenas cousas; fala-se com vagar e com muita antecedência, tudo é analisado de maneira ideal,

137 O *Istituto Mobiliare Italiano*. O Estado adquiriu a totalidade da carteira de ações industriais do Banco Comercial Italiano. O I.M.I., criado em novembro de 1931, é umha entidade financeira destinada a salvar empresas industriais em perigo.

sopesado, discutido como se tratasse de negócios de estado, pedem-se opiniões, consultam-se horários, catálogos, etc. Quando era um rapaz divertia-me mofando-me desta maneira de fazer e de obrar, e irritava a todos: acabava por litigar com todos. Poderia-che contar histórias bem simpáticas. O meu pai e os meus irmaos pensavam que tinham grandes capacidades comerciais para os negócios; faziam sempre grandes castelos no ar e criticavam a falta de espírito de iniciativa do resto de sardos. Naturalmente, nengumha das suas iniciativas corria bem, e a culpa era sempre dos outros, como se estes «outros» nom tivessem existido também antes e nom devessem ter sido tomados em consideraçom antes de começar. No entanto, lamento nom poder escrever que recebim o pacote o dia de Natal; se tivesse sabido o que continha, teria escrito que o recebim e que gostei muito disto e daquilo, estou certo de que os faria mui felizes, podio imaginar-me a cena. Quem sabe como se desiludirá a mae quando souber que o seu plano nom tivo sucesso. Tanto mais quando eu che pedira que renunciasses e lhes deixasses fazer a eles por esta vez.

Queridíssima Tania, abraço-te com tenrura.

Antonio



8 de janeiro de 1932

Queridíssima Teresina,

recebim a tua carta de 14, com a carta de Franco, os seus desenhos a cores e a cartinha de Diddi e Mima. Agradeço-lho a todas as crianças e nem sei imaginar que cousa podó fazer para demonstrar-lhes o meu afeto. Pensarei-no e procurarei inventar para eles algo feito por mim, porque de outra maneira nom seria justo e nom teria nengum significado. Talvez faga assim: traduzim do alemám, como exercício, umha série de contos populares<sup>138</sup>, justamente como aqueles de que gostávamos tanto quando éramos crianças, e que realmente se parecem em parte com eles, visto que a origem é a mesma. Som um pouco antiquados, próprios da aldeia, mas a vida moderna, com a rádio, o aeroplano, o cinema sonoro, Carnera, etc., nom penetrou ainda o suficiente em Ghilarza como para que o gosto das crianças de agora seja mui diferente do nosso por aquela época. Tentarei copiá-los novamente num caderno e enviá-los, se me for permitido, como um contributo meu para o desenvolvimento da fantasia dos miúdos. Talvez o leitor deva pôr um chisco de ironia e de compaixom quando as apresente aos ouvintes, como homenagem à modernidade. Mas como é que esta se apresenta? Haverá cabelos *à la garçonne*, imagino, e cantar-se a «Valencia» e às mantilhas das mulheres madrilenas, mas subsistirám ainda tipos à antiga, como tia Alene e Corroncu, e os contos terám ainda um ambiente adequado. Para além disso, nom sei se o lembras: eu dizia sempre, quando criança, que teria gostado de ver a tia Alene em bicicleta, o que demonstra que nos divertíamos contrastando os trogloditas

138 Trata-se de nove contos dos irmaos Grimm.

com a modernidade relativa de entom, o qual, mesmo estando para além do nosso ambiente, aquilo nom deixava de resultar-nos simpático e de causar sensaçõs agradáveis em nós.

Manda-me mais notícias da mae, que abraçaria tanto, junto a todos os da casa.

Antonio



(Carta 97)

8 de fevereiro de 1932

Queridíssima Tania, recebim a tua registada de dia 2, com as cartas de Giulia. Responderei para a Giulia na próxima segunda-feira. Espero receber entretanto a tua tradução da carta de Delio; em relação a isto, quereria advertir-che de que ponhas, entre parênteses, o nome russo dos passarinhos e dos peixinhos de que ele fala, para que nom aconteça nas minhas cartas o que aconteceu com a carta de Delio, isto é, que Giulia nom saiba traduzir por sua vez os termos italianos. Nom se deve excluir, também, que se trate de variedades locais, com nome intraduzível para outras línguas; por isso, que os dicionários nom te confundam demasiado, e contenta-te, quando a encontrares, com a indicação genérica da espécie; o importante é nom confundires as ordens no tamanho, quer dizer, falar de umha carriça como se fosse umha águia e vice-versa. Estou ansioso por ler a carta de Delio: conseguirá estabelecer umha correspondência constante, incluindo-me entre os interesses concretos e vivos da sua existência?

Lim com interesse o trecho de Piero sobre a nossa discussom, um pouco incoerente e pouco delicada, sobre os

chamados «Dous Mundos»<sup>139</sup> (fai-me lembrar o Herói dos Dous Mundos e aproximaçõs semelhantes do período romântico oitocentista: mesmo a *Revista dos Dous Mundos* foi fundada em 1830!). Já que lhe mostrei as minhas cartas e que o informei entom dos termos gerais da nossa controvérsia, agradecia-che que me figesses saber da sua opiniom a propósito disso. Nom acredito que concorde nem com os velhos rabinos nem com os jovens sionistas, mas penso que aceita a existência, polo menos até certos limites, dos famosos «Dous Mundos». As suas observaçõs, embora objetivamente interessantes, nom me parecem completamente exatas. Nom creio que esteja justificada a inferência pola qual existe «de maneira evidente» a tendência para «fazer novamente dos judeus umha comunidade isolada»; esta tendência parece que é antes «subjetiva» dos velhos rabinos e dos jovens sionistas. Os judeus, a seguir à concordata, venhem a encontrar-se objetivamente na situaçom dos protestantes, mas existe, ou existirá, umha

139 Cfr. Cartas 86 e 87. Na sua carta de 2 de fevereiro de 1932, Tatiana transcrevera para G. o seguinte trecho de umha carta que lhe mandara Sraffa algum tempo antes: «Quanto à questom dos Dous Mundos, sem voltar a colocá-la em seu nome, você poderia dizer-lhe que lim a sua carta e que aquilo que ele di sobre os judeus na Itália nom é inteiramente exato a dia de hoje. Por umha parte, após a concordata, obtivérom certas vantagens como comunidades religiosas, sob a forma de certo reconhecimento jurídico das universidades israelitas, com poder para imporem contribuiçõs aos seus membros, etc.; todos os velhos rabinos e os jovens sionistas estão mui satisfeitos com isso. De outra parte, veem-se excluídos, *de facto*, se nom *de iure*, de certos ofícios; por exemplo, é notório que os judeus nom entram na Academia da Itália (alguns fascistas, com sona internacional, fôrom excluídos); e também fôrom excluídos da Câmara dos Deputados, onde o único judeu é Olivetti, secretário da Confederaçom da Indústria; e acho que desde há muitos anos nom som nomeados senadores, embora se diga que proximamente se fará umha exceçom com Monpurgo, das *Assicurazioni Generali*, por motivos especiais. Umha e outra tendência, mesmo se aparantemente opostas, encaminham-se evidentemente a converter de novo os judeus numha comunidade isolada.»

categoria social que se encontrará numha situação bem triste, em comparação com os judeus e os protestantes, e será (ou é já) a dos padres despadrados e a dos frades desfradados, que serão excluídos por isso dos empregos estatais, quer dizer, serão degradados como cidadãos: que fosse possível instituir juridicamente umha categoria tal de marginados sociais, penso que é bem mais importante que nom a situação jurídica dos judeus e dos protestantes, a quem concederom prerrogativas jurídicas tudo o contrário de degradantes, no espírito da lei. Nom excludo que umha tendência antisemita poda nascer ainda; nom vejo que exista hoje. As indicações contrárias podem explicar-se por outras razões, e de resto, equilibram-se com outros factos nom menos significativos. Mas em minha opinião o facto importante é este: que umha parte dos judeus aprova determinadas medidas contra outros judeus. O professor Levi-Civita, da Universidade de Roma, tivo desgostos porque nom frequëntava as solenidades religiosas oficiais, mas os desgostos procurou-lhos o reitor Del Vecchio, também ele judeu: tratava-se pois, nom de umha questão de raça, mas de umha questão política: um membro da classe dominante deve render homenagem ao catolicismo *instrumentum regni*, sem importar a fé que ele tenha. Desta sorte, nom é conclusiva a amostra tomada da Academia ou do Parlamento: estão fora e ficarão fora cientistas de fama mundial nom judeus. Em minha opinião, a posição assumida por Teodoro Mayer no Crédito Mobiliário<sup>140</sup> é também ela significativa. Em muitos casos, julgo que nom é o judaísmo o que conta, mas o judaísmo-maçonaria, isto é, o facto de que a maçona-

140 Teodoro Mayer (1860-1942), de origem judeu, fundador em 1881 de «*Il Piccolo*» de Trieste, além de senador e ministro de estado, foi nomeado em novembro de 1931 presidente do *Istituto Mobiliare Italiano*.

ria era certamente umha instituição em que havia muitos judeus.

Queridíssima, abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 98)

15 de fevereiro de 1932

Queridíssima Tania,

recebim um postal teu de dia 12, mas nom recebim o outro postal que mencionas. Também nom escrevo esta semana para Giulia, por várias razons: porque nom me sinto mui bem e nom dou juntado como gostaria o curso dos meus pensamentos e porque nom dou encontrado a atitude mais oportuna e a mais proveitosa no que di respeito à sua posição e o seu estado psicológico. Acho isto tudo terrivelmente difícil e complexo; procuro o fio à meada, mas nom sei apanhá-lo, e nom tenho a certeza de o achar. Quero falar um pouco contigo destas cousas, para que tentes ajudar-me. Certamente, deveria escrever-che um volume inteiro para recolher todos os elementos necessários (extraídos, contudo, apenas em base às minhas impressons e às minhas experiências, que só podem ser parciais), mas fará-se o que se puder. A minha impressom central é esta: que o sintoma mais grave das condições de desequilíbrio psíquico da Giulia nom som os factos, mui vagos, que ela refere, e que seriam a razom do tratamento psicanalítico, quanto o facto de ela recorrer a este tratamento e que confie tanto nele. Nom tenho, é claro, conhecimentos vastos e precisos da psicanálise, mas polo pouco que estudei julgo que podó chegar a conclusons, ao menos nalguns pontos

que podem considerar-se firmemente assumidos pola teoria psicanalítica, depois de ser desfolhada de todos os elementos fantasmagóricos e mesmo da bruxaria. Acho o ponto mais importante é este: o tratamento psicanalítico pode aproveitar só àquela parte da sociedade que a literatura romântica chamava de «humilhados e ofendidos», muito mais numerosos e variados do que parece tradicionalmente, isto é, aproveita àquelas pessoas que, presas polos duros contrastes da vida moderna (por falar apenas na atualidade, mas todo tempo teve umha modernidade em oposição a um passado), nom conseguem encontrar polos próprios meios umha razom aos contrastes mesmos, nem conseguem portanto superá-los, como nom alcançam umha nova serenidade e tranquilidade moral, isto é, um equilíbrio entre os impulsos da vontade e as metas a atingir. Em determinados momentos históricos e em determinados ambientes, a situação chega a ser dramática, como quando o ambiente é sobreaquecido até umha tensom extrema, desencadeando-se forças colectivas gigantescas que pressionam a cada indivíduo até o espasmo, obtendo dele o máximo rendimento de impulso volitivo para a criação. Estas situações chegam a ser desastrosas para os temperamentos mui sensíveis e refinados, enquanto som necessárias e indispensáveis para os elementos sociais atrasados, por exemplo os labregos, cujos nervos robustos podem distender-se e vibrar a um diapasom mais alto sem se consumirem.

Se calhar contei-che algumha vez a surpresa experimentada no Sanatório de Serebriani Bor, onde conhecim Genia e Giulia, a causa do espectáculo de doentes que chegavam em condições de extremo deperecimento, e que após 3 ou 4 meses de umha nutrição medíocre, mas superior ao nível normal da sua existência, e de repouso, aumentavam de 16 a 18 quilos de peso, renasciam, voltavam a ser capazes de umha

nova e alta tensom vital. No entanto, estas pessoas nom tinham em si nem umha réstia de fanatismo romántico, ou polo menos de umha certa classe de fanatismo romántico: estavam moralmente saos e equilibrados, nom se colocavam problemas insolúveis para desesperarem mais tarde por nom poder resolvê-los, desesperando-se consigo mesmos e desesperando das próprias forças, ao se julgarem ineptos, abúlicos, sem personalidade, em soma «cuspindo-se encima», como se di na Itália. Em minha opiniom, Giulia, especialmente, sofre «problemas insolúveis», irreais, combate contra fantasmas criados pola sua fantasia desordenada e febril, e dado que, como é natural, nom pode resolver por si mesma aquilo que nom tem soluçom possível para ninguém, necessita apoiar-se numha autoridade externa, num bruxo ou num médico psicanalítico. Portanto, acho que umha pessoa com cultura (no sentido alemão da palavra), um elemento ativo da sociedade, como é certamente Giulia, e nom apenas por razons oficiais, porque no seu saquinho tenha um cartom que a supom socialmente ativa, deve ser e é o único e melhor médico psicanalítico de si próprio. Que significa, por exemplo, o que ela escreve, ou seja, que deve estudar, etc.? Todas as pessoas devem estudar, sempre, e melhorarem-se a si próprias, teoricamente e profissionalmente, mediante o exercício de umha atividade produtiva; por que acreditar que isto é um problema pessoal, um sinal da própria inferioridade? Todas as pessoas elaboram e desfazem o novelo cada dia da própria personalidade e o próprio carácter, luitam com instintos, impulsos, tendências inferiores e antisociais e conformam-se a um nível colectivo de vida sempre superior. Nom há nisso nada de excepcional, de individualmente trágico. Todas as pessoas apreendem dos seus próximos e afins, cedem e vencem, perdem e ganham, esquecem e acumulam noçons, traços e costumes. Giulia es-

creve que hoje nom se defenderia mais de um possível influxo intelectual e moral meu, e por isso sente-se mais unida a mim. Mas eu também nom acredito que no passado se defendesse na medida e do jeito dramático que ela pensa. E, de resto, sei que nom me defendim eu do seu influxo e, ao mesmo tempo, nom melhorei e nom mudei eu mesmo em contato com a sua personalidade? Nunca teorizei e nom me angustiei por este processo em mim próprio, mas nom por isso o processo se verificou no meu benefício.

Querida Tania, nom divago mais. Seja como for, acho que che dei algum elemento para escrever e para me ajudares a encontrar um fio. Se achares oportuno, podes mandar esta carta para Giulia; talvez poda ser umha primeira resposta, de maneira indireta. Recebim há pouco a tua carta de dia 12, com a tradução da carta de Delio. Responderei na próxima segunda-feira. Gosto da carta.

Abraço-te

Antonio



(Carta 99)

22 de fevereiro de 1932

Queridíssima Tania, recebim as tuas duas cartas de 12 e de 16 de fevereiro<sup>141</sup>. Respondo também para a Delio, como vês. Se calhar, estendim-me a mais: tenho de elaborar um estilo para lhe escrever, para nom cansar-me.

141 Da carta de Tatiana de 16 de fevereiro de 1932: «Transmitim a Piero as tuas últimas observações sobre a nossa controvérsia. De resto, devo lembrar-che

Visto que a *Critica Fascista*, que continuei a receber directamente de Roma, nom foi enviada por conta da Livraria, terei de fazer que a devolvam. De facto, recebim também o exemplar da Livraria junto com as outras revistas. Quem sabe como se fijo este envio: se calhar, algum redator da *Critica Fascista* fai parte da Secretaria do Chefe do Governo e ao ter visto a minha instância, pensou em fazer-me mandar a revista, já que pedia poder assiná-la.

Isso que escreves sobre o meu esquema a respeito do canto de Farinata, fijo-me lembrar que de facto pudem ter falado disso com alguém em passados anos. Lembro agora que a primeira vez que pensei nessa interpretação foi ao ler o difícil trabalho de Isidoro Del Lungo sobre a *Cronaca fiorentina* de Dino Compagni<sup>142</sup>, onde Del Lungo estabelecia pola primeira vez a data da morte de Guido Cavalcanti. Mais recentemente, e doutro ponto de vista, repensei essa ideia, ao ler o livro de Croce sobre a *Poesia di Dante*, onde o episódio de Cavalcanti é mencionado de umha maneira tal que se entende que nom tivesse em conta o «contraponto» de Farinata. Lembro também que Calosso escreveu um estudo sobre o Canto Décimo do *Inferno*, publicado no *Giornale dantesco*<sup>143</sup>, mas já nom lembro

que agora que mandache o esquema do teu trabalho sobre Farinata, deverias pôr-te a escrever o esquema (nom menos de 50 páginas!) da tua história dos intelectuais italianos. E se 50 páginas forem demasiadas, começa por mandar-nos umha primeira entrega de 10 páginas. O professor nom respondeu ainda a propósito do teu estudo dantesco. Ao teu continho de «Dona Bisódia», derivada de *dona nobis hodie*, Piero Sraffa acrescenta um comentário, sugerido por um amigo piemontês: em Piemonte dim *bisódia* por beata, evidentemente com a mesma origem.»

142 Del Lungo, *Dino Compagni e la sua cronica*, I-III, Le Monnier, Florença, 1879-1887, vol. I, pp. 187-188, 1111-1115, II, p. 98.

143 Umberto Calosso, «Guido Cavalcanti nel X Canto dell'Inferno», *Il Giornale dantesco*, vol. XXIII, 1915, pp. 236-252.

o seu conteúdo; porém, parece-me que podó excluir que ali se aludisse à ideia por mim mencionada. No entanto, reparei em que tenho esquecido algumas cousas que a tua carta me tornou à memória. Além disso, a cousa nom tem muita importância, dado que nunca pensei em converter-me num «dantista» nem em fazer grandes descobertas hermenêuticas neste campo. Contudo, é algo que me serve como um teste: é evidente que nom devo confiar demasiado na memória, na qual se manifestárom tantas lacunas.

Relativamente às notinhas que escrevim sobre os intelectuais italianos, nom sei mesmo por que parte começar: estão espalhadas por um feixe de cadernos, misturadas com outras notas várias, e em primeiro lugar deveria reuni-las todas juntas para ordená-las. Este trabalho pesa-me muito, porque mui frequentemente tenho hemicrânias que nom me permitem a necessária concentração: na prática, a cousa é também mui fadigosa polo jeito e as restriçõs em que é preciso trabalhar. Se puderes, manda-me cadernos, mas nom esses que me enviache há algum tempo, que som incómodos e grandes a mais: deverias escolher cadernos de formato normal, como esses escolares, e com poucas páginas, no máximo 40 ou 50, de maneira que nom se transformem necessariamente em complicadas miscelâneas, cada vez mais confusas. Precisamente, gostaria de ter esses caderninhos para reordenar as notas, dividindo-as por tema, e desta maneira arrumá-las; isto fará com que me passe o tempo e pessoalmente vai-me ser útil para conseguir umha certa ordem intelectual.

Nestes últimos tempos tiveram fortes dores, mas nom se manifestou nengumha inflamaçom mais, nem tiveram saltos de temperatura. Nevou muito por aqui (40 cm.) e fijo muito frio, mas com respeito às dores, apesar de tudo, safei-me bastante bem. Abraço-te com tenrura. Antonio

22 de fevereiro de 1932

Querido Delio,

gostei do teu recantinho para os animais<sup>144</sup>, com os tentilhons e os peixinhos. Se os tentilhons escapassem alguma vez da gaiola, nom debes agarrá-los polas asas ou polas patas, porque som delicadas e podem partir ou deslocar-se; é preciso apanhar o corpo inteiro com o punho, sem apertar. Eu, quando rapaz, adestrei muitos pássaros e também outros animais: falcons, corujas, cucos, pegas, gralhas, pintassilgos, canários, tentilhons, cotovias, etc.; adestrei umha culebrinha, umha doninha, ouriços-cachos e tartarugas. Eis como vim os ouriços-cachos fazerem a colheita das maçãs. Umha tarde de Outono, quando já escurecera mas a lua brilhava luminosa, fum com outro rapaz amigo meu a um campo cheio de árvores frutais, principalmente macieiras. Ocultamo-nos numha bouça, contra o vento. Aparecem entom os ouriços-cachos, cinco, dous mais grandes e três pequeninhos. Em fila indiana fôrom-se para as macieiras, jogárom na erva e em seguida se pugérom a trabalhar: com a ajuda dos focinhos e das patinhas, faziam rolar as maçás que o vento tirara das árvores e apanhavam-nas numha clareira, bem perto umha da outra. Mas vê-se que nom chegavam com as maçás ciscadas na terra; o ouriço-cacho maior, com o focinho ao ar, olhou à sua volta, escolheu umha árvore mui combada e trepou por ela, seguido da companhia. Pousárom num galho carregado de fruta e começaram a balouçar ritmicamente; os seus movimentos comuni-

144 «Recantinho vivo» seria a tradução literal da expressom russa *Zivoi ugot*, para indicar um quarto, ou umha parte dele, reservada para alguns animais domésticos (pássaros, peixes, tartarugas, etc.).

cárom-se ao galho, que oscilou com abalos bruscos, cada vez com maior frequência, e muitas maçás mais caírom ao chao. Assim que juntárom estas ao pé das outras, todos os ouriços-cachos, grandes e pequenos, enrolárom-se com os aguilhons eriçados e deitárom-se sobre as frutas, que enfiárom: uns tinham poucas maçás enfiadas (os ouricinhos), mas o pai e a mae conseguírom enfiar sete ou oito maçás cada um. Quando voltavam para o seu covil, saímos do esconderijo, apanhámos os ouriços-cachos num saquinho e levámo-los para a casa. Eu fiquei com o pai e dous ouricinhos e tivemos-nos muitos messes, livres, no pátio; caçavam todos os animalinhos, baratas, bezouros, etc. e comiam fruta e folhas de alface. Gostavam muito das folhas frescas e desta maneira podem domesticá-los um pouco; já nom se faziam umha bola quando viam pessoas. Tinha muito medo dos cans. Eu divertia-me levando ao pátio serpes vivas, para ver como as caçavam. Mal o ouriço-cacho se apercebia da serpe, saltava bem ligeiro sobre as quatro patas e atacava com muita coragem. A serpe erguia a testa com a língua de fora, e assobiava; o ouriço-cacho dava um leve chio, segurava a serpe com as patinhas de diante, mordida-lhe a nuca e depois comia-a, pedaço a pedaço. Um dia, estes ouriços-cachos desaparecêrom: com certeza, alguém os apanhara para os comer.

Tataniska<sup>145</sup> comprou umha linda chaleira grande, de porcelana branca e colocou-lhe a boneca; leva agora no pescoço um cachecol quente, porque fai muito frio: também na Itália nevou muito. Deves escrever-lhe mais umha vez que coma mais um pouco, porque a mim nom quer fazer caso. Acho que os teus tentilhons comem mais do que Tataniska. Encanta-me

145 *Tatianiska*, diminutivo russo de Tatiana.

que gostasses dos postais. Hei-che de escrever novamente sobre a dança das lebres e sobre outros animais: quero-che contar outras cousas que vim e escuiter quando rapaz: a história do poldrinho, do raposo e do cavalo que tinha a cauda apenas nos feriados, a história do pardal e do *kulak*<sup>146</sup>, do *kulak* e do burrinho, do pássaro tecedor e do urso, etc. Parece-me que conheces a história de Kim; conheces também os Contos da Selva e principalmente conheces o da foca branca e de Rikki-Tikki-Tawi? E Giuliano, também ele é um *udarnik*<sup>147</sup>? Em que atividade? Beijo-te — papai. — Beija da minha parte Giuliano e tua mae Iulca.



(Carta 101)

7 de março de 1932

Queridíssima Tania, recebim o postal de 3 de março. Por ele parece que escreveche com anterioridade, mas nom é certo. Tu dis: «Já che escrevim a propósito da autorizaçom que querias ter para a leitura das revistas estrangeiras, etc.». Nom me escreveche sobre isso nos últimos tempos; lembro apenas umha alusom, mas muito fugaz e vaga. Tratará-se entom de algumha das últimas cartas ou postais teus que se extraviárom? Tu esperas que a questom se resolva favoravelmente, mas eu tenho poucas esperanças. De qualquer maneira, se a decisom for favorável, pido-che que esperes pelas minhas instruçons antes de escreveres para a li-

146 *Kulak*, «camponês rico», em russo.

147 *Udarnik*, «trabalhador escolhido», «de vanguarda», em russo.

vraria para fazer as encomendas. Enviei-che há algum tempo umha listagem de livros para encomendares; entre outras cousas, havia também a reclamação do fascículo de setembro-outubro de *Riforma Sociale*, que foi extraviado. Nom me mencionache até agora este assunto: escreveche? ou nom pudeche escrever, por umha razom qualquer? Seja como for, pido-che que me mantenhas informado, para eu saber como guiar-me. Quereria ter-che escrito já que assinasses também a *La Cultura* (Soc. Editora La Cultura, Via Cappellini, 14, Milám), para a qual tenho a autorização, mas nom cho escrevim até agora, precisamente porque nom tivera resposta às encomendas que mencionava. Se se tratar apenas de um esquecimento teu, podés escrever agora.

Quero precisar melhor umha afirmação minha a propósito da psicanálise, que nom expliquei suficientemente, visto que causou um equívoco, como parece pola tua carta de 23 de fevereiro. Eu nom dixem que estivesse demonstrado que o tratamento psicanalítico se adapte somente aos casos de elementos chamados «humilhados e ofendidos»; nom sei nada a propósito e nom sei se alguém até agora colocou a questom nesses termos. Som algunhas reflexons pessoais minhas, nom verificadas pola crítica mais fidedigna e gerada cientificamente da psicanálise, que che apresentei para explicar a minha atitude em relação à doença de Giulia: esta atitude nom é pois tam pessimista como che pareceu e nomeadamente nom foi baseada em fenómenos de ordem tam primitiva e tam baixa como che levou a crer a expressom «humilhados e ofendidos», que empreguei pola sua brevidade e apenas como umha referência genérica. Eis o meu ponto de vista: creio que todo aquilo que de real e concreto se pode salvar do *échaffaudage* [sic] psicanalítico pode e deve restringir-se a isto, à observação da devastação que causa em muitas consciências a contradição

entre o que parece necessário de umha maneira categórica e as tendências reais fundamentadas na sedimentação de velhos usos e velhas maneiras de pensar. Esta contradição apresenta-se numha multiplicidade inumerável de manifestações, até assumir um carácter estreitamente singular em cada indivíduo. Em cada momento da história, nom apenas o ideal moral, mas o «tipo» de cidadão fixado polo Direito público, é superior à média dos homens vivos num Estado dado. Esta distância torna-se mais pronunciada nos momentos de crise, como é este do após-guerra, seja porque o nível de «moralidade» desce, seja porque se coloca mais alta a meta a alcançar e que ela se exprime numha nova lei e numha nova moralidade. Num caso e no outro, a coerção estatal sobre os indivíduos aumenta, aumenta a pressão e o controlo de umha parte sobre o todo e do todo sobre cada um dos seus componentes moleculares. Muitos resolvem a questão facilmente: superam a contradição por meio do vulgar ceticismo. Outros seguem em aparência a letra das leis. Mas para muitos a questão resolve-se somente de maneira catastrófica, já que tem derivações doentias de umha paixão reprimida, que a necessária «hipocrisia» social (quer dizer, seguir a fria letra da lei) nom fai senom aprofundar e turvar.

Este é o núcleo central das minhas reflexões, que eu mesmo percebo quam abstrato e impreciso é se se tomar assim, literalmente: porém, trata-se apenas de um esquema, de umha orientação geral, e entendido assim parece-me avondo claro e evidente. Como dizem, é preciso distinguir, para cada indivíduo e para os vários estratos culturais, gradações muito complexas e numerosas. Aquilo que nos romances de Dostoievski é indicado com o termo de «humilhados e ofendidos» é a gradação mais baixa, a relação própria de umha sociedade em que a pressão estatal e social é das mais mecánicas e exterior-

res, em que o contraste entre o direito estatal e direito «natural» (por usar esta equívoca expressom) é dos mais profundos, a causa da ausência de umha mediaçom, como aquela que em Ocidente oferecérom os intelectuais dependentes do Estado; Dostoievski, certamente, nom mediava no direito estatal, mas era ele próprio um «humilhado e ofendido».

Deves compreender deste ponto de vista o que pretendo dizer quando aludo a «falsos problemas», etc. Penso que sem cair no cepticismo vulgar ou sem assentar numha cómoda «hipocrisia», no sentido do provérbio que di «a hipocrisia é umha homenagem rendida à virtude», pode encontrar-se a serenidade, mesmo no agromar das mais absurdas contradichons e sob a pressom das mais implacáveis necessidades, se se conseguir pensar «historicamente», dialeticamente, e identificar com sobriedade intelectual o próprio dever, ou um dever próprio bem definido e limitado. Neste sentido, para esta categoria de doenças psíquicas é possível, e portanto é preciso, sermos «médicos de nós mesmos».

Nom sei se me consigo explicar. Em minha opiniom, a cousa é bem clara. Seria necessária umha exposiçom mais minuciosa e analítica, compreensiva, para comunicar esta clareza, mas isso é-me impossível em todo momento, dado o pouco tempo disponível para escrever, e o pouco espaço. Seja como for, debes ter o cuidado de nom me interpretar demasiado literalmente.

Quero-che fazer outra advertência a propósito do conceito de ciência neste tipo de factos psíquicos e é que me parece mui difícil aceitar, a este respeito, o conceito demasiado rígido das ciências naturais e experimentais. Seria preciso, por isso, dar muita importância ao chamado atavismo, à *mneme* como memória da matéria orgánica, etc. Considero que se atribui ao atavismo e à *mneme* muitíssimo do que é meramente histórico

e já adquirido na vida social que, é preciso lembrar, começa imediatamente, logo que se sai ao mundo desde o ventre materno, mal se abrem os olhos e os sentidos começam a sentir. Quem poderia indicar onde começa na consciência ou na subconsciência a atividade intensa das primeiras percepções do homem-meninho, já organizado para lembrar aquilo que vê e sente? E como distinguir e precisar entom aquilo que se atribui ao atavismo e à *mneme*?

Queridíssima, nom deves achar que me sentisse ou me sinta mui mal: realmente, safei-me bastante bem este Inverno, nom tivem, por exemplo, nengumha dor nos rins, que nos invernos anteriores me figeram sofrer muito.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 102)

14 de março de 1932

Queridíssima mae,  
recebim a carta de Grazietta de 3 de março. Escrevim-che já há algum tempo, por meio de Tatiana: nom lembro exatamente quando, mas nom me parece que fosse há demasiado tempo. Nom gostaria de que esta carta minha se tivesse extraviado.

As minhas condições continuam a ser as mesmas. O Inverno aqui foi mui frio, nevou muito, mas passei-no bastante bem. Recentemente recebim notícias de Giulia e das crianças e também neste apartado nom há novidades mui importantes. Nom che escrevim sempre sobre Giulia e as crianças porque umha vez Teresina me escreveu que recebíades notícias através de Tatiana.

Compreendo que Grazietta tem muito para fazer e que portanto nem sempre pode escrever-me; porém, acho que com um pouquinho de boa vontade poderia escrever-me um pouco mais amiúde. Gostaria de conhecer com exatidão o programa escolástico do curso que frequenta Mea; depois, se for possível, e acho se poderá conseguir recorrendo a algum docente, homem ou mulher, gostaria de ter a cópia do programa dos três anos do ciclo de formação comercial. Di a Franco que me escreva sobre o seu meccano e as construções que fai. Estou convencido de que chegará a ser um grande matemático e engenheiro. Esperemos que este mau tempo, verdadeiramente excepcional, tenha passado já e que dê recobrado um pouco as forças.

Abraço-te com tenrura, junto a todos os da casa.

Antonio



(Carta 103)

21 de março de 1932

Queridíssima Tania, tenho diante de mim quatro escritos teus: a carta de 9 de março, o postal de 13, as cartas de 14 e de 18. Um autêntico recorde, com grande alegria minha, embora me desgoste que a minha alegria esteja, neste caso, ligada ao teu cansaço. Procurarei responder ordenadamente, para não esquecer nada essencial.

Lim as observações do prof. Cosmo a propósito do *Canto do Inferno* dantesco<sup>148</sup>. Agradeço-lhe as sugestões e as indica-

148 A carta de Cosmo, dirigida a Sraffa a 29 de dezembro de 1931, chegara a G., como de costume, através de Tatiana. G. transcreveu-na mais tarde numha

çons bibliográficas. Porém, nom considero que pague a pena adquirir os fascículos da revista que ele indica: para quê? Se quigesse escrever um ensaio para publicar, estes escritos nom seriam suficientes (ou polo menos nom me pareceriam suficientes, causando um estado de ánimo de freio e de insatisfaçom); e para escrever algo pola minha conta, para passar o tempo, nom vale a pena incomodar tam solenes monumentos como os *Studi danteschi* de Michele Barbi, que, depois, quando se leem, nom dam nengumha ideia necessária ou indiretamente útil. Em minha opiniom, a literatura dantesca é tam plétórica e prolixa, que a única justificaçom para escrever algo relativo a ela é a de dizer algo verdadeiramente novo, com a maior precisom e com o mínimo de palavras possíveis. Parece-me que o mesmo prof. Cosmo sofre um pouco a doença profissional dos dantistas: se as sugestons fossem seguidas à letra, faria falta escrever um volume inteiro. Estou satisfeito de saber que a interpretaçom do Canto que esbocei é relativamente nova e digna de tratamento; para a minha humanidade de preso isto é suficiente para me fazer destilar algumas páginas de apontamentos que a priori nom me pareçam umha redundância.

Lim também, com interesse bem justificado, as últimas notas sobre a questom dos «dous mundos», quer dizer, do «leom de Caprera»<sup>149</sup>. Colocada a questom como se deprende

grande parte num dos seus *Cadernos do Cárcere*. Para a transcriçom do texto na íntegra, ver na pág. 437

149 Sraffa propugera chamar à discussom sobre os «dous mundos» a discussom do «Leom de Caprera». Na carta de Tatiana a G. de 18 de março transcreve-se, entre outras cousas, o seguinte trecho de Sraffa: «Quanto aos Dous Mundos, nom, nom acredito neles; e os factos que citavam tinham apenas a finalidade de informar sobre certas mudanças que se produzirom ou que se procura fazer que se produzam, nos últimos anos. Alguns deles som factos certos, e nom

delas, isto é, nos seus justos limites, e esterilizada de qualquer bacilo de romantismo racista e de sionismo mais ou menos confuso, a cousa é digna de atençom. E os dados que me oferecem som interessantes, porque os desconhecia totalmente. Aquilo que me importava estabelecer é que em Itália, desde há uns tempos, nom existe um antisemitismo popular (que é o antisemitismo clássico, aquele que provocou e provoca tragédias e tem umha importância na história da civilizaçom) e que os judeus nom representam em nengum sentido umha cultura especial, nom tenhem qualquer missom histórica particular no mundo moderno e que nom som, em si mesmos, um fermento de desenvolvimento no processo histórico. Esta foi a origem do nosso debate e é preciso lembrá-lo, porque agora se fala de outras cousas. Nom me parece que os casos particulares de judeus italianos relativamente sacrificados em comparaçom com os «cristaos» podam constituir umha «questom» de relevo. Casos análogos poderiam ser citados em virtude doutras diferenciaçoms histórico-sociais: por

podem explicar-se completamente «por outras razoms» (o judaísmo-maçonaria é umha razom, sim, mas esta é precisamente umha das formas do judaísmo na Itália; nom quererás dizer que, por exemplo, na Polónia, o facto de os judeus serem comerciantes ou usurários, ou nom camponeses, é outra razom de hostilidade contra os judeus, como se a «auténtica razom» estivesse nas diferenças teológicas ou antropológicas). Mas, por voltar aos factos, o episódio de Del Vecchio; o professor Foà (fisiólogo, filho do senador), fascista desde há muitos anos, conspirou com todas as suas forças para se converter no reitor da Universidade de Milám, e nom o conseguiu. É certo que um velho costume de muitos judeus, quando pola sua ineptitude nom conseguem obter um resultado, é botar-lhe a culpa a um imaginário antisemitismo. Mas o que dixem sobre a Academia nom o baseava apenas em chormicadas de algum velho judeu desiludido. E ademais é preciso distinguir entre o antisemitismo e os Dous Mundos; a concessom de certos privilégios às Universidades Israelitas (isto é, às comunidades religiosas) nom tem nada a ver com um ato de antisemitismo; no entanto, tende na medida do possível para criar umha distinçom neta.

exemplo, em setembro de 1920 foi publicada uma circular secreta da Associação dos industriais metalúrgicos piemonteses pela qual se dispunha que durante a guerra não fossem contratados nas fábricas os nascidos «a Sul de Florença», isto é, da Itália meridional e central<sup>150</sup>. Porém, não me parece que

Os velhos rabinos e os jovens sionistas (entre parênteses, o entusiasmo destes últimos diminuiu muito nos últimos cinco ou seis anos, a julgar pelos poucos que conheço) estão encantados com isso; e, como contrapartida, nenhum judeu pode queixar-se de ser perseguido como tal; como muito, algum ambicioso fica insatisfeito. Quem pelo contrário tem problemas (mais cómicos que trágicos, na realidade) são justamente os judeus que se saem ou tendem para se saírem silenciosamente do judaísmo e a se fundirem com os outros italianos, passando para o ateísmo ou ao deísmo genérico. Estes encontram-se perante um dilema ineludível, justamente eles que queriam deixar as coisas na dúvida, remetendo ao tempo a solução. Cito dois casos. As universidades Israelitas têm direito a impor uma taxa a todos os judeus; quem assim o quer pode ver-se isento dela, mas deve fazer um ato de abjuração, por escrito, explicitamente. Isto foi um problema muito difícil de resolver para infinidade de judeus, ou semijudeus; justamente o que queriam evitar era o «salto». Mas hoje, ou um é judeu ou não o é — não há vias intermédias. O outro caso é o do ensino religioso nas escolas: se os pais declaram que a criança é de religião judaica, fica isenta sem a menor dificuldade; mas se dizem que é «livre-pensador» ou «sem religião», então criam-lhe problemas. Isto levou a muitos a declarar «judeus» os seus filhos, embora o não forem em absoluto, e muitos cristãos «livre-pensadores» invejam dos judeus esta cómoda escapatória. E também isso acentua a distinção. (Acho que os cristãos livre-pensadores enviam na grande maioria dos casos os filhos ao catecismo com diversos pretextos hipócritas, como «não se deve prejudicar as crianças ao impor-lhes as opiniões dos pais», ou «os ateus saíam sempre dos colégios dos jesuítas», etc.). Não sei como explicar estes factos, e quisesse conhecer a tua opinião; provavelmente haveria que compreender as relações do Estado com a Igreja Católica na Itália, e depois dessa explicação deduziria-se «logicamente» a atitude do Estado com as igrejas menores; no caso dos judeus, essa atitude poderia tingir-se do exemplo dos países estrangeiros, nomeadamente dos nazis e «movimentos análogos».

150 O episódio remonta-se ao período da ocupação das fábricas. No dia 6 de setembro de 1920 a edição turinesa do *Avanti!* anunciou a descoberta de documentos, achados na sede da Fiat, que continham «listas negras» de operários subversivos e uma série de medidas discriminadoras a respeito dos trabalhadores.

poda comparar-se o «judaísmo-maçonaria» com o facto de na Polónia os judeus serem comerciantes ou usurários ou nom camponeses. Na Geórgia os usurários eram os arménios e os arménios eram os «judeus» da Georgia. Em Nápoles, quando sopra vento de revolta, a polícia vigia as casas de penhores populares, porque é contra elas que se dirige a fúria do povinho: se estas casas forem regentadas por judeus, e nom por fiéis de Sam Genaro, em Nápoles haveria antisemitismo, como há numha parte do Casalese, da Lomellina e do Alessandrino, onde os judeus som mercadores de terra e aparecem sempre quando numha família acontece umha «desgraça» e é preciso vender, ou vender mal, ao desbarato. Mas também aqui, onde ninguém se interessa em acirrar, estes sentimentos nom ultrapassam limites modestos.

Na tua carta de 14 fás-me toda umha série de perguntas, às quais nom tenho vontade de responder de forma pormenorizada. Avonda dizer que no meu estado de ánimo nom há nada de dramático ou de hipertenso. Antes polo contrário. Portanto, nom debes preocupar-te por nada.

Recebim os cadernos: os melhores som os dous pequenos (por número de páginas) que mandache no segundo pacote, o registado. Os blocos de notas nom podem ser usados.

Nom che sei dizer para quanto tempo me dura umha caixa de Sais de Hunt porque nunca reparei neste pormenor: porém, acredito que chega para um mês, mais ou menos, dado que nem todos os dias os tomo. Figérom-me mui bem. A minha dieta é bem simples: tomo 500 gr. de leite de manhã e 700 de tarde como ceia, com uns 250 gr. de pam repartido em duas vezes. A meio-dia como uns 80 gr. de massa com manteiga e queixo, ou dous ovos com manteiga. A dose é algo mais, mas nom a dou consumido toda. Aliás, de tanto em tanto, como algumha cousa mais (um pouco de confitura, de mel, de ovo-

maltina<sup>151</sup>, que recebim polos correios). Os anos anteriores comia mais: consumia toda a dose e por vezes ainda ficava com fome. No entanto, nom me sinto mais débil, em absoluto: de resto, um já vai velho e tem menos necessidade de comer.

Recebim o pacote da Páscoa e agradeço-cho. Com certeza, comerei tudo quanto me enviache, embora lentamente. Figeche bem em nom enviar chocolate, que nom o podó digerir, nem cacau, que é como o chocolate. Mas por que me enviache os doces sardos que che enviaram a ti? Deves ter desconfiado, eh?, di a verdade! Som pesadíssimos, de facto. Sabias que nom lhe dei os parabéns a minha mae, nem polo seu santo nem pola Páscoa?. Este ano nom tenho nengum calendário e é por isso que nom podem ver a tempo que o dia de S. José se aproximava a grandes passos; aliás, este ano já nom tenho a carta extraordinária por Páscoa e é por isso que fiquei sem margem. Procurarei excusar-me a próxima vez.

Para Giulia escreverei a próxima vez; se calhar, é melhor aguardar que ela mesma escreva outra vez ou que Delio responda.

Dou-che muitos parabéns e abraço-te com tenrura.

Antonio

No teu postal de dia 13 escreves, a propósito do que che escrevim sobre a psicanálise: «nom sei porque pensas que Giulia está tam doente. Eu nom sei nada disso!». Naturalmente eu também nom sei nada preciso, mas essa é a minha impressom, formada por todo um cúmulo de pequenos factos e de lembranças do passado, cada umha das quais, tomada à parte, pareceria umha frivolidade. Acho entom que che foi impos-

151 Bebida de origem suíça a base de malte de cevada, leite sem gordura, cacau, ovos e lêvedo (N. do T.).

sível perceber certas cousas, porque che falta por completo a experiênciã do ambiente concreto. De outra parte, a cousa é mais complexa do que parece polo meu esquema simplificador e mui genérico. Seja como for, podes entender porque dei tanta importância às alusões de Giulia aos «estudos» por fazer e à procura de umha «personalidade» que ela julga nom ter-se criado antes. Querida, abraço-te

A.

Já comim duas laranjas das tuas, que tenhem um sabor e um cheiro extraordinários.



(Carta 104)

28 de março de 1932

Querida Iulca,

recebim no seu tempo a tua carta de janeiro e há alguns dias a de 16 de março. Nom che escrevim antes porque, como já mencionei noutra ocasiom, sinto um certo embaraço, umha certa reserva quando procuro pôr-me em comunicação contigo. Fôrom vários elementos os que suscitárom este estado de ánimo; pode que um dos mais importantes seja a especial psicologia gerada durante um longo encarceramento e um longo isolamento a respeito de qualquer forma de sociedade análoga ao próprio temperamento, mas é certo que também predominam outros dous elementos: 1º o temor de fazer-che mal, interferindo de maneira desajeitada no teu método de cura; 2º a consciênciã que eu próprio tenho de ter chegado a ser, nestes anos, mais «livresco», de ter assumido por vezes um tom de pregador e de mestre de Primária, que me

fai rir de mim próprio, com a consequência desagradável de que essa autocrítica parece que me leva a dizer parvoíces. Isso significa que percebo um certo marasmo e me sinto reprimido.

Para além disso, polas tuas cartas parece que algumas observaçons minhas fôrom além do limite e tivêrom «demasiado sucesso», quer dizer, tivêrom um efeito nocivo. Insistes demasiado em lembrar as minhas observaçons a respeito da tua personalidade, ainda nom desenvolvida, da necessidade que tens de descobrires o teu verdadeiro ser, etc. Com certeza, tomache ao pé da letra as minhas observaçons e nom as colocache na sua justa dimensom. Um elemento que com certeza che escapou é como eu próprio tenho insistido para te induzir a dedicares umha parte do teu tempo à musica (acho che causou umha má impressom que umha vez eu quigera ir-me embora ou mostrasse, de algumha maneira, nom poder aturar a tua música: e certamente, aquela vez sofria realmente, mas estava numhas condiçons nervosas deploráveis, e a música enerva-me de umha maneira tal que me provocava convulsions). Sempre acreditei que a tua personalidade se desenvolveu em grande parte ao redor da atividade artística e que sofreu como umha amputaçom a orientaçom meramente prática e de interesses imediatos que deche à tua vida. Diria que na tua vida houvo um erro «metafísico», com a consequência de desarmonias e desequilíbrios psico-físicos. Umha vez afirmei, com certo escândalo pola tua parte, que os cientistas, na sua atividade, som «desinteressados». Tu retrucache, de forma mui breve, que eles som sempre «interessados». Naturalmente, eu falava em termos «italianos» e da cultura italiana tinha presente as teorias filosóficas do prof. Loria, que interpretou o termo e a noçom de «interesse» num certo sentido, inferior, que nas *Teses sobre Feuerbach* é qualificado como *schmutzig*

*jüdisch*, sordidamente judaico<sup>152</sup>. Pois bem, parece-me que orientache a tua vida neste sentido «sordidamente judaico», sem estar intimamente convencida dele, como nom podias está-lo, e com justiça. Precisamente, a tua personalidade, para mim, tinha necessidade de sair desta «fase» primordial, de se descobrir, de desnovelar muitos elementos da tua anterior existência de artista «desinteressada» (que nom quer dizer sustentados nas nuvens, evidentemente), ou seja «interessada» no sentido nom imediato e mecánico da palavra. Nom quero deixar-me levar a um sermom livresco. Querida, espero que sintas que és e podes ser cada vez mais livre para me manifestares todos os teus pensamentos e sentimentos. Desde há muito tempo nom recebo umha fotografia tua: acho seria mui útil (além de desejada) para julgar as tuas condições físicas; deverias também escrever-me o teu peso. Igualmente, no caso de Delio e Giuliano deverias enviar-me fotografias melhores que as últimas que recebim, com os dados da estatura e do peso. Abraço-te com tenrura.

Antonio

N. B.: Aguardo nom interpretes mal a expressom «sordidamente judaico» que empreguei mais acima. Observo isto porque recentemente mantivem com Tania umha discussom epistolar sobre o sionismo e nom gostaria de que me tivesses por «antisemita» devido a estas palavras. Nom era judeu o autor delas?

152 G. refere-se a Marx, 1ª tese sobre Feuerbach, e nomeadamente ao seguinte fragmento: «...na *Essência do Cristianismo* considera apenas (o modo de agir) teorético como declaradamente humano, enquanto a praxe é concibida (e estabelecida) apenas na sua representaçom (sordidamente) judaica. Portanto, nom concebe a importância da atividade «revolucionária», da atividade práctico-crítica».

4 de abril de 1932

Queridíssima Tania,

recebim ontem a tua carta de 31 de março; pensava que esta semana nom ia receber escritos teus e achava que te sentias algo mal. Recebim os medicamentos que me enviache, os quais, devo dizê-lo, nom me vam ser mui úteis. Compreendechê à primeira umha alusom contida numha carta anterior e pensache depressa em enviar-me aqueles seis ou sete pacotes de flocos de aveia, massas com glúten, etc. Como queres que as utilize? E em tanta quantidade? Deveriam-me chegar para sete ou oito anos, polo menos, quer dizer, terám todo o tempo para se estragarem, já que, talvez sim, talvez nom, poda mandar que me preparem umhas pouquinhas cada quinze ou vinte dias. Também o Somatose nom o vou tomar para já, nom o necessito para nada; mas é possível que me seja útil quando comece a calor e o apetite diminua outra vez. Polo contrário, será-me útil esse extrato peptonizado preparado pola Sociedade para o leite condensado lombardo: provei a meter umha ponta de colher na pasta e melhorou-na muito.

Nom desejo ter tabaco, nem «macedónia» nem de outro tipo: conseguimos, como che escrevim noutra ocasiom, diminuir o consumo de maneira notável; estabelecim um pacote de tabaco «macedónia» cada cinco dias, mas depois de ter consolidado esta quota, procurarei diminui-la ainda de maneira progressiva.

Igualmente, nom necessito em absoluto o café sem cafeína: nom podó tomá-lo. Por vezes podemos ter água quente, mas é boa só para lavar os pés, nom potável, porque se utiliza para quentar grandes caldeiras ao banho-maria, e nom certamente em ebuliçom, mas somente a 60 ou 70 graus. Como che

escrevimos outras vezes, és mui dada a fazer castelos no ar com demasiada facilidade.

Lamento e entristece-me muito que Giacomo<sup>153</sup> morresse; a nossa amizade era bem mais grande e intensa do que pudesses ter ocasião de perceber, também porque Giacomo exteriormente era pouco expansivo e de poucas palavras. Era um homem raro, asseguro-cho, embora nos últimos anos estivesse mui cambiado e deteriorado de umha maneira inacreditável. Quando o conhecim, no após-guerra, era de umha força hercúlea (era um sargento de artilharia de montanha e levava nas costas peças de canhom de peso considerável) e de umha coragem temerária, embora sem arrogância. E todavia era de umha sensibilidade sentimental incrível, que chegava até extremos melodramáticos, que no entanto eram sinceros, nom de pose. Sabia de cor umha grande quantidade de versos, mas todos dessa literatura romântica inferior de que tanto gosta a gente (do tipo libretos de ópera, escritos na maioria dos casos num estilo barroco curiosíssimo e com denguiques patéticas repugnantes, mas de que gostam também de maneira surpreendente) e gostava de recitá-los, embora corasse como umha criança surpreendida em falta cada vez que me metia entre o público para o escutar<sup>154</sup>. Esta lembrança, que se me repete insistentemente, é o traço mais vivo do seu carácter: este homem gigantesco, que declama, com sincera paixão, versos de mau gosto, mas que exprimem sentimentos elementares,

153 Giacomo Bernolfo, operário turinês destinado aos serviços de vigilância e defesa de *L'Ordine nuovo*. Ligado a G. por um fundo afeto, escoltava-o pelas ruas de Turim para o defender de possíveis agressões fascistas. Em 1923 emigrou para a União Soviética.

154 G. refere-se à *Stampa lirica*, um típico local popular de Turim, onde entre umha consumição e umha outra, os fregueses exibiam livremente os seus dotes de cantantes e, por vezes, de recitadores.

robustos e impetuosos e que se interrompe e cora quando é escuitado por um «intelectual», mesmo se for um amigo.

Abraço-te.

Antonio



(Carta 106)

11 de abril de 1932

Querida Iulca,

quero acrescentar ainda algumas observaçons à minha carta anterior<sup>155</sup>, que se calhar che pareceu um pouco incoerente, e nom mui conclusiva. Imagino que isso pode acontecer, porque as minhas cartas me produzem essa impressom a mim próprio, assim que as escrevo. Devo escrever num horário fixo, num dia determinado: a obsessom de que nom chega o tempo para escrever tudo quanto gostaria, resulta em que acabo por escrever de maneira elíptica, por alusons, juntando os pensamentos que germinam quando os fixo por escrito no esboço da carta, pensados antes de me pôr a escrever, tendo assim como resultado um *pot-pourri*, polo menos na minha impressom.

Aquilo que che queria escrever é isto: que as tuas preocupaçons me parecem injustificadas, por toda umha série de aspetos relativos à questom que colocache, e que é especialmente injustificado, por mal interpretado, o meu testemunho ao respeito. Quando te valorizas a ti própria e o teu contributo à vida, nom levas em conta que a um certo ponto deche à

155 Cfr. Carta 104.

tua personalidade umha determinada orientação novidosa, abandonando a atividade artística por umha atividade mais imediatamente prática. Para além disso, acho deche sempre ao conceito e ao facto da «utilidade» e da «praticidade» um conteúdo demasiado limitado e mesquinho (erro teórico que definim com a expressom de «sordidamente judaico»), tirando a consequência obsessiva de seres demasiado pouco «útil» e «incapaz», a seres «útil», como erroneamente pensas que se deveria ser. A mim deu-me a impressom de que aí está o germe da tua doença, do «complexo de inferioridade» que debilita a tua sensibilidade, afinada polos acontecimentos destes últimos seis anos, mas que já era excecionalmente aguda antes. De resto, agora considero que eu também som responsável, polo menos em parte, por estas condições tuas, dado que no passado, de forma inconsciente, me divertia a irritar-te e a provocar-te, achando que assim conseguiria conhecer-te melhor. Comecei em 1922, pouco depois de que nos conhecêssemos e figem que chorasses, de um jeito tam estúpido que só agora sinto remorsos, porque só agora percebo que nom se tratava de umha cousa superficial, mas que para ti tinha umha importância maior da que eu pensara: e nom tivemos a coragem de enxugar-che as lágrimas, como até me sentia movido a fazer, porque te amava e é verdade que certas maldades fam-se só a quem se ama. Queridíssima, aperto-te forte forte.

Antonio



18 de abril de 1932

Queridíssima Tania,

agradeço que me transcreveras a carta em que Giulia che deu mais informações detalhadas sobre as condições de saúde de Delio.

O Somatose vou-no tomar, como já che escrevim: nom é necessário que mo vendas durante tanto tempo, porque já estou convencido, polo menos tudo o necessário para o tomar.

Quando tenha lido o livro de Croce estarei mui contente de ser-che útil escrevendo algumas notas críticas ao respeito e nom umha resenha completa, como desejas, porque seria difícil escrevê-la dessa maneira, improvisada. Além disso, lim já os capítulos introdutórios do livro, porque apareceram num opúsculo independente, há alguns messes<sup>156</sup>, e já podo começar desde hoje a fixar-che alguns pontos que poderám ser-che úteis para fazeres pesquisas e para te informares melhor, se quigeres dar ao teu trabalho umha certa organicidade e algum alcance. Em minha opiniom, a primeira questom a colocar poderia ser esta: quais som os interesses culturais hoje predominantes na atividade literária e filosófica de Croce, se som de caráter imediato, se tenhem um alcance mais geral e se respondem a exigências mais profundas que nom sejam as nascidas das paixons do momento. A resposta nom tem dúvida; a atividade de Croce tem origens longínquas e mais exatamente do tempo da guerra. Para compreender os seus últimos trabalhos é preciso rever os seus escritos sobre a guerra, recolhidos em dous volumes (*Pagine sulla guerra* – 2ª ed. aumentada). Nom tenho estes dous volumes, mas lim es-

156 Trata-se da *Storia d'Europa*, aparecida no ano seguinte.

tes escritos na medida que fôrom publicados. O seu conteúdo essencial pode resumir-se brevemente da seguinte forma: luta contra a focagem dada à guerra, sob a influência da propaganda francesa e maçónica, segundo a qual a guerra se convertera numha guerra de civilização, umha guerra tipo «Cruzadas», com o desencadeamento de paixons populares, com um caráter de fanatismo religioso. Após a guerra vem a paz, isto é, ao conflito deve suceder nom só umha nova colaboraçom dos povos, senom que às alianças bélicas ham de suceder alianças de paz, e nom quer dizer que as duas coincidam. Porém, como poderia dar-se esta nova colaboraçom geral e particular, se um critério imediato de política real se converte em princípio universal e categórico? É preciso pois que os intelectuais resistam estas formas irracionais de propaganda e, mesmo sem debilitar o seu país em guerra, resistam à demagogia e salvem o futuro. Croce vê sempre no momento da paz o momento da guerra, e no momento da guerra o da paz, e dirige a sua laboriosidade a impedir que se destrua qualquer hipótese de mediaçom e de compromisso entre os dous momentos.

Na prática, a posiçom de Croce permitiu os intelectuais italianos retomarem as relaçons com os intelectuais alemáns, o que nom foi nem é fácil para franceses e alemáns; portanto, a atividade crociana foi útil para o Estado italiano no após-guerra, quando os motivos mais profundos da história nacional levárom ao cessamento da aliança militar franco-italiana e a umha deslocaçom da política contra a França pola reconciliaçom com a Alemanha. Desta maneira Croce, que nunca se ocupou de política militante num sentido partidário, converteu-se em ministro da Educaçom no governo Giolitti de 1920-21.

Mas acabou a guerra? E o erro de elevar de forma indevida critérios particulares de política imediata a princípios

gerais, de dilatar as ideologias até filosofias e religiões? Nom, certamente; portanto, a luta intelectual e moral continua, os interesses permanecem ainda vivos e atuais e nom é preciso abandonar a palestra.

A segunda questom é a da posiçom ocupada por Croce no campo da cultura mundial. Croce ocupava, já antes da guerra, um posto mui alto na estima dos grupos intelectuais de todos os países. O que é interessante é que, nom obstante a opiniom comum, a sua fama era maior nos países anglo-saxons do que nos germánicos: as ediçons dos seus livros, traduzidos para inglês, som inúmeras, mais do que para alemám e mais do que em italiano. Croce, como se deprende dos seus escritos, tem um alto conceito desta posiçom sua de líder da cultura mundial e da responsabilidade e dos deveres que ela leva consigo. É evidente que os seus escritos pressupõem um público mundial de elite.

É preciso lembrar que nos últimos anos do século passado os escritos crocianos de teoria da história dérom as armas intelectuais aos dous máximos movimentos de «revisionismo» do tempo, de Eduardo Bernstein na Alemanha e de Sorel na França. Bernstein escreveu ele próprio que fora induzido a reelaborar todo o seu pensamento filosófico e económico depois de ler os ensaios de Croce<sup>157</sup>. O íntimo vínculo de Sorel com Croce era conhecido, mas até que ponto era profundo e firme evidenciou-se especialmente com a publicação das cartas de Sorel<sup>158</sup>, quem se mostra com fre-

157 O trecho em que se apoia G. é a carta de 9 de setembro de 1899 de G. Sorel a Croce, na qual, entre outras cousas, se lê: «Bernstein vient de m'écrire qu'il a indiqué dans la *«Neue Zeit»*, n. 46, qu'il avait été inspiré, en une certaine mesure, par vos travaux» (*La Critica*, XXV, 5. 20 de setembro de 1927, p. 311).

158 Umha presa de cartas dirigidas por Sorel a Croce entre dezembro de 1895

quência intelectualmente subordinado a Croce de maneira surpreendente.

Todavia, Croce levou ainda mais para além a sua atividade revisionista, isso durante a guerra, e nomeadamente após 1917. A nova série de ensaios sobre a teoria da história começa após 1910 com a memória *Cronache, storie e false storie* e chega até os últimos capítulos da *Storia della storiografia italiana nel secolo XIX*, aos ensaios sobre ciência política e às últimas manifestações literárias, entre as quais a *Storia dell'Europa*, como se depreende pelo menos dos capítulos que lim. Acho que Croce faz questão mais do que nada nesta posição sua de líder do revisionismo e que entende que isso é o melhor da sua obra atual. Numha breve carta escrita para o prof. Corrado Barbagallo e publicada na *Nuova Rivista Storica* de 1928 ou 29<sup>159</sup> (nom lembro com exatidade) di de forma explícita que toda a elaboração da sua teoria da história como história ético-política (quer dizer, toda ou quase toda a sua atividade de pensador em 20 anos) é dirigida a aprofundar o seu revisionismo de há quarenta anos.

Queridíssima Tania, se noções como estas podem ser úteis para o teu trabalho, di-mo e tentarei desenvolvê-las algo mais.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



e agosto de 1921, aparecerom em *La Critica*, de 20 de janeiro de 1927 a 20 de maio de 1930.

159 As cartas som duas: cfr. *Nuova rivista storica*, XII, 1928, pp. 626-629; XIII, 1929, p. 130-133.

25 de abril de 1932

Queridíssima Tania,

recebim os teus postais de 17 e de 22 de abril. Recebim também alguns livros, como me anunciaras. E entom, como che véu a tosse? Aqui o tempo continua a ser mui variável; se calhar estivo assim também em Roma e cuidarias pouco da tua saúde. Estou contente com que a minha carta lhe chegasse a Delio; veremos se responde e se é possível, mesmo com tantas peripécias, estabelecermos umha correspondência.

Ainda nom sei se as notas que escrevim sobre Croce fôrom do teu interesse e se som conformes às necessidades do teu trabalho: penso que debes dizir-mo e assim poderei guiar-me melhor. Para além disso, considera que se trata de esboços e de ideias que teriam de ser desenvolvidas e completadas. Escrevo-che um parágrafo também desta vez; mais tarde darás-lhe um jeito, da maneira que achares mais oportuna.

Em minha opiniom, umha questom mui interessante é a referida às razons do grande sucesso que tivo a obra de Croce, algo que nom acontece habitualmente aos filósofos enquanto vivem e que nomeadamente nom se produz com muita frequência fora do círculo académico. Acho que umha das razons deve procurar-se no estilo. Tem-se dito que Croce é o maior prosador italiano após Manzoni<sup>160</sup>. Acho que a afirmaçom é verdade, com este matiz: que a prosa de Croce nom deriva da de Manzoni, mas polo contrário dos grandes escritores de prosa científica, e nomeadamente de Galilei. A novidade de Croce, quanto ao estilo, está no campo da prosa científica, na

160 Cfr. Benjamin Crémieux, *Panorama de la littérature italienne contemporaine*, Kra, Paris, 1928, pp. 190-191.

sua capacidade de exprimir com grande simplicidade e com grande génio ao mesmo tempo, umha matéria que habitualmente, nos outros escritores, se apresenta de maneira confusa, obscura, forçada, prolixa. O estilo literário exprime um estilo adequado na vida moral, umha atitude que se pode chamar goethiana, de serenidade, sobriedade, segurança imperturbável. Enquanto tanta gente perde a cabeça e abana entre sentimentos apocalípticos de pánico intelectual, Croce converte-se num ponto de referência para atingir a força interior, pola sua inabalável certeza de que o mal, do ponto de vista metafísico, nom pode prevalecer e que a história é racionalidade. Cumpre considerar, aliás, que para muitos o pensamento de Croce nom se apresenta como um sistema filosófico denso e de difícil assimilação como tal. Acho que a maior qualidade de Croce foi sempre esta: fazer que circulasse, de umha maneira nom pedante, a sua conceção do mundo por meio de toda umha série de breves escritos nos quais a filosofia se apresenta de maneira imediata e é assimilada como bom-senso e sentido comum. Desta maneira, as soluções para tantas questons acabam por circular convertidas em anónimas, penetram nos jornais, na vida quotidiana e existe umha grande quantidade de «crocianos» que nom sabem que o som e que talvez nem saibam que Croce existe. Igualmente, penetrou nos escritores católicos umha certa soma de elementos idealistas, da qual procuram libertar-se, mas sem consegui-lo, na tentativa de apresentarem o tomismo como umha visom auto-suficiente e suficiente para as exigências intelectuais do mundo moderno.

Abraço-te com tenrura

Antonio



2 de maio de 1932

Queridíssima Tania,

recebim três cartas, de 23, de 25 e de 27 de abril. Lim e relim a carta de teu pai e as tuas extensas consideraçoens, que em geral fôrom exatas, em minha opiniom. Existem, é claro, outros elementos da questom que che escapam por necessidade, e que talvez sejam predominantes e decisivos na hora de determinar o estado de confusom e de dolorosa impotência em que todas as pessoas se debatem um pouco. Mas a maior dificuldade consiste no facto de nom se saber por que parte começar para reagir com energia à situaçom e melhorá-la. Tu falas em energia, mais energia, sempre energia. Mas em Roma, agora que o penso, aplicando inclusivamente toda a tua energia, que poderias ter conseguido? Acharias-te nom com algo sólido e bem assente que se pode derrubar claramente, ma sim com um estado de cousas gelatinoso, por assim dizer, que nom resiste, mas que volta formar-se continuamente e é invencível. Umha vez botache-me na cara em Roma nom ter-che colocado a questom e nom ter procurado, por assim dizer, fazer umha aliança entre nós para unirmos forças. Se calhar levavas razom e esse deveria ter sido o meu dever. Mas nom lhe dava entom a mesma importância a muitas cousas a que agora lha dou, e depois acontecia-me como a quem está no meio de um bosque, que só vê a árvore e nom o conjunto. Muitas cousas pareciam-me mais traços pitorescos, interessantes do ponto de vista estético, do que sintomas de um estado doentio. Vês que som mui sincero contigo, e dou-che os elementos para me julgares de umha maneira também severa. Acho tenho atenuantes, no entanto, e o mais importante, para mim, é que vivim sempre isolado, longe da família e polo contrário sentim

sempre umha certa intolerância pola vida familiar. Igualmente, estava convencido de ser um hipercrítico, de ver a palha no olho do próximo e nom a trave no próprio e que era portanto necessário da minha parte nom intervir, mas deixar que cada quem desenvolvesse a sua vida de forma independente. Agora nom sei o que fazer e por que parte começar. Agradeço-che por isso que me escrevesse, porque polo menos podó orientar-me de maneira concreta, o que até agora nom era possível. Polo menos de agora em diante nom hei de atirar pedras à toa, o que se calhar tem passado nestes últimos tempos.

Nom sei se che darei enviado o esquema prometido sobre os «intelectuais italianos». O ponto de vista do qual observo a questom muda por momentos: talvez ainda seja cedo para resumir e sintetizar. Trata-se de umha matéria ainda em estado líquido, que deverá submeter-se a umha elaboração posterior. Nom te metas na cabeça copiar outra vez o «programa» para a publicação sobre italianos no estrangeiro: nom penso que valha a pena, tanto mais que o *Marzocco* já deu um resumo avondo preciso<sup>161</sup>. Se puderes conseguir um exemplar, bem; senom, paciência. Igualmente, nom tenho necessidade, certamente, das obras de William Petty para o tema sobre as ideias económicas de Machiavelli. A chamada é interessante, mas chega com a chamada<sup>162</sup>. Polo contrário, dentro de algum

161 Cfr. *Il Marzocco*, XXXVII, 10, 6 de Marzo de 1932.

162 Tatiana a G. no dia 27 de abril de 1932: «... Piero escreve que nom sabe absolutamente nada sobre o pensamento económico de Machiavelli; o pouco que apreendera lendo o artigo de Arias indicado por ti parece confirmar, na opiniom dele, quanto digeche. Piero acha que há grandes analogias com um economista inglês do XVII, William Petty, a quem Marx chama o «fundador da economia clássica». As suas obras som impossíveis de encontrar mas, se o desejares, talvez poda ser encontrada nas livrarias a tradução francesa das suas obras completas. Figemos que che enviassem o artigo de Arias, e que a

tempo, hei de pedir-che as obras completas do próprio Machiavelli que, talvez lembres, che pedira quando ainda estava em Milán, mas a publicação ainda nom saíra.

Podo estabelecer ainda alguns pontos de orientação para um trabalho sobre o livro de Croce (que ainda nom lim em livro); mesmo se estas notas forem um pouco desconexas, acho que che poderám ser úteis na mesma. Pensa depois tu em organizá-las pola tua conta, em função dos objetivos do teu trabalho.

Aludim já à grande importância que Croce concede à sua atividade teórica de revisionista e como, com a sua aprovação explícita, toda a sua intensa obra pensador-ensaística nestes últimos vinte anos estivo guiada polo objetivo de completar a revisom, até convertê-la em liquidação. Como revisionista, contribuiu para suscitar a corrente da história económico-jurídica (que, de maneira matizada, está especialmente representada ainda hoje polo académico Gioachino Volpe); hoje deu forma literária a essa história que ele chama de ético-política, da qual a *Storia d'Europa* deveria ser e converter-se em paradigma. Em que consiste a inovação fornecida por Croce, tem esse significado que ele lhe atribui e especialmente, tem esse valor «liquidador» que ele pretende? Concretamente, pode dizer-se que Croce, na atividade histórico-política, frisa unicamente o momento que em política se chama da «hegemonia», do consenso, da direção cultural, para distingui-lo do momento da força, da coerção, da intervenção legislativa e estatal ou policial. Na verdade, nom se entende por que Cro-

livraria che procure um livro de Tangorra (citado por Arias) que contém um ensaio sobre M. economista. Parece que nom há mais (a única chamada que se encontrou está em Schmoller, *Lineamenti di economia nazionale*, trad. ital., vol. I, p. 129, que alude a Machiavelli como a um mercantilista)».

ce acredita na capacidade da sua versom da teoria da história para liquidar definitivamente qualquer filosofia da praxe.

Até se deu que no mesmo período em que Croce elaborava a sua suposta maça, a filosofia da praxe, na obra dos maiores especialistas modernos na matéria se trabalhava no mesmo sentido e o momento da «hegemonia» ou da direção cultural era revalorizada de um modo preciso e sistemático, em oposição às visons mecanicistas e fatalistas do economismo. Pudo-se afirmar, polo contrário, que o traço essencial da mais moderna filosofia da praxe consiste precisamente no conceito histórico-político de «hegemonia». Por isso, penso que Croce nom está *up to date* com as pesquisas e com a bibliografia dos seus estudos preferidos, ou que perdeu a sua capacidade de orientação crítica. Polo que parece, as suas informações baseiam-se especialmente num célebre livro de um jornalista vienense, Fülöp-Miller<sup>163</sup>. Este ponto deveria ser desenvolvido de maneira ampla e analítica, mas entom seria necessário um ensaio mui extenso. Para o que che pode interessar, considero que chega com estas noçõs, que nom me seria fácil desenvolver de forma ampla.

Querida, abraço-te com tenrura.

Antonio



163 G. alude ao livro de R. Fülöp-Miller, *Geist und Gesicht des Bolschevismus, Darstellung und Kritik del kulturellen Lebens in Sowiet-Russland*, Amalthea Verlag, Viena, 1926, do qual Croce resenhou em *La Critica*, XXIV, 5, 20 de setembro de 1926, pp. 289-291.

9 de maio de 1932

Queridíssima Tania,

recebim um postal teu de 30 de abril e umha carta de 6 de maio. Nom recebim o fascículo da *Riforma Sociale* de setembro-outubro de 1931; igualmente, nom recebim nengum dos livros encomendados na altura. Chegárom-me de forma sucessiva quatro volumes: a edição do *Principe* de Machiavelli, preparada por Luigi Russo, a *Autobiografia* escrita por Gandhi, com o prefácio do senador Gentile, a *Storia d'Europa*, do senador Croce, e um pequeno volume de história local genovesa, de Mario Bettinotti, mas deles até agora só me entregárom o *Principe*.

O livro de Benco é a *Storia del Piccolo di Trieste*, editado por Treves-Treccani-Tuminelli — de Emilio Zanella: *Dalla barbarie alla civiltà nel Polesine*, editado por «*Problemi del Lavoro*». Dos outros livros, avisa que nom enviem absolutamente nengum. De agora em diante, é preciso ater-se absolutamente a esta norma; se necessitar algum livro, indicarei-no eu próprio. Nestes últimos tempos, nom me entregárom os livros enviados; para cada um deles devia fazer umha instância ao Ministério, cousa absurda, para além de tediosa. Nom achas? Escrevera-che que assinasses a *Cultura*, para o qual já obtivera a licença; nom sei se assinache. Vim que agora se publica em 4 fascículos por ano e que o primeiro fascículo de 1932 já saiu. Nom recebo notícias da casa desde há mais de um mês e meio: recebim há quinze dias um postal de Teresina com os seus cumprimentos.

Visto que ainda nom lim a *Storia d'Europa* nom che pododa nengumha ideia sobre o seu conteúdo real. Porém, pododa ainda escrever-che algumha observação superficial só em

aparência, como verás. Escrevim-che já que todo o trabalho historiográfico de Croce nos últimos vinte anos foi dirigido a elaborar umha teoria da história como história ético-política, em contraposição à história económico-jurídica representada pola teoria derivada do materialismo histórico, após o processo revisionista sofrido por ele, por obra do próprio Croce. Mas a história de Croce é entom ético-política? Em minha opinião, a história de Croce só pode ser chamada de história «especulativa» ou «filosófica» e nom ético-política, e neste carácter seu, e nom no ser ético-política, está a sua oposição ao materialismo histórico. Umha história ético-política nom está excluída do materialismo histórico, na medida em que ela é a história do momento «hegemónico», enquanto que está excluída a história «especulativa», como qualquer filosofia «especulativa». Na sua elaboração filosófica, Croce di ter querido libertar o pensamento moderno de qualquer pegada de transcendência, de teologia, e portanto de metafísica num sentido tradicional; seguindo esta linha, até chegou a negar a filosofia como sistema, precisamente porque na ideia de sistema há um resíduo teológico. Mas a sua filosofia é umha filosofia «especulativa», e como tal dá plena continuidade à transcendência e à teologia com umha linguagem historicista. Croce está tam imerso no seu método e na sua linguagem especulativa que só pode julgar em função deles; quando escreve que na filosofia da praxe a estrutura é como um deus oculto, isso seria verdadeiro se a filosofia da praxe fosse umha filosofia especulativa e nom um historicismo absoluto, libertado certamente e nom apenas de palavra, de qualquer resíduo transcendental e teológico.

Ligada a este ponto está outra observação que atinge mais de perto a concepção e a composição da *Storia d'Europa*. Pode pensar-se umha história unitária de Europa que se inicie

a partir de 1815, isto é, a partir da Restauração? Se pode escrever-se umha história da Europa como formação de um bloco histórico, nom pode excluir a Revolução francesa e as guerras napoleónicas, que som a premissa «económica-jurídica» do bloco histórico europeu, o momento da força e da luta. Croce assume o momento seguinte, no qual as forças desencadeadas com anterioridade fôrom equilibradas, «catartizadas», por assim dizer; deste momento fai um facto em si e construi o seu paradigma histórico. O mesmo figera com a *Storia d'Italia*: ao começar a partir de 1870, ela desleixava o momento da luta, o momento económico, para ser a apologética do momento puro ético-político, como se este tivesse caído do céu. Croce, naturalmente com todas as sagacidades e a habilidade da linguagem crítica moderna, fijo nascer umha nova forma de história retórica; a sua forma atual é precisamente a História especulativa. Isso vê-se ainda melhor se for examinado o conceito «histórico» que está no centro do livro de Croce, isto é, do conceito de «liberdade»; Croce, em contradição consigo mesmo, confunde «liberdade» como princípio filosófico ou conceito especulativo e liberdade como ideologia, quer dizer, instrumento prático de governo, elemento de unidade moral hegemónica. Se toda a história é história da liberdade, quer dizer, do espírito que se cria a si próprio (e nesta linguagem liberdade é igual a espírito, espírito é igual a história e história é igual a liberdade), por quê a história europeia do século XIX seria só história da liberdade? Nom será, por consequência, história da liberdade em sentido filosófico, mas da autoconsciência desta liberdade e da difusom desta autoconsciência sob a forma de umha religiom nas camadas intelectuais e de umha superstiçom nas camadas populares que se sentem unidos a esses intelectuais, que se sentem participantes num bloco político do qual esses intelectuais som os porta-bandeira e

os sacerdotes. Trata-se portanto de umha ideologia, isto é, de um instrumento prático de governo, e será preciso estudar o nexo prático sobre o qual foi fundado. A «liberdade», como conceito histórico, é a dialética mesma da história e nom tem «representantes» práticos separados e caraterizados. A história era liberdade até nas satrapias orientais, tanto é verdade que inclusivamente entom havia «movimento» histórico e aquelas satrapias desabárom. Em soma, considero que as palavras mudam, as palavras som até bem ditas, mas as cousas nem sequer som rabunhadas.

Parece-me que a *Critica fascista* escreveu num artigo, mesmo se nom de maneira explícita, a crítica justa, observando que dentro de vinte anos Croce, ao ver o presente em perspectiva, poderá encontrar a sua justificação histórica como processo de liberdade<sup>164</sup>. Além disso, se lembrares o primeiro ponto que escrevim para ti, isto é, as observações sobre a atitude de Croce durante a guerra, compreenderás melhor o seu ponto de vista: como «sacerdote» da moderna religiom historicista, Croce vive a tese e a antítese do processo histórico e insiste numha ou noutra por «razons práticas», dado que vê o porvir no presente e preocupa-se dele quanto do presente. A cada um a sua parte: aos «sacerdotes» a de salvaguardar o amanhã. No fundo, há umha bela dose de cinismo moral nesta conceção «ético-política»; é a forma atual do maquiavelismo.

Abraço-te com tenrura.

Antonio



164 G. alude à resenha de Ugo D'Andrea sobre a «Storia d'Europa nel secolo XIX», aparecida na *Critica Fascista*, x, 9, 1 de maio de 1932, pp. 166-169, intitulado *La storia e la libertà*.

23 de maio de 1932

Queridíssima Tania,

recebim o teu postal de 17 e a carta de 19. As notícias que che deu Carlo sobre as minhas condições de saúde som pouco claras; nom tivem ataques graves de ácido úrico, mesmo se é claro que a persistência do catarro intestinal deve estar relacionada com um excesso de acidez. Mas desde há algum tempo sofria de insónia, se se pode dizer assim; mais exactamente, nom durmo; nom porque nom tenha sono, mas porque o sono é interrompido por causas externas<sup>165</sup>, e isso produziu-me um estado de grande cansaço e esgotamento, que se mostrava mesmo exteriormente, se é que Carlo reparou nele. A questom é complexa, e poderei-che falar dela se vires à conversa. Sobre a data da tua chegada, nom tenho particulares desejos; debes escolher tu o momento que che convenha de qualquer ponto de vista. Lim com grande interesse a carta de teu pai: é mui aliciante e cheia de observaços estimulantes para a reflexom. Quanto ao que dis de que podia escrever-lhe, nom opino como tu. Seria-me difícil explicar-che exaustivamente o porqué; nom gosto de escrever certas cousas numha carta do carcere.

Nom me dixeche a tua opiniom sobre as notas escritas a propósito de Croce; em conjunto, fôrom-che úteis? Seja como for, debes ter presente que nom podem ser completas e

165 «G. ocupava a primeira cela do corredor do primeiro andar, aquela por onde passava, de dia e de noite, toda a gente para as outras seções. Somente quando estava de serviço algum guarda menos zeloso que os demais se limitava um pouco o trânsito, era menos barulhento, e Gramsci tinha menos problemas.» Cfr. Giovanni Lay, «Colloqui con Gramsci nel carcere di Turi», *Rinascita*, núm., 20 de fevereiro de 1965.

nom podiam tocar alguns pontos que também seria necessário tratar; e que, mesmo assim como estám, sofrêrom umha mutilaçom voluntária. Afinal recebim os livros encomendados há tanto tempo. Porém, nom recebim o número da *Riforma Sociale* de setembro-outubro de 1931; igualmente, faltou-me o número de abril de 1932 dos *Problemi del Lavoro*, que me farás o favor de reclamar. (Nem recebim o 1º fascículo do ano da *Cultura*). Se che coincidir de escrever a Piero, conta-lhe que num trecho de um capítulo do recente livro de Silvio D'Amico, *Certezze*<sup>166</sup>, num capítulo dedicado a Spielberg fala-se numha petiçom de clemência enviada por Federico Confalonieri ao imperador de Áustria, conservada precisamente no Museu italiano do mesmo Spielberg. D'Amico nom reimprime esta súplica, mas fai alusons indirectas a ela, como a do escrito de um homem reduzido ao máximo grau de desánimo e de depressom. Talvez Piero saiba se este escrito de Confalonieri foi já imprimido nalgumha publicação sobre Confalonieri<sup>167</sup>. Acho que nunca ouvim mencioná-lo. Queridíssima, podes enviar-me mais umha vez Sais de Hunt? Já nom podo passar sem tomá-los e quase esgotei as reservas. Experimentei a interromper o uso, mas as moléstias reproduzírom-se depressa.

Abraço-te com tenrura.

Antonio

166 Cfr. o capítulo «Visita a Spielberg» no citado livro de D'Amico. Na página 212, está a alusom à «súplica dirigida ao próprio Francisco I polo conde Confalonieri de Milám»; «...este escreve ao emperador como um homem roto, pedindo graça e piedade». G. pretende com esta chamada fazer entender que se nega completamente a dirigir umha petiçom de clemência às autoridades, a fim de obter a excarceraçom.

167 As três súplicas de Confalonieri fôrom publicadas apenas em 1942, em ediçom de Renzo U. Montini, na *Rassegna storica del Risorgimento*, XXIX, 1, janeiro-fevereiro de 1942, pp. 83-90.

6 de junho de 1932

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta de 30 de maio. Conseguim também o pacote que continha as amostras dos medicamentos. Tomei já o Sedosine, mas devo dizer que nom me produz nengum efeito relevante. Tomei algumha vez o Somatose, mas ainda nom de maneira regular: realmente, nom sei como fazer, porque o alimento que recebo nom se presta a ser misturado com um preparado assim. Procurarei engoli-lo diluído simplesmente em água fria, mas nom tenho a certeza de que dessa maneira seja eficaz: por acaso, é necessário introduzi-lo em líquidos quentes?

Asseguro-che que nom tenho nengum escrúpulo em chamar as cousas polo seu nome: chamo-as como sei e podo. O catarro intestinal nom sei chamá-lo de outro jeito que assim. Desta maneira, é justo que nom seja insónia «orgánica» o que nom me deixa dormir; acho nom ter dormido, mesmo se se chamar «insónia», nom deve tratar-se sempre como insónia. Acho é melhor nom obstinar-se nas palavras; o importante é entender e penso que entendeche de que se trata. — ~~Pido-che também para este trimestre que começa no primeiro de julho que assines *Il Corriere della Sera*. Porém, desta vez pido-che que envies 17 liras, em lugar de 14,50, e que especifiques que se deseja também o número da segunda-feira. Lendo melhor a brochura das assinaturas que me enviárom, com vista ao vencimento trimestral, vim que se pode assinar também o número da segunda-feira, o qual nom aparecia no cabeçalho do jornal. Envio-che o impresso do talom da conta corrente, com o qual se pode enviar desde Roma a soma sem os custos dos portes.~~

Procurarei responder as outras questões que me colocas a propósito de Croce, embora não entenda bem a importância disso e até creio ter-lhes dado já resposta nas notas anteriores. Relê o ponto em que mencionas a atitude mantida por Croce durante a guerra e olha se de maneira implícita não se contém a resposta a uma parte das tuas perguntas atuais. A rutura com Gentile produziu-se em 1912, e é Gentile quem se separou de Croce, procurando tornar-se filosoficamente independente. Não penso que Croce mudasse a orientação desde aquele tempo em diante, embora definisse melhor as suas doutrinas; uma mudança mais notável é a acontecida desde 1900 a 1910. A chamada «religião da liberdade» não é um achado destes anos, é o resumo numa fórmula drástica do seu pensamento de sempre, desde o momento em que abandonou o catolicismo, como ele mesmo escreve na sua autobiografia intelectual (*Contributo alla critica di me stesso*). Não sequer nisto vejo que Gentile não concorde com Croce. Acho que dás uma interpretação inexata à fórmula «religião da liberdade» já que lhe concedes um conteúdo místico (igualmente, poderia acreditar-se pelo facto que mencionas um «refúgio» nesta religião e portanto numa espécie de «fuga» do mundo, etc.). Nada disso. Religião da liberdade significa simplesmente fé na civilização moderna, que não precisa transcendências e revelações, mas que contém em si própria a própria racionalidade e a própria origem. É, portanto, uma fórmula antimística e, se quizeres, antirreligiosa. Para Croce, qualquer visão do mundo, qualquer filosofia, em tanto se converte numa norma de vida, numa moral, é «religião». As religiões no sentido confessional são também elas «religiões», mas «mitológicas», portanto num certo sentido «inferiores», primitivas, quase correspondentes com uma infância histórica do género humano. As origens de semelhan-

te doutrina estão já em Hegel e em Vico e som património comum de toda a filosofia idealista italiana, quer de Croce quer de Gentile. Sobre esta doutrina assenta a reforma escolar gentiliana, nomeadamente ao ensino religioso nas escolas e que também Gentile queria que estivesse limitado unicamente às escolas infantis (a verdadeira infância) e que em qualquer caso, nem sequer o Governo quijjo que fosse introduzida no ensino superior.

Igualmente, creio que talvez exageres a posição de Croce no momento presente, considerando-o mais isolado de quanto esteja. Nom é preciso deixar-se enganar pola efervescência polémica de escritores mais ou menos inexperientes e irresponsáveis. Croce expujo umha boa parte das suas atuais conceções na revista *Política*, dirigida por Coppola e polo ministro Rocco, e nom apenas Coppola, acho eu, mas muitos outros estão convencidos da utilidade da posição adotada por Croce, que confiava que a situação fazia possível a adequação real à vida estatal dos novos grupos dirigentes emergidos no após-guerra. Se estudares toda a história italiana de 1815 em diante, verás que um pequeno grupo dirigente conseguiu absorver metodicamente no seu círculo todo o pessoal político que os movimentos de massa, de origem subversiva, expressavam. De 60 ao 76, o Partido de Açom, mazziniano e garibaldino, foi absorvido pola Monarquia, deixando um resíduo insignificante que sobreviveu como Partido Republicano, mas que tinha um significado mais folclorístico do que histórico-político. O fenómeno foi chamado de «transformismo», mas nom se tratava de um fenómeno isolado; era um processo orgânico que substituía, na formação da classe dirigente, o que na França acontecera na Revolução e com Napoleom, e na Inglaterra com Cromwell. Com efeito, também após 1876 o processo continua, de forma capilar. Adquire um alcance

imponente no após-guerra, quando parece que o grupo dirigente tradicional nom é capaz de assimilar e digerir as novas forças expressadas polos acontecimentos. Mas este grupo dirigente é mais *malin* e capaz do que se podia pensar: a absorçom é difícil e gravosa, mas acontece contudo, por muitas vias e com diferentes métodos. A atividade de Croce é umha destas vias e destes métodos; o seu ensino talvez produza a maior quantidade de «sucos gástricos» aptos à obra de digestom. Situada numha perspetiva histórica, da história italiana, naturalmente, a laboriosidade de Croce apresenta-se como a mais potente máquina para «conciliar» as forças novas com os interesses vitais (nom apenas imediatos, mas também futuros) que o grupo dominante possui e que eu penso que aprecia justamente, apesar de algumha aparência superficial. Quando se fusionam corpos diferentes, dos quais se deseja obter umha liga, a efervescência superficial indica precisamente que a liga se está a formar, e nom ao contrário. Para além disso, nestes feitos humanos a concórdia apresenta-se sempre como discors [sic]<sup>168</sup>, como umha luita e umha discussom e nom como um abraço teatral longo e repetido. Mas é sempre concórdia e da mais íntima e factual.

Queridíssima, abraço-te com tenrura.

Antonio

Fum eu que risquei a parte relativa ao jornal. Suspende a assinatura, isto é, nom a renoves em absoluto.



168 Discórdia. [N. do T.]

27 de junho de 1932

Queridíssima Iulca,

recebim os teus folhetos, datados em meses e dias diferentes. As tuas cartas lembrárom-me um conto de um escritor francês pouco conhecido, Lucien Jean, acho, que era um pequeno funcionário numha administração municipal de Paris. O conto intitulava-se *Un uomo in un fosso*<sup>169</sup>. Tento lembrar-me dele. Um homem bebera muito umha noite: talvez bebera demasiado, se calhar a visom continuada de lindas mulheres o alucinara um pouco. Depois de sair do local de encontro, depois de ter caminhado um pouco em zigue-zague polo caminho, caiu num fosso. Estava mui obscuro, o corpo ficou-lhe preso entre pedras e silvas; estava um pouco assustado e nom se moveu, por medo a cair ainda mais para o fundo. As silvas recompugérom-se sobre ele, as lesmas passavam-lhe por cima esbranquiçando-o (até um sapo se lhe pousou sobre o coração, sentindo o batido; na realidade, porque o considerava ainda vivo). Passárom as horas; chegou a manhã e as primeiras luzes do abrente, começou a passar gente. O homem pujo-se a pedir ajuda. Achevou-se um senhor de óculos; era um cientista que tornava a casa, depois de ter trabalhado no seu laboratório experimental. Que tem o senhor? perguntou. — Queria sair do fosso, respondeu o homem. — Ah, ah! Querias sair do fosso! E que sabes tu da vontade, do livre arbítrio, do servo arbítrio! Querias, querias! Sempre a idêntica ignorância. Sabes apenas umha cousa: que estavas de pé por causa das leis da

169 O conto de Lucien Jean (pseudónimo de Lucien Dieudonné), 1870-1908, fora publicada por G. no semanário *L'Ordine Nuovo*, 6-13 de dezembro de 1919. Lucien Jean pertence à chamada «escola proletária» da literatura francesa.

estática, e que caíche por causa das leis da cinemática. Que ignorância, que ignorância! — E afastou-se abanando a cabeça, todo indignado. — Sentírom-se outros passos. Novas invocações do homem. Achegou-se um labrego, que levava da trela um porco para a feira, e fumava o cachimbo: Ai, ai. Caíche no fosso, eh? Bebeche avondo, passache-lo bem e caíche no fosso. E por quê nom foche dormir, como figem eu? — E afastou-se, com o passo compassado polo cuinhar do porco. E mais tarde passou um artista, que se lamentava porque o homem queria sair do fosso: estava tam lindo, todo esbranquiçado polas lesmas, com umha auréola de ervas e flores silvestres baixo a cabeça, era tam patético! E passou um ministro de deus, que se puxo a imprecar contra a depravaçom da cidade que se divertia ou dormia quando um irmao caíra no fosso. Exaltou-se e saiu às carreiras para fazer um terrível sermom na próxima missa. Desta maneira, o homem permaneceu no fosso até que nom enxergou ao seu redor, viu com exatidade onde caíra, torceu-se, curvou-se, fiço palanca com os braços e com as pernas, pujo-se em pé, e saiu do fosso com as suas únicas forças.

Nom sei se gostache do conto nem se é mui ajeitado. Mas polo menos em parte penso que sim: tu mesma escreves que nom lhe dás a razom a nengum dos dous médicos que consultache recentemente, e que se até agora deixavas decidir aos outros, agora queres ser mais forte. Nem sequer considero que haja um pouco de desespero nestes sentimentos: penso que som bem sensatos. É preciso queimar todo o passado e reconstruir toda umha vida nova: nom é preciso deixar-se esmagar pola vida vivida até agora, ou polo menos é preciso conservar dela apenas aquilo que foi construtivo e mesmo bonito. É preciso sair do fosso e deitar fora o sapo do coração. Cara Iulca, abraço-te com tenrura.

Antonio

18 de julho de 1932

Queridíssima Iulca,

tivem duas cartas tuas, de 24 de junho e de 3 de julho. Nom estivem mui bem nos últimos tempos (de um ano a esta parte, isto acontece um pouco mais amiúde do que antes) e nom tenho a disposiçom para escrever-che com um pouco mais de vagar. No entanto, quero dizer-che que as tuas últimas cartas me dérom um pouco de felicidade: até opino que te figeche mais forte e mais segura de ti mesma. Estou contente também porque já nom estás obcecada com o tratamento psicanalítico, que até onde podó opinar, em base aos meus conhecimentos, me parece demasiado imbuído de charlatanaria e capaz, sempre que o médico assistente consiga vencer em pouco tempo a resistência do sujeito e que com a sua autoridade o arranque à depressom, de agravar as doenças nervosas em lugar de curá-las, sugerindo ao doente motivos de novas inquietudes e de redobrado marasmo psíquico. Querida, penso que a tua mae, ao expressar que devias «chegar a ser um elefante», demonstrou ser o médico mais seguro e mais fiável. Fai-me feliz o que me escreves sobre Giuliano e das suas perguntas sobre o meu conto, mas isso fai-me pensar ainda nisso que che escrevim noutra ocasiom, que para as crianças devo ser um pai misterioso, que sempre lhes está longe e que nunca se ocupa com elas, a diferença do que fam os outros. Apesar de tudo, penso que isso deve lançar um certo véu de sombra no seu ánimo, nomeadamente no de Giuliano, se ele for algo tímido e fechado como tu o descreves. Abraço-te com tenrura.

Antonio



1 de agosto de 1932

Queridíssima Iulca,

recebim a tua carta de 15 de julho. Agradeço o teu escrever frequente. Recebim as fotografias dos meninhos e de ti, que me ajudam a imaginar de umha forma algo mais concreta a vossa vida e a fantasiar menos. A tua última carta deu-me também umha prova de que as tuas condições de saúde melhorárom; quigem relê-la, mesmo como um «relatório»... médico e constatei que nom há nem um erro de ortografia e de língua em geral. Isso quer dizer que o teu italiano é ainda sólido e que o teu processo de formação das ideias voltou a ser límpido e claro, sem dúvidas, arrependimentos ou indecisons, como nom parecia ser dantes, polo menos algumas vezes.

Lembras-te ainda de quando che contara a história dos sapos que se pousam sobre o coração dos adormecidos no campo? Fai precisamente aproximadamente 10 anos: quantas patranhas che tenho contado naquele mês passado no sanatório! Quando escrevia o continho do homem no fosso, tornou-me à memória improvisadamente, e lembrei-me de que che ficara impresso na altura com um acompanhamento de sensaçons cómicas.

Também o que escreves sobre Delio e Giuliano e das suas inclinaçons fijo com que lembrasse que alguns anos atrás acreditavas que Delio tinha muita inclinaçom pola engenharia construtiva, enquanto hoje parece que essa é a inclinaçom de Giuliano, e Delio dirige-se antes à literatura e à construçom... poética. Na verdade, digo-che que nom acredito nestas inclinaçons genéricas tam precozes e que tenho pouca confiança na tua capacidade de observar as suas tendências para umha orientaçom profissional. Acho que em cada um deles subsis-

tem todas as tendências, como em todas as crianças, quer seja para a prática quer para a teoria ou a fantasia, e que seria justo, nesse sentido, guiá-los pelo contrário para umha temperança harmoniosa de todas as faculdades intelectuais e práticas, que já terão maneira de se especializarem ao seu tempo, sobre a base de umha personalidade vigorosamente assente, num sentido unânime e integral. O homem moderno deveria ser umha síntese daqueles que som... hipostasiados como caracteres nacionais: o engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, os quais recriam, por assim dizer, o homem italiano do Renascimento, o tipo moderno de Leonardo da Vinci convertido em homem-massa ou homem coletivo, mesmo se mantêm a sua forte personalidade e originalidade individual. Umha cousa de nada, como vês. Tu querias chamar Leo a Delio; por quê nom pensamos em chamá-lo Leonardo? Pensas que o sistema educativo Dalton<sup>170</sup> pode produzir Leonardos, nem que seja como síntese coletiva? Abraço-te.

Antonio



(Carta 116)

22 de agosto de 1932

Queridíssima mãe,

Ha muito tempo que ninguém me escreve e por isso nom tenho notícias tuas. Há algumas semanas, Tatiana fijo-me chegar algumas fotografias dos filhos de Teresina, das quais gos-

170 O sistema educativo Dalton, que toma o nome da homónima cidade americana, é um método pedagógico ideado por Helen Parkhurst e difundido principalmente na Inglaterra. Conforme este método, a escola divide-se em obradoiros, onde cada aluno pode trabalhar livremente de acordo com os seus gostos (talha, cerâmica, carpintaria, etc.).

tei muito. É verdade que Mimma se parece muito com Emma quando era pequena. Para além disso, é surpreendente como estas crianças tenham as feições da família (também Delio e Giuliano têm muito marcadas estas feições); parece que vejo rostos já vistos tantas vezes e que afloram na lembrança a tantos anos de distância. Diddi parece-me que se parece muito com a Teresina, tal como era quando morávamos ainda em Sorgono<sup>171</sup> e íamos à escola infantil das monjas; porém, nom é crespo e loiro como era Teresina. A última fotografia de Delio que recibim deu-me a impressom de ver outra vez o Mario quando tinha oito anos; igualmente, Giuliano tem umha carinha que me lembra nas feições gerais de Nannaro e nomeadamente as do tio Alfredo<sup>172</sup>, que para dizer a verdade, nom me foi nunca mui simpático, embora se pareça tanto aos da casa (a diferença de tio Cesare que parecia de outra família). Mas talvez sejam impressons superficiais devidas à sugestom, mais do que a outra cousa. Mas por que nom deixaches que se retratasse no grupo das crianças a outra figura? Devia tratar-se de Paolo, penso. Espero as tuas notícias. Anima a Teresina e Grazietta a que me escrevam.

Abraço-te afetosamente.

Antonio



171 Vila de Sardenha onde a família de G. morou durante certo tempo e onde nascérom Mario, Teresina e Carlo.

172 Tio Alfredo, e mais adiante tio Cesare, eram irmaos do pai de G.

29 de agosto de 1932

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta de 24 com a carta de Giulia. Reflexionei muito no que escreveche a propósito da hipótese de conseguires para mim umha visita exhaustiva por um médico de confiança. Acho que em linhas gerais as tuas consideraçons som justas, e que o projeto é digno de tomar em consideraçom. Eis o meu ponto de vista: cheguei a um ponto tal que as minhas forças de resistência estám para desabar completamente, nom sei com quais consequências. Nestes dias sinto-me tam mal como nunca estivem; desde há mais de oito dias nom durmo mais de três quartos de hora por noite, e durante noites inteiras nom fecho olho. É bem certo que se a insónia forçada nom é causa em si mesma de alguns males específicos, agrava-os de tal maneira e acompanha-os com tais mal-estares concomitantes, que o conjunto da existência chega a ser insuportável, e qualquer saída, mesmo a mais perigosa e acidentada chega a ser preferível à continuaçom do estado presente. Todavia, antes de entrar no caminho por ti proposto, quero ainda fazer umha tentativa perante o senhor diretor do cárcere e se for necessário perante o senhor juiz de vigilância, para ver se é possível obter que sejam retiradas as condiçons que causam o atual estado de cousas. Isso nom é absolutamente impossível, e preferiria-o para evitar as despesas notáveis que a visita de um médico de confiança leva consigo. De resto, mesmo um médico assim nom poderia nom chegar à conclusom de as minhas condiçons desastrosas serem devidas em grande parte à falta de sono, polo qual a questom se apresentaria nestes termos e neles seria preciso resolvê-la, polo menos inicialmente. Trata-se de adiar, na pior das hipóteses, a realizaçom da tua proposta

para o mês de setembro. Em finais de setembro terei de chegar forçosamente a umha conclusom, se nom quiger tolear, ou entrar numha fase que nem eu mesmo sei imaginar, tam exausto como estou. Acredita que nom podó mesmo mais, e assustame o feito de estar a perder o controlo dos meus impulsos e dos instintos elementares do caráter. Por isso, a tua proposta é para ser considerada: podes aperfeiçoá-la, fixando os seus pormenores e dando, se calhar, os passos necessários para ver quanto se há de gastar e quem pode ser o médico para escolher, porque acho que na instância em que se pida a autorização para a visita será preciso incluir o nome com todos os seus dados. Queridíssima, abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 118)

5 de setembro de 1932

Queridíssima Iulca,  
retomo a tua carta de 14 de agosto. Isso que escreves sobre Leonardo da Vinci nom me parece nem justo nem exato; provavelmente, tiveche bem poucas ocasioms de ver o Leonardo como artista e ainda menos de o conhecer como o escritor e como cientista. Mas é inexato, com certeza, o juízo que me atribuis, segundo o qual «ter amor por um escritor ou outro artista nom é o mesmo que estimá-lo». Nunca podem escrever semelhante... banalidade; teria-me afastado dela, se nom outra cousa, a lembrança de um certo número de obras teatrais inspiradas polo filisteísmo universal, em que estes temas do «amor sem estima» e da «estima sem amor» encontrárom toda umha série de aplicaçoms à vida conjugal. Se calhar, dis-

tinguim o prazer estético e o juízo positivo da beleza artística, isto é, o estado de ânimo de entusiasmo pola obra de arte como tal, do entusiasmo moral, isto é, da participação no mundo ideológico do artista, distinçom que me parece criticamente justa e necessária. Podo admirar esteticamente *Guerra e Paz* de Tolstoi e nom partilhar a substância ideológica do livro; se os dous factos coincidissem, Tolstoi seria o meu vademecum, *le livre de chevet*. O mesmo pode dizer-se de Shakespeare, de Goethe e mesmo de Dante. Nom seria exato dizer o mesmo de Leopardi, apesar do seu pessimismo. Em Leopardi encontra-se, em forma extremamente dramática, a crise de transiçom para o homem moderno; o abandono crítico das velhas concepçons transcendentales sem que se encontrasse ainda um novo *ubi consistam* moral e intelectual, que desse a mesma certeza do que se abandonou.

Relativamente à próxima recuperaçom da tua atividade, os conselhos que che podo dar som bem escassos e genéricos. Todavia, julgo que podem ser de alguma utilidade, se te decidires a segui-los. Penso que se nom trata de leres este ou aquele livro, quanto de teres um rumo e portanto de te propores determinados objetivos. Os objetivos que poderias e deverias propor-te, para utilizares umha parte nom indiferente das tuas atividades no passado, em minha opiniom, seriam estes: chegares a ser umha tradutora de italiano cada vez mais qualificada. Eis o que entendo eu por tradutora qualificada: nom apenas a capacidade elemental e primitiva de traduzir a prosa da correspondência comercial ou de outras manifestaçons literárias que se podem resumir no tipo de prosa jornalística, mas a capacidade de traduzires qualquer autor, seja literato, ou político, ou historiador ou filósofo, das origens até hoje, e portanto a aprendizagem das linguagens especializadas e científicas e dos significados das palavras técnicas segundo as

diversas épocas. E nom chega ainda: um tradutor qualificado deveria ser capaz nom apenas de traduzir literalmente, mas de traduzir os termos, também concetuais, de umha determinada cultura nacional para os termos de umha outra cultura nacional, isto é, um tradutor assim deveria conhecer criticamente duas culturas e ser capaz de fazer conhecer umha à outra, servindo-se da linguagem historicamente determinada dessa cultura à qual fornece o material de informaçom. Nom sei se me expliquei com clareza suficiente. No entanto, penso que um trabalho semelhante mereceria ser feito, ou melhor, mereceria empenhar nele as forças todas. Acrescento que seria mui feliz se te dedicasses a ele de maneira sistemática e continua, com a finalidade de atingires o máximo de qualificaçom, a especializaçom. Queridíssima Iulca, abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 119)

12 de setembro de 1932

Queridíssima mae,  
recebim umha carta de Grazietta de 24 de agosto com notícias sobre a colheita e sobre a casa nova para a que foi morar Teresina. Lembro mui bem o pátio, onde eu jogava com Luciano, e a pia onde fazia manobrar as minhas grandes frotas de papel, de cana, de férula e de cortiço, e onde depois as destruía a golpes de *schizzaloru*<sup>173</sup>. Lembras quanta habilidade tinha para reproduzir a partir das ilustraçõs os grandes navios a vela e

173 *Schizzaloru*, em sardo, é um rudimentário fuzil de ar comprimido, construído com umha póla de sabugueiro.

como conhecia toda o vocabulário marinheiro? Falava sempre em brigues, xavecós, três mastros, *schooners*, em amuradas e em velachos, conhecia todas as fases das batalhas navais do Corsário Vermelho e dos Tigres de Mompracem<sup>174</sup>, etc. Só lamentava que Luciano possuísse umha simples robusta barquinha de lata pesada que em quatro movimentos afundia e batia com o esporom os meus galeons mais elaborados e com todo um complicado aparelho de pontes e de velas. Todavia, orgulhava-me muito da minha capacidade construtiva, e quando o latoeiro que tinha a loja na esquina onde começavam as casas baixas do lado da igreja, me pediu que lhe fizesse um modelo de grande veleiro para o reproduzir em lata em série, orgulhei-me mesmo de colaborar como engenheiro em semelhante construção.

Queridíssima mae, sempre esqueço pedir-che informações sobre o filho do géometra Porcelli, Giacomino, que de rapazinho era tam afeiçoado a mim e ao meu falcom e queria estar sempre na minha companhia. Há um Giacomo Porcelli<sup>175</sup>, católico mui combativo, que escreve livros e artigos sobre a literatura francesa; é o mesmo? Com certeza, seus tios ham de saber. Mas quem sobrevive de toda a família Corrias?

Fai que escrevam um pouco mais amiúde. Por que Teresina nom me enviou a carta tantas vezes prometida?

Abraço-te afetosamente junto a todos os da casa.

Antonio

174 Personagens dos romances de aventuras de Emilio Salgari.

175 Giacomo Porcelli, uns dez anos mais jovem que G., ia por volta de 1906 onda os Gramsci jogar com os rapazes. Entre 1925 e 1926 escreveu, com efeito, alguns artigos e resenhas de livros de escritores católicos e publicou um volume sobre *La letteratura italiana nella critica francese durante la Monarchia di Luglio (1830-1848)*, Vallecchi, Florença, 1926.

Um beijo especial para Franco, que na carta de Grazietta engadiu os seus cumprimentos.



(Carta 120)

3 de outubro de 1932

Querida Tatiana,  
recebim o teu postal de 29 de setembro. Nom me satisfijo em absoluto. Até há algum tempo, esperar cartas e correspondência era a minha maior felicidade. Em todos estes anos, foche a minha correspondente mais assídua e diligente: estava sempre seguro de que cada semana, pelo menos, nom havia faltar um postal teu. Mas agora quase que tenho medo de receber a tua correspondência. Há alguns meses, e precisamente na primeira quinzena de julho, escrevim-che umha série de cartas mui breves e recomendei-che que tratasses só nas tuas cartas assuntos familiares. Certamente nom reflexionache sobre este facto e nom foche capaz de tirar dele nengumha conclusom para o teu comportamento. Repensando nestes dias as cousas passadas, convencim-me de que quando Giulia me escrevia duas ou três cartas por ano, sempre iguais, estereotipadas e nas quais se sentia o embaraço e o esforço, devia-se só parcialmente à sua doença; devia-se certamente a umha proposta que lhe figeras em relação a mim, que era desonrosa para mim e que ela tinha todas as razões para julgar que se devia à minha iniciativa. Como explicar de outra maneira certas expressons suas recentes, sibilinas, em que reconhece que fora injusta nas suas opiniões sobre mim? Querida Tatiana, quero-te muito, e sei que nestes anos me ajudache como ninguém a superar as crises periódicas que o cárcere, agravando a minha

neurasténia habitual, me fijo atravessar. Mas devo dizer que a tua atitude, relativamente à vida de todos estes anos, áspera e dura, é a atitude que se pode extrair da leitura da Biblioteca Rosa de Madame de Ségur; és de um otimismo assombroso, as tuas hipóteses som sempre aquelas que gostarias que se realizassem e conservache umha ingenuidade e umha frescura sentimentais encantadoras e que enternecem; enterneçêrom-me também a mim nos anos que passamos amiúde juntos, conversando e discutindo, apesar de ter sempre acreditado, pola experiência da infância, que estava imunizado contra tais «debilidades». Todavia, apesar de todo isto, apesar de a minha tenrura por ti ser imutável, devo pedir-che que modifiques completamente as nossas relaçons, visto que queres continuá-las nestas condiçons. Nom debes interessar-te mais, de maneira nengumha, pola minha vida no cárcere e debes modificar consequentemente a tua correspondência neste sentido, se a nom quigeres interromper de todo. Pido-che que nom discutas este desejo meu, porque me veria forçado a devolver as tuas cartas ou postais. E pido-che também que nom tenhas a mal quanto che escrevo. Se um dia podemos voltar-nos a ver em condiçons de igualdade, quer dizer, sendo eu livre, acho talvez que che farei chorar; mas nom penso que a hipótese seja mui provável. Já sei o que vas objetar-me; é perfeitamente inútil que me fagas o catálogo das tuas boas intençons; como di o provérbio «de bons propósitos está o inferno cheio». Para além disso, nom debes acreditar que tenha intençom de suicidar-me ou de abandonar-me, como um peixe morto, ao fio da corrente. Som responsável por mim mesmo desde há muito tempo e som-no desde criança. Comecei a trabalhar aos onze anos, ganhando bem 9 liras por mês (o que por outro lado significava um quilo de pam por dia) por dez horas de trabalho cada dia, incluída a manhã do domingo, e passava o dia a

remover montes de papel que pesavam mais do que eu e muitas noites chorava às agachadas porque me doía todo o corpo. Quase sempre conhecim apenas o aspeto mais brutal da vida e safei-me sempre, bem ou mal. Nem minha mae conhece a minha vida toda e as adversidades que passei: a ela lembro algumas vezes a pequena parte que em perspetiva parece agora cheia de felicidade e de despreocupação. Adoçam-lhe agora a velhice porque lhe fam esquecer as adversidades bem mais graves e as amarguras bem mais profundas polas que ela passou na mesma época. Se ela souber que eu conheço todo o que conheço e que aqueles acontecimentos me deixárom cicatrizes, envenenaria-lhe estes anos de vida nos quais é bom que esqueça e que, vendo a vida alegre dos netinhos que tem à volta, confunda as perspectivas e pense realmente que as duas épocas da sua vida som umha e a mesma. Querida Tatiana, abraço-te afetuosamente.

Antonio



(Carta 121)

10 de outubro de 1932

Queridíssimo Delio,

soubem que estiveche na praia e que viche cousas bem bonitas. Eu gostava de que me escrevesses umha carta para descrever-me essas belezas. Conheceche daquela algum novo ser vivo? Perto do mar existe todo um fervilhar de seres: caranguejos, medusas, estrelas-do-mar, etc. Há muito tempo prometera-che escrever algumas histórias sobre os animais que conhecim quando criança, mas depois nom podem. Agora vou tentar contar-che alguma: —1º Por exemplo, a história

da raposa e do poldrinho. Sei que a raposa sabe quando vai nascer um poldrinho, e anda à espreita. E a égua sabe que a raposa anda à espreita. É por isso que, assim que o poldrinho nasce, a mae se pom a correr em círculo em volta do pequeno, que nom pode mover-se nem escapar no caso que algum animal selvagem o ataque. Contudo, algumas vezes som vistos polos caminhos da Sardenha cavalos sem cauda e sem orelhas. Por quê? Porque, assim que nascêrom, a raposa, de umha maneira ou de outra, conseguiu chegar-se e comeu-lhes a cauda e as orelhas, ainda mui tenros. Quando era criança um cavalo destes trabalhava para um velho vendedor de azeite para candeias e de petróleo, o qual ia de aldeia em aldeia vendendo a sua mercadoria (nom havia entom cooperativas nem outras maneiras de distribuir as mercadorias), mas aos domingos, para que os fedelhos nom se mofassem, o vendedor punha ao seu cavalo cauda e orelhas postiças. —2° Agora vou-che contar como vim a raposa pola primeira vez. Com meus irmaos fum um dia a um campo de umha tia, onde havia dous enormes carvalhos e algumas árvores frutais; tínhamos que fazer a colheita das landras para dar de comer a um bacorinho. O campo nom estava longe da aldeia, mas na redonda todo estava deserto e havia que descer até o vale. Mal entrámos no campo, eis que baixo umha árvore estava tranquilamente sentada umha raposa grande, com a linda cauda erguida como umha bandeira. Nom se assustou em absoluto; reganhou os dentes, mas parecia que risse, nom que ameaçasse. Nós crianças encolerizavamo-nos com a raposa, porque nom nos tinha medo; nom tinha nengum medo. Guindamos-lhe pedras, mas ela pouco se apartava e recomeçava a olhar-nos burlona e sorrateira. Punhamo-nos bastons às costas e fazíamos todos juntos: bum!, como se fossem tiros de espingarda, mas a raposa reganhava os dentes sem incomodar-se demasiado.

De repente, sentírom-se tiros de espingarda a sério, disparados por alguém nas proximidades. Só entom a raposa deu um chimpo e escapou rapidamente. Parece-me vê-la ainda, tam amarela, correr como um lóstrego sobre um valado, sempre com a cauda erguida, desaparecendo numha bouça. Queridíssimo Delio, conta-me agora as tuas viagens e as novidades que viche. Beijo-te junto a Giuliano e a mamae Iulca.

Antonio



(Carta 122)

17 de outubro de 1932

Queridíssima Grazietta,  
o postal de Mea do 9 calmou um pouco a impressom que me causara a tua carta de dia 7. Mas nom tivem entretanto mais notícias. Pediria-che que me mandasses um postal cada dous ou três dias. Mesmo se Carlo me escreveu há algum tempo tempo para avisar-me da sua viagem a Ghilarza e se me pujo em guarda contra o teu pessimismo e alarmismo exagerados, a tua carta deu-me a impressom de que se trata de algo mui sério e mui perigoso. Querida Grazietta, sabes que nunca fum mui expansivo com ninguém. Gostava por isso de que nom te enganasses nem sobre os meus sentimentos nem sobre a sua força. A ideia de que nossa mae poda estar moribunda<sup>176</sup> enquanto nom podó saber nada preciso e já nom podó voltar a vê-la, obceca-me e persegue-me em todo momento, dia e noite. Lembro-a nos seus momentos de maior energia e força,

176 A mae de G. morrerá no dia 30 de dezembro, mas ocultarám-lhe a notícia durante muito tempo.

vejo novamente com nitidez tantas cenas da nossa vida familiar de outrora, e nom me dou convencido de que poda estar acabada como tu escreves, e que ela mesma sinta que está para nos deixar. Nem sei sequer se poderás fazer-lhe sentir o muito que a quigem sempre, e como umha das maiores amarguras da minha vida, a qual tivo tanta importância na formação do meu caráter, fosse precisamente ver como a sua existência nom tivo nunca sossego, como a sua vida estivo privada de satisfaçons e de paz duradoiras. Escreve-me depressa. Abraço-te fraternalmente.

Antonio



(Carta 123)

24 de outubro de 1932

Queridíssima Iulca,  
recebim as tuas cartas de 5 e de 12 de outubro, com a cartinha de Julik e as três fotografias, das quais gostei muito. Acho é a primeira vez que dou reparado no físico de Giuliano, embora as fotografias nom sejam tecnicamente satisfatórias. E acho que Giuliano é um menino bem lindo, mesmo de umha maneira objetiva: isso parece, em minha opiniom, principalmente naquela onde está retratado em grupo, perto de ti, que porém nom saiche bem. Alegra-me que quigesse escrever-me; nom sei que responder-lhe, no que di respeito à minha fotografia. Nom terás por acaso umha fotografia minha? É verdade que desde entom mudei muito, e acho que dar-lhe umha fotografia de há dez anos é enganar o menino. Agora tenho muitos cabelos brancos e a falta dos dentes deve ter modificado muito as minhas feiçons (nom podó julgar com certeza,

porque desde há 4 anos e meio nom me vejo no espelho e precisamente nestes anos devo ter mudado muito). Interessou-me o que escreveche sobre o Delio estudante, da sua seriedade interior, que nom está separada de um certo amor pola alegria. Sinto com pungente pesar ter sido privado da participação no desenvolvimento da personalidade e da vida das crianças; contudo, tornaria-me amigo das crianças depressa e conseguiria interessar-lhes. Lembro-me sempre da netinha da minha senhoria em Roma; tinha 4 anos e tinha um nome bem difícil, tomado da onomástica turca. Nom abria a porta do meu quarto, aonde se achegava às escondidas, porque a avó lhe dixerá que nom devia incomodar-me, já que sempre estava a escrever. Petava mui devagar, timidamente, e quando eu perguntava: «Quem é?» respondia: «*Esclaves?* Queres jogar?», depois entrava, punha a bochecha para que a beijasse, e queria que lhe fizesse passarinhos ou desenhos estranhos obtidos a partir das pingas de tinta lançadas a caso sobre o papel. Queridíssima, abraço-te forte.

Antonio



(Carta 124)

14 de novembro de 1932

Queridíssima Tania,  
recebim esta manhã mesmo o teu vale de dia 11 e agradeçocho de todo coração. Estava preocupado, porque o teu último postal era de dia 2; para além disso, na última carta escrevias que havias de enviar-me umha fotografia que nom chegou. Ainda: em todos estes dias nom recebim correio de ninguém. Nem recebim já as revistas da livraria (se calhar Carlo, estú-

pido como é, pudo ter avisado que nom fizessem mais envios, considerando-me já livre). Estava, pois, mui preocupado e isso reforçou em mim um certo modo de pensar, e fijo que me decidisse a escrever-che sobre o tema. Nom debes reparar na estranha aparência do que vou escrever-che e nom debes pensar que sou louco ou irreflexivo, ou irresponsável. Procurarei justificar o meu ponto de vista, na medida em que poda, mas debes partir do conceito que tenho mais outros temas à parte daqueles que vou expor, temas sobre os quais, por razões várias, nom podó falar por escrito e que se calhar nem che mencionaria em pessoa. É difícil começar, mas tentarei-no. Aí vai: soubem há algum tempo que várias mulheres, que tinham o marido no cárcere condenado a longas condenas, considerárom-se livres de qualquer vínculo moral e procurárom construir-se umha vida nova. O facto aconteceu (pelo que se conta) por iniciativa unilateral. Pode julgar-se de diferentes maneiras, de diferentes pontos de vista. Pode censurar-se, pode explicar-se e mesmo justificar-se. Pessoalmente, depois de tê-lo pensado, acabei por explicá-lo e também por justificá-lo. Mas se isso acontecesse por acordo bilateral, nom estaria ainda mais justificado? Naturalmente, nom quero dizer que seja umha cousa simples, que se poda fazer sem dor e sem contrastes profundamente esgarradores. Mas, mesmo nestas condições, pode ser feito desde que se esteja convencido de que deve ser feito. No fundo, um sente arrepios quando pensa que na Índia as mulheres deviam morrer quando morria o marido, e nom se pensa que o facto se verifica, em formas menos imediatamente violentas, também na nossa cultura. Por que um ser vivo deve ficar ligado a um morto, ou quase? Parece-me que a geraçom com os princípios morais assentes antes da guerra pensa estes assuntos com umha velha mentalidade e que a nova geraçom, mais rápida nas suas decisons e

menos estorvada por sentimentos de um tipo determinado, tem a razão. Como digo, a coisa não é simples; é preciso uma rasgadura violenta, uma dolorosa laceração, é preciso prever, depois da decisão, um certo período de remorsos, de arrependimentos, uma oscilação, mas no fundo pode prever-se que pode ser superado e que pode ser criada uma nova vida. Exponho-lhe a questão, tem a certeza, com muita persuasão, para que lhe comunique a Giulia, ou bem que me aconselhe comunicar-lhe eu diretamente. É uma coisa muito, muito séria; penso nisso desde há muito tempo, se calhar desde o primeiro dia em que fui detido, e de diversas formas; primeiro como brincadeira e depois com maior seriedade e aprofundamentos. Pensei também que podia parecer um gesto muito romântico. Pensei mesmo que podia parecer até uma pilharia, uma espécie de chantagem sentimental (como dizer? Ofereço-lhe isto de propósito, para esmagar-te com a minha magnanimidade e te vejas obrigada a rejeitar) — pensei, enfim, que a melhor maneira deveria ser a de pôr em prática a coisa sem dúvidas, de maneira unilateral, rompendo qualquer relação, criando de maneira unilateral um facto consumado. Este último caso atormentou-me muito, mas não fui nem serei nunca capaz de enfrentá-lo. Resolvida assim a relação, Giulia teria um duplo gravame, porque perderia qualquer estima por mim (o que não seria sem consequências sobre a estima que ela deve ter por si própria) sem evitar a dor. A dor não pode evitar-se, mas pode limitar-se e podem limitar-se outras consequências de carácter moral e intelectual. É necessário que a iniciativa parta de mim, isso é certo; que não se oculte a consequência necessária disto, para enfrentá-la com todas as próprias forças. Penso que Giulia, mesmo não sendo já uma mocinha, pode sentir-se à vontade para começar uma nova fase da sua vida. Seja como for, ela pode dar, de

forma violenta, até mesmo, um novo rumo à sua existência. E toda umha série de questons coordenadas seriam resolvidas. Eu entraria novamente na minha «concha sarda». Nom quero dizer que nom sofreria. Mas cada dia que passa fai com que me sinta mais insensível e adaptável. Poderia suportá-lo. Habituaría-me. Já reduzim em grande medida a «carcerite», e nos últimos dias percebim que estou, deste ponto de vista, melhor do que pensava. De resto, nom perdim ainda demasiada sensibilidade para nom ser capaz ainda de compreender certas cousas. Se calhar, dentro de um ano hei de estar completamente mudado, e nom terei a capacidade de sentir o que hoje ainda sinto, caindo no egoísmo mais grosseiro e animalesco. Tu debes ter, neste caso, umha grande força de ánimo e debes ser absolutamente imparcial. Deves pensar mui friamente isto que che escrevim, pensando no porvir de Giulia e na sua vida. Nom sei o que decidirás fazer. Aviso-te que nom vou escrever para Giulia antes de ter recebido umha resposta tua. Sei que che imponho umha grave responsabilidade, mas tenho a certeza de que podes assumi-la. Podes escrever para Giulia diretamente, ou comunicar-lhe esta carta minha de forma integral ou em parte.

Antonio



5 de dezembro de 1932

Queridíssima Tania,

recebim o teu postal de 30 de novembro e a carta de dia 2. Sinto muito que estivesses doente e que ainda nom te repugesses. Mas por que nom mo mencionache? Doi pensar que, nom sabendo do teu mal, pudesse ter contribuído (como certamente aconteceu) para te tornar mais nervosa e preocupada, para agravar consequentemente o próprio mal. Penso que dis a verdade quando dis que já estás melhor, é por isso que che escrevo certas cousas. Seja como for, debes convencer-te mesmo de que ocultar-me certos factos é pior que anunciá-los de repente; criam-se complicaçõs que aumentam o pesar e deixam umha pegada permanente de dúvida angustiosa a causa de outras cousas ainda desconhecidas e novos pesares ocupam a cabeça.

Querida Tania, pido-che de todo coração que nom queiras discutir, analisar nem procures confutar a minha carta de 14 de novembro<sup>177</sup>. Pareceria-me que som viviseccionado como umha cobaia. Entendo mui bem que podes retrucar cada ponto dela, como dous e dous som quatro. Mas pido-che que acredites que também eu sei as quatro operaçõs e a tábua pitagórica. Nom se trata entom da maior ou menor facilidade para encontrares argumentos contrários aos meus. Nem se trata de que eu necessite expressõs afetuosas, de ser consolado ou de ser acariciado. Estas cousas som lindas e boas, mas neste caso concreto está fora de lugar e pareceriam (devo dizê-lo francamente) convencionais, como um cumprimento por obrigação. Pido-che por isso que nom entres em discussõs.

177 Cfr. Carta 124.

Umha única cousa debes responder-me: estás disposta a tornar-te intérprete ante Giulia sobre o que che escrevim, ou tê-lo por impossível? Um sim ou um nom, eis o que desejo saber. Qualquer cousa parecida com umha discussom desgostaria-me imensamente. Trata-se de umha operação cirúrgica, em certo sentido de umha decapitaçom, e justifica-se somente se for realizada com um corte neto, decidido; de outra maneira converteria-se numha tortura chinesa. Teria desejado que me tivesses respondido depressa; nom o pudeche fazer. Paciência. Porém, nom debes revolver agora o punhal na ferida.

Permite que che diga umha verdade dolorosa. Amiúde, quem quer consolar, ser afetuoso etc., é na realidade o mais feroz dos torturadores. Também no «afeto» é preciso ser sobretudo «inteligente». Em breve estaremos no 1933; começou já umha nova fase da minha vida carcerária. Pois bem, é preciso que che fale mesmo com franqueza. Visto que nem sequer ponho em dúvida o teu afeto por mim (é esta umha premissa sempre presente no meu espírito, mesmo quando a menciono e acho inútil fazê-lo, como o seria estar a lembrar sempre que minha mae ou Giulia me querem) e já penso que a minha carta de 14 de nov. vai ficar, para já, sem consequências decisivas, quero-che dizer que também a tua atitude deve mudar nalguns pontos. Acredita que nom quero fazer recriminaçoms (que seriam estúpidas), mas quero fazer que lembres um episódio de há alguns anos, que se calhar esqueceche e sobre o qual penso que nom refletiche avondo como para tirar dele umha norma de conduta. Lembras que no 1928, quando estava no cárcere judiciário de Milám, recibim umha carta de um «amigo» que estava no estrangeiro? Lembras que che falei dessa carta tam «estranha» e que che contei que o juiz instrutor, assim que ma entregou, acrescentou de maneira literal: «honorável Gramsci, tem amigos que desejam certamente que fique

um pedaço na cadeia»?<sup>178</sup>. Tu mesma me contache outro juízo emitido sobre esta mesma carta, juízo que culminava com o adjetivo «criminal». Pois bem, esta carta era extremamente «afetuosa» ao meu respeito, parecia escrita pola solicitude impaciente de me «consolar», de me encorajar etc. Contudo, quer o juízo do juiz instrutor quer o outro de que che falei, eram objetivamente exatos. Portanto, pode cometer-se um ato criminal querendo fazer bem, pode alguém, querendo-chê fazer bem, ter reforçado em troca as tuas cadeias? Parece que sim, em opiniom do juiz instrutor do Tribunal Militar Territorial de Milám, opiniom que, como che consta, coincidiu com a de outro que está nos antípodas. E justamente, porque, lendo-me alguns trechos da carta, o juiz fijo-me observar que ela podia ser (à parte do resto) mesmo catastrófica para mim, de maneira imediata, e isso nom era somente porque nom queria encarniçar-se, porque se preferia deixá-lo correr. Tratou-se de um ato perverso, ou de umha ligeireza irresponsável? É difícil dizê-lo. Pode ser um e outro caso ao mesmo tempo; pode ser que quem escreveu fosse apenas irresponsavelmente estúpido, e algum outro, menos estúpido, o induzisse a escrever. Mas é inútil romper-se a cabeça com questons assim. Fica o feito objetivo, que tem o seu significado.

Querida Tania dizem-chê que começou umha terceira fase da minha vida de preso. A primeira fase foi do meu ar-

178 Trata-se de umha carta escrita polo dirigente comunista Ruggero Grieco, desde Moscovo, no dia 10 de fevereiro de 1928. Griego informava assim a Gramsci (e mandava cartas análogas a Terracini e a Scoccimarro) da luta em curso no grupo dirigente soviético e do seu resultado. G. foi mui prejudicado por aquela iniciativa, que podia comprometer posteriormente a sorte dos detidos comunistas italianos à espera de julgamento, já que nela era exaltada a sua figura de dirigentes de primeiro plano. Cfr. o texto da carta de Griego citada em *Rinascita*, n.32, 9 de agosto de 1968.

resto até a chegada daquela célebre carta: até esse momento existiam probabilidades (com certeza, somente probabilidades, mas que mais se pode pedir) de umha mudança na vida, mas diferente daquela que se verificou depois; as probabilidades fôrom destruídas, e ainda podia ter passado algo pior. A segunda fase vai daquele momento a começos do novembro passado. Existiam ainda possibilidades (já nom probabilidades, apenas possibilidades, mas sei que as possibilidades nom som também preciosas e sei que nom é preciso tentar agarrá-las?) e também elas fôrom perdidas, asseguro-cho, nom pola minha culpa, mas porque nom se quijo dar ouvidos ao que indicara no tempo oportuno. Isto devo-lho a Carlo e à sua estupidez fátua (nom me refiro ao telegrama, que é umha estupidez menor). Mas por que nom vinheche a Turi no 1932, como prometeras em começos de janeiro? Se nom o tivesses prometido e eu nom tivesse contado com a promessa, teria-cho escrito que vinheches. Dixem-cho que nom quero fazer recriminaçõs. Somente quero que o passado sirva polo menos de liçom para este terceiro período, para que nom se repitam os erros, as faltas do passado. Esta terceira fase que começa é a mais dura e a mais difícil de superar. É por isso que che pido que nom fagas nada sem o meu consenso, nom escuites nengum conselho relativo a mim, fai só e «literalmente» o que eu che poda indicar.

Com esta longa ladainha minha quigem incutir em ti esta convicçom: que nom chegam as boas e afetuosas intençõs, mas que é preciso muitas outras cousas antes de tomar umha decisom que nom seja somente relativa a nós mesmos: antes de mais, é preciso o consenso explícito do interessado sobre o que pesarám as consequências desastrosas que nem sempre se sabe prever. Abraço-te

Antonio

19 de dezembro de 1932

Queridíssima Iulca,

recebim a tua carta de dia 2. Polo que me escreve Tania, parece que nom recebeche algumas cartas minhas (por exemplo, umha dirigida a Delio). Nom me desgosta demasiado, a dizer verdade, que se extravie algumha; mas infelizmente isto só pode acontecer de forma casual e nom de umha forma acaída, é claro. O que quero dizer é que depois de escrever algumas cartas sinto mesmo vergonha, porque percebo que adotei um tom pedante, que muitas vezes che parecerá cómico. Isto explica-se por muitas circunstâncias ligadas às minhas condições de vida, a alguns acontecimentos dos passados anos e também polo feito de haver nas tuas cartas poucas ideias que suscitem umha resposta. És demasiado abstrata e genérica, enquanto eu necessitaria maior concreçom. Perdim muita capacidade para imaginar, perdim a maior parte dos contatos com o corrente da vida real; as minhas lembranças, embora vivazes, tenhem seis anos mais e quanto nom terá mudado nestes seis anos? Nom poddo senom ser «anacrónico» em tudo; e por isso, como acontece sempre, refugio-me na pedanteria, em ser um pregador, porque com certeza quero dizer algo e fingir que che ajudo, mas sem que poda ajudar-che de facto a superar a fase atual da tua existência, que me parece própria de umha convalescente, que fai mil projetos de atividade e que nom sabe por onde começar. Isso fai-me acreditar que também em ti há algo anacrónico, que também a ti, mesmo que seja de umha maneira mui diferente da minha, che aconteceu que durante alguns anos ficache nas margens da corrente vital e nom sabes como mergulhar nela de novo (ou pensas que nom sabes e nem percebes, se calhar, que desde há um

tempo voltache a trabalhar). Umha vez aconselhei-che que retomasses a música, como eu voltaria aos meus estudos de Filologia. Visto que o estudo da música foi o ponto de partida das tuas experiências, pensava que tornando a ele reviverias o passado com umha maior consciência crítica, e retomarias as etapas da tua existência, nom para repeti-las de umha maneira mecânica, mas para percorrê-las outra vez com intensidade e para verificar o elo quebrado da cadeia (caso houvesse um elo quebrado). Neste sentido, nom sei se compreendeches o meu conselho, ou se viche nele apenas um conselho dirigido a dar um conteúdo qualquer a isso que tu chamas o «estado de inércia» em que te encontras desde há demasiado tempo. Muitas vezes acontece que ao voltar às próprias experiências passadas, com todo o enriquecimento posterior, fam-se descobertas interessantes e um repara em que se tem desviado levemente da linha que teria permitido um maior despregamento das próprias forças, e portanto um maior contributo para colaborar no desenvolvimento das forças históricas vitais. Mas o leve desvio inicial chegou a ser cada vez maior e mortificou a própria personalidade; retificá-la poderia significar umha recuperação mais normal, mais proveitosa, mais rica em valores. Como vês, mesmo estas som observaços abstratas, necessariamente genéricas. Informa-me entom de maneira exata sobre a tua nova tentativa de cura. Estou contente de que as crianças ficassem este Outono imunes às doenças sazonais e estou contente também... de que escrevesse com a minha caneta-tinteiro. (Mas leva em conta que é preciso enchê-la com a tinta fluida das estilográficas e nom com a corrente, que fai pouso e entope os canais de escoamento). Abraço-te, querida, junto aos nossos filhos.

Antonio

2 de janeiro de 1933

Queridíssima Tania,

recebim há pouco a tua carta e o postal dos últimos dias do ano. Agradeço-che os parabéns e retribuo-os, acrescentando mais outros para a tua festa de 12 de janeiro; lembrei a tempo que Santa Tatiana é o 12 de janeiro. Estou contente das tuas garantias a propósito do prof. Arcangeli. É possível que eu tenha acima de mim algo de espírito de perseguição, mas a tua mofa nom me parece mui justa, porque sofri muito e ficou-me um nervosismo que nom dou superado. Escrevim-che dessa maneira porque me comunicárom que a tua instância fora acolhida favoravelmente, isto é, permitiu-se que o prof. Arcangeli me visite. Visto que devêrom comunicar-che o mesmo há algum tempo (assim o pensei eu polo menos, dado que a instância era tua) e tu nunca o mencionache, véu-me umha certa inquietação e a dúvida de que quigesses dar-me umha surpresa que teria sido mui desagradável.

Nunca che escrevim que me marcasses «a mim» umha data para umha chegada tua a Turi; somente che escrevim que nom aludisses de maneira vaga à possibilidade, senom que falasses dela só quando te decidisses de maneira concreta. Igualmente, penso que nom térazom a propósito das tuas informações sobre o decreto de amnistia e indulto<sup>179</sup>. Escreveche-me sobre isto aos poucos, em três partes. A primeira vez dixeches que estiveras no Tribunal Especial, mas escrevias de um maneira curiosa; dizias que a minha hipótese mais fa-

179 Por ocasiom do «décimo aniversário» do regime fascista fôrom promulgadas disposições de amnistia e perdom, estendidos aos condenados políticos. Em base a tais disposições, a condena de G. foi reduzida a 12 anos e 4 meses.

vorável se verificara, ou melhor, dizias que te «orgulhavas» de que me tivesse mostrado tam «inteligente», enquanto a realidade era bem diferente, já que em vez de 5 anos (a minha hipótese mais favorável) restavam-me por descontar 6 anos e 4 meses. A segunda vez, seguindo umha ordem tua de ideias que me era desconhecida, figeche alusons incompreensíveis em si mesmas. Finalmente, expugeche em terceiro lugar umha análise detalhada, que nom se apresentava contudo como objetiva, mas em contraste com as minhas cartas anteriores. Em conclusom, nom comprendim nada, exceto que a condena foi reduzida a 12 anos e 4 meses, a saber, que devo descontar ainda 6 anos, 4 meses e 17 dias. Entendo que isso nom demonstra pola minha parte essa inteligência de que te orgulhavas, mas contudo é a verdade nua e crua, a minha grande vergonha e desonra. Refletindo nestas cartas tuas e na maneira bem artística e original com que dás as informações, acabei por admirar o estilo burocrático, na sua sóbria aridez e no seu formalismo pedante: —Objeto: tal— Comunica-se que etc. etc. 1º, 2º, 3º, etc.

Asseguro-che que aguardei a meia-noite de 31 de dezembro para ter a impressom de entrar no ano novo. O ano velho nom estivo precisamente cheio de lembranças agradáveis para mim; foi o ano mais feio que passei no cárcere. Nem sequer o ano novo se apresentava com perspectivas aliciantes. Se o ano 32 foi feio, parece-me que o 33 vai ser pior. Estou consumido e ao mesmo tempo os pesares vam aumentando; a relação entre as forças disponíveis e o esforço para aguentar piorou ainda. Todavia, nom estou desmoralizado; ao contrário, a minha vontade tira o alimento precisamente do realismo com que analiso os elementos da minha existência e resistência.

Abraço-te afetuosamente

Antonio

A propósito do prof. Arcangeli quero que te convenças de que nom exluo (ao contrário) umha visita sua, mas só desejo escolher o momento mais oportuno e útil. Por isso informa-me com exatidade da resposta que dêrom à tua instância.



(Carta 128)

16 de janeiro de 1933

Queridíssima Iulca,

desde há um tempo nom recebo cartas tuas (a última tinha a data de 2 de dezembro). Antes de ontem tivem umha conversa com a Tania, que véu visitar-me; nom nos víamos desde havia dous anos e meio. Como podes imaginar, isto alegrou-me muito e rompeu a terrível monotonia da minha vida.

Em passados dias lim por acaso alguns trechos de um «Diário» juvenil de Cesare Lombroso e encontrei nele alguma ideia que tem a ver com o que observache a propósito de Giuliano e do seu olhar-se no espelho. Escreve Lombroso: «Lembro mui bem a época em que me vim no espelho e *reparei na minha presença* — acordou-me a mais viva curiosidade. Tinha entre quatro e seis anos». Lombroso distingue na sua vida juvenil a época em que reparou na sua existência como pessoa física e aquela em que reparou na sua pessoa psíquica (polos dezasseis anos) e parece-me que a distinçom é justa e que tem a sua importância. Nom achas que também no caso de Giuliano se trata de um feito análogo? Quer dizer, que ele começou a pensar na sua existência, na sua personalidade, de umha maneira mais concreta e que isso o empurra a olhar-se de tanto em tanto no espelho, quase para ter a certeza que é o mesmo ou para ver se mudou nalgo? Observache algu-

mha vez como as pessoas maiores nom conseguem lembrar já que fôrom crianças e que por consequência compreendem difficilmente a maneira de pensar e as reaçõs que se dam nas psiques das crianças com quem devem tratar? É por isso, nem sempre conseguem aperceber-se de determinadas atitudes das crianças. Se calhar, torna-o mais complicado ainda a diferença dos sexos; a saber, umha mae compreende pior os filhos e vice-versa. Escreve-me algo a este propósito; é algo que me interessa muito. — Tania dixo-me que seria bem que che escreva algumas cousas das modificaçõs acontecidas na minha posiçom «jurídico-carcerária», após o decreto de amnistia e indulto do passado novembro. Eis do que se trata: antes deste decreto, tinha que descontar ainda treze anos de cárcere (a partir do 19 deste mês); após o decreto este tempo diminuiu de forma notável. Nom tivemos ainda nengumha comunicaçom oficial a respeito; porém, parece que o prazo se reduziu a seis anos e quatro messes, embora a minha opiniom é que, nos termos da lei com que fum condenado, ele deve reduzir-se a cinco anos e quatro messes. Seja como for, a cousa que pode ser interessante é esta: que quando um chega a encontrar-se nestas condiçõs gerais (mais precisamente, quando, além das outras condiçõs, deve descontar nom mais de cinco anos) pode fazer a petiçom (se tiver o direito abstrato para o fazer) de liberdade condicional, quer dizer, umha condiçom de liberdade vigilada pola polícia. Nom sei se isto tudo pode interessar-che muito. Eu penso assim: que da mesma maneira que umha pessoa normal nom pode fazer projetos e perspetivas para além dos três anos, qualquer limite de tempo que supere os três anos na prática equivale ao infinito. Mas talvez exagere e os seis anos de cárcere já descontados contribuírom para me envilecer, para me limitar os horizontes. Seja como for, os factos objetivos som tal como che escrevim. Pode ser também

que eles acabem por serem mais importantes do que eu poda pensar, já que no porvir se pode pensar que as probabilidades favoráveis e as desfavoráveis estão em equilíbrio. Queridíssima Iulca, abraço-te forte forte.

Antonio



(Carta 129)

30 de janeiro de 1933

Queridíssima Iulca,  
recebim umha carta tua bastante comprida. Que Giuliano propugera mandar-me o primeiro dente de leite que perdeu agradou-me muito: parece-me que este gesto mostra de maneira concreta como ele sente um vínculo real entre nós. Se calhar, terias feito bem em enviar-me de verdade o dente, de maneira que esta impressom se tivesse fortalecido ainda mais no seu ánimo. As notícias que me envias sobre as crianças interessam-me enormemente. Nom sei se as minhas observaçons som sempre adequadas; se calhar nom, porque, apesar de tudo, o meu juízo só pode ser unilateral. Tania transcreveu-me umha carta tua para ela. Penso que tu, ao escrever-me, evitas dizer-me muitas cousas, se calhar por temor a entristeceres-me, dadas as minhas condições como preso. Acho que debes convencer-te de que podes ter comigo toda a franqueza possível e nom ocultar-me nada; por que nom deveria haver entre nós o máximo de confiança sobre tudo? Achas que é melhor nom saber, duvidar se se me oculta algo e nom estar portanto nunca certo de que a minha atitude é justa? Querida Iulca, debes mesmo escrever-me sobre ti e sobre as tuas condições de saúde com toda a precisom possível, sem duvidares

polo temor de que caia na depressom. Só me poderia deprimir saber que nom luitas por melhorar, por recuperares as forças, e nom creio que seja assim. Embora o porvir seja ainda obscuro, nom por isso é necessário relaxar-se. Eu atravessei muitos momentos maus, sentim-me muitas vezes fisicamente débil e quase extenuado, mas nunca cedim à debilidade física e, por quanto é possível dizer que nestas cousas, nom penso que vaia ceder tampouco de agora em diante. Contudo, podó ajudar-me bem pouco. Quanto mais me dou conta que devo atravessar maus momentos, que som débil, que vejo agravar-se as dificuldades, tanto mais me endureço, tensando todas as minhas forças de vontade. Algumas vezes recapitulo estes anos passados, penso no passado e parece-me que se me tivessem anunciado há seis anos que tinha que passar polo que passei, nom o teria crido possível, teria pensado que me romperia a cada momento. Precisamente há seis anos, passei —adivinhalo?— por Ravisindoli, no Abruzzo<sup>180</sup>, que mencionache alguma vez, por teres estado ali em férias, no verao. Passei por ali num vagom de metal fechado que estivera toda a noite baixo a neve e eu nom tinha nem gabardina, nem camisola de lá e nem sequer podia mover-me, dado que era preciso estar sentados pola falta de espaço. Tremia todo como se tivesse febre, batia os dentes, e parecia-me que nom seria capaz de acabar a viagem porque se me congelaria o coração. Porém, desde entom passárom seis anos e dei-me tirado de cima das costas aquele frio de frigorífero, e se alguma vez me voltam aqueles calafrios (que me ficárom um pouco nos ossos) ponho-me a rir, lembrando o que pensava entom e que parecem puerilidades. Em soma, a tua carta a Tania pareceu-me demasiado me-

180 Durante a transferência de Útica para Milám, em janeiro-fevereiro de 1927.

lancólica e tétrica. Penso que também tu és bem mais forte do que tu mesma nom pensas e que por isso debes ainda curtir-te, e entesar-te toda para superar a crise pola qual passache, de maneira decisiva. Querida, eu gostava de te ajudar, mas amiúde penso que no passado, por nom saber exatamente como estavas, podem ter contribuído polo contrário para fazer com que te desesperasses ainda mais. Escreve-me amiúde; obriga-te a ti mesma e escreve-me mais amiúde. Manda também a Delio e a Giuliano que me escrevam. Sobre Delio lim umha carta de Genia a Tania da qual, na verdade, gostei pouco. Depois de ter lido essa carta, o que escreves a propósito da mestra de Delio, e dos seus erros de avaliação, nom me parece mui convincente. Parece-me que Delio vive numha atmosfera ideológica um pouco doentia e bizantina, que nom o ajuda a ser enérgico, que antes o enerva e debilita. Quero escrever ainda para Delio alguma história de animais, mas tenho medo de repetir cousas já escritas, porque agora esqueço as cousas mui facilmente. Abraço-te forte forte, querida.

Antonio



(Carta 130)

13 de fevereiro de 1933

Queridíssima Tania,

Recebim duas cartas tuas e o Quadro Nox. Teria querido dedicar esta carta toda a responder a tua de dia 3, porque me fijo pensar muito e me convenceu de que devo ser contigo muito mais franco (ou talvez seja melhor dizer «muito mais exato») do que talvez fosse até agora, mas a tua de dia 10, polo seu caráter concreto, penso que exige umha resposta imediata.

O que me escreveche a propósito da minha posição jurídica e da proposta da instância para fazer ao Tribunal Especial interessou-me muito, como podes imaginar<sup>181</sup>. Vou-che fazer ainda alguns comentários, para serem examinados polo advogado Piero e por aqueles que segundo a tua opinião podem ocupar-se do meu assunto, com estas condições. Sei bem que nom entendo nada destas cousas e podó enganar-me facilmente; os comentários que fago nom derivam da «sabedoria jurídica», mas de analogias com factos chegados ao meu conhecimento ou de juízos expressados por homens que eu julgava competentes. Porém, comprovei que realmente existe um «mistério do cúmulo jurídico», já que escutei que mesmo entre os advogados que se ocupárom do processo existiam juízos díspares. Se me tivesses citado os artigos do Código Zanardelli que fam referência a este «mistério», e que eu nom lembro, teria-me desaparecido qualquer dúvida; mas nom dei entendido como nem sequer esta vez —apesar de teres afirmado há algumas semanas que transcreveras o texto— considerache oportuno copiá-los e desta maneira pões fim à questom. Sabes? Vem-me à cabeça umha anedota e quero contar-cha porque é divertida (porém, nom debes ofender-te). Há muitos anos promulgou-se unha lei sobre os campo-santos (que obrigava os Municípios a manterem os cemitérios a nom menos de 500 metros da povoação) e o Ministério da Administração Interna enviou umha circular a todos os Presidentes de Câmara, perguntando a que distância da povoação do Município estava o cemitério. O Presidente da Câmara de Maracalagonis, que se figera célebre também por outros feitos, respondeu que

181 Piero Sraffa empregou-se para que se concedesse a G. a liberdade condicional: petição contemplada polo Código Civil para os condenados que tivessem descontado já mais de metade da condena.

o cemitério distava da povoação um tiro de espingarda. Réplica do Ministério, que pede maior precisom e nova resposta: o cemitério dista um tiro de pedra lançada por umha mao destra. O Ministério replica ainda e obtém umha nova resposta: dous voos de perdizes em idade madura, e assim a seguir. Assim me parece esta questom do cúmulo jurídico segundo o Código Zanardelli. Repito, nom som competente, mas reparei em que o Código Zanardelli, a diferença do novo Código, quando existe coincidência de penas na mesma condena (e nom só na mesma condena), o «cúmulo» indicava um jeito de cálculo polo qual a pena total seria sempre inferior à soma das diferentes penas (o que se entende como depois da homogeneização das penas mesmas). No meu caso particular, as seis penas da condena somavam dezoito anos e oito menses de reclusom, e doze anos e dez menses de detençom; reduzida a detençom na reclusom (os doze anos e dez menses convertem-se em quatro anos, três menses e dez dias) a soma teria sido de vinte três anos, um mês e dez dias, mas polo cúmulo foi de vinte anos, quatro menses e cinco dias. Como aconteceu isto nom o sei, mas aconteceu, e isso fai-me acreditar que realmente existe umha lei do cúmulo; é possível que no meu caso específico esta lei nom seja aplicável, nom o excludo, mas pola tua carta nom o parece. Como che escrevim outras vezes, lim um despacho do Tribunal de Apelaçom de Florença; tratava-se de um detido que com sentenças diferentes tivera duas condenas, umha a reclusom comum e umha a reclusom militar. No despacho, após a aplicaçom do indulto, calculara-se a pena total assim: 1º reduçom da reclusom militar a reclusom comum, isto é, diminuiçom de um quinto da reclusom militar, 2º passagem ao cúmulo, polo qual a reclusom militar reduzida a um quinto dividia-se ainda pola metade (por exemplo, dez anos de reclusom comum e cinco anos de reclusom militar dam um

cúmulo de doze anos). Este exemplo, tanto mais expressivo na medida em que se trata de duas condenas diferentes, fai-me acreditar que o advogado Piero nom aprofundou suficientemente no «mistério». Um outro ponto da tua carta que me fai pensar que fum mal entendido é este: eu dixem que pensava que no meu caso se aplicara a norma do novo Código polo cômputo do indulto devido às núpcias do príncipe herdeiro, já que de outra maneira a pena para descontar teria sido ainda maior, porque sendo excluído nesse decreto de indulto o artigo 252 do benefício, com a applicaçom das normas do velho Código, teria-me beneficiado apenas de quatro messes (um ano de detençom dividido por três) e nom de um ano, quer dizer, em vez de doze anos e quatro messes teria que descontar ainda treze anos e dous messes. Mas vejo que a questom se complica cada vez mais. Parece-me que para estar convencido é necessário ter diante o texto dos artigos 68, 69 e 75 do Código Zanardelli. Depois de ler estes artigos e convencer-me de que nom devo fazer nengumha instância de revisom neste terreno da applicaçom do decreto de amnistia, poderá-se falar em realizar a proposta que me fás em nome do advogado. Em linhas gerais, concordo e dou a minha autorizaçom para que o processo se inicie. Acho mesmo que é melhor que o processo o assuma directamente o advogado e nom eu; tanto melhor se fosse possível alegar nele o parecer de um professor de Direito Penal. No entanto, nom sei o que significa «autorizaçom», isto é, nom sei se é necessária umha autorizaçom legal, ou seja, umha procuradoria.

Queridíssima, confesso-che que todos estes processos nom me inspiram muita confiança, quer dizer, nom acredito que se poda obter algo positivo. Por que os consinto entom? É o que gostaria de ter-che escrito com maior amplitude em resposta à tua carta de dia 3, que, reconheço-o, é objetivamen-

te mui justa em muitos aspectos; é verdade. Entrei, desde há algum tempo, desde há cerca de um ano e meio, numha fase da vida que, sem exageros, podó definir como catastrófica. Já nom consigo reagir ao mal físico, e sinto que as forças me falham cada vez mais. De resto, nom quero abandonar-me à corrente, isto é, nom quero desleixar nada que, mesmo de umha maneira abstrata, poda oferecer umha hipótese para pôr fim a este sofrimento. Parece-me que se desleixasse algo, isso num certo sentido, equivaleria a um suicídio. Cheguei a estar cheio de contradições, é verdade, mas nom até o ponto de nom compreender estas cousas elementares. Nom penses que exagere, e sobretudo nom penses que as minhas condições se devem a causas psíquicas. É claro que os reflexos psíquicos existem, e nalguns momentos parece que enlouqueço, mas as causas som essencialmente físicas, já que as minhas forças estão esgotadas. Digo-che isto porque entendo que necessito também a tua indulgência: certas vezes devo alporizar-te com as minhas maneiras e as minhas pretensons. E digo-cho porque quero que tenhas umha imagem neta da gravidade das minhas condições e que isso che induza, na medida das tuas possibilidades, a nom desleixares nada do que temos falado durante a conversa. Pola tua carta parece que tiveche a possibilidade de ver rapidamente o advogado Piero: isso pujo-me mui contente. Querida Tania, em ocasiõs parece-me que torno a ser outra vez umha criança; teria vontade de chorar, tam esgotado me sinto, e tenho medo de acabar delirando. Nom pensava que o físico pudesse levar tanta vantagem sobre as forças morais, nem contara antes demasiado com as minhas forças. Para além disso, nom debes impressionar-te em excesso: já nom podó ocultar mais este estado de cousas. Asseguro-che que o que ainda me dá um pouco de forças é a noçom que tenho das responsabilidades com respeito a Iulca e aos nossos

filhos; de outra maneira nem luitaria, de tam pesada e odiosa que chegou a ser para mim a vida.

Abraço-te com tenrura

Antonio

Relim a carta e percebim a puerilidade da minha insistência no cálculo do cúmulo. Apesar de que pida ainda, para a minha satisfaçom, que me fagas chegar o texto dos artigos relativos, é evidente que por este lado nom há nada que fazer. Por isso podes autorizar o advogado para fazer o processo proposto, assim que o considerar oportuno, visto que chega com esta forma de autorizaçom. E agradece-lho muito da minha parte. Também nom che agradecim o Quadro Nox. Queridíssima, pido-che que sejas mesmo indulgente comigo.

Antonio



(Carta 131)

27 de fevereiro de 1933

Queridíssima Tania, acho é inútil, depois do que dixem pessoalmente, repetir as habituais ladainhas sobre as minhas moléstias físicas. Penso que, nas condições em que se desenvolve o nosso diálogo, cada prolongaçom, em lugar de fornecer elementos de clareza, fornece apenas elementos de confusom. Porém, quero falar um pouco da minha situaçom moral, por assim dizer, isto é, da soma de sentimentos que me ocupam normalmente e daqueles que sobranceiam de maneira especial entre os outros e dam um aspeto geral. Penso que poddo assegurar que, polo menos até agora, o elemento psíquico nom determina o físico, e

nem sequer à inversa; porém, é verdade que em determinadas condições físicas, certos sentimentos fam-se mais imperiosos e chegam por vezes a ser obsessivos. É por isso que, pode dizer-se que quando o curso dos pensamentos assume umha certa direção, ou se intensifica nessa direção, corresponde com umha determinada situação física e indica um agravação dela. No meu caso particular, é certo que em todos estes anos pensei sempre em certos factos (especificamente, na série de factos que podem ser resumidos simbolicamente na famosa carta de que me falava o juiz instrutor em Milám e sobre a qual conversei também recentemente contigo<sup>182</sup>), mas é certo também que nestes últimos meses estes pensamentos vinhérom, por assim dizer, intensificando-se, se calhar porque diminuía a minha confiança em poder esclarecê-los pessoalmente, em poder ocupar-me deles «filologicamente», remontando-me às fontes e chegar a umha explicação plausível deles. O que hoje che quero dizer é isto: que a esta série de factos ligo as manifestações da minha relação com Iulca. Quer dizer, que a esta série de preocupações estavam ligadas certas cartas que che escrevim há muito tempo e que se calhar nom esqueceche, até a última, que tu por vezes chamas de «célebre» e que nom está mui afastada no tempo. Seja como for, inclusivamente hoje estou convencido de que nas minhas relações com Iulca existe um certo equívoco, um duplo fundo, umha ambigüidade que impede ver claro e sermos completamente francos: a minha impressom é que me mantenhem à parte, que represento, por assim dizer, «um processo burocrático» para arquivar, e mais nada. Olha que eu som o primeiro que estou convencido de ter cometido erros, mas a impressom

182 Cfr. Carta 125.

é que nom se trata destes erros, mas sim de outra cousa que me foge e nom dou identificado de maneira precisa. De resto, como bem podes imaginar, embora viva no cárcere, isolado de qualquer fonte de comunicação, direta e indireta, alguns elementos de juízo e de reflexom chegam-me de todas formas. Chegam de maneira puntual, irregular, em longos intervalos —como nom pode deixar de acontecer— através dos discursos ingénuos daqueles que ouço falar, ou fago falar, e que de tanto em tanto levam o eco de outros ambientes, de outras vozes, de outros juízos, etc. Nom perdim ainda as qualidades de crítica «filológica»: sei discernir, distinguir, integrar, atenuar os exageros conscientes, etc. Podo cometer algum erro em geral —estou disposto a admiti-lo—, mas nom decisivo, capaz de dar umha direção diferente ao curso dos meus pensamentos. De resto, nom vejo oportuno escrever-che outras cousas. Conheces a minha maneira de pensar: o escrito adquire um valor «moral» e prático que transcende muito o simples feito de estar escrito, que é contudo umha cousa puramente material... A conclusom, por dizê-lo de maneira resumida, é esta: fum condenado no dia 4 de junho de 1928 polo Tribunal Especial, isto é, por um determinado colégio de homens e poderiam ser indicados os seus nomes, endereços e profissoes na vida civil. Mas isto é um erro. Quem me condenou é um organismo muito mais vasto, do qual o Tribunal Especial nom foi senom o sinal externo e material, aquele que redigiu o documento legal da condena. Devo dizer que entre as pessoas que me condenárom estivo também Iulca, de umha maneira inconsciente —estou firmemente convencido—, junto a umha série de pessoas que estivo de umha maneira menos inconsciente. Esta é, polo menos, a minha convicçom, já firmemente determinada, dado que é a única que explica umha série de feitos sucessivos e congruentes entre eles. Nom sei se figem

bem em escrever estas cousas, pensei-no muitas vezes, hesitei e mais tarde convencim-me polo sim. Nem penses que o meu afeto por Iulca tenha diminuído. Ao contrário, ao meu ver parece que aumentou, polo menos num certo sentido. Conheço por experiência o ambiente em que vive, a sua sensibilidade e a maneira em que se pudo produzir nela umha mudança. Achei que devia escrever-che, porque penso que cheguei a um momento decisivo na minha vida no qual é preciso, sem mais dilaçons, tomar umha decisom. Esta decisom está tomada. A linha de conduta que che indiquei nas últimas conversas e nas últimas cartas, é apenas umha parte condicional destas decisons. Em certas ocasiõs pensei que a minha vida toda foi um grande erro (grande para mim), um engano. Mas aquilo que me convence de que isso nom é exatamente verdade é a tua atitude e especialmente a do advogado. (Nom te ofendas se ponho o advogado antes que a ti; existem razons plausíveis e nom som ofensivas para ti, e tu mesma podes entendê-las). Mas isto nom é suficiente.

Recapitulando: quero convencer-te de que as minhas condições psíquicas, apesar de que estão unidas às condições físicas, nom som contudo a sua causa e origem. Som todo o mais o seu sintoma externo, ou a sua forma: polo qual, mesmo se, como hipótese, elas desaparecessem, nom desapareceriam por isso os males físicos: mudaria a forma, é assim, o qual nom me parece grande cousa. Tomados em si, os males psíquicos som bastante graves (no sentido que a minha força de vontade consegue dominá-los e controlá-los cada vez menos) e este agravamento é um sintoma de cansaço físico, isto é, mais exatamente de enfraquecimento da vontade, no sentido físico da palavra: sinto mesmo umha desagregaçom das forças intelectuais em si, e disso já deviches ter umha impressom por algumas das minhas cartas. Em geral, sinto que estou atra-

vessando a fase mais crítica da minha existência e que esta fase nom pode durar muito tempo sem causar, fisicamente e psiquicamente, resultados e complicaçõs de que nom se pode voltar mais para atrás, porque som decisivas. Isto que che escrevo está destinado a ti e ao advogado que se ocupa dos meus assuntos. Nom quereria que se destinasse a Iulca, mas direi-cho: com ela nom penso que cheguem as declaraçõs formais, como as que figem até agora. Seria preciso tratar o miolo da questom de umha maneira ampla e isso nom se pode fazer (polo menos eu nom sei fazê-lo) por carta. E ainda as palavras nom chegariam por si soas; deviam acompanhar-se por feitos. Acredita que isso me preocupa. Tenho a impressom de que Iulca sofre um pouco o meu mesmo mal, que polo menos umha parte do seu mal-estar deriva das mesmas causas de que deriva o meu mal-estar psíquico. Nom sei se podes intervir de algumha maneira. Vejo a cousa mui difícil, porque conheço certas condiçõs e certos precedentes que a ti che escapam por necessidade, e sem cujo conhecimento, de resto, penso que qualquer intervençom deva parecer superficial e convencional. Considera que em cousas assim penso desde há quatro ou cinco anos e que portanto as analisei em qualquer mínimo aspeto e em todas as combinaçõs possíveis. Nom há conclusom para quanto che escrevim. Na prática, penso que a conclusom é a habitual: prosseguir com firmeza nas linhas fixadas, sem fazer cousas inúteis ou supérfluas, de maneira que tudo o que é possível realizar com a nossa vontade seja realizado de maneira exata; quanto ao resto, como nom pode ser considerado, nom deve preocupar-nos. Agradece ao advogado quanto fijo por mim e há de querer fazer ainda. Com ele falar de gratitude parece-me ocioso. Abraço-te com tenrura.

Antonio

6 de março de 1933

Queridíssima Tania, ainda lembro (o que nem sempre passa nos últimos tempos) umha comparação que figem na conversa do domingo para explicar-che o que me acontece. Quero retomá-la para tirar dela algumas conclusões práticas que me parecem interessantes. Dixeram-che mais ou menos assim: imagina um naufrágio e que um certo número de pessoas se refugiam num bote salva-vidas para se salvarem, sem saber onde, quando e depois de quais peripécias efetivamente se salvarám. Antes do naufrágio, como é natural, nengum dos futuros naufragos pensara converter-se em... naufrago e, portanto, tanto menos pensara ver-se levado a cometer ações que os naufragos, em certas condições, podem cometer, por exemplo, o facto de se converterem em... antropófagos. Cada um deles, se fosse interrogado em frio sobre o que teria feito na alternativa de morrer ou converter-se em canibal, teria respondido, com a máxima boa fé, que, dada a alternativa, certamente teria escolhido morrer. Chega o naufrágio, o refúgio no bote salva-vidas, etc. Após alguns dias, faltando os víveres, a ideia do canibalismo apresenta-se com umha luz diferente, até que a um certo ponto, dessas pessoas dadas, um certo número chega a ser verdadeiramente canibal. Mas trata-se na realidade das mesmas pessoas? Entre os dous momentos, aquele em que a alternativa se apresentava como umha pura hipótese teórica e aquele em que a alternativa se apresenta com toda a força da imediata necessidade, aconteceu um processo de transformação «molecular», embora rápido, pelo qual as pessoas de antes já nom som as pessoas de depois, e nom se pode dizer, senom do ponto de vista do estado civil e da lei (que som, de resto, pontos de vista

respeitáveis e que tenham a sua importância) que se trate das mesmas pessoas. Pois bem, como che dizem, umha mudança semelhante está a acontecer em mim (canibalismo à parte). O mais grave é que nestes casos a personalidade se desdobra: umha parte observa o processo, outra parte padece-o, mas a parte observadora (até que esta parte exista significa que há um auto-controlo e a possibilidade de se repor) sente a precaridade da própria posição, quer dizer, prevê que há de chegar um ponto em que a sua função desaparecerá, isto é, nom haverá mais auto-controlo, mas sim que a inteira personalidade será engolida por um novo «indivíduo» com impulsos, iniciativas, maneiras de pensar diferentes das anteriores. Pois bem, eu encontro-me nesta situação. Nom sei que poderá ficar de mim após o fim do processo de mutação que sinto em vias de desenvolvimento. A conclusão prática é esta: por um certo tempo é preciso nom escrever para ninguém, nem sequer para ti, além das nuas e cruas notícias sobre os feitos da vida. Este tempo pode estabelecer-se, mais ou menos, no período preciso para que se desenvolva o processo do advogado em que tanto falámos. Se o processo se desenvolver de maneira favorável, tanto melhor; haverá, dentro de certos limites, um passado para esquecer (no caso de que certas cousas podam ser esquecidas, quer dizer, nom deixem pegadas permanentes). Se o processo se desenvolver desfavoravelmente, veremos o que é preciso fazer. Entretanto, nengumha palavra que turbe de algumha maneira ou que complique a difícil sucessom das horas. Recebim umha carta de Grazietta; nom tenho vontade de lhe responder. Pido-che que lhe escrevas tu, descrevendo, da forma que che pareça melhor, a tua viagem a Turi. Quero dizer algo ainda, a propósito de algumhas alusions tuas, na conversa do domingo, à minha carta anterior. Nom debes pensar, de nengumha maneira, que eu tencionasse (mesmo sem

razom) censurar Iulca. Na minha atitude para com Iulca nunca houve outra cousa que tenrura, e esta tenrura, se calhar, foi aumentando nestes últimos tempos, sem que diminuísse, com certeza (e digo «se calhar», porque nom sei se poderia aumentar). Até me desagrada que umha questom semelhante poda ser colocada e ser discutida. Igualmente, enganas-te ao interpretares mal umha alusom da minha carta (acho que é a carta que reenviárom a Turi de Roma): nunca pensei que quigesse mentir-me e de facto usou a palavra «embaraço», que em italiano nom só nom tem relação com as mentiras, mas nem sequer com a reticência. Na verdade, pensara que tu, depois de me teres anunciado umha carta de Iulca, terias procurado fazer-me que esquecesse a alusom, porque a carta continha notícias que podiam desgostar-me fortemente, nesse momento dado. Mais nada. Por estas razons, prefiro também durante algum tempo nom escrever outra cousa que simples notícias, sem comentários, valoraçons, etc. Depois veremos. Talvez seja bom que che diga o que pensei: se o advogado, depois de teres falado com ele, considera oportuno que eu seja visitado polo médico, segundo a licença concedida polo Ministério, dou o meu consenso preventivo: quer dizer, deixo que a questom seja resolvida polo advogado, conforme o critério de maior utilidade que ele considerar que deva ser aplicado. Queridíssima, abraço-te com tenrura

Antonio

p.s.: Dixeche-me, na conversa do domingo, que só nestes últimos dias che comunicárom oficialmente em casa que o Ministério concedera a visita de um médico de confiança. Dado que o advogado a considera útil e que a visita está decidida, permite que che dê alguns conselhos: 1º Ter a licença escrita para o médico, de maneira que nom apareçam no último momento

dificuldades burocráticas, 2º Se for um costume habitual, fazer de maneira que se especifique nesta licença que o médico pode interrogar-me e eu podó responder (e falar-lhe) de todas as questons que consideremos necessárias ao caso. A saber, o médico nom deve vir só para umha consulta pessoal, para indicar um tratamento pessoal, mas para estar em condiçõs de fazer relatórios oficiais para as autoridades superiores sobre o andamento geral das cousas, na medida em que influam ou podam influir nas condiçõs de saúde dos presos. Este ponto parece-me fundamental. Entenderás que tomar umha medicina e seguir um tratamento enquanto continuam a subsistir as condiçõs que causam a doença é umha mofa, equivale a gastar inutilmente o dinheiro. O meu mal-estar depende mesmo disso e disso depende a ineficácia dos medicamentos. Se calhar, é tarde de mais «formalmente» para mudar as cousas ou para obter que a mudança das cousas motive umha mudança nas condiçõs de saúde. Seja como for, só este ponto torna compreensível e racional a possível visita de um médico. É por isso, decidindo-me a umha iniciativa, nom podó separar a decisom da condiçom que torna a iniciativa racional e útil.

Afetuosamente

Antonio



14 de março de 1933

Queridíssima Tania,  
escrevo-che apenas umhas poucas palavras. Na terça-feira passada, exatamente, de manhã cedo, quando me erguia da cama, caim ao chão sem que conseguisse erguer-me só. Todos estes dias estive sempre na cama, mui débil. O primeiro dia estive sob um certo estado de alucinação, se assim se puder chamar, e não dava coordenado ideias com ideias, e as ideias com as palavras apropriadas. Estou ainda débil, mas menos que aquele dia. Pido-che que venhas à conversa logo o permitam depois desta carta minha, porque gostaria de falar-che de um projeto que mencionei ao doutor Cisternino, que não o encontrou de impossível realização, embora difícil. Quero falar contigo disto, também porque tenho a cabeça confusa e tu poderás ajudar-me a juntar as suas partes com precisão. Abraço-te com tenrura.

Antonio

Parece-me lembrar que o doutor Cisternino qualificou a minha crise de anemia e de debilidade cerebrais.



10 de abril de 1933

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta de dia 4, com a cartinha de Delio e o postal ilustrado. Nom figeche mal, acho eu, ao escrever que as minhas condiçõs de saúde melhorárom (dado que o telegrama de Genia se refere a mim e nom a ti). Nom é exato que na minha carta de há quinze dias escrevesse que as condiçõs pioraram; polo menos, eu nom queria escrevê-lo assim. Queria dizer que as condiçõs eram (e som ainda) oscilantes, com altos e baixos; por outras palavras, nom exluo no meu caso umha recaída, mas realmente nom a houvo. Que quereria dizer «piores condiçõs»? Piores em comparação com qual momento? Com a crise de 7 de março nom, abofé, porque nom sei o que significaria piorar neste sentido. Na realidade, as alucinaçõs passárom completamente e diminuiu também a contraçom ou retraçom das articulaçõs, especialmente nas pernas e nos pés. As maos continuam a doer muito e nom podó fazer esforços ou aguantar pesos, mesmo pequenos. Se tento, como prova, fazer um pequeno esforço, perdo novamente o controlo do movimento: isto é, as maos e os braços funcionam pola sua conta, de maneira impulsiva e brusca, e os dedos rangem e deformam-se a causa dos estiramentos doentios dos tendons. Penso que estas condiçõs durarám ainda muito tempo; no 1922-23 durárom por volta de 8 menses e podia curar-me da melhor maneira; mesmo entom nom tivem contraçom das articulaçõs nem complicaçõs cardíacas, como agora.

É verdade que a cartinha de Delio demonstra muita segurança no ditado e na escrita das letras, de forma simples e retilínea: parece-me que só há um único erro (esqueceu um i em *primula*). Digo-cho porque em 1916 dei explicaçõs de

italiano para um rapaz de 3<sup>a</sup> do Gimnásio e nunca conseguimos que escrevesse com simplicidade pequenos rascunhos de poucas linhas como escreveu Delio. Como lembrache o volume sobre Hegel<sup>183</sup> para Iulca? Parece-me que che falei dele em 1930; naquela época tinha um significado, porque se desenvolvia na imprensa umha polémica sobre a dialética mas hoje que significado poderia ter? A Giulia há de parecer-lhe umha estranheza.

Abraço-te afetuosamente.

Antonio

Foi-nos comunicado que por ocasiom das férias de Páscoa é possível receber da família «produtos alimentares». Nom te podem avisar na segunda-feira passada, porque quando no-lo comunicárom já saíra a carta.



(Carta 135)

16 de maio de 1933

Queridíssima Tania,  
recebim a carta de Giulia e algumas cartas e postais teus. Nom me sinto capaz de responder para Giulia e nom vejo, dada a minha maneira de compreender e de conceber a minha situaçom, quando serei capaz de o fazer. A carta de Giulia é a expressom de um estado de ánimo absurdamente otimista, estado de ánimo que aparece mesmo nalgumhas das expressons das tuas cartas e que eu estou bem longe de partilhar. E

183 Trata-se do *Saggio sullo Hegel*, de Benedetto Croce, Laterza, Bari, 1927.

nom só isso, senom que qualquer colaboraçom minha para o corroborar pareceria-me criminal. Devo dizer que a nossa última conversa reforçou-me nesta convicçom. Na medida em que isso é possível para mim, nas condiçoms de atonia física e moral em que me encontro, exasperou-me saber por ti que, mais umha vez, fôrom desatendidas e desprezadas, de maneira estúpida e caprichosa, as minhas indicaçoms sobre o andamento dos assuntos referidos à minha existência fisiológica, sem umha razom plausível ou de qualquer género. Estou profundamente convencido de que tu repetiches, de outra maneira mas com umha leviandade semelhante, a mesma cadeia de sarilhos que se verificou em 1927-28<sup>184</sup> e pola qual o juiz instrutor tivo razom quando me dixo que realmente parecia que os meus amigos colaboravam para manter-me o maior tempo possível no cárcere. Estas afirmaçoms minhas ham magoar-te, mas é impossível para mim nom dizê-las. Quando em janeiro passado che falei na conversa, pedim-che com toda a força de que era capaz que te ativesse escrupulosamente às minhas indicaçoms. Depois do acontecido em setembro anterior, parecia-me impossível que faltasses aos teus compromissos. Dixem-che que me sentia esgotado (e acho que o 7 de março confirmou a exatidade desta impressom minha) e que nom tinha forças para longas discussoms. O que me exaspera é ver como a minha vida se converteu num brinquedo de decisoms impulsivas e irracionais e com que facilidade assumiches a responsabilidade de persuadir-me de que, se os factos nom se

184 G. fora visitado no dia 20 de março polo professor Arcangeli, que emitira depois um documento que demonstrava as graves condiçoms de saúde do detido, perdurando as quais «G. nom poderá sobreviver muito tempo». O depoimento do médico, feito público no estrangeiro, suscitou umha nova campanha de denúncia: campanha que G. considerava contra-producente para a sua libertaçom, como aquela de 1927-1928.

desenvolvem segundo umha certa linha, pode ter acontecido porque as minhas indicaçõs nom fõrom seguidas. Quando leio depois, num postal teu, que o meu «trabalho terá sempre um valor excecional», à parte da convencionalidade da afirmaçom, nom podo deixar de pensar na ironia implícita nela, quando vejo que os meus conselhos, que som o resultado de umha elaboraçom cuidadosa e completada com o máximo de experiência pessoal, som simplesmente desprezados como iniciativas caprichosas, que nem temem em conta as repercussõs que vam ter em mim, bem fáceis de imaginar, depois do que sucedera em setembro.

Nestas condições, nom vejo o que podo escrever para Giulia, qual atitude podo assumir com respeito a ela para consolá-la e reforçar os elementos de recuperaçom na vida ativa que ela anuncia. Após a conversa de janeiro parecera-me que podia entreabrir-se certamente algumha pequena fenda no meu futuro e, mesmo se este estado de ánimo nom podo evitar em março um desmoronamento das minhas forças físicas, nom deve excluir-se, porém, que sem elas o desmoronamento pudesse ter sido mais grave. Tu nom entendeche que estou realmente extenuado, depois de mais de dous anos de desgaste, lento mas implacável, que continua, que todas as minhas reservas estão esgotadas e que a umha pessoa esmagada por um peso insuportável nom se lhe deve deitar encima nem um garabulho, por assim dizer. De resto, o excesso mesmo do mal, dando cabo de qualquer reatividade, provocou um tipo de calma que é a das substâncias gelatinosas. [...]. (Risquei umha oraçom, que apesar de que nom a creio exagerada no meu íntimo, prefiro no entanto nom pôr sob os teus olhos). — Pido que nom respondas a esta carta minha com afirmaçõs genéricas sobre, por exemplo, o «valor excecional do meu trabalho», que som irritantes, ou com esperanças genéricas sobre a

minha saúde. Nom respostas de modo nengum, porque nom há resposta possível. O que nom tem remédio, remediado está, e qualquer comentário é umha ociosidade que fai mais odioso o que sucedeu. O que aconteceu convence-me de que cheguei a ser nécio para qualquer cousa, mesmo para viver. Será preciso tirar as conclusons disto e resignar-se, como se di, já que cada iniciativa minha para reagir à situação reduze-se à nada pola incapacidade de execuçom daqueles que dim querer ajudar-me. Abraço-te

Antonio

Depois de ter reflexionado, relim mais umha vez quanto está escrito acima, para verificar posteriormente as minhas convicçons e ver se podia corrigi-las ou modificá-las de algumha maneira. Mas nom me foi possível. Por muito que tenha procurado destilar o cérebro nom dei encontrado um motivo qualquer que desviasse o curso dos meus pensamentos. Para além disso, nom penses que estou excitado; quase quase desejaria está-lo, porque isso seria umha prova de um contraste interno, de umha dúvida, e portanto de um resíduo de otimismo razoável. Relim também a carta de Giulia, mas isso só aumentou o meu amargor. Pido-che que nom queiras escrever-me sobre estes temas. Deixa passar um pouco de tempo e deixa-me esquecer. Será o melhor. Nom debes acreditar que esteja demasiado alporiçado contigo; já me habituei a pensar que a todo isto que me sucede devo procurar a causa em mim próprio e na minha necidade [...] para viver, como já escrevim. Se calhar, cheguei tarde de mais a esta forma de sabedoria. Mas melhor tarde que nunca, nom achas?

Antonio



18 de junho de 1933

Queridíssima Tania,

recebim o teu postal de dia 16. Nom sei se é mesmo verdade que as tuas condições melhorassem em poucos dias. Quando te vim na última conversa pareceu-me que perderas todo o bom aspecto que tinhas recém chegada a Turi. — Nom sei o que escreveche para o advogado, porque nem eu lembro o que che dixem há alguns dias. Estou padecendo um novo processo de deterioramento, como o que deu na crise de 7 de março. Mas agora atormenta-me ademais umha continua dor de cabeça mui forte. Queridíssima, penso que está na hora de que tome umha decisom enérgica. Este lamento continuado aborreceu-me mesmo a mim de um modo inacreditável. Visto que já me parece seguro que nom se pode fazer nada, o melhor será deixar que tudo siga o seu caminho. Precisamente, fai hoje dous messes que me visitou o inspetor sanitário<sup>185</sup>. Quanto ruído por nada! Ou seja, nom por nada, mas sim para piorar as cousas, porque se antes havia a perspectiva de poder fazer algo, agora mesmo esta perspectiva nom existe mais, e já nom tenho mais forças. Acho que esta será a última vez que che escreva de estes temas e, visto que nom vou saber sobre o que escrever, será bem que durante algumas semanas nom che escreva de nada. Depois veremos. Pido-che mesmo que tornes para Roma assim que pudeses viajar. Se necessitares repouso, podes dirigir-te a algumha aldeia do Lácio, onde

185 No dia 18 de abril de 1933, G. fora visitado no cárcere polo professor Filippo Saporito, inspetor sanitário, que afinal concluía o seu relatório para o Ministério considerando «nom indispensável em absoluto» para a cura do detido a sua transferência para um hospital civil ou a sua eventual libertaçom.

terás um ambiente melhor do que este. Acredita que ver-te tam estragada e doente aumenta o meu desánimo e a minha depressom. Podes dizer para o advogado que lhe agradeço o que fijo por mim e que estou convencido de que fijo o factível, na linha que ele considerou a melhor. Mas agora é necessário tirar a conclusom de que tanto tempo passado à espera é mesmo umha conclusom clara. Espero que poda ver-te ainda umha vez antes de partires, mesmo se já nom sei o que dizer. Polo menos terias a hipótese de mudar a estranha opiniom que tinhas umha vez e que tanto pesou, infelizmente, nos últimos acontecimentos: quer dizer, que eu nom fago nada para evitar estar mal, que estou abúlico, que nom quero fazer perguntas, etc. É algo que me amargou muito no passado, já que fôrom precisos muitos esforços para destruir em ti (e nom sei ainda se está completamente destruída) a conceçom idílica e arcádica que te formaras do estado das cousas. Como viche, nom querer ver as dificuldades e os obstáculos, é precisamente aquilo que impediu superar as dificuldades e suprimir os obstáculos, e nom apenas, mas o que provavelmente contribuiu para agravar as dificuldades e criar novos obstáculos. — Se calhar, teria acontecido melhor se tivesses concordado logo com aquilo que che escrevim, parece-me que em novembro passado; tornei àquele mesmo estado de ánimo, que por outro lado nunca me abandonou por completo. Giulia sofreria, mas o tempo já curaria a ferida. E porém, estamos novamente no ponto de partida. E já nom tenho a força que ainda tinha por entom. Queridíssima, é melhor que deixe de escrever, em lugar de seguir todos os vespons que me zumbam no cérebro. Abraço-te com tenrura

Antonio



24 de julho de 1933

Queridíssima Tania,

recebim a tua carta de 20 do mês corrente, com a carta de Giulia. Ainda nom me sinto capaz de escrever para Giulia, nom sei por onde começar nem que dizer-lhe. Pola sua carta parece que está informada da minha doença. Escreveche-lhe tu e como? Penso que che poddo dizer, apesar de ter visto que precárias som estas constataçõs, que estou um pouco melhor. A mudança de cela<sup>186</sup> e portanto de algumas das condições exteriores da minha existência, beneficiou-me, pois agora polo menos poddo dormir, ou polo menos nom existem as condições que impediam o sono, mesmo quando já adormecera e que me acordavam bruscamente, agitando-me e inquietando-me. Ainda nom durmo de maneira regular, mas poderei dormir; seja como for, mesmo quando nom durmo, nom estou mui agitado. Penso que é para estar contente; já que um organismo alterado nom pode, com certeza, reabituarse rapidamente à normalidade e, além disso, a pressom arterial inesperada deve estar a produzir agora de por si umha certa insónia. Naturalmente, para dormir um pouco devo tomar calmantes; assim é que voltei a consumir os que tinha antes de março, também o Quadro Nox, ao qual davas tanta importância e que agora realmente me fai bem. Vê-se que o parecer do prof. Fumarolo nom era infundado e também que a tua consciência científica pode estar tranquila. Dentro duns dias iniciarei um tratamento reconstituente de vacinas a base de

186 G. obtivera a transferência para umha nova cela a rês-de-chao do cárcere a fim de subtrair-se aos «ruídos infernais da seçom» onde permanecera até entom.

estricnina e fósforo. O novo médico que me visitou assegurame que me beneficiará muito. Dixo-me que na base do meu mal-estar há um esgotamento nervoso e que as outras manifestaçõs som de carácter funcional e nom orgánico. Polo que parece, é preciso tratar também a minha psique. Todo isto, pense o que eu pensar, é verosimilhante. Nom sei se a arteriosclerose pode ser considerada umha manifestaçom funcional e nom orgánica; seja como for, quer polo efeito da Elastina, quer polo feito de ter dormido algo durante quatro ou cinco noites, tenho a impressom de que sinto menos a pressom e de que diminuírom certamente (atenuárom-se) a palpitaçom e a dor no coraçom; só as maos me doem intensamente e nom podom aguantar nengum peso nem apertar com algo de energia. No relativo à psique, nom podom dizer nada concreto: é certo que durante muitos meses vivim sem nengumha perspectiva, porque nom estava sendo tratado e nom via umha via de saída qualquer para o desgaste físico que me consumia. Nom podom dizer que este estado de ánimo cessasse, isto é, que me convencesse de que já nom estou em condiçõs de extrema precaridade; no entanto, acho que podom dizer que este estado de ánimo nom é obsessivo como no passado. De resto, nom pode cessar com um esforço de vontade; entretanto, devia ser capaz de fazer este esforço, ou de esforçar-me por esforçar-me, ou de me esforçar por esforçar-me por esforçar-me, etc. De palavra é simples, nos factos cada esforço conseguinte chega logo a ser umha obsessom e umha inquietaçom. Agora que estou melhor, os que estavam comigo quando me encontrava no ponto crítico da doença dixérom que nos momentos de desvario havia umha certa lucidez nos meus delírios (que por outro lado estavam entrecortados de longas tiradas em sardo). A lucidez consistia nisto: que estava convencido de morrer e tentava demostrar a inutilidade da religiom e a sua inanida-

de e preocupado porque, aproveitando a minha debilidade, o padre me obrigasse a fazer ou praticasse cerimônias que me repugnavam e das quais não sabia como defender-me. Parece que durante uma noite inteira falei da imortalidade da alma num sentido realista e historicista, a saber, como a necessária supervivência das nossas ações úteis e necessárias e como uma incorporação delas, à margem da nossa vontade, ao processo histórico universal, etc. A escutar-me estava um obreiro de Grosseto que caía no sono que deveu achar que eu enlouquecera, também segundo o guarda carcerário de serviço. No entanto, lembrava os pontos principais do meu delírio, pontos que eu repetira continuamente. Queridíssima, como vê, o mesmo feito que che escreva estas cousas demonstra que me sinto um pouco melhor. Se calhar não te importas de me mandar um pouco de Quadro Nox, que aqui não se encontra. Abraço-te com tenrura.

Antonio



(Carta 138)

13 de outubro de 1933

Querida Tatiana,  
recebim os medicamentos e duas cartas tuas de dia 6 e de dia 12. Nesta última, anuncias-me que o Ministério teria acolhido a instância apresentada por Carlo há algum tempo<sup>187</sup>, etc. Não

187 Trata-se da instância apresentada por Carlo, no Verão de aquele ano, para obter a transferência de G. à penitenciária de Turi. A instância fora com efeito acolhida e o Comando da Polícia de Milão comunicara a Carlo que a direção de polícia escolhera para G. a clínica do doutor Cusumano, em Formia.

recebim ainda nengum aviso oficial sobre o assunto e nom entendo o que pode significar isso exatamente, porque Carlo nunca me informou do que fijo. Aliás, visto que de um ano para esta parte, quer por parte de Carlo quer pola tua, fum enganado várias vezes (se quigeres, de umha maneira objetiva ou de umha maneira inconsciente), podó pensar mesmo que Carlo entendeu mal a comunicação recebida. Seja como for, nom podó dar-che nengumha indicação, mesmo no caso de que o facto que me anuncias seja verdade. Podó dizer-che apenas que o médico que estava em Turi e que me tivo em observação nestes últimos messes, partiu há umha quinzena de dias e se encontra precisamente em Roma. Considero, no caso da notícia ser verdade, que tanto Carlo como tu devedes metter-vos o menos possível nas questons práticas, porque tendes a especial qualidade de turvar o que é claro e de embrulhar as cousas mais simples e retilíneas. Abraço-te

Antonio



(Carta 139)

20 de novembro de 1933

Querida Tatiana,

recebim o teu postal de dia 17 no mesmo momento em que me comunicavam que saía imediatamente para a penitenciaria de Civitavecchia<sup>188</sup>. Escrevo já, como vês, da nova residêcia,

188 Deixada Turi na manhã de 19 de novembro de 1933, G. chega na noite do mesmo dia a Civitavecchia. Aqui permaneceu durante dezoito dias na enfermaria da penitenciaria, à espera de que na Clínica Cusumano se ultimassem os trabalhos que deviam transformar o quarto destinado ao doente quase que numha cela carcerária.

aonde cheguei ontem à noite: foi-me impossível comunicar-  
che a viagem a causa da rapidez com que se executou a medi-  
da. Estou contente de que recebesses o meu telegrama de dia  
17. É bem certo que nom figem qualquer objeçom a ser trans-  
ferido à clínica, conforme à concessom do Chefe do Governo.  
Porém, é verdade que ao nom ter pormenores, nem pola tua  
parte nem pola parte de Carlo, sobre a possível duração da  
minha recuperaçom na clínica e considerando-a breve, escre-  
vim, por volta de finais de outubro ou primeiros de novembro,  
umha instância a S. E. Novelli, Diretor Geral das Penitencia-  
rias, a fim de que *mal decorresse o período de recuperaçom* na  
clínica me destinassem a umha enfermaria que nom fosse a de  
Turi. Nom era possível nengum mal-entendido ou equívoco e  
nom consigo explicar-me a medida fulminante da transferên-  
cia a Civitavecchia. Pensei que seria melhor que o processo o  
continuásedes tu e Carlo, porque considero que nom se deve  
renunciar a ele. Qualquer intervençom minha pode ser in-  
tempestiva. — Acho que quererás vir ver-me a Civitavecchia,  
tam perto de Roma. Acho que será bom que ao passares polo  
Ministério por toda esta balbúrdia, aproveites para obter algu-  
mha licença especial para as conversas e para qualquer outra  
cousa que considerares oportuna. Pensa que Civitavecchia é  
três ou quatro vezes maior que Turi e isso leva consigo, auto-  
maticamente, em minha opiniom, maiores complicaçoms. De  
outra parte, confio no teu bom senso. Como podes imaginar,  
estou meio desfeito pola viagem. Espero as tuas notícias com  
ânsia. Abraço-te afetosamente.

Antonio

Se vinheres, traz-me um pouco de Quadro Nox, porque nom  
sei quando será transmitida de Turi a autorizaçom ministerial  
pola qual nom haveria limite, no que me di respeito, para a

compra de medicações especiais por parte da administração. Sabes que só agora lembrei que tu, em 1928, quando me enviaste a mala que che entregaram no Judiciário, nom enviaras a chave? Perdera-se já na altura? Ou esqueceche enviá-la? A tanta distância de tempo estas perguntas farám-che rir, mas por vezes som mesmo estas cousinhas as que se lembram, melhor do que outras mais importantes.



(Carta 140)

8 de março de 1934

Queridíssima *mamae*<sup>189</sup>,

no ano passado, por causa das graves condições de saúde em que me encontrava precisamente nestes dias, nom me foi possível enviar-che os parabéns polo teu santo. Nom quero que também este ano decorra sem lembrar-che a minha grande tenrura.

Tatiana mantivo informada Teresina das minhas novas condições de vida, que mesmo se nom fôrom as melhores, nom podem ser comparadas, certamente, com as de um ano atrás. Nom escrevim até agora porque estivem sempre um pouco despistado e também porque sabia que Tatiana, que vem visitar-me todos os domingos, vos mantinha informadas.

189 Como se vê, G. ignorava ainda nesta data a morte da mae, acontecida no fim de 1932.

Nom voltei a ser novamente senhor das minhas forças físicas e intelectuais; nos últimos tempos passados em Turi consumim-me de umha maneira quase catastrófica e a recuperação é mui lenta, com recaídas e oscilações. Para além disso, sabes que som bem resistente, e que tenho umha certa reserva de energias e de paciência que fijo com que superasse até agora os momentos, por vezes bastante azedos, polos que tivem que passar.

Tenho poucas informações sobre as tuas condições de saúde: Teresina escreve pouco, igual que Grazietta. Espero escrever, de agora em diante, de maneira regular, mesmo se nom demasiado amiúde. Recebo notícias de Giulia e dos meninhos e parece que as suas condições nom som más.

Queridíssima mamae, abraço-te com todo o meu afeto, junto a todos os da casa.

Antonio



(Carta 141)

[25 de novembro de 1935<sup>190</sup>]

Queridíssima,  
recebim as tuas duas cartas. Estou mais tranquilo desde que recomecei a escrever-che<sup>191</sup>, mesmo se escrever me custa mui-

190 G. fora transferido à clínica *Quisisana* de Roma, em 24 de agosto de 1935, onde se encontrava em estado de «liberdade condicional».

191 Tatiana a Teresina, Roma, 13 de abril de 1934: «Desde novembro Nino nom escreveu mais para Giulia e também nom o fijo para mim; a única carta sua foi a que dirigiu à sua casa polo onomástico da sua pobre mamae [cfr. Carta 140, 8 de março de 1934]. Ele nom tem, acho, forças para escrever e ela poderá imaginar bem quanto pode fazer sofrer a Giulia, que desde há mais de um ano

to trabalho e me deixa durante algumas horas (ou durante alguns dias) em condições de excitabilidade pouco agradáveis. Tania contou-me algo do que lhe escreveche e das outras notícias recebidas. Contou-me, de umha maneira mui divertida, que Delio pensava untar com a vaselina um elefante, do qual ouvira, provavelmente, que tinha a pele áspera sob as patas: nom me parece mui estranho que um rapaz pense em untar um elefante com vaselina, mas o que nom me parece é que quando era rapaz me pudessem vir essas ideias. Contou-me também que Julik quer saber todo sobre mim: penso que isso se deve a que viu um retrato meu numha mostra<sup>192</sup>. Queridíssima, quando penso em todas estas cousas, e em que a vossa vida, desde há tantos anos (quase um quarto da minha existência e mais de um quarto da tua) se desenvolveu tam afastada da minha, nom me sinto mui alegre. Contudo, é preciso aguentar, resistir, procurar adquirir força. De resto, o que aconteceu nom era por completo imprevisível; tu que lembras tantas cousas do passado, lembras quando che dizia que «ia à guerra»? Talvez nom fosse mui sério pola minha parte, mas era a verdade, e realmente assim o sentia. E queria-te muito, muito. Sê forte e fai quanto possível para estares melhor. Abraço-te com tenrura, junto aos nossos filhos.

Antonio



nom recebeu notícias directas de Nino.» G. sofrera umha nova crise grave em junho de 1935.

192 Umha grande fotografia de G. fora exposta numha rua de Moscovo, junto com as de outros comunistas e antifascistas encarcerados em vários países.

[14 de dezembro de 1935]

Querida Iulca,

recebim a tua carta e Tania contou-me o que lhe escreveu Genia sobre o teu estado de ánimo e sobre as tuas condições de saúde. Deves considerar que nom som capaz de escrever como deveria e gostaria (já é muito que conservasse umha consciência bastante nítida do que som e do que gostaria). Nom compreendim bem o que me contou Tania, mas acho que podó dizer que os nossos estados de ánimo se parecem muito. Penso, portanto, que farias umha cousa magnífica vindo a Itália<sup>193</sup>, baixo todos os pontos de vista. Pola tua saúde, que talvez havia de restabelecer-se de maneira definitiva, e por mim, que necessito sentir-te próxima, recuperar profundamente os laços que sempre nos unírom, mas que desde há demasiados anos se convertêrom em algo etéreo e abstrato. Querida, eu sempre aguardei por ti, e tu foche sempre um dos elementos essenciais da minha vida, mesmo quando nom tinha nengumha notícia precisa de ti ou quando recebia de ti cartas raras e sem substância vital, mesmo quando nom che escrevia porque nom sabia o que escrever-che, como escrever-che, porque achava que nom querias dar-me qualquer ponto de referência e de contato. Considero que está na hora de dar cabo deste estado de cousas e isso pode ser feito se tu vinheres onda mim, porque eu nom podó mover-me. Certamente estou bem acabado, e parece-me difícil poder recuperar as minhas forças de outrora: no entanto, acho que podes fazer muito por mim e acho também que eu podó fazer algumha

193 Polas suas condições de saúde, Giulia nom pudo empreender a viagem projetada a Itália que G. tanto desejava.

cousa por ti, nom muito, mas alguma cousa. Aliás, penso que é preciso fazer isto tudo o antes possível, quer dizer, debes tomar umha decisom enérgica rapidamente, considerando as circunstâncias, mas sem deixar-te vencer polas circunstâncias, mesmo se elas nom som simples. Querida, ponho nisto que che escrevo toda a minha tenrura, embora nom o pareça nas palavras escritas. De resto, lembra que em 1923 eu nom era mui eloquente, mas sei que sentias a profundidade toda dos meus sentimentos por ti, os quais nom mudárom em absoluto, ou antes pelo contrário se figérom mais fortes, chegando a ser mais serenos, porque junto com nós estám os nossos dous filhos. Abraço-te forte

Antonio



(Carta 143)

[25 de janeiro de 1936]

Querida Iulca,  
a tua carta coloca-me numha situaçom terrivelmente embaraçosa. Nom decidim ainda se devo escrever ou nom. Parece-me que só polo simples facto de eu escrever exerço umha coerçom sobre a tua vontade e se de umha parte me repugna profundamente exercer qualquer coerçom sobre ti (nesse sentido, parece-me mesmo indireta e inocente), de outra parte penso —razoando friamente— se a coerçom nom será por vezes, mesmo nestas cousas, desnecessária e se tem qualquer cousa de boa. Na verdade, encontro-me nesta situaçom desde há muitos anos, se calhar desde o mesmo 1926, logo a seguir ao meu arresto, desde que a minha existência foi, de forma brusca e com nom pouca brutalidade, constringida numha

direção determinada por forças externas, e os limites da minha liberdade foram reduzidos à vida interior e a vontade se converteu apenas em vontade de resistir. Mas não quero sair-me demasiado do assunto que nos interessa atualmente, e que me interessa também a ti, mesmo se não o mencionas na tua breve carta: a tua viagem, isto é, a tua viagem a Itália, por um tempo que tu mesma podes decidir o longo ou curto que deve ser, que não me compromete em absoluto, que deve ter como fim principal a tua procura de uma recuperação definitiva das forças necessárias para uma vida normal de trabalho ativo. Acho necessário que te convenças, racionalmente, que esta viagem é necessária para ti, para os rapazes (entanto que, no estado atual das coisas, o seu porvir está ligado essencialmente a ti e à tua capacidade de trabalho) e por outras coisas ainda. Mas para que te convenças disto, é preciso que a viagem seja vista nos seus autênticos termos, como uma coisa prática, despojada de qualquer morbosidade sentimental, que te deixará livre ou talvez te liberte definitivamente de um feixe de pensamentos, de preocupações, de sentimentos reprimidos, e não sei que outra bagagem obsessiva: eu sou o teu amigo, essencialmente, e após dez anos necessito verdadeiramente falar contigo, como amigos, com grande franqueza e sem inibições. Desde há dez anos estou fora do mundo (que impressiono terrível experimentei no trem<sup>194</sup>, após seis anos sem ver outra coisa que os mesmos tetos, os mesmos muros, as mesmas faces torvas, quando vim que durante este tempo o vasto mundo continuara a existir, com os seus prados, os seus bosques, a gente comum, as turmas de rapazes, certas árvores, certos hortos, — mas especialmente que impressiono ti-

194 Durante a deslocação de Turi para o cárcere de Civitavecchia (cidade do Lácio a uma hora de Roma), o 19 de novembro de 1933.

vem quando me vim no espelho, depois de tanto tempo: voltei rapidamente onda os carabineiros)... Nom penses que quero comover-te: o que quero dizer é que depois de tanto tempo, depois de tantos acontecimentos, que em grande parte me fugírom, se calhar no seu significado mais real, depois de tantos anos de vida mesquinha, penetrada, cingida de obscuridade e de misérias sórdidas, poder falar contigo como amigos, seria mui benéfico para mim. É por isso que, nom debes sentir sobre os ombros o peso de quem sabe quais responsabilidades; penso em simples conversas, como as que se tenhem normalmente entre amigos. Entom, estou convencidíssimo de que sob qualquer ponto de vista a tua viagem teria consequências ótimas para os dous. Eu mudei muito, assim me parece, e também tu debes ter mudado. Nom debes preocupar-te polas questons práticas: penso que podem ser resolvidas. Podes viajar acompanhada: Tatiana pode ir ao teu encontro, para que te encontres fisicamente segura em qualquer circunstância, mesmo se as forças te abandonassem. Achas que estar afastada dos rapazes e do teu ambiente durante alguns messes (6, 8 messes) é umha cousa tam trágica como para renunciar por isso a outros benefícios que che serám de proveito posteriormente? Estou certo de que os lados positivos da iniciativa som mais numerosos do que os negativos, e neste momento quase que me surpreende nom ter pensado antes nisto tudo (mas estava sempre como o bicho-da-seda no casulo, e nem sequer agora estou a desnovelar-me). Gostaria principalmente de que nom te inquietasses demasiado, mas sim que considerasses as cousas de forma lenta, concreta, prática, sem sentimentos doentios: e ainda, que fosses mesmo tu quem decidisse, pacatamente, sem te deixares impressionar por ninguém, também nom por mim. Achas que os rapazes nom vam estar contentes ao saberem que vés ao meu encontro, se sabem que nom

podo mover-me por força maior? — A tua breve carta começa com umha frase que parece de D'Annunzio; nom gosto muito disso. Depois há palavras incompletas. Devias estar mui agitada. Nom sei se umha carícia minha poderia calmar-te. Abraço-te.

Antonio

A carta é bem confusa, mas nom quero escrevê-la outra vez.



(Carta 144)

[16 de junho de 1936]

Queridíssima Iulca,

nom che escrevim na anterior ocasiom porque, como já che mencionei, escrever é difícil para mim, seja para ti ou para os rapazes. Devo fazer um grandíssimo esforço e depois de escrever fico durante muito tempo descontente e desiludido. Dantes nom era assim; mesmo a lembrança desse tempo passado, quando sentia prazer ao manter correspondência convosco, me desconforta e me amarga. Estivem à espera da fotografia de Delio junto com a de Giuliano: e também da tua. Os rapazes, nesta idade sua, mudam tam rapidamente, que de umha fotografia para outra parecem outras pessoas: Giuliano parece-me completamente mudado. E tu? Nom sei que pensar exatamente sobre o que escreves. Entendo todas as dificuldades que deves superar, primeiro para te habituares à ideia de vires e depois para te decidires na prática a subir ao trem na hora x do dia x; contudo, parece-me que ainda há algumha cousa que te contém e que nom consigo compreender. Leio as tuas cartas, que me parecem escritas por umha pessoa

forte e completamente senhora de si: nom deves abandonar-te à inércia e adia-lo sempre. É algo que me fai muito dano, porque também eu devo tomar decisons e fiquei indeciso à espera de umha atitude tua, positiva ou negativa, mas certa. Nom quero escrever-che sobre mim; penso que estou no ar e portanto qualquer juízo só pode ser falso. A minha vida nom depende de mim; depende das autoridades da polícia, em primeiro lugar, e depois de muitas outras circunstâncias. Quero escrever-che agora umha série de pensamentos que me vinham quando estava no cárcere: procurava responder à pergunta «que me condenou ao cárcere, isto é, a levar esta determinada vida desta determinada maneira?». A resposta nom era simples, porque na realidade, para além da força principal que determina o ato no seu conjunto, existem outras tantas forças, que de maneira consciente ou inconscientemente participam da determinação concreta de umha circunstância ou de outra, as quais som sentidas por vezes com mais força que o ato principal. Em soma, quero dizer que a tua incerteza é a causa da minha incerteza, e que deves ser forte e corajosa para me ajudares tudo quanto possível, tal como eu gostaria de fazer por ti e infelizmente nom podó. Um abraço

Antonio



[julho 1936]

Querida Iulca,

no dia 10 de agosto será o aniversário de Delio e no 30 o de Giuliano. Envio dous relógios como presente. Estás contente? E estarám contentes os rapazes? Espero que nom os rompam logo, ou logo de mais. Lembras o relógio que che levara a Roma, há quase dez anos? Mal cho dera quando Delio o apanhou e o deitou no chao. Figera um grande esforço para encontrar um relógio que nom fosse de metal precioso e que incluísse no preço a garantia de umha certa distinçom e solidez: gastara 400 liras e pedira ao senhorio que mo comprasse<sup>195</sup>, pois era um bom homem e conhecia pessoalmente o relojoeiro (ambos os dous eram alemáns e nom o teria enganado, nem o senhorio, por quem sentia um certo afeto, me teria enganado). Porém, o relógio estragou-se rápidamente e converteu-se num brinquedo para Delio. Nom é que isso me desgostasse demasiado: o relógio era teu e podias fazer com ele o que quigesses, mas pensei que para que brincasse umha criança nom era necessário um relógio de 400 liras; chegava com um de 5 liras e o menino divertiria-se na mesma.

Agradeço-che as notícias que me envias, que estejas melhor e também os rapazes. Que estejas melhor nom sei se podó deduzi-lo verdadeiramente das cartas: Tania di que sim. Eu nom sei o que escrever, como escrever, etc. Nem sei o que vou fazer; acho que se voltasse para Sardenha, todo um ciclo da minha vida se encerraria, se calhar definitivamente<sup>196</sup>. Por

195 O senhor Passarge; Gramsci morou com a sua família em Roma desde junho de 1924 até o seu arresto.

196 Para esta eventualidade, os familiares encontrárom-lhe nos messes se-

que nom me escreves qualquer cousa certa e precisa? Mencionas, tam de passagem, que em finais de julho terás lugar no sanatório. O que me fai dano é o facto de a minha vida depender, de qualquer cousa burocrática, nom apenas e especialmente de quem nom podó esperar nada bom, mas também daqueles de quem espero algo bom. Em qualquer caso, fai o que quigeres. Abraço-te

Antonio

É verdade que estou sempre descontente e irritável: a tua carta devia polo menos tranquilizar-me em parte. Nom te irrites também tu; nom quero fazer-che dano de nengumha maneira. Gostaria de conhecer de maneira mui exata o estado de saúde de Delio.



(Carta 146)

[Verao de 1936]

Querida Giulia,  
nom sei o que podes ter entendido na minha expressom «acabar um ciclo da vida», mas parece-me que nom a entendeche exatamente e que deche à expressom um significado demasiado trágico, que nom entendo mui bem. Para além disso, nom tés razom quando dis que «nem a doença nem outros feitos podem dividir umha vida humana em ciclos diferentes». Isto, por dizê-lo de umha maneira pedante, é evolucionismo vulgar e, sob a aparência de um otimismo racional, é umha forma de

guintes um quarto em Santu Lussurgiu.

fatalismo quietista. O que pretendo dizer quando penso que o meu retiro em Sardenha (que sinto seria e poderia ser até benéfico para a minha saúde) iria ser o início de um novo ciclo da minha vida é a expressom de umha análise bem ponderada, nas condições dadas da minha posição, que é a de um isolamento completo, de degradação intelectual mais acentuada que a atual, de anulação, ou quase, de certas formas de espera que nestes anos, mesmo se me atormentárom, dêrom também um certo conteúdo à minha vida. Mas nom penso que poda escrever sobre este tema de umha maneira que che pareça profunda. Além disso —e isto parece-me para já o mais importante—, nom debes pensar que estes sentimentos meus exprimam desánimo e um pessimismo qualquer, que denominaria «histórico». Pensei sempre que a minha sorte individual era secundária; o que nom quer dizer que a minha sorte individual, como a de qualquer outro indivíduo, nom me preocupe, e que nom me «deva» preocupar. Preocupa-lhe suficiente à «outra parte» como para que eu poda desinteressar-me, nom achas? Mas sinto-me débil fisicamente e considero que a resistência necessária é grande de mais. Tu escreves que o havemos discutir e eu penso que quando quigeres vir, pode acontecer que isso che pareça mais difícil, bem mais difícil do que teria sido alguns messes atrás, mesmo se te sentes mais forte fisicamente como, com certeza, parece também hoje pola tua carta.

Estás a ver que extravagante som? Agora que escreves que podés vir com maior segurança, som eu a pôr impedimentos.

Alegra-me que gostasses dos relógios dos rapazes. No momento oportuno, escreverás-me o que sentírom Delio e Giuliano? Tés razom com respeito ao... 31; é vergonhoso da minha parte, mas tenho algumha desculpa. Eu quereria escrever-che muito sobre a doença de Delio, sobre Julik, mas

escrever sobre certos temas, relativos à nossa tenrura polos nossos filhos, parece-me incredivelmente difícil, porque me debilita e me turba. Querida, nom estou contente com esta carta minha (como também nom o estou das outras anteriores), mas nom quero começar mais umha vez. Espero que sejas mui mui forte, também por mim.

Um abraço  
Antonio



(Carta 147)

[5 de novembro de 1936]

Queridíssima Giulia,  
escreves-me que tes a «certeza» de poder falar comigo sobre qualquer cousa, nom só sobre as tuas alegrias, mas também sobre o teu sofrimento. E contudo, dis-me verdadeiramente tudo? Acho que nos anos mais belos da nossa vida, e nomeadamente no 23, falávamos habitualmente destas cousas, quer dizer, até que ponto, num determinado círculo de pessoas que se querem bem, um acaba sempre acreditando em que é a única pessoa capaz de suportar com fortaleza determinados sofrimentos e por isso os oculta às outras pessoas, criando-se afinal umha espécie de «comédia dos equívocos», se se puder chamar assim. Sempre fum da opiniom que a verdade contém em si a sua própria medicina e é, em qualquer caso, preferível a um silêncio prolongado que, entre outras cousas, chega a ser mesmo ofensivo e degradante, porque quem cala um facto que pode provocar dor, parece que está convencido de que a outra parte nom compreende que o mesmo silêncio tem um significado único, mas nom pode pensar que o silêncio pode ocultar

cousas bem mais graves que aquelas que se querem esconder. Portanto: verdade, clareza e sinceridade nas nossas relações.

O que escreves sobre Delio interessa-me, mas... pensei sempre que, na minha condição, é difícil escrever para rapazes que não conheço intimamente, rapazes cujo desenvolvimento intelectual e moral não tenho acompanhado e cuja sensibilidade e relações não são capazes de «re-sentir». Por vezes imagino-os quando crianças, outras vezes grandes: de resto, penso que os rapazes amam e são felizes quando são considerados como «iguais». É por isso que sempre considerei, e escrevi-me sempre sobre isso, que contava com a tua colaboração, para «traduzires» não de maneira literal —mas com a sua mentalidade— as minhas cartas para eles, para me ajudares a compreendê-los de uma maneira íntima. Aliás, estou convencido de que sem esta colaboração tua, uma correspondência minha continuada com Delio e Giuliano seria impossível, ou converteria-se num puzzle. — Escreve-me muito sobre a tua saúde, e com franqueza. Abraço-te com tenrura

Antonio



(Carta 148)

[dezembro de 1936]

Querida Iulca,  
emociono-me sempre muito com as tuas cartas, mas... (estes malditos «mas...») deixam-me algo confuso e com pensamentos que vagam no vazio. Sabes que tenho a mania do concreto e que admiro muito os... «relatórios» (*daklad*) —quando estão bem feitos— e também as relações, como as dos re-

verendíssimos padres jesuítas na China, que ensinam cousas mesmo vários séculos mais tarde. Querida, som terrivelmente pedante: escreve como quizeres; tu sempre escreves bem, com umha grande espontaneidade e com muito sentimento. — Nom é que queira escrever um... relatório sobre Tania. Ela vive à sua maneira, naturalmente, e é por isso que por vezes tenho a terrível e sarda vontade de ter na mão um nodoso bastom; porém, considero que tem umha vitalidade prodigiosa e que se encontra bem. Por vezes discutimos, porque ela é descuidada nas comidas, quer dizer, come pouco e mal, embora tenha razons para pensar que é umha mulher de bom garfo, desde que algo se lhe achegue à boca. Embora proteste e tente disfarçar, é um facto que em Formia a vim comer um frango inteiro (cozido, di ela, nom assado), —nom enorme, é verdade, mas respeitável— e isso como primeiro almoço (*savtrak*). Igualmente, vim-na comer doses consideráveis de cordeiro assado com batatas fritidas. Contudo, acho que agora que nom se está a cuidar e tenho a impressom de que perdeu peso. Com certeza, chegam poucas semanas de alimentação normal para que mude muito, para que se veja mais jovem, etc. — Sabes que lamento escrever isto tudo, porque lhe estou a renhir sempre e nom gosto disso (ontem, até meu irmao Carlo lhe renhiu por este motivo); de facto, até é umha cousa que por vezes me amua bastante. Quanto a Tania, stop.

Estou mui contente polas crianças e polas suas duas últimas cartas. Iulik é lacónico, epigráfico. Nem um adjetivo nem umha palavra a mais: um estilo quase telegráfico. Delio é mui diferente. E tu, querida, como és? Já nom consigo imaginar-te bem, embora esteja a cavilar sempre no passado. Envia-me fotografias; som pouca cousa, mas ajudam. Quando estava desterrado em Ustica, um beduíno afeiçoara-se muito a mim: também ele fora desterrado; vinha encontrar-me, sentava, to-

mava o café, contava-me contos do deserto e enseguida calava durante horas, enquanto me via ler ou escrever; ele invejava as fotografias que eu tinha e dizia que a sua mulher era tam estúpida que nunca pensaria em mandar-lhe a fotografia do filho (nom sabia que os muçulmanos nom podem retratar a aparência humana, e nom era estúpido). Chegarás tu a ser umha «mulher de beduíno»?

Querida, abraço-te com grande tenrura.

Antonio



(Carta 149)

Querido Giuliano,  
leche apenas meio conto de Wells e quererias julgar já a obra toda deste escritor, que escreveu dezenas e dezenas de romances, coletâneas de contos, ensaios históricos, etc.? Parece-me «um pouco exagerado». E afinal que conto leche? O melhor ou o pior, ou aquele que seria a média das possibilidades do autor? O maior escritor da antiga Grécia foi Homero e o escritor latino Horácio escreveu que mesmo Homero «dormita» por vezes. Com certeza Wells, em comparação com Homero, dormita polo menos trezentos sessenta dias por ano, mas poderia ser que nos outros cinco ou seis dias (quando o ano é bissexto) estivesse totalmente acordado, e tivesse escrito algo agradável e resistente à crítica. Também tu nom és com frequência mui cuidadoso: a tua carta está escrita às pressas, com muitas palavras deixadas pola metade; contudo, penso que podes escrever muito melhor, com mais ordem, com mais atenção. É por isso que, nom te julgarei por esta carta e nom direi: olha que filho tam burricám! Querido Iulik, nom te amues; escreve

sempre tudo quanto pensas, mesmo que de maneira apurada; mais tarde pensará-lo melhor e corrigirá os teus erros, reforçando os teus juízos. Sinto nom poder discutir contigo em pessoa. Nom creias que eu som tam pedante; gostaria de rir e brincar contigo e com Delio, e falar de muitas cousas que me interessavam muito também a mim quando era criança. Abraço-te com tenrura.

твой папа



(Carta 150)

Querido Delio,  
recebim a pena do papagaio e as florzinhas e gostei delas. Mas nom consigo imaginar como é que é o passarinho e por que se arranca umhas penas tam grandes; se calhar, a calor artificial fijo-lhe mal na pele ou talvez nom tenha nada grave e durante o verao lhe passarám os comichons todos. Talvez necessite que lhe dem de comer algo mui fresco, que substitua o que os seus congéneres comem no seu país de origem, já que lim que os passarinhos que se tenhem em casa, quando som alimentandos de maneira inadequada, sofrem de avitaminose, perdem as penas e tenhem umha espécie de sarna (que nom é contagiosa): eu próprio vim como um pardal, que chegou a estar mui enfermo por comer sempre miga de pam balorento, curava somando à ementa um pouco de leituga. — Já nom lembro em que sentido che falei da «fantasia»; se calhar, aludia à tendência a fantasiar no vazio, a fazer castelos no ar, etc. Querido, um abraço mui forte de

Папа

Querido Iulik,

nesta ocasiom nom recebim nengumha carta tua. Lamento-o. É verdade que eu nom respondim a tua última carta, mas nom me sentia mui bem. Alegraria-me se me escrevesses muito; de facto, prometeras (tenho a impressom) escrever algo cada dia durante as férias e que depois me enviarias o escrito junto com as cartas de Delio, de tua mai e de Genia. Vê-se que és um pouco descuidado e que esqueces o que para ti era um compromisso. Podes escrever-me sobre qualquer cousa e eu responderei-che com seriedade. Agora já és um rapaz e debes ter um certo sentido da responsabilidade. Que pensas disso? Escreve-me sobre o que fás na escola, se apreendes com facilidade, sobre o que che interessa. Quando umha cousa nom che interessa e mesmo assim tés que apreendê-la, como fás? E que jogos preferes? Querido Iulik, interessa-me cada momento da tua vida. Um abraço.

Папа



Querido Iulik,

recebim notícias tuas nas cartas de tua mae e da avó, mas por que nom escreves tu algumas linhas? Alegro-me muito quando recebo umha carta tua e quem sabe quantas cousas poderias escrever sobre a escola, sobre os teus companheiros, sobre os professores, sobre as árvores que vês, sobre os teus jogos etc. E depois... prometeras escrever-me algo todos os dias durante as férias. É preciso manter sempre as promes-

sas, mesmo a custo de algum sacrifício, e imagino que para ti nom deve ser um grande sacrifício escrever algo. Prometeras mandar-me as cartas quando tua mae fosse visitar-te à escola... Querido, abraço-te.

папа



(Carta 153)

Queridíssimo Delio,

nom sei se o elefante pode (ou pudo) evoluir até devir um ser capaz, como o homem, de dominar na terra as forças da natureza e de se servir dela para os seus próprios fins — em abstrato. Concretamente, o elefante nom tivo o mesmo desenvolvimento que o homem, e com certeza nom o terá, porque o homem se serve do elefante, enquanto o elefante nom pode servir-se do homem, nem sequer para comê-lo. Isso que pensas sobre a hipótese de o elefante adaptar as suas patas para o trabalho prático nom corresponde com a realidade: de facto, o elefante tem como elemento «técnico» a tromba, e do ponto de vista «elefantesco» serve-se dela maravilhosamente para arrancar árvores, para se defender em certas circunstâncias, etc. — Escreveras-me que gostavas da história e assim chegamos à tromba do elefante. Acho que para estudares história nom é preciso fantasiar demasiado sobre o que teria acontecido «se»... (se o elefante se tiver erguido sobre as patas posteriores para dar um maior desenvolvimento ao cérebro, se... se...; e se o elefante tivesse nascido com rodas? Teria sido um eléctrico natural! e se tivesse tido asas? Imagina umha invasom de elefantes como a dos gafanhotos!). Já é bem difícil estudar a história tal como se passou na realidade, umha vez que se

perdêrom quaisquer documentos de umha grande parte dela; como se pode perder o tempo estabelecendo hipóteses sem fundamento? E ainda por cima, nas tuas hipóteses há demasiado antropomorfismo. Por que deveria evoluir como o homem? Quem sabe se algum velho elefante sábio ou algum pequeno elefante com imaginação, do seu ponto de vista, nom fará hipóteses sobre por que o homem nom chegou a ser um proboscídeo! Fico à espera de umha longa carta tua sobre este tema. Aqui nom fijo muito frio e por outra parte este ano nom soffro polo frio como em anos passados. Há sempre flores com abrolhos. Nom tenho comigo nengum passarinho, mas vejo sempre no pátio duas parelhas de melros e os gatos que se escondem para apanhá-los; mas nom parece que os melros se preocupem com isso e som sempre alegres e elegantes nos seus movimentos. Um abraço

папа



(Carta 154)

Queridíssimo Delio,  
sinto-me um pouco canso e nom podo escrever muito. Tu escreve-me sempre e de quanto che interessar na escola. Penso que gostas da história, como eu quando tinha a tua idade, porque ela di respeito dos homens e daquilo que tem a ver com eles, com quantos mais homens for possível, com todos os homens do mundo, entanto formam umha sociedade e trabalham e lutam e se fam melhores; nom podes nom gostar mais que de outra cousa. Mas é assim? Um abraço

Antonio

Querido Iulik,

como vai a tua cabecinha? Gostei muito da tua carta; a tua maneira de escrever é mais firme do que antes e isso demonstra que estás a crescer. Perguntas-me o que me interessa mais. Devo responder que nom existe nada que «me interesse mais», quer dizer, muitas cousas me interessam muito ao mesmo tempo. Por exemplo, no que a ti se refere, interessa-me que estudes bem e com proveito, mas também que sejas forte e robusto e moralmente cheio de coragem e de resolução; assim é que me interessa que descanses, que comas com apetite etc.; tudo está conectado e tecido estreitamente e se um elemento desse tudo chega a falhar ou a ter um defeito, esboroa-se o conjunto. É por isso que nom gostei de que escrevesse que nom podes responder à questom de se caminhas com resolução para a tua meta, que neste caso significa estudares bem, seres forte etc. Por que nom podes responder, se depende de ti ser disciplinado, resistir os impulsos negativos, etc.? escrevoche com seriedade, porque vejo que já nom és um rapazinho, e também porque tu mesmo me escreveche umha vez que querias ser tratado com seriedade. A mim parece-me que tés muitas forças latentes no cérebro; o facto de expressares que nom podes responder à pergunta significa que pensas e que és responsável polo que fás e escreves. E depois, vê-se também na fotografia que recebim que há muita energia em ti. Viva Iulik! quero-te muito.

Целую



Querido Delio,

por que nom me falas do teu papagaio? Vive ainda? Seica nom falas mais dele porque eu, umha vez, comentei que falavas sempre dele? Coragem Delio! Tatanička quer que che escreva que com a tua idade tinha um canzinho e que chegara a estar meio louco pola alegria de o ter. Vês? É verdade que um cam (mesmo se muito pequeno) dá bem mais satisfaçons que um papagaio (mas se calhar tu pensas o contrário), porque joga com o seu dono, afeiçoa-se a ele... Vê-se que o meu ficara a ser um cachorro, porque, para mostrar o máximo do seu entusiasmo, subia ao meu lombo e mexava-me por cima. Quantas ensaboadelas! Era mesmo pequeno, tanto que durante muito tempo nom conseguui subir os degraus das escadas; tinha o pêlo preto e longo e parecia um esmolante em miniatura. Cortara-lho como a um leonzinho, mas nom era bonito, de um ponto de vista objetivo; antes polo contrário, era feio, bastante feio, agora que o penso. Mas como me divertia e quanto o queria! O meu jogo favorito era este: quando íamos de passeio ao campo, punha-o sobre um penedo sainte e afastava-me sem que ele, que me olhava e gemia, ousasse saltar. Eu afastava-me em zigue-zague e depois agachava-me num fosso ou numha gábia. Primeiro, o cam choromicava, depois conseguia dar com a maneira de descer e corria na minha procura: isto divertia-me, porque o pobrinho, que entom era, polo demais, ainda mais jovem, procurava embaixo de todas as pedras, ladrava, debruçava-se sobre as pequenas (mas grandes para ele) e enlouquecia porque me movia com rapidez assim que o chamava. Que festas, quando afinal me deixava encontrar! E que abundância de mijos! Querido, escreverás agora sobre o papagaio?

Um abraço  
παπα



\* Vem da nota de rodapé 148:

(A Piero Sraffa)

Turim, 29 de dezembro de 1931

Meu querido amigo

demorei algum tempo em responder a tua grata carta porque queria ir primeiro à biblioteca com a finalidade de poder dar-lhe algumas indicações bibliográficas. E antes não pude ir. Parece-me que o nosso amigo deu no alvo, e algo aproximado à sua interpretação ensinei-no sempre eu. À altura do drama de Farinata está também o drama de Cavalcanti, e os críticos figérom mal, e fam, em deixá-lo na sombra. O amigo faria, pois, um trabalho excelente esclarecendo-o. Mas para o esclarecer teria de descender um pouco mais na alma medieval. Cada um dos dous, Farinata e Cavalcanti, sofre o seu drama. Estão ligados pelo parentesco dos filhos, mas são de partidos contrários. É por isso que não se encontram. É a sua força como *dramatis personae*; é o seu erro como homens.

Mais difícil parece-me provar que a interpretação inválida de forma vital a tese de Croce sobre poesia e estrutura na *Comédia*. Sem dúvida, também a estrutura da obra tem valor de poesia. Com a sua tese, Croce reduz a poesia da *Comédia* a uns poucos traços e perde quase todo o fascínio que dela se desprende. Isto é, perde quase toda a sua poesia. A virtude da grande poesia é sugerir mais do que dizer, e sugerir sempre coisas novas. De aí a sua eternidade. Haveria, pois, que deixar bem claro que semelhante virtude de fascínio que emana do drama de Cavalcanti emana da estrutura da obra (a previsom do futuro nos condenados e a sua ignorância do presente — estarem em aquele determinado cono de sombra,

como di bem afortunadamente o amigo— estarem na mesma tumba dos dous penados, estarem ligados por determinadas leis construtivas, etc. ). Todas som partes da estrutura que se convertem em fontes de poesia. Elimínade-as e a poesia desaparecerá.

Para conseguir um efeito mais certo, acho conviria provar a tese com algum outro exemplo. Eu, em escrevendo sobre o Paraíso, cheguei à conclusom de que onde a construçom é débil, também é débil a poesia. Mas talvez seja mais eficaz procurar a prova nalgum episódio plástico do Inferno ou do Purgatório.

Acho, pois, que o amigo faria bastante bem em desenvolver a sua tese com o rigor do seu raciocínio e a clareza da sua expressom. A comparaçom com as didascálias dos dramas propriamente ditos é aguda e pode esclarecer muito.

Anexo algumas indicaçoms bibliográficas singelas. O estudo de Russo pode ver-se íntegro em L. Russo, *Problemi di metodo critico*, Bari, Laterza, 1929.

Conviria ver em *La Critica*, o que escreveu Arangio Ruiz (*La Critica*, XX, 340-357). Barbi di que o artigo é ótimo.

Pretensioso na sua filosófica prosopopeia, o estudo de Mario Botti («Per lo studio delle genesi della poesia dantesca. La seconda cantica: poesia e struttura nel poema»), *Annali dell'istruzione media* (umha revista), a. VI, 1930, pp. 432-473.

Barbi ocupa-se disso, mas nom di nada novo, no último fascículo dos *Studi danteschi*, v. XVI, p. 47 e ss. («Poesia e struttura nella D.C., Per la genesi dell'ispirazione centrale nella D.C.»).

Também Barbi num estudo: «Con Dante e coi suoi interpreti» (vol. xv dos *Studi danteschi* citados) passa revista às ultimas interpretaçoms do canto de Farinata. E o próprio Barbi publicou um comentário seu no vol. VIII dos *Studi danteschi*.

Dei-che as indicaçons mais fáceis. Cada volume dos *Studi danteschi* custa 16 liras. O livro de Russo, 20 liras.

Por dizer-che agora algo de mim, acrescentarei que espero acabar o meu Paraíso. E aguardo que se traduza agora para o inglês a minha vida de Dante. Mas som minúcias. Cada um tem o seu drama e o da sua família, embora nom o sofra com a mesma intensidade que Cavalcanti, porque encontra consolo nos estudos. E quigera que lhe dixesses para o amigo que nom passa um dia sem que pense nele. Lembro todos os meus ex-alunos —tu estás entre os primeiros— e desejo-lhes o mesmo bem que desejaria para os meus filhos.

Com imutável afeto, o teu velho mestre

U. Cosmo



No 21 de julho de 1921, há 90 anos,  
o povo de Sarzana demonstrava à Itália que  
a resistência à barbárie fascista era possível.  
Esta versom galega das *Cartas do Cárcere*  
é umha homenagem à dignidade de  
Sarzana e de toda a Itália garibaldina  
e partisana.







*Instruíde-vos, porque precisaremos da vossa inteligência.  
Agitade-vos, porque precisaremos do vosso entusiasmo.  
Organizade-vos, porque precisaremos de toda a vossa força.*



Pela coerência com estas palavras, que figuravam no cabeçalho do semanário *L'Ordine Nuovo*, Antonio Gramsci (1891-1937), foi detido em 1926, acusado de conspiração contra os poderes do Estado. Estivo na cadeia 11 anos onde escreveu centos de cartas que formam, junto com os monumentais *Quaderni dal Carcere*, a parte fundamental da obra dum dos pensadores marxistas mais importantes do século xx.

O epistolário gramsciano constitui a sua melhor biografia, porquanto é um fiel registo das profundas convicções que alicerçárom a sua vida. Em cada carta emerge a fortaleza moral e intelectual que caracterizou a vida deste infadigável lutador contra a repressom fascista.

Para além da ampla antologia do epistolário gramsciano, esta primeira edição galega das *Cartas do Cárcere* incorpora um prefácio histórico que contextualiza a figura de Gramsci e do Partido Comunista na história italiana de Entreguerras.

